

Harlan
COBEN

Ela quebrou sua promessa.
Ela pagou o preço...

A Promessa

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


Harlan
COBEN
Ele quebrou sua promessa.
Ela pagou o preço...
A Promessa

A Promessa

Harlan Coben

Título original Promise me

Para Charlotte, Ben, Will e Eve. Vocês me dão um trabalhão, mas sempre serão o meu mundo.

Sinopse:

Há muito tempo o empresário Myron Bolitar não banca o super-herói. Há muito tempo não bate em ninguém, não pega uma arma e não pede a ajuda do amigo Win, o homem mais temível que conhece, para tirá-lo de alguma encrenca. Mas tudo isso está prestes a mudar... por causa de uma promessa. O ano letivo está quase terminando. Os vizinhos de Myron esperam com ansiedade por notícias sobre a aprovação dos filhos em universidades. E, por causa de toda essa tensão, alguns jovens acabam cometendo um erro tão comum — e tão perigoso — o de beber antes de dirigir. Mas Myron está determinado a proteger os filhos de seus amigos e faz com que duas meninas da vizinhança lhe prometam: se em algum momento estiverem encrencadas, e com medo de chamar os pais, que liguem para ele, Myron. Algumas noites depois, vem a ligação, às duas da madrugada. Fiel à sua palavra, Myron vai buscar uma das meninas no centro de Manhattan. Deixa-a numa ruazinha sem saída em Nova Jersey na casa de uma amiga, segundo ela. No dia seguinte, a jovem não volta para casa, e Myron foi a última pessoa a vê-la. Desesperado para cumprir a promessa bem-intencionada que agora virou um pesadelo, Myron se põe no encalço da garota, antes que ela desapareça definitivamente. Durante a busca, o passado marcado pelo sofrimento que causa àqueles que ama volta a assombrar Myron. E, para salvar a vida da jovem, ele terá de decidir de uma vez por todas — quem é ele e no que realmente acredita.

CAPÍTULO 1

A garota desaparecida — as notícias na mídia haviam sido incessantes, com a exibição contínua daquela foto escolar dolorosamente comum de adolescentes sumidos, você sabe qual, com o fundo multicolorido, os cabelos da menina lisos demais, o sorriso constrangido; então, um corte rápido para os pais no gramado defronte da casa, microfones cercando-os, a mãe silenciosamente chorosa, o pai lendo uma declaração com lábios trémulos. Aquela garota, aquela garota desaparecida, simplesmente acabara de cruzar com Edna Skylar.

Edna ficou paralisada.

Stanley, seu marido, ainda deu uns dois passos antes de notar que a esposa não mais o acompanhava. Virou-se.

— Edna?

Os dois encontravam-se perto da esquina da Rua 21 com a Oitava Avenida, em Nova York. O trânsito de veículos estava leve naquela manhã de sábado. O de pedestres, não. A garota desaparecida dirigia-se ao centro da cidade.

Stanley suspirou, com ar de enfado.

— O que foi agora?

— Psiu.

Ela precisava pensar. Aquele retrato da menina, o tal com o fundo multicolorido... Edna fechou os olhos. Precisava trazer a imagem à sua mente. Comparar e contrastar.

Na fotografia, a garota desaparecida tinha cabelos compridos, castanhos e sem graça. A mulher com quem cruzara — mulher, não menina, porque parecia mais velha, mas a foto poderia ser antiga — ostentava cabelos vermelhos, mais curtos e ondulados. A garota na foto não usava óculos. Aquela que subia a Oitava Avenida enfeitava-se com um par estiloso, de armação escura e retangular. A roupa e a maquiagem — na falta de palavra melhor — podiam ser descritas como ”adultas”.

Estudar faces significava mais do que um hobby para Edna. Aos 63 anos, ela era uma das poucas médicas, em sua faixa etária, especializada no campo da genética. Rostos constituíam sua vida. Parte de seu cérebro estava sempre trabalhando, mesmo quando longe do consultório. Não conseguia evitá-lo: dra. Edna Skylar analisava faces. Amigos e família estavam acostumados a seu olhar esquadrinhador, mas estranhos e novos colegas consideravam-no desconcertante.

Mas isso fora o que Edna estivera fazendo. Descendo a rua. Ignorando, como de costume, a paisagem e os sons. Perdida em seu próprio deleite de observar os rostos dos transeuntes. Reparando na estrutura óssea e na profundidade

mandibular, na distância entre os olhos, na altura das orelhas, no contorno dos maxilares e no espaçamento orbital. E fora por isso — apesar da cor e do estilo novos dos cabelos, apesar dos óculos modernosos e da maquiagem e das roupas adultas — que Edna reconhecera a garota desaparecida.

— Ela estava andando com um homem.

— O quê?

Edna não se dera conta de que pensara alto.

— A menina. Stanley franziu o cenho.

— Do que você está falando, Edna?

Aquela fotografia. Aquele retrato de colégio dolorosamente comum. Você o viu milhares de vezes. Basta contemplá-lo num anuário, e as emoções começam a se agitar. Num único momento, enxerga-se o passado e se entrevê o futuro. Experimentam-se a alegria da juventude e a dor de crescer. Você é capaz de perceber o potencial ali estampado. Sente a angústia da nostalgia. Vê a passagem dos anos, a faculdade, talvez, o casamento, os filhos, tudo aquilo.

Entretanto, quando a mesma fotografia é mostrada no noticiário noturno, ela traspassa seu coração com o terror. Você olha para aquele rosto, para o sorriso hesitante, para os cabelos escorridos e os ombros caídos, e sua mente vai a lugares sombrios, aonde não deveria ir.

Há quanto tempo Katie — era esse o nome — estava desaparecida?

Edna tentou se lembrar. Um mês, provavelmente. Talvez seis semanas. A história só fora divulgada no noticiário local, e não por muito tempo. Existia quem acreditasse se tratar de uma fugitiva. Katie Rochester completara dezoito anos poucos dias antes de sumir — o que a tornava adulta e diminuía muito a prioridade do caso. Supostamente enfrentava problemas em casa, em especial com seu severo, embora de lábios trémulos, pai.

Talvez Edna tivesse se enganado. Talvez não fosse ela.

Só havia uma maneira de descobrir.

— Depressa. — Edna disse a Stanley.

— O quê? Aonde vamos?

Não havia tempo para responder. A essa altura, a menina já devia estar um quarteirão adiante. Stanley a seguiria. Stanley Rickenback, ginecologista e obstetra, segundo marido de Edna. O primeiro fora um furacão, uma figura desmesurada, bonito demais, passional demais e, ah, sim, um completo imbecil. Tudo bem, talvez estivesse exagerando um pouco, mas e daí? A ideia de casar com uma médica — isso quarenta anos atrás — parecera uma novidade divertida para Marido Um. Entretanto, ele não se adaptara bem à realidade. O sujeito imaginou que Edna superaria a fase ”doutora” tão logo viessem os filhos. Edna não superou. Na verdade, aconteceu o oposto. A realidade — a qual não escapara

aos filhos — era que Edna amava mais clinicar do que exercer a maternidade.

Ela acelerou o passo. A calçada estava cheia, então passou a andar na rua, rente ao meio-fio. Stanley em seu encalço.

— Edna?

— Só me acompanhe. Ele lhe obedeceu.

— O que estamos fazendo?

Os olhos de Edna buscavam os cabelos ruivos.

— Lá na frente. A esquerda.

Tinha de analisar mais de perto. Edna pôs-se a correr, uma visão esquisita na maioria dos lugares. Uma senhora bem-vestida, de sessenta e poucos anos, correndo rua abaixo. Em Manhattan, porém, a cena mal atraía uma segunda olhadela.

Edna se aproximou da jovem, tentando disfarçar, escondendo-se atrás de pessoas mais altas. Quando acreditou que estava na posição certa, virou-se. A provável Katie caminhava em sua direção. Os olhares de ambas se encontraram por uma fração de segundo, e Edna soube.

Era ela.

Katie Rochester, de mãos dadas com um homem de cabelos escuros, de trinta e poucos anos, não revelava aflição alguma. Na verdade, pelo menos até o instante em que os olhares das duas haviam se encontrado, manifestava contentamento. Claro que tal atitude poderia não significar nada. Elizabeth Smart, aquela menina que fora sequestrada em Utah, surgira em locais públicos com seu sequestrador e nunca emitira sinais de pedido de socorro. Talvez algo similar ocorresse aqui.

Edna não conseguia acreditar nisso.

A ruiva, a provável Katie, murmurou alguma coisa no ouvido do fulano moreno. Os dois apertaram o passo. Edna os observou dobrarem à direita e descerem os degraus de uma estação do metro. Na placa dizia TRENS C e E. Stanley se aproximou. Estava prestes a falar algo, quando notou a expressão da esposa e se calou.

— Vamos — ela disse.

Eles deram a volta e começaram a descer a escada. A jovem desaparecida e o homem de cabelos escuros já haviam passado pela catraca. Edna avançou.

— Droga.

— O que foi?

— Não tenho bilhete.

— Eu tenho.

— Dê um pra mim, rápido.

Stanley arrancou o bilhete da carteira. Edna usou-o, passou pela catraca e o

devolveu ao marido sem, no entanto, esperá-lo. Ao escutar o ruído de um trem se aproximando, acelerou as passadas.

Com os freios rangendo, o veículo parou. As portas se abriram. Edna, com o coração batendo loucamente no peito, olhou para a direita e para a esquerda à procura dos cabelos vermelhos.

Nada.

Onde estaria a garota?

— Edna? — Stanley finalmente a alcançara.

Ela nada respondeu. Continuou plantada na plataforma, embora não houvesse vestígios de Katie Rochester. E, mesmo se houvesse, e daí? O que Edna faria? Entraria no trem e a seguiria? Para onde? E depois? Descobriria onde ficava o apartamento, a casa, e então chamaria a polícia...

Alguém bateu de leve em seu ombro.

Edna se virou. Era a menina desaparecida.

Durante muito tempo depois desse encontro, Edna se perguntaria o que vira na expressão da garota. Teria sido um olhar suplicante? Desespero? Calma? Alegria, até? Resolução? Ou tudo isso?

As duas apenas se fitaram por um instante. O alvoroço da multidão, a estática indecifrável dos alto-falantes, o chiado dos trens — tudo sumiu, deixando apenas as duas.

— Por favor — disse a menina desaparecida, num sussurro. — Você não pode contar a ninguém que me viu.

A garota entrou num vagão. Edna sentiu um frio na espinha. As portas se fecharam. Ela queria fazer alguma coisa, fazer qualquer coisa, mas não conseguia se mover, o olhar fixo no da menina.

— Por favor — a garota pediu, movendo os lábios do outro lado do vidro.

E o trem foi tragado pela escuridão.

CAPÍTULO 2

Havia duas adolescentes no porão de Myron.

Fora como tudo começara. Tempos depois, ao olhar para trás, para toda a perda, todo o sofrimento, essa primeira sucessão de ”E se...?” ressurgiria e tornaria a assombrá-lo. E se não tivesse precisado de gelo? E se tivesse aberto a porta do porão um minuto antes, ou um minuto depois? E se as duas adolescentes — a propósito, o que estavam fazendo sozinhas no porão? — estivessem conversando baixo, de modo que não as tivesse ouvido?

E se houvesse, simplesmente, cuidado da própria vida?

Do alto da escada, escutara-as rindo. Detivera-se. Por um momento, cogitara fechar a porta e deixá-las sós. O gelo estava acabando em sua pequena festa, mas ainda tinha um pouco. Voltaria mais tarde.

Porém, antes que se afastasse, a voz de uma das garotas flutuara escada acima, feito fumaça.

— Então você foi embora com o Randy? A outra:

— Ai, meu Deus, estávamos tão bêbados.

— Cerveja?

— É, cerveja e uísque...

— Como você chegou em casa?

— O Randy dirigiu.

No alto da escada, Myron ficou paralisado.

— Mas você disse...

— Psiu. — Então: — Oi, tem alguém aí? Fora pego.

Myron desceu a escada rapidamente, assobiando. O próprio sr. Despreocupado. As meninas estavam em seu antigo quarto. O porão, ”reformado” em 1975, parecia realmente datado. O pai de Myron, que naquele momento se refestelava com a mãe em algum condomínio nas proximidades de Boca Raton, fora um apaixonado por fita adesiva dupla face. Os painéis de madeira autocolante — um estilo que envelhecia tão bem quanto quaisquer outras obsolescências — começavam a ceder. Em alguns pontos, as paredes de concreto já estavam visíveis, os descascados perceptíveis. O piso de ladrilho, afixado com algo semelhante a cola, soltava-se e estalava feito besouro pisoteado.

As garotas — uma delas, Myron conhecera a vida inteira; a outra, apenas hoje — fitaram-no com olhos arregalados. Por um instante, ninguém disse nada. Ele acenou.

— Oi, meninas.

Myron Bolhar orgulhava-se de suas tiradas ”quebra-gelo”.

As duas estavam concluindo o ensino médio, ambas bonitas naquele jeito alegre, cheio de energia. A que estava sentada no canto de sua velha cama — a quem conhecera uma hora antes — chamava-se Erin. Ele começara a namorar a mãe de Erin Ali Wilder, viúva e escritora freelance há dois meses. Esta festa, no lar onde Myron crescera e que agora lhe pertencia, era uma espécie de ”apresentação formal” de Myron e Ali como casal.

A outra adolescente, Aimee Biel, ele a conhecera no dia em que nascera, no Centro Médico St. Barnabas. Os pais da jovem, Claire e Erik, moravam a dois quarteirões de sua residência. Myron conhecia Claire desde os anos juntos no Colégio Heritage, localizado a menos de um quilómetro dali. Myron virou-se para Aimee, sentindo-se, por um momento, transportado para mais de 25 anos atrás. A menina se assemelhava muito à mãe. O mesmo sorriso travesso, brejeiro. Era como espiar por um portal do tempo.

— Só vim buscar gelo — ele se adiantou, apontando o freezer para enfatizar o comentário.

— Ok. Fique frio — Aimee disse.

— Gelado, na verdade — Myron devolveu, rindo. Sozinho. Ainda com o sorriso idiota no rosto, fitou Erin. A garota virou a cabeça. Essa vinha sendo sua reação básica naquele dia. Polida e indiferente.

— Posso perguntar uma coisa? — Aimee indagou.

— Manda.

— Aqui era mesmo o seu quarto?

— Claro que sim.

As duas trocaram um olhar. Aimee sufocou uma risadinha. Erin também.

— Que foi? — Myron quis saber.

— Esse quarto... nada pode ser mais careta. Enfim, Erin se manifestou.

— E retro demais para ser considerado retro.

— Como você chama essa coisa? — Aimee perguntou, mostrando um objeto.

— Pufe — Myron respondeu. Ambas riram.

— E por que essa lâmpada é negra?

— Para os pósteres brilharem no escuro. Mais risadas.

— Ei, eu estava no colégio — Myron argumentou, como se o fato explicasse tudo.

— Você alguma vez trouxe uma garota para cá? — Aimee quis saber.

Ele levou a mão ao coração.

— Um verdadeiro cavalheiro nunca conta segredos de alcova. — E, então: — Sim.

— Quantas?

— Quantas o quê?

— Quantas garotas você trouxe?

— Hum... aproximadamente... — Myron olhou para cima, ergueu o dedo indicador no ar, fez contas imaginárias —... eu diria entre oitocentas e novecentas.

Gargalhadas estrondosas.

— Na realidade — Aimee observou —, minha mãe diz que você era bem bonito.

Myron arqueou uma sobrancelha.

— Era?

Resolutas, as meninas bateram as palmas das mãos e continuaram a detonar o lugar. Meneando a cabeça, Myron resmungou algo sobre respeito aos mais velhos. Depois de sossegarem, Aimee falou:

— Posso perguntar mais uma coisa?

— Manda.

— É uma pergunta séria.

— Vá em frente.

— Aquelas fotos suas lá em cima. Na escada.

Myron assentiu, já sabendo onde a conversa ia parar. Você apareceu na capa da Sports Illustrated.

— É verdade.

— Meus pais falam que você era o maior jogador de basquete do país.

— Seus pais exageram — devolveu Myron.

As garotas o encararam. Passaram-se cinco segundos. Outros cinco.

— Estou com algo grudado nos dentes? — Ele perguntou.

— Você não foi contratado pelos Lakers?

— Pelos Celtics — ele corrigiu.

— Desculpe, Celtics. —Aimee continuou olhando-o fixamente. — Aí você machucou o joelho, certo?

— Certo.

— E a sua carreira acabou.

— É. Mais ou menos isso.

— E então? —Aimee encolheu os ombros. — Como é que foi?

— Machucar o joelho?

— Ser um astro. E, de repente, bum, nunca mais poder voltar a jogar.

As garotas aguardaram uma resposta. Myron tentou sair-se com algo profundo.

— Foi um saco.

Ambas gostaram de seu linguajar. Aimee meneou a cabeça.

— Deve ter sido um horror.

Myron fitou Erin. A menina tinha o olhar baixo. O silêncio se estendera sobre o quarto. Ele esperou. Por fim, ela ergueu o olhar. Parecia tão assustada, e pequenina, e jovem. Teve vontade de abraçála, mas, caramba, seria a atitude errada.

— Não — Myron disse gentilmente, ainda olhando nos olhos de Erin. — Não passou nem perto do horror.

Uma voz o chamou do alto da escada.

— Myron?

— Estou indo.

Ele quase se retirou. Mas havia o próximo ”E se...?”. As palavras que escutara no topo da escada — O Randy dirigiu. Cerveja e uísque — ainda martelavam sua cabeça. Não podia deixar a coisa passar em branco, podia?

— Quero contar uma história pra vocês — Myron começou, calando-se em seguida. Na realidade, desejava lhes falar de um incidente ocorrido em seus tempos de colégio. Houvera uma festa na casa de Barry Brenner. Era o que queria lhes contar. Ele estava no último ano do ensino médio, exatamente como as duas. A bebida rolara solta. Seu time, o Livingston Lancers, acabara de vencer o campeonato estadual de basquete, comandado pelo cestinha Myron Bolitar, com seus 43 pontos. Todo mundo estava bêbado. Lembrava-se de Debbie Frankel, uma garota brilhante, cheia de energia, a líder sempre animada, sempre levantando a mão para contradizer o professor, sempre debatendo e tomando o lado oposto, e fazendo-se amar por isso. A meia-noite, Debbie viera se despedir, os óculos apoiados na ponta do nariz. Esse detalhe era do que mais se recordava. A maneira como os óculos tinham escorregado. Debbie estava embriagada. Assim como as duas outras garotas que se amontoaram no carro.

É fácil adivinhar como a história termina. Elas subiram a avenida South Orange rápido demais. Debbie morrera na hora. O carro, destruído, ficara exposto na frente do colégio por seis anos. Myron perguntava-se o que fora feito com os destroços depois.

— O quê? — Aimee perguntou.

Mas Myron não lhes contou sobre Debbie Frankel. Sem dúvida Erin e Aimee já tinham ouvido outras versões da mesma história. Não adiantaria. Tentou outra abordagem.

— Preciso que vocês me prometam uma coisa. As meninas o encararam.

Pegando a carteira no bolso, ele tirou dois cartões de visita. Numa gaveta, achou uma caneta que ainda escrevia.

— Aqui estão todos os meus telefones. De casa, do trabalho, celular, do apartamento em Nova York.

Erin e Aimee aceitaram os cartões sem uma palavra.

— Por favor, ouçam. Se algum dia vocês estiverem numa encrenca, se algum dia estiverem na rua, bebendo, ou se os seus amigos estiverem bêbados, ou se vocês ficarem chapadas, não importa o quê, apenas me prometam. Prometam que ligarão pra mim.

— Vou buscá-las onde vocês estiverem. Não farei nenhuma pergunta. Não contarei aos seus pais. Essa é a minha promessa. Levo as duas até onde quiserem ir. Não me importa se for tarde. Não me importa se for longe. Não me importa quão embriagadas estiverem.

— Estarei disponível 24 horas por dia. Sete dias por semana. Liguem, e vou buscá-las.

As duas nada disseram.

Myron deu um passo à frente, esforçando-se para não soar suplicante.

—Apenas, por favor... por favor, nunca entrem num carro com alguém que tenha bebido.

Elas se limitaram a fitá-lo.

— Prometam — ele insistiu.

E, alguns segundos depois — o ”E se...?” derradeiro —, as garotas prometeram.

CAPÍTULO 3

Duas horas depois, a família de Aimee — os Biel — foi a primeira a ir embora.

Myron os levou até a porta. Claire se aproximou de seu ouvido.

— Soube que as meninas estiveram lá embaixo, no seu antigo quarto.

— Sim.

— Você contou para elas que...? — Um sorriso travesso.

— Meu Deus, claro que não.

— Que tremendo puritano você é.

Os dois haviam sido bons amigos no colégio. Amara o espírito livre de Claire, que agia — na falta de um termo mais apropriado — como um rapaz. Quando iam a festas, ela escolhia alguém, geralmente com sucesso, porque, caramba, era uma garota atraente. Parecia preferir os musculosos e de cabeça oca. Saía com o sujeito uma vez, talvez duas, e depois partia para outra.

Claire se tornara advogada. Ela e Myron tinham feito sexo uma vez naquele mesmo porão, num feriado durante o último ano do colégio. Myron ficara muito mais tenso com o ocorrido. No dia seguinte, Claire não se mostrara nem um pouco embaraçada. Nenhum incômodo, nada de silêncios desconfortáveis, nada de ”talvez devêssemos discutir o que houve”.

Tampouco acontecera um bis.

Na faculdade de direito, ela conhecera o marido, ”Erik com K”, como ele sempre se apresentava. Magro, extremamente contido, Erik raramente sorria. Quase nunca ria. O nó de sua gravata, sempre perfeito. Erik com K não era o tipo de homem com quem Myron imaginara Claire se casando. Entretanto, os dois passavam a impressão de ter dado certo juntos. Talvez os opostos realmente se atraíssem, supunha.

Erik se despediu com um aperto firme de mãos, fazendo questão de manter contato visual.

— De pé no domingo?

Eles costumavam jogar basquete nas manhãs de domingo, mas Myron deixara de ir à quadra há alguns meses.

— Não, nesta semana não.

Erik assentiu, como se o outro houvesse pronunciado palavras profundas, e atravessou a soleira da porta. Aimee sufocou uma risada e acenou.

— Foi legal conversar com você, Myron.

— Igualmente, Aimee.

Myron se esforçou para lançar-lhe um olhar que dissesse: ”Lembre-se da

promessa”. Embora não soubesse se funcionara, a garota inclinou ligeiramente a cabeça antes de rumar para a calçada.

Claire o beijou no rosto, sussurrando novamente em seu ouvido:

— Você parece feliz.

— E estou.

Claire sorriu, radiante.

— Ali é ótima, não é?

— Sim.

— Não sou a maior casamenteira que já existiu?

— Algo assim, como se saída de uma produção mambembe de O Violinista no Telhado.

— Não estou apressando as coisas. Mas sou demais, não sou? Tudo bem, admito. Sou mesmo a melhor.

— Ainda estamos falando sobre esse negócio de casamenteira, não é?

— Espertinho. Sei que sou a melhor naquele outro negócio também.

— Ah.

Claire socou-lhe o braço de leve antes de partir. Observando-a se afastar, Myron meneou a cabeça, sorrindo. De certa maneira, temos sempre dezessete anos e estamos sempre esperando a vida começar.

Dez minutos depois, Ali Wilder, a nova namorada de Myron, chamou os filhos. Myron os acompanhou até o carro. Jack, o garotinho de nove anos, vestia, orgulhoso, a camiseta dos Celtics, com o antigo número de Myron. A última moda bíp-hop. Primeiro, surgiram os uniformes retro. Agora, num site chamado grandesperdedores.com, ou algo semelhante, vendiam-se uniformes de jogadores do passado, ou daqueles que nunca chegaram a ser, ou de jogadores fora de atividade.

Como Myron.

Jack, de apenas nove anos, não entendera a ironia.

Chegando ao carro, Jack deu um abraço apertado em Myron. Incerto sobre como agir, ele retribuiu o abraço, porém brevemente. Erin se conservou a distância. Limitou-se a inclinar a cabeça antes de se acomodar no banco de trás, ao lado do irmão. Ali e Myron sorriram um para o outro, como um par de enamorados bobalhões.

— Foi divertido — Ali disse.

Myron continuou sorrindo. Ali o fitava com aqueles maravilhosos olhos castanho-esverdeados, os cabelos loiro-avermelhados emoldurando o rosto quadrado, a pele clara salpicada de algumas sardas remanescentes da infância. O sorriso dela simplesmente o cativava.

— O que é? — Ela perguntou.

— Você está linda.

— Rapaz, você é galanteador, hein?

— Não quero me gabar, mas sou mesmo.

Ali olhou rapidamente na direção da casa. Win — nome verdadeiro: Windsor Horne Lockwood III — mantinha-se firme, encostado no batente da porta, os braços cruzados sobre o peito.

— O seu amigo Win — ela comentou — parece gentil.

— Mas não é.

— Eu sei. Apenas pensei que, sendo o seu melhor amigo e tudo o mais, eu deveria dizer alguma coisa.

— Win é complicado.

— Um homem bonito.

— E sabe disso.

— Embora não seja o meu tipo. Bonito demais. Faz o género garotão rico.

— E você prefere o tipo macho. Entendo. Ali riu, maliciosa.

— Por que ele fica me olhando daquele jeito?

— Meu palpite? Provavelmente apreciando a sua bunda.

— Bom saber que alguém aprecia.

Myron pigarreou, desviou o olhar.

— Então, você gostaria de jantar comigo amanhã?

— Seria ótimo.

— Pego você às sete.

Ficando na ponta dos pés — Myron media um metro e noventa e cinco —, Ali o beijou no rosto e apoiou a mão em seu peito, o toque eletrizando-o.

— Vou cozinhar pra você.

— Sério?

— Ficaremos em casa.

— Perfeito. Então será uma espécie de jantar em família? Para eu conhecer as crianças um pouco mais?

— As crianças vão passar a noite na casa da minha irmã.

— Ah... — Myron murmurou.

Ali lançou-lhe um olhar duro e acomodou-se atrás do volante.

— Ah... — Myron tornou a dizer.

— E você não queria se gabar de ser galanteador — ela falou, arqueando uma sobrancelha e dando partida.

Por um instante, Myron continuou onde estava, observando o carro sumir, o sorriso estúpido ainda nos lábios. Então marchou para casa. Win não se mexera. Muitas mudanças haviam ocorrido na vida de Myron — a mudança dos pais para o Sul, o bebé recémnascido de Esperanza, o destino de seus negócios e até Big

Cyndi —, mas Win permanecera uma constante. Os cabelos loiros tinham embranquecido um pouco nas têmporas, entretanto Win conservara-se o protótipo do norte-americano classe alta. Queixo aristocrático, nariz reto, cabelos repartidos pelos deuses — ele esbanjava, merecidamente, privilégios e roupas caríssimas, além de exibir o eterno bronzeado de jogadores de golfe.

— Seis vírgula oito — Win decretou. — Arredondando, sete.

— Como é que é?

Win ergueu a mão, palma para baixo, balançou-a de um lado para o outro.

A sua senhorita Wilder. Se eu for generoso, darei um sete. Caramba, isso significa muito, vindo de você.

Os dois entraram e se sentaram na sala. Win cruzou as pernas naquele seu jeito impecável, com a costumeira expressão arrogante. Parecia mimado e delicado — de rosto, pelo menos. Porque o corpo contava outra história. Era só músculos. Músculos rígidos. Magro e forte.

Win encostou as pontas dos dedos umas nas outras, num gesto peculiar.

— Posso fazer uma pergunta?

— Não.

— Por que você está com ela?

— Você está brincando, não?

— Não. Quero saber o que, exatamente, você vê na sra. Ali Wilder.

Myron meneou a cabeça.

— Eu sabia que não deveria ter convidado você.

— Ah, mas convidou. Portanto, permita-me explicar melhor.

— Por favor, não.

— Nos nossos tempos na Duke, houve a Emily Downing, deliciosa. Depois, claro, a sua alma gémea por mais de dez anos, a Jéssica Culver, voluptuosa. Houve o lance rápido com a Brenda Slaughter e, há não muito tempo, meu Deus, a paixão pelaTerese Collins.

— Aonde você pretende chegar?

— O que todas essas mulheres, os seus amores passados, têm em comum?

— Diga-me você — Myron devolveu.

— Numa única palavra: corpões.

— Essa palavra existe?

— São gostosas — Win continuou, num sotaque esnobe. — Cada uma delas. Numa escala de um a dez, eu daria nove para a Emily. E essa seria a nota mais baixa. A Jessica, tão gostosa que dói, levaria onze. A Terese e a Brenda Slaughter tirariam quase dez.

— E na sua opinião de especialista...

— Sete seria generoso — Win completou. Myron apenas meneou a cabeça.

— Então, por favor, me diga — Win insistiu—, qual é a grande atração?

— Você está falando sério?

— Claro que sim.

— Bem, aqui vai uma novidade. Pra começar, embora não seja realmente importante, discordo da sua atribuição de notas.

— Então, que nota você daria à sra. Wilder?

— Não vou entrar nessa. Mas, em primeiro lugar, Ali tem aquele tipo de beleza que impressiona sempre, mais e mais. No início, pode-se considerá-la atraente o suficiente. Mas à medida que se passa a conhecê-la...

— Ora.

— Ora!

— Isso é racionalização.

— Bem, pois aqui vai outra novidade. Nem tudo se resume a aparência.

— Ora.

— Outra vez ora?

— Vou propor um jogo. Eu falo uma palavra, e você diz a primeira coisa que lhe vem à cabeça.

Myron fechou os olhos.

— Não sei por que discutir questões do coração com você. É como discorrer sobre Mozart com um surdo.

— Muito engraçado. Aqui vai a primeira palavra. Na realidade, duas. Apenas diga o vem à sua cabeça: Ali Wilder.

— Calor.

— Mentiroso.

— O.k., acho que já basta.

— Myron?

— O quê?

— Quando foi a última vez que você tentou salvar alguém? Os rostos habituais surgiram como um lampejo em sua mente, mas ele esforçou-se para bloqueá-los.

— Myron?

— Não comece. — A voz soou baixa e serena. — Aprendi a lição.

— Aprendeu mesmo?

Ele pensou em Ali, naquele sorriso maravilhoso, no rosto franco. Pensou em Aimee e Erin em seu antigo quarto, no porão, na promessa que as obrigara a fazer.

— Ali não precisa de salvamento, Myron.

Você acha que é isso?

— Quando falo o nome dela, qual a primeira coisa que lhe vem à cabeça?

— Calor — Myron tornou a dizer. Entretanto, desta vez, até ele sabia estar mentindo.

Seis anos.

Seis anos tinham transcorrido desde que Myron desempenhara o papel de super-herói pela derradeira vez. Desde então, não desferira um único soco. Não segurara, e muito menos disparara, uma arma. Não ameaçara ou fora ameaçado. Não bancara o sabichão, a hipófise hipertrofiada à base de esteróides. Não convocara Win, ainda o homem mais assustador que já conhecera, para lhe dar cobertura ou tirá-lo de uma enrascada. Nos últimos seis anos, nenhum de seus clientes havia sido assassinado — um ponto realmente positivo em seu ramo de negócio. Ninguém levara um tiro ou fora preso — bem, exceto por aquela queixa de prostituição em Las Vegas. Entretanto, continuava insistindo que fora uma armação. Nenhum de seus clientes, ou amigos, ou entes queridos, desaparecera.

Aprendera sua lição.

Não meter o nariz onde não é chamado. Ele não era o Batman, e tampouco Win, uma versão psicótica de Robin. Sim, Myron salvara alguns inocentes em seus dias quase-heróicos, inclusive a vida do próprio filho. Jeremy, seu garoto, tinha dezenove anos agora — mal podia acreditar nisso — e estava servindo o exército em algum lugar não revelado do Oriente Médio.

Entretanto, Myron também causara estragos. Bastava ver o que acontecera a Duane e Christian e Greg e Linda ejack... Mas, principalmente, não conseguia parar de pensar em Brenda. Ainda visitava sua sepultura com excessiva frequência. Talvez tivesse morrido de qualquer maneira. Talvez não fosse culpa sua.

As vitórias tendem a ser arrastadas para longe. A destruição — os mortos — permanece a seu lado, bate de leve em seu ombro, retarda seu passo, assombra seu sono.

De um jeito ou de outro, Myron enterrara seu complexo de herói. Nos últimos seis anos, sua vida havia sido sossegada, normal, comum — tediosa, até.

Myron lavou os pratos. Ele morava, parte do tempo, em Livingston, Nova Jersey, na mesma cidade — não, na mesma casa onde fora criado. Seus pais, os amados Ellen e Alan Bolitar, haviam migrado para a Terra Prometida, a terra de seus antepassados (sul da Flórida), cinco anos atrás. Comprara a casa tanto como investimento, de fato um bom investimento, como para sua família ter um lugar onde ficar quando voltasse, durante os meses mais quentes. Um terço de seu tempo Myron passava nessa casa; nos outros dois terços, dividia um apartamento com Win no famoso edifício Dakota, em Central Park West, Nova York.

O jantar marcado para a noite seguinte, com Ali, veio-lhe à mente. Win era um idiota, não havia dúvidas a respeito. Porém, como de costume, suas

perguntas tinham sido certeiras e atingido o alvo. Esqueça a tolice de aparência. Uma completa bobagem. E esqueça aquele negócio de complexo de herói também. Não se tratava disso. Mas alguma coisa o estava contendo. E, sim, relacionava-se à tragédia de Ali. Por mais que tentasse, não conseguia se livrar da sensação.

Quanto à coisa de herói, fazer Aimee e Erin prometerem telefonar-lhe — isso era diferente. Não importa quem você é — os anos de adolescência são duros. O colégio é uma zona de guerra. Myron fora um menino popular. Eleito herói nacional de basquete pela revista Parade, um dos melhores jogadores do país e para lançar mão de um dos clichés preferidos, um verdadeiro atleta e ótimo estudante. Se alguém deveria ter passado pelo ensino médio tranquilamente, esse alguém teria sido Myron Bolitar. Entretanto, não fora assim. No final das contas, ninguém escapa ileso daqueles anos.

Você simplesmente precisa sobreviver à adolescência. É isso. Simplesmente precisa atravessá-la.

Talvez fosse isso que deveria ter dito às meninas.

CAPÍTULO 4

Na manhã seguinte, Myron mergulhou no trabalho.

Seu escritório ficava no 12º andar do edifício Lock-Horne — tal como o sobrenome de Win —, na avenida Park com a Rua 52, no meio de Manhattan. Quando a porta do elevador se abriu, ele deparou com uma placa grande (um acréscimo recente ao local) em que se lia MB REP em letras estilosas. Fora Esperanza quem aparecera com o novo logotipo. M de Myron, B de Bolitar. O Rep advinha do fato de estarem no ramo de representações. Myron sugerira o nome. Costumava fazer uma pausa depois de dizê-lo às pessoas e esperava que a onda de aplausos amainasse.

No início, quando atuavam apenas na área esportiva, a empresa chamava-se MB SportsRep, em vez de MB Rep. Nos últimos cinco anos, o negócio se diversificara, passando a agenciar atores, autores e celebridades diversas. Por conseguinte, a redução do nome.

Livrando-se do excesso, cortando a gordura. Sim, essa era a MB Rep, fiel à designação.

Myron escutou o bebê chorar. Certo de que Esperanza já devia ter chegado, meteu a cabeça pela porta entreaberta da sala.

Vendo-a amamentar, imediatamente baixou o olhar.

— Hum, volto depois.

— Deixe de ser bobo — Esperanza retrucou. — Quem o ouve até pensa que você nunca viu um seio antes.

— Bem, já faz algum tempo.

— E, certamente, não um tão espetacular. Sente-se.

No começo, eram apenas Myron, o superagente, e Esperanza, recepcionista/secretária/faz-tudo. Talvez você se lembre de Esperanza como profissional de luta livre, sexy e flexível, conhecida como Pequena Pocahontas. Todas as manhãs de domingo, no canal 2, aqui na região de Nova York, Esperanza subia no ringue usando um cocar de penas e um biquini de couro falso de fazer qualquer marmanjo babar. Junto com a parceira, Cacique Big Mama — Big Cyndi na vida real —, havia conquistado o cinturão de ouro no campeonato intercontinental de luta livre categoria duplas, o Fabulous Ladies of Wrestling (FLOW). No início, as organizadoras do torneio tentaram se intitular Beautiful Ladies of Wrestling porém a rede de TV encontrara problemas na sigla resultante, BLOW.

Esperanza ocupava atualmente, dentro da MB Rep, o cargo de vice-presidente, embora, na realidade, estivesse à frente do departamento esportivo.

— Desculpe ter perdido a sua festa para formalizar o namoro.

— Não foi uma festa para formalizar nada.

— Se é o que você diz. Não pude ir porque o Hector estava resfriado.

— Ele melhorou?

— Está ótimo.

— E como andam as coisas por aqui?

— Michael Discepolo. Precisamos dar um jeito para que o contrato dele seja assinado.

— Os Giants ainda estão arrastando a negociação?

— Estão.

— Então ele terá passe livre — Myron afirmou. — Provavelmente é a melhor solução, considerando como vem jogando ultimamente.

— Exceto pelo fato de que Discepolo é um sujeito leal. E preferiria assinar.

Esperanza acomodou Hector no outro seio, e Myron procurou não desviar o olhar de chofre. Nunca sabia muito bem como se comportar quando uma mulher amamentava à sua frente. Queria parecer maduro, mas o que isso significava exatamente? Não se deve encarar e tampouco desviar o olhar. Como achar o ponto de equilíbrio?

— Tenho uma novidade — Esperanza anunciou.

— Hã?

— Tom e eu vamos nos casar.

Myron ficou em silêncio, uma pontada esquisita no peito.

— E aí?

— Parabéns.

— Só isso?

— Só estou surpreso. Mas acho ótimo, de verdade. Quando será o grande dia?

— Em três semanas, contando do próximo sábado. Aliás, deixe-me fazer uma pergunta. Agora que estou me casando com o pai do meu filho, continuo uma mulher perdida?

— Creio que não.

— Droga, gosto de ser uma mulher perdida.

— Lembre-se de que você teve o filho fora dos laços do matrimónio.

— Bem pensado. Um ponto a meu favor. Meneando a cabeça, Myron fitou-a.

— Algo errado?

— Você, casada.

— Nunca fui muito boa em manter compromissos, não é?

— Você trocava de parceiros como quem troca de camisa. Esperanza sorriu.

— É verdade.

— Não me recordo sequer de você permanecer fixa com um mesmo sexo por

mais de, ah... um mês.

— Ah, as maravilhas da bissexualidade. Mas com Tom é diferente.

— Como assim?

— Eu o amo.

Myron permaneceu calado.

— Você não acredita que eu possa — Esperanza observou — ser fiel a uma pessoa.

— Eu nunca afirmei isso.

— Você sabe o que significa bissexual? Gosto de mulheres e gosto de homens. Mas se eu assumo um compromisso é com a pessoa, não com um sexo. Faz sentido?

— Claro.

— Ótimo. Agora me conte o que há de errado com você e essa taldeAliWilder.

— Não tem nada de errado.

— Win disse que vocês dois ainda não praticaram o ato.

— Win disse isso?

— Sim.

— Quando?

— Esta manhã.

— Win simplesmente entrou aqui e falou isso?

— Primeiro ele fez um comentário sobre o aumento do número do meu sutiã depois que dei à luz e em seguida me contou que você está namorando essa mulher há quase dois meses e nada de transa.

— O que levou Win a chegar a essa conclusão?

— Linguagem corporal.

— Ele disse isso?

— Win é bom em linguagem corporal. Myron meneou a cabeça.

— Então ele tem razão?

— Vou jantar na casa de Ali hoje à noite. As crianças dormirão na casa da irmã.

— Foi ela quem planejou assim?

— Sim.

— E vocês ainda não...? — Embora amamentando, Esperanza conseguiu gesticular para enfatizar o ponto.

— Não.

— Caramba.

— Estou esperando um sinal.

— Como uma sarça ardente, por exemplo? Ela convidou você para jantar e falou que os filhos vão passar a noite fora.

— Sim.

— Esse é o sinal internacional para Pule em Cima de Mim. Ele permaneceu em silêncio.

— Myron?

— Sim.

— Ela é viúva, não aleijada. Provavelmente está apavorada.

— Por esse motivo estou indo devagar.

— É uma atitude nobre e gentil, mas estúpida. E não está ajudando.

— Então você sugere...?

Sim, uma trepada com T maiúsculo.

CAPÍTULO 5

Myron chegou à casa de Ali às dezenove horas.

Os Wilder moravam em Kasselton, uma cidade ao norte de Livingston, a uns quinze minutos de distância. Ele passara por um estranho ritual antes de partir. Água-de-colônia? Sem água-de-colônia? Essa fora fácil: sem água-de-colônia. Cueca tipo samba-canção ou sunga? Acabara escolhendo algo intermediário, aquele híbrido nem comprido demais, nem cavado demais. Cuecas boxer, dizia a embalagem. Cor cinza. Decidira-se por um pulôver Banana Republic bege e camiseta preta por baixo. Calça jeans Gap e mocassins tamanho 46. Mais casual, impossível, mesmo se tentasse.

Ali abriu a porta, a luz brilhando suave às suas costas. Ela trajava vestido preto, decote U, os cabelos puxados para trás e presos, o que agradava a Myron. A maioria dos homens gosta de cabelos soltos. Myron sempre fora fã de rostos expostos.

Ele a fitou por um longo instante e então:

— Uau.

— Pensei que você tinha dito ser um homem galante.

— Estou me contendo.

— Por quê?

— Se me empenho em xavecar, as mulheres começam a se despir. Preciso dominar esse poder — Myron brincou.

— Sorte delas. Entre.

Ele nunca havia passado do vestíbulo antes. Ali rumou para a cozinha. O estômago de Myron se contraiu. Havia retratos da família na parede. Lá estava Kevin. Em pelo menos quatro fotografias diferentes. Apesar de não querer encarar, seus olhos pousaram sobre uma foto de Erin pescando com o pai, com um sorriso de cortar o coração. Myron esforçou-se para imaginar a garota em seu porão sorrindo assim, mas não conseguiu.

Ele fitou Ali, notando uma sombra cobrir-lhe a face por um instante.

— O que você está preparando? — Indagou, aspirando o ar.

— Frango à la Kiev.

— O cheiro é delicioso.

— Você se importaria se conversássemos primeiro?

— Claro que não.

Os dois caminharam para a sala íntima, Myron procurando manter a calma enquanto olhava ao redor em busca de mais fotos. Descobriu um retrato de casamento. Achou os cabelos de Ali um tanto armados, mas talvez fosse a moda

da época. Concluiu que ela estava mais bonita agora. Acontece com algumas mulheres. Havia também uma fotografia de cinco homens vestindo smoking. Os padrinhos. Seguindo seu olhar, Ali pegou a foto do grupo.

— Este aqui é o irmão de Kevin — comentou, mostrando o segundo homem à direita.

Myron assentiu.

— Os outros trabalhavam na Carson Wilkie, com Kevin. Eram os melhores amigos dele.

— Eles...

— Estão todos mortos — Ali completou. — Todos casados, todos com filhos.

De repente, era como se houvesse um elefante branco na sala, chamando toda a atenção.

— Você não precisa fazer isso — Myron disse.

— Sim, preciso. Ambos se sentaram.

— Quando a Claire combinou para que nós saíssemos juntos pela primeira vez, eu disse a ela que você levantaria a questão do 11 de Setembro. Ela lhe contou isso?

— Sim.

— Mas você nunca tocou no assunto. Myron abriu a boca, tornou a fechá-la. Tentou novamente.

— Como, exatamente, eu faria isso? Falar: ”Oi, eu soube que você é uma viúva do 11 de Setembro. Prefere comida italiana ou chinesa, talvez?”

— Entendo.

Havia um relógio de pêndulo num canto, uma peça grande, ornamentada, que escolheu aquele exato instante para bater as horas. Myron perguntou-se onde Ali o comprara, onde comprara tudo naquela casa, quanto de Kevin assistia aos dois ali, agora, naquela casa, a casa dele.

— Kevin e eu começamos a namorar no primeiro ano do ensino médio. Resolvemos dar um tempo quando entramos na faculdade. Eu ia para a Universidade de Nova York, e ele, para Wharton. Uma decisão madura, sem dúvida. Mas quando voltamos para casa no feriado de Ação de Graças e nos revimos... — Ali ergueu os ombros. — Nunca estive com nenhum outro homem. Jamais. Pronto, falei. Não sei se fizemos o certo ou o errado. Não é esquisito? Acho que, de algum modo, aprendemos juntos.

Myron continuou lá, sentado. Ali distante uns poucos centímetros. Não estava seguro sobre qual seria a atitude correta a tomar neste momento — como de costume, em sua vida. Estendeu a mão. Ali a segurou.

— Não sei quando percebi, pela primeira vez, estar preparada para sair com alguém. Demorou mais a acontecer comigo do que com as outras viúvas. Nós

conversávamos sobre isso. Quero dizer, as viúvas. Conversávamos muito. Um dia eu simplesmente disse a mim mesma: agora, talvez, esteja na hora. Contei para a Claire. Quando ela sugeriu você, sabe o que eu pensei?

Myron fez que não com a cabeça.

— Ele não faz o meu estilo, mas talvez seja divertido. Pensei... isso vai parecer idiotice... por favor, lembre que eu não conhecia você... pensei que você seria uma boa transição.

— Transição?

— Você compreende o que estou querendo dizer. Você era um atleta profissional. Provavelmente teve dezenas de mulheres. Supus que poderia ser, vamos dizer, uma aventura divertida. Uma coisa física. E então, depois, talvez eu encontrasse alguém apropriado. Faz sentido?

Acho que sim — Myron retrucou. — Você só me queria pelo meu corpo.

— Basicamente, sim.

— Sinto-me tão barato. Ou seria excitado? Vou escolher excitado.

O comentário a impeliu a sorrir.

— Por favor, não fique ofendido.

— Não estou ofendido. — E disse: — Assanhada. Ela riu, o som melódico.

— O que aconteceu com o seu plano? — Myron indagou.

— Você não se revelou o que eu esperava.

— Isso é bom ou ruim?

— Não sei. Li na revista People que você namorava a Jéssica Culver.

— Sim.

— Foi um namoro sério?

— Sim.

— Ela é ótima escritora. Myron assentiu.

— E também é deslumbrante.

— Você é deslumbrante.

— Não daquele jeito.

Ele ia argumentar, no entanto sabia que soaria condescendente demais.

— Quando você me convidou para sair, imaginei que estivesse procurando alguma coisa... diferente.

— Diferente como?

— O fato de eu ser uma viúva do 11 de Setembro... Na verdade, eu odeio admitir, mas isso me transformou numa espécie de celebridade às avessas.

Myron compreendia. Lembrou-se do que Win dissera sobre a primeira coisa que lhe vinha à cabeça ao escutar o nome de Ali.

— Portanto, calculei... mais uma vez sem conhecer você, apenas sabendo que você era um atleta profissional bonito que namorava mulheres do tipo top

model... calculei que eu seria uma conquista interessante para adicionar à sua lista.

— Por que você é uma viúva do 11 de Setembro?

— Sim.

— É um pouco doentio, não?

— Na realidade, não.

— Como assim?

— É como eu disse. O fato traz uma espécie de fama atrelada. Pessoas que não tinham interesse em mim de repente desejavam me conhecer. Isso ainda acontece. Um mês atrás, comecei a jogar ténis na liga feminina do Racket Club. Uma das mulheres, uma fulana rica e esnobe que não teria deixado que eu pisasse no jardim dela quando nos mudamos para cá, aproximou-se de mim, com aquela cara de coitadinha.

— Cara de coitadinha?

— É como chamo aquela expressão. — Ali a demonstrou, cerrando os lábios, franzindo as sobrancelhas, batendo as pestanas.

— Você parece o Donald Trump sendo borrifado com gás lacrimogéneo.

— Essa é a cara de coitadinha. É o que vejo me cercando o tempo todo desde a morte de Kevin. Não culpo ninguém. É natural. Mas essa mulher, com a cara de coitadinha, chega perto de mim, segura as minhas mãos nas dela, me olha nos olhos tão cheia de pena que sinto vontade de gritar e diz: ”Você é Ali Wilder? Ah, eu queria tanto entrar em contato com você. Como tem passado?”. Entende?

— Sim.

Ali olhou-o fixamente.

— O que foi?

— Você se tornou a versão namoro da cara de coitadinha.

— Não sei se estou entendendo.

— Você insiste em dizer que sou linda.

— Você é.

— Você me viu três vezes quando eu era casada. Myron nada disse.

— Você me achava linda, então?

— Tento não pensar em mulheres casadas nesses termos.

— Você ao menos se lembra de ter se encontrado comigo?

— Na verdade, não.

— Se eu parecesse a Jéssica Culver, mesmo sendo casada, você teria se lembrado de mim.

Ela esperou por uma reação.

— O que você está querendo me dizer, Ali?

— Nada. Mas está na hora de parar de me tratar como se eu fosse uma

coitadinha. Não importa o motivo por que você saiu comigo pela primeira vez. Importa por que você está aqui, agora.

— Posso?

— Pode o quê?

— Posso lhe dizer por que estou aqui, agora?

Ali engoliu em seco e, pela primeira vez, deu impressão de insegurança. Com um gesto de mão, mandou-o prosseguir.

— Estou aqui porque realmente gosto de você. Porque posso estar confuso a respeito de muitas coisas e talvez você tenha certa razão sobre a cara de coitadinha, mas a verdade é que estou aqui, agora, porque não consigo parar de pensar em você. Penso em você o tempo todo e, quando eu penso, fico com esse sorriso bobo no rosto. — Então foi a vez de Myron fazer uma demonstração. — Portanto, são esses motivos pelos quais estou aqui.

— Essa — disse Ali, procurando reprimir um sorriso — é uma boa resposta.

Ele estava a ponto de fazer algum comentário engraçadinho, mas se conteve. Com a maturidade vem o comedimento.

— Myron?

— Sim?

— Quero que você me beije. Quero que me abrace. Quero que me leve lá para cima e faça amor comigo. Quero que faça isso sem nenhuma expectativa, porque eu não alimento nenhuma. Eu poderia lhe dar o fora amanhã, e você poderia me dispensar. Não importa.

— Mas não sou frágil. Não vou descrever o inferno dos últimos anos, mas sou mais forte do que você poderia imaginar. Se o nosso relacionamento for em frente depois desta noite, você é quem precisará ser forte, não eu. A minha oferta é destituída de obrigações. Sei como você deseja ser valoroso e nobre. Mas não é o que eu quero. Tudo o que desejo nesta noite é você.

Ali se inclinou e o beijou na boca. A princípio, suavemente; depois, faminta. Myron sentiu-se preso num turbilhão. Ela tornou a beijá-lo. E ele soube que estava perdido.

Uma hora depois — ou seriam apenas vinte minutos —, Myron virou-se de costas, esgotado.

— E então? — Ali perguntou.

— Uau.

— Fale mais.

— Deixe-me recuperar o fôlego. Ela riu, aninhou-se.

— Meus membros — ele murmurou. — Não posso sentir os meus membros.

— Nadinha?

— Um pouco de formigamento, talvez.

— Não tão pouco. E você também esteve ótimo.

— Como disse Woody Allen certa vez, pratico muito quando estou sozinho.

Ali apoiou a cabeça em seu peito. Ele fitou o teto, o coração começando a desacelerar.

— Myron?

— Sim.

— Ele nunca sairá da minha vida. E nunca deixará de ser o pai de Erin e Jack.

— Eu sei.

— A maioria dos homens não é capaz de lidar com isso.

— Também não sei se serei. Fitando-o, Ali sorriu.

— Que foi?

— Você está sendo honesto. Gosto disso. Então, chega de cara de coitadinha?

— Ah, eu tirei essa expressão do seu rosto vinte minutos atrás. Ele cerrou os lábios, franziu as sobrancelhas, bateu as pestanas.

— Ei, espere, a cara está de volta.

Ali tornou a apoiar a cabeça em seu peito.

— Myron?

— Sim?

— Ele nunca sairá da minha vida. Mas ele não está aqui agora. Neste momento, somos apenas nós dois.

CAPÍTULO 6

No terceiro andar do Centro Médico St. Barnabas, em Essex, a investigadora de polícia Loren Muse bateu à porta na qual se lia: DRA. EDNA SKYLAR — GENETICISTA. Uma voz de mulher respondeu:

— Pode entrar.

Loren girou a maçaneta e entrou. Skylar se levantou. Ela era mais alta do que Loren — aliás, a maioria das pessoas o era. A médica atravessou a sala, mão estendida. As duas trocaram um aperto firme, olhos nos olhos. Edna Skylar inclinou a cabeça, num gesto cúmplice. Loren já deparara com aquela reação antes. Ambas exerciam uma profissão ainda dominada por homens, o que lhes conferia um vínculo.

— Gostaria de se sentar?

As duas se sentaram. Edna Skylar à sua mesa, impecavelmente arrumada. Havia muitos envelopes de papel manilha, porém todos empilhados, sem nenhuma ponta do conteúdo de fora. Encontravam-se num escritório-padrão, dominado por uma janela grande que se abria para uma vista maravilhosa do estacionamento.

Dra. Skylar a olhou fixamente. A investigadora não gostou. A contragosto, aguardou um momento. A outra continuou a encará-la.

— Algum problema? Edna Skylar sorriu.

— Desculpe, é um péssimo hábito.

— O quê?

— Observo rostos. Hã-hã.

— Não é importante. Bem, talvez seja. Por causa disso, acabei nessa situação desagradável.

Loren quis ir direto ao ponto.

— A senhora contou ao meu chefe que possuía informações sobre Katie Rochester?

— Como vai o Ed?

— Bem.

A médica sorriu cordialmente.

— Um homem gentil.

— Sim, um príncipe.

— Eu o conheço há muito tempo.

— Ele me falou.

— Por esse motivo liguei para o Ed. Tivemos uma longa conversa sobre o caso.

— Certo. Razão pela qual ele me mandou aqui.

Edna Skylar desviou o olhar, mantendo-o voltado para a janela. Loren perguntou-se quantos anos a doutora teria. Uns sessenta e poucos, provavelmente, bem conservados. Julgava-a uma mulher bonita. Cabelos curtos e grisalhos, maçãs do rosto proeminentes, vestia um terninho bege de corte nem masculinizado nem excessivamente feminino.

— Dra. Skylar?

— Poderia me dizer alguma coisa sobre o caso?

— Como é?

— Katie Rochester. A garota é considerada, oficialmente, desaparecida?

— Não sei qual a relevância disso.

Lentamente, Edna Skylar tornou a fitar a investigadora.

— Você acha que ela foi vítima de um crime...

— Realmente não posso discutir o assunto.

— ... ou acha que fugiu? Quando conversei com o Ed, ele parecia convencido de que se tratava de uma fugitiva. A menina tirou dinheiro de um caixa eletrônico no centro da cidade. E o pai dela não é flor que se cheire.

— O promotor Steinberg disse tudo isso?

— Sim.

— Então por que você está me perguntando?

Conheço a percepção que ele tem do fato. Quero conhecer a sua.

Loren estava à beira de protestar, mas Edna Skylar a encarava novamente com demasiada intensidade. Não havia sobre a escrivaninha da médica uma única fotografia de família, e Loren, embora tentasse imaginar o significado dessa ausência, decidiu não ser aquele o momento de se debruçar sobre a questão.

— Katie Rochester tem dezoito anos — falou, medindo as palavras.

— Sim, eu sei.

— É adulta aos olhos da lei.

— Sim, eu sei. E o pai? Você acredita que ele tenha abusado da filha?

A investigadora ponderou sobre como proceder. Na realidade, não gostara do pai da garota desde o início. A Lei RICO determinava que Dominick Rochester era membro do crime organizado, e talvez essa fosse uma das razões de suas desconfianças. Mas sempre se extrai alguma coisa ao se observar a tristeza de alguém. Por outro lado, todo mundo reage diferentemente. É verdade que não se pode realmente apontar a culpa baseando-se na reação alheia. Alguns assassinos são capazes de derramar lágrimas que fariam Al Pacino morrer de inveja. Outros parecem robôs. O mesmo acontece com inocentes. Funciona mais ou menos assim: você está com um grupo e uma granada é atirada no meio da multidão. Nunca se sabe quem vai se jogar em cima dela ou quem vai sair correndo para se

salvar.

* * *

(Nota: Sigla de Racketeer Influenced Corrupt Orgamzation Act, ou ”Lei contra Organizações Corruptas ou Influenciadas por Gângsteres”, cujo objetivo é erradicar o crime organizado por meio da aplicação de penas duras e confisco de patrimônio).

* * *

Isso esclarecido, voltemos ao pai de Katie Rochester... Havia algo de alheamento em seu pesar. Era variável demais. Como se ele estivesse testando personalidades diversas, vendo qual pareceria melhor aos olhos do público. E a mãe... dava a impressão de estar devastada, mas seria desolação ou resignação? Difícil dizer.

— Não temos nenhuma prova — Loren afirmou no tom menos comprometedor possível.

Edna Skylar não reagiu.

— Essas perguntas — a investigadora continuou — são um pouco esquisitas.

— E porque ainda estou insegura sobre o que fazer.

— A respeito do quê?

— Se um crime foi cometido, desejo ajudar. Porém...

— Porém?

— Eu a vi.

Loren Muse aguardou um instante, na esperança de ouvir mais. Como o silêncio se estendesse, indagou:

— A senhora viu Katie Rochester?

— Sim.

— Quando?

— No próximo sábado completará três semanas.

— E está nos informando só agora?

Novamente Edna Skylar tinha os olhos voltados para o estacionamento. O sol se punha, os raios atravessavam as venezianas. A médica parecia mais velha sob aquela luz.

— Dra. Skylar?

— A garota me pediu para não falar nada. — Seu olhar permanecia fixo no estacionamento.

— Katie pediu isso?

Ainda com o olhar distante, Edna Skylar assentiu.

— A senhora falou com ela?

— Por alguns instantes.

— O que ela disse?

— Pediu para não contar a ninguém que a tinha visto.

— E?

— E só. Segundos depois, ela sumiu.

— Sumiu?

— Num vagão do metro.

As palavras fluíam mais facilmente agora. Edna Skylar contou a Loren toda a história, como estivera reparando nos rostos enquanto caminhava pelas ruas da cidade, como reconhecera a menina apesar das alterações na aparência, como a seguira até o metro, como a observara desaparecer na escuridão.

Loren fez anotações, embora, de fato, as informações confirmassem aquilo em que acreditara desde o princípio. A garota fugira de casa. Conforme Ed Steinberg dissera à dra. Skylar, houvera um saque num caixa eletrônico do Citibank no centro, próximo à hora do sumiço da jovem. Loren vira a gravação do circuito interno do banco. Apesar do rosto coberto por um capuz, provavelmente se tratava de Katie Rochester. O pai, sem dúvida, era um sujeito excessivamente rígido, severo. O típico em se tratando de fugitivos. Pais liberais demais, os filhos com frequência acabam viciados em drogas. No caso dos superconservadores, os filhos tendem a se tornar os fugitivos nos aspectos sexuais. Talvez seja um estereótipo colocar a questão assim, mas Loren conhecera pouquíssimos casos que escapassem à regra.

A investigadora insistiu em mais algumas perguntas. Não havia muito o que realmente pudessem fazer agora. A garota tinha dezoito anos. Não existia nenhum motivo aparente, de acordo com o relato da médica, para suspeitar de um crime. Na TV, a Polícia Federal é acionada e envolvida, o que não acontece na vida real.

Mas Loren sentia algo cutucando-a por dentro. Alguns chamariam de intuição. Odiava isso. Palpites... que tampouco funcionavam bem. O que será que Ed Steinberg, seu chefe, desejaria fazer? Nada, provavelmente. A delegacia estava muito ocupada trabalhando com a Promotoria Pública em dois casos. Um envolvendo um possível terrorista; o outro, um político corrupto de Newark. Com os recursos tão limitados, deveriam ir atrás do que parecia uma óbvia fugitiva? Decisão difícil.

— Por que agora? — Loren quis saber.

— O quê?

— Durante três semanas a senhora não disse nada. O que a levou a mudar de ideia?

— Você tem filhos, investigadora Muse?

— Não.

— Eu tenho.

Novamente Loren olhou para a escrivaninha, a estante, as paredes. Nenhuma foto de família. Nenhum sinal de filhos ou netos. Skylar sorriu, como se lesse seus pensamentos.

— Fui uma péssima mãe.

— Não sei se estou entendendo. Fui, digamos assim, laissez-faire. Na dúvida, deixava a coisa correr solta.

Loren aguardou.

— Isso — a doutora continuou — constituiu um grande erro.

— Acho que ainda não estou entendendo.

— Eu também não. Mas desta vez... — Edna Skylar engoliu em seco, olhou para as próprias mãos antes de fixar o olhar em Muse.

— Só porque tudo parece bem, não significa que esteja bem. Talvez Katie Rochester precise de ajuda. Quem sabe, desta vez, eu deva fazer mais do que simplesmente deixar a coisa correr.

A promessa no porão voltou para assombrar Myron exatamente às 2h17 da madrugada.

Haviam se passado três semanas. Myron continuava namorando Ali. Esperanza se casara naquele dia. Ali o acompanhara. Myron conduzira a noiva ao altar. Tom — nome verdadeiro, Thomas James Bidwell III — era primo de Win. Fora uma cerimónia íntima.

Estranhamente, a família do noivo, quatrocentona, não parecia entusiasmada com o fato de Tom estar se casando com uma latina, nascida no Bronx, chamada Esperanza Diaz. Vá entender.

— Engraçado — Esperanza comentou.

— O quê?

— Sempre pensei que me casaria por dinheiro, não por amor.

— Ela se observou no espelho. — No entanto, aqui estou, casando-me por amor e levando o dinheiro.

— O que prova que a ironia não morreu.

— Ótimo. Você vai a Miami ver o Rex?

Rex Storton, ator de cinema maduro, que agora empresariavam.

— Tomo o avião amanhã à tarde.

Esperanza se virou, abriu os braços, um sorriso faiscante nos lábios.

— Que tal?

Ela estava deslumbrante.

— Uau — Myron exclamou.

— Você acha?

— Sim, acho.

— Então, vamos. Está na hora de me amarrar.

— Sim, vamos.

— Antes, uma coisinha. — Esperanza o puxou de lado. — Quero que você fique feliz por mim.

— E estou.

— Não vou deixá-lo.

— Eu sei.

— Ainda somos os melhores amigos — ela falou, olhando-o nos olhos. — Você compreende? Você, eu, Win, Big Cyndi. Nada mudou.

— Claro que sim. Tudo tem mudado.

— Eu amo você, sabe disso.

— E eu amo você.

Esperanza tornou a sorrir. Ela sempre fora terrivelmente linda. Cultivara um jeito despretensioso. Mas hoje, naquele vestido, a palavra resplandecente soava insuficiente. Esperanza fora tão indomável, um espírito tão livre, firme na insistência de que nunca sossegaria com uma única pessoa. Todavia, aqui estava, com um bebé, casando-se. Até Esperanza tinha crescido.

— Tem razão — ela disse. — Mas as coisas mudam. E você sempre odiou mudanças.

— Não comece com isso.

— Olhe pra você. Morou com os seus pais até uns 35 anos. Comprou a casa da sua infância. Ainda passa a maior parte do tempo com o ex-colega de quarto da universidade, que, encaremos a realidade, não é capaz de mudar.

Myron ergueu a mão.

— Já entendi.

— Mas é engraçado.

— O quê?

— Sempre pensei que você seria o primeiro a se casar.

— Eu também.

— Win, bem, como eu disse, não vamos entrar nesse assunto. Mas você sempre se apaixonou com tanta facilidade... especialmente por aquela vadia, a Jessica.

— Não a chame assim.

— Que seja. De qualquer maneira, foi você quem desejou viver a Vida Perfeita: casar, ter filhos, convidar amigos para churrascos no fim de semana, esse negócio todo.

— E você nunca desejou isso? Esperanza sorriu.

— Não foi você quem me ensinou, Men tracht und Gott lachií

— Caramba, adoro quando vocês, gentios, falam iídiche.

— Essa vida pode ser uma coisa boa, sabia?

— Eu sei.

Ela lhe deu o braço, respirou fundo.

— Vamos?

— Nervosa?

— Nem um pouquinho.

— Então, em frente.

Myron a conduziu ao altar. Imaginara que seria uma formalidade lisonjeira representar o falecido pai da noiva, porém, quando entregou Esperanza a Tom, quando Tom, sorrindo, apertou-lhe a mão, lágrimas vieram-lhe aos olhos.

O casamento não apenas constituiu uma mistura eclética, como uma maravilhosa colisão. Win foi o padrinho de Tom, e Big Cyndi, a dama de honra. Big Cyndi, antiga parceira de luta livre de Esperanza, media dois metros de altura pelos quais se espalhavam confortavelmente uns cento e trinta quilos. Seus pulsos assemelhavam-se a presuntos. Ela ficara na dúvida sobre o que usar — o clássico vestido de dama de honra, numa cor neutra, ou corselete de couro preto. A solução: vestido de couro pêssego, com bainha franjada e sem mangas, para mostrar braços com consistência e dimensões semelhantes às das colunas de mármore de uma casa em estilo georgiano. Sobre os cabelos, tingidos de roxo e com corte moicano, uma miniatura de bolo de noiva.

Quando experimentara o... hum... vestido, Big Cyndi abrira os braços e rodopiara para Myron. As marés do oceano alteraram seu curso e sistemas solares se deslocaram.

— O que você acha? — Ela indagara.

— Roxo e pêssego?

— É muito descolado, sr. Bolitar.

Ela sempre o chamava de senhor, Big Cyndi apreciava a formalidade.

Tom e Esperanza uniram-se em matrimónio numa igreja antiga. Papoulas brancas enfeitavam os bancos. Os convidados do noivo, sentados de um lado do templo, estavam vestidos de preto-e-branco (Nota: ”O homem planeja, Deus ri.”) — um mar de pinguins. O lado da noiva estava colorido, uma verdadeira caixinha de lápis de cor. Tinha-se a impressão de assistir a um desfile de Halloween no Greenwich Village. O organista tocara hinos maravilhosos. O coro cantara como anjos. O cenário não poderia ter sido mais perfeito.

Entretanto, para a recepção, Esperanza e Tom quiseram uma mudança de tom. Alugaram uma boate SM na Décima Primeira Avenida chamada Leather and Lust. Big Cyndi trabalhavalá como leão-de-chácara e às vezes, muito tarde da noite, subia ao palco para uma performance que desafiava a imaginação.

Myron e Ali estacionaram ao lado da auto-estrada West Side. Passaram por uma sexshop, a King Davids Slut Palace. As janelas tinham sido lavadas, e sobre

a porta havia uma placa em que se lia: SOB NOVA DIREÇÃO.

— Opa—Myron apontou a placa —, já era hora, você não acha? Ali concordou.

— O lugar estava tão mal administrado antes.

Ao entrarem na Leather and Lust, Ali caminhou pelo local como se estivesse no Louvre, reparando nas fotos nas paredes, conferindo os aparelhos, as roupas, o material de submissão.

— Sou irremediavelmente ingénua — constatou, meneando a cabeça.

— Não irremediavelmente.

Ela mostrou algo comprido e preto, semelhante ao intestino humano.

— O que é aquilo? — Ali perguntou.

— Não faço ideia.

— Você é chegado a... hum...

— Ah, não.

— Que pena—Ali disse. — Brincadeirinha. Só brincadeirinha.

O romance dos dois estava progredindo, contudo a realidade de namorar alguém com filhos ainda muito jovens começara a se assentar. Não haviam passado mais nenhuma noite inteira juntos desde aquela primeira. Myron tivera oportunidade apenas de dizer breves ”ois” a Erin e Jack desde a festa em sua casa. O fato é que não estavam seguros sobre quão rápidos ou quão vagarosos deveriam avançar com o relacionamento, mas Ali estava bastante inflexível quanto a ir devagar no que dizia respeito às crianças.

Ali precisara ir embora cedo. Jack tinha um trabalho escolar para terminar, e ela prometera ajudá-lo. Myron a levara até o carro, decidindo passar o resto da noite na cidade.

— Quanto tempo você vai ficar em Miami? — Ali perguntou.

— Apenas um, dois dias.

— Você ficaria muito enjoado se eu dissesse que vou sentir saudade?

— Não, muito enjoado, não.

Ela o beijara suavemente. Myron a observara partir, o coração enlevado. Então, retornara à festa.

Como resolvera dormir em Nova York, desandara a beber. Nunca fora o que se poderia chamar de grande bebedor — tolerava o álcool tão bem quanto uma garota de catorze anos —, porém naquela noite, naquela maravilhosa e, não obstante, bizarra celebração, sentia-se no clima de se embriagar. A exemplo de Win, embora fosse preciso muito mais para deixá-lo de pileque. Conhaque era leite materno para Win. Ele raramente acusava os efeitos da bebida, pelo menos exteriormente.

Mas naquela noite isso não importava. A limusine de Win já os aguardava

para levá-los ao centro da cidade.

O apartamento de Win, no edifício Dakota, valia um bilhão de dólares e ostentava uma decoração que lembrava Versailles. Ao chegarem, Win serviu-se de um cálice de Porto vintage, Quinta do Noval Nacional, 1963, ridiculamente caro. A garrafa estivera decantando durante várias horas porque, conforme seu amigo explicara, é necessário conceder ao Porto vintage tempo para respirar antes de consumi-lo. Myron, em geral, tomava chocolate quente antes de dormir, mas seu estômago não estava a fim. Além do mais, o chocolate não teria tempo para respirar.

Win ligou a TV, e os dois assistiram Antiques Roadshotu Uma mulher esnobe, de sotaque arrastado, exibia um busto de bronze medonho (Nota: Feira de Antiguidades, numa tradução livre. Programa de TV em que antiquários avaliam objetos levados por seus proprietários. Fim da Nota). e contava ao avaliador uma história sobre como Dean Martin, em 1950, oferecera a seu pai dez mil dólares por aquele pedaço de metal imprestável, porém seu pai — e aqui ela sacudia o dedo insistentemente, um sorriso afetado nos lábios — fora astuto demais para cair em tal esparrela. Sabia que a peça devia valer uma fortuna. O avaliador assentiu, paciente, esperou a mulher terminar e bateu o martelo:

— Isso vale uns vinte dólares. Myron e Win riram.

— Divertindo-nos com a desgraça alheia — Win sentenciou.

— Somos dignos de dó — Myron observou.

— Não se trata de nós.

— Não?

— É o programa. Ele lança luz sobre muito do que está errado na nossa sociedade.

— Como assim?

— As pessoas não se satisfazem apenas com o fato da sua bugiganga valer uma fortuna. Não, é melhor, muito melhor, se as compraram barato de algum caipira simplório. Ninguém leva em consideração os sentimentos do vendedor ingénuo que foi enganado, que saiu perdendo.

— Bom argumento.

— Ah, e tem mais.

Myron recostou-se no sofá, sorriu, esperou.

— Esqueça a ganância por enquanto — Win prosseguiu. — O que realmente nos incomoda é que todo mundo, rigorosamente todo mundo, sem exceção, mente no Antiques Roadshow.

— Você está dizendo isso porque o avaliador pergunta: ”Você tem ideia de quanto vale essa peça?”?

— Exatamente. Ele faz essa mesma pergunta toda vez.

— Eu sei.

— E o sr. ou a sra. Deslumbrados agem como se a pergunta os pegasse de surpresa, como se nunca a tivessem escutado antes.

— É irritante — Myron concordou.

— E então dizem algo do tipo: Ah... isso jamais me passou pela cabeça. Não tinha ideia de que pudesse valer tanto". — Win ranziu o cenho. — Ora, vamos. Você arrasta o seu armário de duas toneladas para algum centro de convenções, espera umas doze horas na fila, e nunca, jamais, nem nos seus mais loucos sonhos, imaginou que a peça poderia ter algum valor?

— Uma mentira. E igualzinho a "A sua ligação é muito importante para nós".

— É por isso que adoramos quando uma mulher como aquela leva um passa-fora. As mentiras. A ganância. É por isso que adoramos quando o idiota na Roda da Fortuna sabe a resposta, mas sempre se decide por mais um giro e estaciona no Perde Tudo.

— É como a vida — Myron decretou, sentindo os efeitos da bebida.

— Por favor, explique melhor. Mas o interfone tocou.

Myron sentiu o estômago revirar. Consultou o relógio. Uma e meia da manhã. Fitou Win. Win devolveu o olhar, uma expressão serena no rosto. Win ainda era bonito, bonito demais, porém a passagem dos anos, os excessos, as noitadas de violência ou, como agora, de sexo começavam a pesar.

Myron fechou os olhos.

— É uma...?

— Sim. Suspirando, levantou-se.

— Queria que você tivesse dito.

— Por quê?

Os dois já haviam trilhado esse caminho antes. Não havia resposta para aquela pergunta.

— Ela é de um lugar novo, no Upper West Side — Win esclareceu.

— Quão conveniente.

Sem mais uma palavra, Myron atravessou o corredor, na direção de seu quarto. Win atendeu à porta. Por mais que a coisa roda o deprimisse, Myron deu uma olhada. A moça era jovem e bonita. Ela disse "oi" com uma alegria forçada. Win não respondeu. Fez sinal para que o seguisse. A jovem lhe obedeceu, oscilando em saltos excessivamente altos. Os dois sumiram no fim do corredor.

Como Esperanza mencionara, algumas coisas se recusam a mudar — não importa quanto você gostaria que mudassem.

Myron fechou a porta e caiu na cama. A cabeça girando por causa da bebida. O teto rodopiava. Que rodopiasse. Perguntou-se se acabaria vomitando. Não, supunha que não. Decidido, afastou os pensamentos referentes à visitante. E

conseguiu bloqueá-los com mais facilidade do que de costume, uma mudança que, definitivamente, não era para melhor. Não escutava nenhum ruído — o quarto que Win usava (não seu próprio dormitório, claro) era à prova de som. Por fim, adormeceu.

Seu celular tocou.

Myron o colocara no vibra call, e o aparelho chacoalhava contra a mesinha de cabeceira. Saindo do estado de torpor, estendeu a mão para apanhá-lo, a cabeça a ponto de estourar. Então reparou no relógio digital sobre o criado-mudo.

2h17min.

Sem verificar o identificador de chamadas, atendeu.

— Alô?

Um soluço foi a primeira coisa que ouviu.

— Alô? — Repetiu.

— Myron? É a Aimee.

— Aimee? — Ele se sentou. — Algum problema? Onde você está?

— Você falou que eu poderia telefonar. — Outro soluço. — A qualquer hora, certo?

— Certo. Onde você está?

— Preciso de ajuda.

— O.k., tudo bem. Só me diga onde você está.

— Ai, meu Deus...

— Aimee?

— Você não vai contar, não é?

Ele hesitou, a imagem de Claire, mãe de Aimee, vindo-lhe à mente. Lembrou-se de Claire naquela idade e sentiu um estranho aperto no coração.

Você prometeu. Você prometeu que não contaria aos meus pais.

Eu sei. Onde você está?

” Promete que não vai contar?

— Prometo, Aimee. Só me fale onde você está.

CAPÍTULO 7

Myron enfiou a calça.

O cérebro um pouco lento. Ainda sentia algum efeito da bebida. A ironia não lhe escapou: dissera a Aimee para lhe telefonar porque não a queria entrando num carro com alguém alcoolizado e ali estava ele, um tanto embriagado. Procurou se recompor e julgar seu grau de sobriedade. Supunha estar bem para dirigir, mas não é isso que todo bêbado pensa?

Debateu-se com a possibilidade de chamar Win. Win, porém, além de ocupado no momento, bebera ainda mais, apesar da aparência sóbria. Entretanto, não deveria sair às pressas, certo?

Boa pergunta.

O assoalho de tábua corrida do corredor fora recentemente refeito. Assim, resolveu fazer um teste rápido de sua sobriedade. Andou ao longo de uma tábua, em linha reta, como se um policial o tivesse parado e submetido-o a uma avaliação. Tranquilo. Mas, modéstia à parte, sua coordenação sempre fora excepcional. Provavelmente passaria nesse teste mesmo bêbado.

Todavia, que alternativa lhe restava? Ainda que encontrasse alguém para dirigir àquela hora da noite, como Aimee reagiria se aparecesse com um estranho? Ele, Myron, fora quem a fizera prometer chamá-lo se tal situação, algum dia, surgisse. Fora ele quem lhe entregara um cartão com todos os seus telefones. Fora ele quem, conforme Aimee ressaltara, jurara sigilo total.

Tinha de ir sozinho.

Seu carro estava num estacionamento vinte e quatro horas na Rua 70. O portão fechado. Myron tocou a campainha. De má vontade, o funcionário apertou o botão, e o portão se abriu.

Myron não era do tipo que apreciava carrões. Ainda dirigia um Ford Taurus, apelidado de ”Imã de Mulheres”. Um carro servia para levá-lo do ponto A ao ponto B. Fim. Mais importantes do que potência e cilindrada eram controles do rádio no volante, para mudar de estação o tempo todo.

Pelo celular, ligou para o número de Aimee. Atendeu uma vozinha sumida.

— Alô?

— Estou a caminho. Nenhuma resposta.

— Por que você não fica na linha? — Ele sugeriu. — Assim saberei que está tudo bem.

— A bateria está quase acabando. Quero poupar o resto.

— Devo chegar aí em dez, quinze minutos no máximo.

— De Livingston?

— Eu estava passando a noite na cidade.

— Ah, que bom. Até mais.

Aimee desligou. Myron dirigiu mais um pouco e olhou para o relógio do carro: 2h30min. Os pais dela deviam estar mortos de preocupação. Esperava que a garota já tivesse falado com Claire e Erik. Por um instante, sentiu-se tentado a ligar para os dois, mas não, não era assim que a coisa funcionava. Quando estivessem juntos no carro, encorajaria Aimee a telefonar para os pais.

Surpreendera-o a localização de Aimee, no centro de Manhattan. Ela avisara que o estaria esperando na esquina da Quinta Avenida com a Rua 54. Praticamente no Rockefeller Center. O que lhe parecia estranho no fato de uma garota de dezoito anos, na Big Apple, star se embebedando ali era que aquela área, o centro, costumava ser deserta à noite. Durante a semana, transitavam bandos de turistas. Entretanto, num sábado à noite, havia poucas pessoas na rua. Nova York podia ser a cidade que nunca dorme, mas a esquina da Quinta Avenida com a Rua 54 estava tirando um cochilo e tanto.

Ele parou no semáforo. Aimee abriu a porta do carro e escapuliu Para o banco traseiro.

— Obrigada —falou.

— Você está bem? istou bem — a voz soou abafada às suas costas. ” Não sou motorista. Venha aqui para a frente.

Apesar de hesitar, ela o atendeu. Tão logo a porta do lado do passageiro foi fechada, Myron se virou para fitá-la, porém a garota manteve o olhar fixo no pára-brisa. Como a maioria das adolescentes, Aimee carregara na maquiagem. Jovens não precisam de maquiagem, especialmente tão pesada. Seus olhos estavam vermelhos, velados. Ela vestia uma roupa justa, dando a impressão de estar embrulhada em gaze, o tipo de coisa que, mesmo com o corpo adequado, não é possível usar além dos, talvez, 23 anos.

Aimee lembrava tanto a mãe naquela idade.

— O sinal está verde — ela disse. Ele arrancou.

— O que aconteceu?

— Algumas pessoas estavam bebendo muito. Não quis voltar de carro com gente embriagada.

— Onde?

— Onde o quê?

O centro da cidade não era ponto de encontro da juventude. A maioria da garotada costumava se reunir nos bares de Upper East Side ou, talvez, no Village. Myron insistiu:

— Onde vocês estavam bebendo?

— Isso importa?

— Eu gostaria de saber.

Por fim a menina o encarou, os olhos cheios de lágrimas.

— Você prometeu.

Ele continuou dirigindo.

— Você prometeu não fazer nenhuma pergunta, está lembrado?

— Queria apenas ter certeza de que você está bem.

— E estou.

Myron dobrou à direita.

— Então vou levá-la para casa.

— Não.

Ele aguardou.

— Vou ficar com uma amiga.

— Onde?

— Ela mora em Ridgewood.

— Em Bergen?

— Sim.

— Eu preferiria levá-la para casa.

— Os meus pais sabem que vou dormir na casa da Stacy.

— Talvez você devesse telefonar para eles.

— E dizer o quê?

— Que você está bem.

Myron, eles acham que estou com amigos. Ficariam preocupados se eu telefonasse.

Embora fosse um argumento razoável, não convenceu Myron completamente. A luz do combustível começou a piscar. Precisava encher o tanque. Rumou para a auto-estrada West Side e cruzou a ponte George Washington. Parou no primeiro posto de gasolina na rodovia 4. Nova Jersey era um dos dois estados que não permitiam ao próprio consumidor manusear a bomba de gasolina. O frentista, envergando um turbante e absorto num romance de Nicholas Spark, não pareceu muito entusiasmado ao vê-los.

— Ponha dez dólares — Myron pediu.

O homem os deixou sozinhos. Aimee começou a fungar.

— Você não parece bêbada.

— Eu não disse que estava. Era o cara que ia dirigir.

— Mas você dá a impressão de que andou chorando.

Ela reagiu do jeito típico de adolescentes, dando de ombros.

— A sua amiga Stacy. Onde ela está?

— Em casa.

— Ela não veio com você?

A garota meneou a cabeça e se virou para a frente.

— Aimee?

— Pensei que podia confiar em você. — A voz soou baixa.

— E pode.

Ela tornou a menear a cabeça. Então puxou a maçaneta da porta, com a intenção de sair do veículo. Myron a agarrou pelo pulso com mais força do que pretendia.

— Ei — a garota protestou.

— Aimee...

Apesar das tentativas da jovem de se desvencilhar, ele continuou segurando-a.

— Você vai ligar para os meus pais. Só preciso saber se você está bem.

Ela empurrou os dedos que a prendiam, num esforço de se livrar. Myron sentiu as unhas da garota lhe cravarem a pele.

— Me solte!

Ele lhe obedeceu. Aimee saiu do carro. Myron quis fazer o mesmo, mas continuava preso pelo cinto de segurança. Desafivelou-o e a seguiu. Aimee se dirigia, aos tropeções, para a rodovia, os braços cruzados desafiadoramente sobre o peito.

Myron apertou o passo para alcançá-la.

— Por favor, volte para o carro.

— Não.

— Vou levá-la até a casa da sua amiga, certo?

— Me deixe sozinha.

Ela saiu em disparada. Carros zunindo. Buzinas tocando. Myron correu atrás.

— Aonde você vai?

— Cometi um erro. Eu não deveria ter telefonado pra você.

— Por favor, volte para o carro. Não é seguro aqui fora.

— Você vai contar aos meus pais.

— Não vou, não. Prometo.

Ela desacelerou, então se deteve. Mais carros passavam zunindo pela rodovia 4. O frentista os fitou de longe e abriu os braços, como se dissesse: ”E aí?”. Myron ergueu um dedo, indicando que precisavam de somente mais um minuto.

— Desculpe — ele falou. — Só estou preocupado com o seu bem-estar. Mas você tem razão. Fiz uma promessa. Vou cumpri-la.

Ainda de braços cruzados, Aimee o olhou de soslaio, como apenas os adolescentes são capazes.

— Jura?

— Juro.

— Sem mais perguntas?

— Sem mais perguntas. Ela marchou para o carro.

Myron a seguiu. Depois de pagar com o cartão de crédito, partiram.

Aimee o mandou pegar a rodovia 17-Norte. Havia tantas lojas, tantos shopping centers, que tinham a impressão de estar num corredor contínuo de compras. Myron se lembrou de como seu pai, sempre que passavam pelo Shopping Center Livingston, meneava a cabeça, apontava para o lugar e resmungava: ”Veja todos esses carros.

Se a economia estivesse tão ruim, por que haveria tantos carros? O estacionamento está lotado! Olhe para isso tudo”.

Os pais de Myron estavam instalados num condomínio fechado nos arredores de Boca Raton. Seu pai finalmente vendera o depósito em Newark e agora passava os dias maravilhando-se com o que a maioria das pessoas estivera fazendo durante anos: ”Myron, você já esteve na Staples? Meu Deus, eles têm todo tipo de caneta e papel lá. E as lojas de atacado? Nem te conto. Comprei dezoito chaves de fenda por menos de dez dólares. Vamos lá e compramos um monte de coisas. Sempre digo ao homem do caixa, e ele morre de rir, que poupei tanto dinheiro que acabarei falindo”.

Myron lançou uma olhadela para Aimee. Recordava-se de seus anos adolescentes, da verdadeira guerra que é a adolescência, e das vezes em que enganara os próprios pais. Fora um bom garoto: nunca se metera em encrencas, tirava boas notas, era levado em alta conta por causa da habilidade para o basquete. Mas escondera certas coisas dos pais. Toda a garotada é assim. Talvez fosse saudável. Os jovens vigiados o tempo todo, sob constante fiscalização dos pais, são esses que acabam se metendo com drogas. Todo mundo precisa de uma válvula de escape. É preciso dar à garotada espaço para se rebelar. Caso contrário, a pressão simplesmente aumenta até...

— Entre naquela saída ali —Aimee falou. —Avenida Linwood Oeste.

Myron seguiu a orientação. De fato, não conhecia essa área. Nova Jersey parece uma série de aldeias. Você só conhece bem a sua. Ele era um cara de Essex. Estavam em Bergen. Sentia-se fora de seu elemento. Ao pararem num semáforo, Myron se recostou no banco e aproveitou para dar uma boa olhada em Aimee.

A jovem garota parecia assustada e desamparada. Por um momento ele se deteve sobre o último adjetivo. Desamparada. Ela se virou e enfrentou seu olhar, com certo ar de desafio. Seria desamparada uma avaliação justa? Embora parecesse idiotice, será que não avia um pouco de sexismo embutido ali? Um quê de chauvinismo? e Almee tosse um rapaz, um cara grande, jogador de futebol americano, por exemplo, estaria tão preocupado assim?

Na verdade, estava tratando-a diferente por ela ser menina. Seria certo ou

estava chafurdando em alguma bobagem politicamente correta?

— Dobre à direita e, depois, à esquerda, no fim da estrada.

Ele fez o que ela falou. Logo se achavam imersos num emaranhado de casas. Ridgewood não passava de uma aldeia grande e antiga — ruas arborizadas, casas no estilo vitoriano, estradas sinuosas, colinas e vales. Típica geografia de Nova Jersey. Os bairros residenciais mais afastados eram autênticos quebra-cabeças interconectados, partes acotoveladas em outras partes, poucos limites regulares ou ângulos corretos.

Ela o conduziu por uma subida íngreme, depois o fez descer uma ladeira, virar à esquerda, depois à direita, mais outra curva à direita. Myron lhe obedeceu em piloto automático, o pensamento longe, sua mente tentando conjurar as palavras corretas a dizer. Aimee estivera chorando — disso tinha certeza. Ela dava a impressão de estar, de alguma maneira, traumatizada. Porém, naquela idade, não é tudo uma tragédia? Provavelmente brigara com o namorado, o tal Randy, a quem ouvira mencionar no porão. Talvez Randy a tivesse descartado. Rapazes de colégio são assim. Vivem dando foras. Faz deles grandes homens.

Pigarreando, tentou soar natural.

— Você ainda está namorando aquele Randy? A resposta:

— Vire à esquerda. Ele virou.

— A casa é ali, à direita.

— Nesse beco sem saída?

A casa, atarracada, estava totalmente às escuras. Não havia sequer iluminação de rua. Myron piscou algumas vezes. Ainda se sentia cansado, o cérebro mais enevoado do que devia por conta das celebrações recentes. Por um segundo, a imagem de Esperanza veio-lhe à mente, quão linda ela estivera. E, apesar de sugerir egoísmo, perguntou-se de novo como esse casamento mudaria as coisas.

— Parece que não há ninguém em casa — ele comentou.

— Stacy já deve estar dormindo. — Aimee tirou uma chave da bolsa. — A porta dos fundos dá para o quarto dela. Eu sempre entro por lá.

Myron encostou no meio-fio e desligou o motor.

— Vou acompanhá-la até a porta.

— Não.

— Como vou saber se você conseguiu entrar?

— Eu aceno.

Outro carro entrou na rua, as luzes dos faróis atingindo Myron lo espelho retrovisor. Estranho, ele refletiu, dois carros ali, àquela hora da noite.

Aimee lhe chamou a atenção.

— Myron? Você não pode contar aos meus pais sobre isso. Eles vão surtar, o.k.?

— Não vou dizer nada.

As coisas... — Ela se calou, fitou a casa pela janela. — As coisas não andam muito bem entre os dois.

— Com os seus pais? Ela assentiu.

— Você sabe que isso é normal, certo? Ela tornou a assentir.

Myron percebia a necessidade de tratar a questão gentilmente.

— Você quer me falar mais sobre isso?

— Só que... Isso só serviria para aumentar a tensão. Quero dizer, se você contar a eles. Não fale nada, tá?

— Tudo bem.

— Cumpra a sua promessa.

Aimee saiu do carro e correu para a porta dos fundos da casa, sumindo de vista. Myron aguardou. Dali a instantes, ela reapareceu e acenou, sorridente, como se tudo estivesse ótimo. Mas havia algo ali, algo no modo de acenar, que não convencia muito.

Myron fez menção de sair do veículo, porém Aimee o deteve com um movimento de cabeça. Depois ela deu meia-volta, e a escuridão a engoliu por inteiro.

CAPÍTULO 8

Nos dias que viriam, ao olhar para trás, para aquele momento, para o jeito como Aimee sorrira e acenara e desaparecera dentro da escuridão, Myron se perguntaria o que havia sentido. Tivera uma premonição, uma sensação inquietante, uma pontada nas profundezas do subconsciente, alguma coisa o avisando, alguma coisa da qual simplesmente não conseguira se livrar?

Não, achava que não. Mas era difícil se lembrar com certeza.

Aguardara outros dez minutos no tal beco sem saída. Nada acontecera.

Então lhe ocorrera um plano.

Demorara algum tempo para encontrar o caminho de volta. Fora Aimee quem o guiara naquele emaranhado de vizinhanças, e deveria ter pensado em jogar umas migalhas de pão pelo caminho. Durante uns bons vinte minutos vagara de lá para cá, feito um rato num labirinto, até chegar à via Paramus que, por fim, o conduzira à via principal, a Garden State.

Entretanto, àquela altura, já não tinha mais planos de retornar ao apartamento de Nova York.

Era um sábado à noite — bem, madrugada de domingo —, e se fosse para casa, em Livingston, poderia jogar uma partida de basquete logo cedo, antes de ir ao aeroporto, onde embarcaria para Miami.

E, conforme sabia, Erik, pai de Aimee, jogava basquete todos os domingos de manhã, sem falta.

Era esse seu plano imediato, se não patético.

Assim, de manhã cedo — para ser sincero, cedo demais, Myron levantou-se, vestiu short, camiseta, desenterrou a velha joelheira e dirigiu até o ginásio do Colégio Heritage. Antes de entrar tentou o celular de Aimee. A chamada caiu direto na caixa de mensagens, o tom da sua voz, tão radiante, tão característico de adolescentes, a gravação terminou com um ”Deixe o seu recado”. Estava guardando o telefone quando esse tocou em sua mão. Olhou para o visor, para identificar a chamada. Nada.

— Alô?

— Você é um canalha. — A voz, embora abafada e baixa, parecia ser de um rapaz, mas era difícil saber. — Está me ouvindo, Myron? Um canalha. E vai pagar pelo que fez.

Fim da ligação. Myron pressionou ”estrela 69” e esperou para ouvir o número. Uma voz mecânica o repetiu. Código de área local, porém um número completamente estranho. Ele estacionou o carro e o anotou rapidamente num pedaço de papel. Verificaria mais tarde.

Ao entrar no ginásio de sua antiga escola, Myron levou alguns segundos para se ajustar à claridade artificial. Então os fantasmas familiares tomaram forma. O ginásio tinha o mesmo cheiro bolorento de todos os outros ginásios de colégio. Alguém driblava uma bola.

Uns poucos sujeitos riam. Os sons eram sempre os mesmos — todos envenenados por aquele eco oco.

Myron não jogava havia meses, porque não gostava desse tipo de jogo improvisado, com gente metida a esnobe, Basquete, o jogo em si, ainda significava muito para ele. Amava esse esporte. Amava a sensação de ter a bola na ponta dos dedos, a maneira como as mãos se posicionavam sobre as ranhuras no instante do arremesso, o arco descrito pela bola rumo ao aro, o movimento giratório, o posicionamento para o rebote, o salto perfeito para o passe. Amava as tomadas de decisão em frações de segundos — passe, drible, arremesso —, as brechas repentinas, que duravam décimos de segundo, o modo como o mundo desacelerava para que você pudesse converter a cesta.

Amava aquilo tudo. u que não aguentava era o machismo da meia-idade. O ginásio estava se enchendo de Donos do Mundo, os ”quero ser” machos que apesar das mansões e das gordas contas bancárias e dos carrões para compensar o complexo de pênis pequeno, ainda precisavam derrotar alguém em alguma coisa. Myron fora competitivo na juventude. Competitivo demais, talvez. Sempre louco para ganhar. Isso, acabara aprendendo, nem sempre era uma qualidade maravilhosa, apesar de, com frequência, separar os muito bons dos extraordinários, os quase-profissionais dos profissionais: esse desejo — não, necessidade — de ser melhor que qualquer outro homem.

Mas superara isso. Todavia, alguns desses sujeitos — uma minoria com certeza, embora já fosse o bastante —, não.

Ao depararem com Myron, o ex-jogador da NBA (não importando por quão pouco tempo), viam a chance de provar que eram verdadeiros machos. Mesmo agora. Mesmo quando a maioria passava dos quarenta. E, quando a habilidade diminui, mas o coração ainda tem fome de glória, o jogo pode ficar feio.

Myron esquadrinhou o ginásio e avistou seu motivo de estar ali.

Erik se aquecia num canto. Ele correu para lá.

— Oi, Erik, como vai?

O outro se virou, sorrindo.

— Bom dia, Myron. Que bom que você apareceu.

— Em geral não sou de acordar muito cedo. Erik lhe atirou a bola. Myron arremessou. A bola bateu no aro.

— A noite de ontem foi longa?

— Bastante.

— Você já esteve com uma aparência melhor.

— Puxa, obrigado. Como vão as coisas? 1

— Bem. Você?

— Tudo bem.

Alguém deu um grito, e os dez caras correram para o centro da quadra. Era assim que funcionava. Se você queria jogar no primeiro grupo, tinha de estar entre os dez primeiros a chegar. David Rainiv, financista brilhante e CFO de uma das quinhentas maiores empresas listadas pela revista Fortune, sempre compunha os times. Possuía habilidade para equilibrar os talentos e formar equipes competitivas. Ninguém questionava suas decisões. Eram sempre definitivas e obrigatórias.

Portanto, Rainiv dividiu os times. Myron deveria ser marcado por um rapaz jovem, de mais de dois metros de altura. Uma boa notícia. A teoria de homens sofrerem de complexo de Napoleão pode ser discutível no mundo real, todavia não em jogos de lazer. Sujeitos baixos querem machucar sujeitos altos — dar-lhes uma lição numa arena geralmente dominada pelo tamanho.

Mas hoje, infelizmente, a exceção comprovou a regra. O rapaz de dois metros e dez era todo cotovelos e raiva. Entretanto embora atlético e forte, tinha pouco talento para o basquete. Myron procurou manter distância. Na verdade, apesar do joelho e da idade, ele marcava pontos à vontade. Por algum tempo, foi o que fez. A coisa acontecia naturalmente. Era difícil atuar com moderação.

Porém, no fim acabou se refreando. Precisava perder. Mais homens tinham aparecido para jogar, e agora permanecia na quadra o quinteto que ganhava. Tinha de sair para conversar com Erik.

Assim, depois de ganhar as três primeiras partidas, Myron decidiu fazer uma pausa.

Seus companheiros de time não ficaram satisfeitos quando o viram tropeçar no próprio pé e perder a bola. Agora teriam de ir para o banco. Naturalmente, lamentaram o ocorrido, mas não escondiam a satisfação de estar tantos pontos à frente dos outros times. Como se isso importasse.

Erik levara a própria garrafa de água, claro. Sua bermuda combinava com a camiseta, os cadarços dos ténis perfeitamente amarrados. As meias na altura exata uma da outra. Myron tomou um pouco de água no bebedouro e se sentou perto dele.

— E a Claire, como vai?

— Bem. Ela agora faz aulas mistas, de pilates e yoga.

— Hã?

Claire sempre estivera metida com a ginástica da moda. Começara com a aeróbica de Jane Fonda, passara pelos chutes do Tae Bo e depois para o Soloflex.

— E onde ela está agora.

— Na aula?

— Sim. Durante a semana, as aulas são às seis e meia da manhã.

— Caramba, é cedo! Somos madrugadores. ercebendo uma brecha, Myron aproveitou-a.

— E Aimee?

— O que tem Aimee? —Ela se levanta cedo também? Erik franziu o cenho.

— Raramente.

— Então você está aqui — Myron continuou —, e a Claire está malhando. Onde está a Aimee?

— Ela dormiu na casa de uma amiga.

— Ah.

— Adolescentes — Erik resmungou, como se isso explicasse tudo. Talvez explicasse.

— Problemas?

— Você não tem ideia.

— Ha?

De novo o ha.

Erik permaneceu em silêncio.

— De que tipo? — Myron perguntou.

— Tipo?

Myron queria dizer ha outra vez, mas temeu estar exagerando.

— Problema. Que tipo de problema?

— Não sei se estou entendendo.

— Aimee anda emburrada? — Myron indagou, tentando soar indiferente. — Não presta atenção no que você diz? Fica acordada até tarde? Falta à escola? Passa tempo demais na internet? Que tipo de problema?

— Todos esses. — Erik parecia falar mais devagar agora, como se estivesse medindo as palavras. — Por que a pergunta?

"Recuar", Myron pensou.

— Só estou jogando conversa fora.

— Jogar conversa fora em geral consiste em lamentar o desempenho dos times locais.

— Não é nada. É só que...

— Só o quê?

— A festa na minha casa.

— O que tem a festa?

— Não sei... Ver Aimee daquele jeito me fez começar a refletir sobre como a adolescência é dura.

Erik estreitou os olhos. Na quadra alguém gritara "Falta!" e alguém protestava. "Não encostei em você!", berrou um fulano de bigode e cotoveleiras. Então se sucederam os palavrões — algo nunca superado numa quadra de basquete.

— Aimee disse alguma coisa pra você? — Erik o interrogou, o olhar fixo na quadra.

— Alguma coisa o quê?

— Qualquer coisa. Lembro que você esteve no porão com a minha filha e Erin Wilder.

— Certo.

— Sobre o que vocês conversaram?

— Nada. As duas estavam apenas me zoando por causa da decoração antiquada do quarto.

Erik fitou Myron, que desejou desviar o olhar, mas agüentou firme.

— Aimee pode ser rebelde — Erik observou.

— Como a mãe.

— Claire? Rebelde?

Caramba, ele precisava aprender a ficar de boca fechada.

— Em que sentido?

Myron partiu para uma resposta diplomática.

— Depende do que você entende por rebelde, suponho. Mas Erik não o deixou escapar.

— O que você quis dizer?

— Nada. É uma coisa boa. Claire tinha garra.

— Garra? Cale-se, Myron.

—Você sabe o que estou dizendo. Garra, no bom sentido. Quando você a viu pela primeira vez, naquele exato primeiro instante, o que o atraiu?

— Muitas coisas. E garra não foi uma delas. Eu conhecia muitas garotas, Myron. Existem aquelas com quem você quer se casar e aquelas com quem você só quer... você sabe.

Myron assentiu.

— Claire era aquela com quem queria casar. Essa foi a primeira coisa que pensei quando a vi. E sei como isso soa. Mas você era amigo dela. Sabe o que estou querendo dizer.

Myron esforçou-se para aparentar reserva.

— Eu a amava tanto.

Amava. Erik dissera amava, não amo, Myron ponderou, mantendo a boca fechada desta vez.

Como se lendo sua mente, o outro completou:

— Ainda a amo. Talvez mais do que nunca. Myron esperou pelo "mas".

Erik sorriu.

— Presumo que você já saiba da boa notícia.

— Sobre?

— Aimee. Na verdade, te devemos um enorme obrigado.

— Ela foi aceita em Duke.

— Ei, isso é ótimo!

— Ficamos sabendo há dois dias.

— Parabéns.

— Creio que a sua carta de recomendação foi o empurrãozinho final.

Myron disse "não", embora, provavelmente, isso fosse mais verdadeiro do que Erik imaginava. Não apenas escrevera a carta como também ligara para um de seus antigos colegas de time, que atualmente trabalhava no departamento de admissão de novos alunos.

— Falo sinceramente — Erik continuou. — A competição é acirrada para entrar nas melhores universidades. Tenho certeza de que a sua recomendação teve muito peso. Obrigado.

— Ela é uma boa menina. O prazer em ajudar foi meu. O jogo terminou. Erik levantou-se.

— Pronto?

— Acho que para mim chega por hoje — Myron disse.

— Dolorido?

— Um pouco.

— Estamos ficando velhos, Myron.

— Eu sei.

— Há mais dores e desconfortos agora. Myron meneou a cabeça.

— Para mim parece existir uma escolha quando sentimos dor — Erik disse, — Ou ficamos sentados, ou tentamos jogar, mesmo sentindo dor.

Erik correu para a quadra, e Myron se perguntou se ele ainda falava sobre basquete.

CAPÍTULO 9

De volta ao carro, o celular de Myron tornou a tocar. De novo, olhou para o visor. Nada.

— Alô?

— Você é um canalha, Myron.

— E. Entendi na primeira vez. Você tem algum texto novo ou vai repetir a frase original, sobre eu pagar pelo que fiz?

Clique.

Myron deu de ombros. Outrora, quando costumava desempenhar o papel de super-herói, fora um sujeito muito bem relacionado. Hora de verificar se continuava assim. Consultou a agenda, atrás do número de Gail Berruti, seu antigo contato na companhia telefónica.

As pessoas acham fantasioso como, na TV, detetives particulares conseguem registros telefónicos num estalar de dedos. Pois era mesmo facílimo. Todo detetive particular que se preze tem uma fonte na companhia telefónica. Pense na quantidade de pessoas que trabalham nessas empresas. Pense em quantas delas não se importariam de ganhar um dinheirinho extra. A taxa costumava ser de quinhentos dólares por conta, mas presumia que o preço subira nos últimos seis anos.

Berruti não estava— provavelmente de folga no fim de semana —, então deixou um recado.

— Essa é uma voz de seu passado — Myron começara. Pedira a Berruti para ligar de volta, com uma pista sobre o tal número da chamada anónima. Novamente tentara o celular de Aimee. A ligação caiu direto na caixa de mensagens. Chegando em casa, sentou-se ao computador e entrou num site de busca, atrás de informações sobre o número. Nada apareceu. Após uma chuveirada rápida, olhou os e-mails. Jeremy, seu mais-ou-menos filho, enviara uma mensagem além-mar.

Oi, Myron,

Só podemos dizer que estamos no Golfo Pérsico. Estou bem.

Minha mãe parece que está louca de preocupação. Ligue para ela, se puder. Ela ainda não entende. Meu pai também não, mas pelo menos ele finge que sim. Obrigado pelo pacote.

Nós adoramos receber coisas.

Preciso ir. Escrevo mais depois, mas é provável que eu fique fora de alcance durante um tempo. Telefone para a minha mãe, certo?

Jeremy

Myron leu outra vez, e outra vez, todavia as palavras não mudaram. O e-mail, como a maioria enviada por Jeremy, não falava nada. Não gostava daquela parte "fora de alcance". Por alguns minutos pensou sobre a paternidade, sobre como perdera tanto disso, na realidade, praticamente tudo, e sobre como esse rapaz, seu filho, encaixava-se em sua vida agora. Estava funcionando, pelo menos para Jeremy. Entretanto, era duro. O garoto era seu maior o-que- poderia-ter-sido, o maior se-ao-menos-eu-tivesse-sabido, e, na maior parte do tempo, isso doía muito.

Ainda com os olhos fixos na mensagem, Myron escutou o celular tocar. Chegou a resmungar algo, mas, desta vez, o identificador de chamadas o avisou tratar-se da divina sra. Ali Wilder.

Sorrindo, atendeu:

— Garanhão à disposição.

— Psiu. Imagine se fosse um dos meus filhos ligando.

— Eu falaria que era o vendedor de cavalos.

— Vendedor de cavalos?

— Sei lá como chamam quem vende cavalos.

— A que horas é o seu vôo?

— Às quatro.

— Você está ocupado?

— Por quê?

— As crianças estarão fora de casa durante a próxima hora.

— Uau.

— Exatamente o que pensei.

— Você está sugerindo uma transa caprichada?

— Caprichada?

— Levarei algum tempo para chegar aí.

— Hã-hã.

— E terá que ser rapidinha.

— Não é essa a sua especialidade?

— Golpe baixo.

— Brincadeirinha, Garanhão. Ele relinchou.

— E o cavalo dizendo: estou a caminho.

— Com capricho.

Porém, ao bater à porta, Erin atendeu.

— Oi, Myron.

— Oi — ele devolveu, tentando não soar desapontado. Logo atrás da filha, Ali

moveu os lábios: Sinto muito. Assim que Myron entrou, Erin subiu a escada correndo.

— Ela chegou tarde e não teve vontade de ir à aula de teatro — Ali explicou.

— Ah...

— Sinto muito.

— Não tem problema.

— Nós podíamos ir para um canto e dar uns amassos — ela sugeriu.

— Podemos ficar juntinhos?

— Claro que sim. Ele sorriu.

— Que foi?

— Eu só estava pensando.

— Em quê?

— Numa coisa que Esperanza disse ontem. Men tracht und Gott lacht.

— E alemão?

— Iídiche.

— O que significa?

— O homem planeja, Deus ri. Ali repetiu.

— Gosto disso.

— Eu também.

Myron a abraçou. Por sobre o ombro de Ali, viu Erin no topo da escada. A menina não estava sorrindo. Quando os olhos de ambos se encontraram, ele pensou em Aimee, sobre como a noite a tinha engolido por inteiro, e sobre a promessa que jurara cumprir.

CAPÍTULO 10

Myron ainda tinha algum tempo livre antes do vôo.

Resolveu tomar um café no centro da cidade. Mal-humorado, o barista que o atendeu se levantou do balcão como se pesasse uma tonelada quando foi lhe entregar a bebida.

A porta foi aberta com um arranco. O barista revirou os olhos quando eles entraram.

Havia seis hoje, arrastando-se como se atravessassem um campo de neve, cabeças baixas, tremores variados. Fungavam e tocavam as faces. Os quatro homens, barbados. As duas mulheres cheiravam a urina.

Todos tinham problemas mentais. De verdade. Passavam a maioria das noites na Essex Pines, uma clínica psiquiátrica na cidade vizinha. Por onde quer que perambulassem, o líder do grupo, Larry Kidwell, mantinha-se na frente. Na maioria dos dias, vagavam pela cidade. O povo de Livingston conhecia o bando como Os Loucos da Cidade. Myron, num arroubo de falta de caridade, pensava nos coitados como uma bizarra banda de rock: Lítio Larry e os Cinco Medicados.

Hoje o bando parecia menos apático que de costume, sinal de que estava na hora de tomar a próxima dose de medicação na Pines. Larry mostrava-se bastante agitado. Aproximou-se de Myron e acenou.

— Oi, Myron — falou, muito alto.

— E aí, Larry?

— 1487 planetas no dia da criação, Myron. 1487. E eu não vi um centavo. Você sabe do que eu estou falando?

— Estou escutando.

Larry Kidwell arrastou os pés para a frente. Cabelos compridos e oleosos escapuliam do chapéu estilo Indiana Jones. Rosto cheio de cicatrizes. A calça jeans, surrada, caída muito abaixo da cintura, revelava algumas reentrâncias.

Myron rumou para a porta.

— Vá com calma, Larry.

— Você também, Myron. — Ele estendeu a mão para Myron. O resto do grupo ficou subitamente imóvel, os olhos arregalados e brilhantes à custa de remédios fixos em Myron. Quando Myron lhe apertou a mão, Larry o puxou para perto. Seu hálito, naturalmente, fedia.

— O próximo planeta — Larry sussurrou — poderia ser o seu. Só o seu.

— É ótimo saber. Obrigado.

— Não! — Ainda um sussurro, embora mais áspero: — O planeta. E lua

serpenteante. Está aí fora para pegar você; você sabe o que estou dizendo?

— Acho que sim.

— Não ignore isso. — Larry o soltou, os olhos arregalados. Myron deu um passo para trás, a agitação do outro palpável.

— Está tudo bem, Larry.

— Preste atenção no que eu digo, cara. Ele socou a lua serpenteante. Você entende? Ele odeia tanto você que socou a lua serpenteante.

Os outros do bando eram completos estranhos, porém Myron conhecia a trágica história de Larry. Larry Kidwell estivera dois anos à sua frente no colégio. Fora tremendamente popular. Violonista incrível, fazia sucesso com as garotas, chegara até a namorar Beth Finkelstein, a gostosona da cidade, no último ano do ensino médio. Acabara send» o orador da turma. Fora para a Universidade de Yale, onde o pai estudara, e, em todos os aspectos, cursara um grande primeiro semestre.

Então tudo desmoronara.

O mais surpreendente, o que tornava tudo ainda mais triste, fora como acontecera. Não ocorrera nenhum evento traumático na vida de Larry. Nenhuma tragédia familiar. Nada de drogas, ou álcool, ou um namoro desastroso.

Diagnóstico médico: desequilíbrio químico.

Quem sabe como alguém desenvolve câncer? Fora a mesma coisa com Larry. Ele simplesmente tinha uma doença mental. Começara com um quadro leve de transtorno obsessivo-compulsivo, que se tornou mais grave e, então, apesar dos esforços, ninguém conseguiu deter sua derrocada.

No segundo ano, Larry estava pegando ratos em ratoeiras, para comê-los. Deixou de frequentar Yale. Depois vieram as tentativas de suicídio, as alucinações graves, problemas de toda ordem. Larry arrombou uma casa porque os "clyzets do planeta 326" estavam tentando fazer um ninho lá. A família se achava presente na hora da invasão.

Desde então, Larry Kidwell entrara e saíra de instituições psiquiátricas. Supostamente existem ocasiões em que recobra por completo a lucidez, e esses momentos são tão dolorosos, a compreensão do que se tornou é tão devastadora, que ele lacera o próprio rosto — daí as cicatrizes — e grita em agonia. Imediatamente o sedam.

— O.k. — Myron disse. — Obrigado pelo aviso.

Myron saiu do café e entrou na loja ao lado, a Lavanderia Chang. Maxine Chang se encontrava atrás do balcão e parecia, como sempre, exausta e sobrecarregada. Duas mulheres, aproximadamente da idade de Myron, conversavam perto do balcão. Falavam sobre filhos e a entrada em universidades. Aliás, era só sobre o que as pessoas falavam atualmente. A cada

abril, o mundo em Livingston girava em torno de admissões nas faculdades. As apostas, segundo os pais, não podiam ser mais altas. Essas semanas — quando envelopes grossos ou finos chegavam às caixas de correio — decidiriam quão felizes e bem-sucedidos seus rebentos seriam para o resto de suas vidas.

— Ted está na lista de espera da Universidade da Pensilvânia, mas já foi aceito na Lehigh — uma das mulheres comentou.

— Você acredita que o Chip Thompson conseguiu entrar na Universidade da Pensilvânia?

— O pai dele.

— O quê? Ah, o pai é ex-aluno, certo?

— Doou duzentos e cinquenta mil dólares.

— Eu deveria imaginar. O Chip tirava notas horríveis.

— Ouvi dizer que eles contrataram um profissional para escrever as dissertações dele.

— Eu deveria ter feito o mesmo para o Cole. E assim por diante.

Myron cumprimentou Maxine com um aceno de cabeça. Em geral Maxine Chang sempre o recebia com um grande sorriso. Não hoje. Ela gritou:

— Roger!

Roger Chang apareceu, saído dos fundos.

— Oi, Myron.

— E aí, Roger, tudo bem?

— Você queria as suas camisas empacotadas desta vez, não é?

— Isso.

— Volto já.

— Maxine — uma das mulheres indagou —, o Roger já teve resposta das universidades?

Maxine mal ergueu o olhar.

— Ele foi aceito pela Rutgers. Está na lista de espera das outras.

— Uau! Parabéns.

— Obrigada. — Todavia, ela não dava mostras de entusiasmo.

— Maxine, ele não será o primeiro da sua família a ir para a universidade? — A outra mulher perguntou, num tom que só teria soado mais condescendente caso estivesse fazendo agrados a um cachorro. — Que maravilhoso pra você.

Maxine escreveu a nota.

— Onde Roger está na lista de espera?

— Princeton e Duke.

Ouvindo o nome de sua universidade, Myron pensou novamente em Aimee. A conversa esquisita de Larry sobre planetas também lhe veio à cabeça. Não era do tipo de enxergar sinais de mau augúrio, porém tampouco gostava de desafiar os

deuses. Ponderou se deveria tentar o celular de Aimee outra vez, mas de que adiantaria? Por alguns minutos refletiu sobre a noite anterior, repassando os eventos mentalmente, perguntando-se como poderia ter agido diferente.

Roger — Myron esquecera que o garoto também estava concluindo o ensino médio — voltou e lhe entregou as camisas empacotadas. Myron pediu para colocá-las na conta e caminhou para a porta. Ainda tinha algum tempo antes do vôo.

Assim, dirigiu até a sepultura de Brenda.

O cemitério debruçava-se sobre o pátio de uma escola. Algo que ainda não conseguira superar. O sol brilhava com força, como brilhava sempre que ia ali, parecendo zombar de sua melancolia. Estava sozinho. Não havia nenhum outro visitante. Uma escavadeira abria um buraco nas proximidades. Myron permaneceu imóvel. Levantou a cabeça e deixou o sol se derramar sobre sua face. Ainda podia sentir isso — o sol no rosto. Brenda, não. E jamais tornaria a sentir.

Um simples pensamento, e pronto: lá vai você.

Brenda Slaughter tinha apenas 26 anos quando morreu. Se tivesse sobrevivido, completaria 34 anos dentro de duas semanas. Onde ela estaria agora se ele tivesse cumprido sua promessa? Estaria com ele?

Quando morreu, Brenda achava-se no meio da residência como médica pediatra. Uma mulher de um metro e noventa, deslumbrante, mulata, modelo. Quase começara a jogar basquete profissional, a cara e a imagem que lançariam a nova liga feminina. Ameaças foram feitas. Então Myron fora contratado pelo dono da liga para protegê-la.

Belo trabalho, campeão.

De pé, ele olhou para baixo, os punhos cerrados. Nunca conversava com Brenda quando ia ali. Não se sentava e tentava meditar, ou qualquer coisa do género. Não conjurava os momentos bons, ou a risada, ou a beleza, ou a extraordinária presença dela. Carros passavam zunindo. No pátio da escola imperava o silêncio. Nenhuma criança brincando. Myron não se mexeu.

Já quase não se lembrava do rosto de Brenda. O único beijo que haviam trocado... quando o evocava, sabia tratar-se mais de imaginação do que lembrança. Esse era o problema. Brenda Slaughter estava lhe escapando. Logo seria como se nunca tivesse existido. Assim, Myron não ia ali em busca de conforto ou para prestar seus respeitos, mas porque ainda precisava se afligir, precisava que as feridas permanecessem abertas. Ainda queria sentir-se ultrajado, porque seguir em frente — sentir-se em paz com o que acontecera a ela — seria imoral demais.

A vida continua. É uma coisa boa, certo? O ultraje bruxuleia e lentamente se

apaga. As feridas cicatrizam. Porém, quando você deixa isso acontecer, sua alma também morre um pouco.

Myron ficou lá, de pé, e cerrou os punhos até que tremessem. Pensou sobre o dia ensolarado em que a tinham enterrado — e a maneira horrenda como a tinha vingado. Ele conjurou o ultraje, que o inundou com vigor. Seus joelhos se vergaram. Embora vacilasse, manteve-se ereto.

Cometera erros em relação a Brenda. Quisera protegê-la. Pressionara demais. E ela acabara morta.

Myron fitou a sepultura. O sol ainda brilhava, quente, porém um calafrio o percorreu. Imaginou por que escolhera aquele dia, dentre todos os dias, para visitá-la. E então pensou em Aimee, em pressionar demais, em querer proteger. Com mais um calafrio, pensou — não, temeu — que talvez, de algum modo, deixara que tudo isso tornasse a acontecer.

CAPÍTULO 11

De pé, próxima à pia da cozinha, Claire Biel encarou o estranho que chamava de marido. Erik comia um sanduíche cuidadosamente, a gravata impecável, o jornal perfeitamente dobrado. Ele mastigava devagar. Usava abotoaduras. A camisa engomada. Ele gostava de tudo engomado. Bem passado. No armário, os ternos ficavam precisamente dependurados a dez centímetros uns dos outros. Ele não media para manter essa distância. Simplesmente acontecia. Os sapatos, sempre engraxados, alinhados como num desfile militar.

Quem era esse homem?

As duas filhas mais jovens, Jane e Lizzie, devoravam sanduíches de pasta de amendoim e geléia. Tagarelavam com a boca cheia. Faziam barulho. Derramavam um pouco do leite. Erik continuava lendo. Jane pediu licença para se levantarem. Claire consentiu. As duas voaram para a porta.

— Parem — Claire disse. Ambas se detiveram.

— Pratos na pia.

As meninas suspiraram e reviraram os olhos — embora tivessem apenas nove e dez anos, haviam aprendido com a melhor, a irmã mais velha. Voltaram como se atravessassem um campo coberto de neve espessa, pegaram os pratos como se pesassem uma tonelada e os depositaram na pia.

— Obrigada — Claire falou.

As duas sumiram de vista. A copa silenciou-se. Erik mastigava quietamente.

— Tem mais café?

Claire o serviu. Ele cruzou as pernas, com cuidado para não amarrotar a calça. Estavam casados havia dezenove anos, porém a paixão se desvanecera em menos de dois. Agora procuravam manter a cabeça acima da água e o vinham fazendo há tanto tempo que não mais parecia assim tão difícil. Dizer que o tempo passa depressa é o cliché mais velho do mundo, porém verdadeiro. Não parecia que a paixão acabara há tanto tempo assim. Às vezes, como neste instante, podia olhar para ele e lembrar-se de uma época em que bastava vê-lo para perder o fôlego.

Ainda sem erguer os olhos, Erik perguntou:

— Você teve notícias da Aimee?

— Não.

Ele estendeu o braço, arregaçou a manga da camisa, consultou o relógio, arqueou a sobrancelha.

— São duas horas da tarde.

— Provavelmente ela acabou de acordar.

— Nós poderíamos telefonar. Erik não se moveu.

— Por nós — Claire disse —, você quer dizer eu?

— Eu posso ligar, se você quiser.

Claire telefonou para a filha. Aimee ganhara o celular no ano anterior. A garota lhes mostrara um anúncio segundo o qual era possível adquirir uma terceira linha por apenas dez dólares mensais. Erik permanecera irredutível. Mas Aimee choramingara. Todo mundo — todas as suas amigas! — tinha um aparelho, um argumento que sempre, sempre levava Erik a retrucar: "Não somos todo mundo, Aimee".

Entretanto, Aimee estivera pronta para contra-atacar. Rapidamente mudara de tática, apelando para as emoções paternais mais profundas e o desejo de proteger: "Se eu tivesse o meu próprio telefone, poderia estar sempre em contato. Vocês poderiam saber onde estou 24 horas por dia, sete dias por semana. E se algum dia houvesse uma emergência...".

Aquilo encerrara o assunto. As mães compreendem esse altruísmo básico: a pressão do sexo e de seus pares pode convencer, mas nada é mais convincente que o medo.

A ligação caiu na caixa de mensagens. A voz animada de Aimee — ela gravara a saudação quase imediatamente após ganhar o celular. — instruiu Claire a deixar um recado. O som da voz da filha, tão familiar, a angustiou, apesar de não saber exatamente por quê.

Logo após o bipe, Claire falou: — Oi, querida, é a mamãe. Ligue para mim, o.k.?

E desligou.

Erik ainda lia o jornal.

— Ela não atendeu?

— Puxa, como você adivinhou? Seria porque eu pedi para a Aimee me telefonar?

Ele franziu o cenho diante do sarcasmo.

— Provavelmente a bateria acabou — sugeriu.

— Provavelmente.

— Ela sempre se esquece de recarregar o aparelho. — Erik meneou a cabeça. — Na casa de quem ela dormiu? Da Steffí?

— Stacy.

— Certo. Talvez devêssemos ligar para a Stacy.

— Por quê?

— Porque quero a Aimee em casa. Ela tem aquele projeto para terminar até quinta-feira.

— Hoje é domingo. A menina acabou de ser aceita na universidade.

— Então você acha que ela deveria reduzir o ritmo agora? Claire lhe entregou o telefone.

— Ligue você.

— Tudo bem.

Erik apertou as teclas e levou o fone ao ouvido. Claire escutou as filhas mais novas rindo. Então uma gritou: "Não fui eu!". Quando a ligação foi atendida, Erik pigarreou.

— Boa tarde, quem fala é Erik Biel. Pai de Aimee Biel. Eu gostaria de saber se ela está no momento.

A expressão de seu rosto não mudou. Sua voz não mudou. Mas Claire o viu apertar o telefone com força e sentiu algo dentro do peito desabar.

CAPÍTULO 12

Miyron tinha duas opiniões semicontraditórias sobre Miami. Primeira: o clima era tão maravilhoso que deveria se mudar para lá. Segunda: o sol — havia sol demais naquelas bandas. Tudo claro demais. Já no aeroporto descobriu-se semicerrando os olhos.

Isso não era problema para seus pais, os amados Ellen e Al Bolitar, que usavam aqueles óculos escuros enormes, que mais pareciam óculos de soldador, embora sem o estilo. Ambos o aguardavam no aeroporto. Myron lhes dissera para não irem esperá-lo, falara que tomaria um táxi, porém seu pai insistira. "Não vou sempre buscá-lo no aeroporto? Lembra-se de quando você voltou de Chicago, depois daquela nevasca?".

— Isso foi dezoito anos atrás, pai.

— E daí? Você acha que esqueci o caminho?

— E foi no aeroporto de Newark.

— Dezoito minutos, Myron. Os olhos de Myron se fecharam.

— Eu me lembro.

— Exatamente dezoito minutos.

— Eu me lembro, pai.

— O tempo que gastei de casa até o Terminal A, no aeroporto de Newark. Eu costumava cronometrar, está lembrado?

— Sim, eu me lembro.

Portanto, ali estavam seus pais no aeroporto, com seus bronzeados escuros e manchas senis recentes. Quando Myron desceu a escada rolante, sua mãe correu e o envolveu nos braços como se o filho estivesse voltando da guerra. O pai permaneceu alguns passos atrás, um sorriso de satisfação nos lábios. Myron retribuiu o abraço.

Sua mãe parecia menor. Era assim ali no Sul. Seus pais murchavam e ficavam menores e mais escuros, como cabeças gigantes enrugadas. Ellen disse:

— Vamos pegar a sua bagagem.

— Já está comigo.

— Só isso? Só uma mala?

— Vou passar apenas uma noite aqui.

— Ainda assim.

Myrou observou o rosto dela, verificou as mãos. Ao notar os tremores mais pronunciados, sentiu um aperto no coração.

— O que foi? — Ela perguntou.

— Nada.

Ela meneou a cabeça.

— Você sempre foi péssimo mentiroso. Lembra aquela vez em que peguei você e a Tina Ventura e você falou que não estava acontecendo nada? Você acha que eu não sabia?

— Primeiro ano do ensino médio. Pergunte a mamãe e papai o que fizeram ontem, e não vão se lembrar. Pergunte-lhes qualquer coisa de sua juventude, e é como se assistissem aos vídeos gravados todas as noites.

Ele ergueu as mãos, fingindo render-se.

— Você me pegou.

— Não tente ser espertinho. O que me lembra de algo.

Ao se aproximar do pai, Myron o beijou nas faces, como sempre fizera. E nunca deixaria de fazê-lo. A pele parecia flácida. O aroma da colónia Old Spice continuava presente, embora mais fraco que de hábito. Havia algo mais ali, algum outro cheiro, e Myron pensou ser o cheiro da velhice. Eles rumaram para o carro.

— Adivinha quem eu vi outro dia? — Mamãe indagou.

— Quem?

— A Dotte Derrick. Lembra-se dela?

— Não.

— Claro que lembra. Ela tinha aquela coisa, como é que chama mesmo, no quintal.

— Ah, certo. Ela. Com aquela coisa.

— Não fazia ideia do que sua mãe estava falando, mas assim era mais fácil.

— Bem, de qualquer modo, vi a Dotte outro dia e começamos a conversar. Ela e o Bob se mudaram pra cá faz quatro anos. Têm uma casa num condomínio em Fort Lauderdale, mas, Myron, num estado precário. O lugar não tem nenhuma manutenção. Al, qual é o nome do condomínio da Dotte? Vista Raio de Sol, algo assim, não é?

— Que diferença faz? — Papai respondeu.

— Obrigada, sr. Prestativo. De qualquer maneira, é onde a Dotte mora. E é um lugar horroroso. Decrépito. Al, o lugar onde a Dotte mora não está caindo aos pedaços?

— Seja objetiva, El... Vá direto ao ponto.

— Estou chegando lá. Estou chegando lá. Onde eu estava, mesmo?

— Em Dotte alguma-coisa — Myron respondeu.

— Dotte Derrick. Você se lembra dela, não é?

— Muito bem — Myron afirmou.

— Certo, bom. De qualquer modo, a Dotte ainda tem primos lá no Norte. Os Levine. Você se lembra deles? Esqueça, você não tem motivo para se lembrar.

De qualquer modo, uma das suas primas mora em Kasselton. Você conhece Kasselton, não é? Você costumava jogar contra o time de lá quando estava no colégio...

— Eu conheço Kasselton.

— Não seja mordaz.

— Papai ergueu os braços para o céu.

— Ao ponto, El. Vá direto ao ponto.

— Certo, desculpe. Tem razão. Quando você tem razão, você tem razão. Então, pra encurtar a história...

— Não, El, você nunca conseguiu encurtar uma história — Papai observou. — Você já transformou muitas histórias curtas em longas. Mas nunca, jamais, encurtou uma história.

— Posso falar, Al?

— Como se alguém fosse capaz de impedi-la. Como se uma arma ou um exército pudessem detê-la.

Myron não pôde evitar um sorriso. Senhoras e senhores, eis Ellen e Alan Bolitar. Ou, como mamãe gosta de dizer: "Somos El- Al. Como aquela companhia aérea israelense, sabe?".

— Então, de qualquer modo, eu estava conversando com a Dotte sobre isso e aquilo. Sabe, o habitual. Os Ruskin se mudaram da cidade. A Gertie Schwartz teve pedras na vesícula. A Antonietta Vitale, tão bonita, casou com um milionário de Montclair. Esse tipo de coisa. E então a Dotte me contou... a propósito, a Dotte me contou, não você... a Dotte disse que você está namorando. Myron fechou os olhos.

— É verdade?

— Ele não falou nada.

— Ela disse que você está namorando uma viúva com seis filhos.

— Dois filhos — Myron a corrigiu. Mamãe parou e sorriu.

— Que foi?

— Peguei você.

— Hum?

— Se eu tivesse dito dois filhos, você poderia ter simplesmente negado. Mas eu sabia que, se dissesse seis, você reagiria. Portanto, peguei você.

Myron olhou para o pai. Este deu de ombros.

— Sua mãe tem visto muitos episódios de Matlock ultimamente.

— Filhos, Myron? Você está namorando uma mulher com filhos?

— Mãe, vou falar o mais delicadamente possível: dá um tempo.

— Escute, sr. Engraçadinho. Quando há crianças envolvidas, não se pode simplesmente levar a coisa na brincadeira. É preciso pensar na repercussão sobre

elas. Você entende o que estou dizendo?

— Você entende o significado de "dá um tempo"?

— Ótimo, faça como quiser. — Agora foi ela quem fingiu render-se. Tal mãe, tal filho. — Que me importa?

Eles continuaram caminhando — Myron no meio, papai à direita, mamãe à esquerda. Era sempre assim que andavam. O passo, um pouco mais vagaroso agora. Isso não o incomodava muito. Estava mais do que disposto a desacelerar para que os dois pudessem acompanhá-lo.

Dirigiram até o condomínio e estacionaram na vaga designada. Mamãe, propositadamente, tomou o caminho mais longo, ao redor (Nota: Antigo seriado de sucesso na TV, protagonizado por um advogado, Ben Matlock) da piscina, para apresentar Myron a uma verdadeira legião de moradores. Mamãe não parava de dizer: "Você se lembra do meu filho?". Myron fingia se lembrar de cada um deles. Algumas das mulheres, muitas de setenta e tantos anos, tinham corpos bem em forma.

Conforme haviam aconselhado Dustin Hoffnan em A primeira noite de um homem, "plástico". Só que de um tipo diferente. Myron não tinha nada contra cirurgia plástica, porém, após certa idade, estivesse discriminando ou não, a coisa lhe dava arrepios.

Também no condomínio a claridade era excessiva. Imagina-se que ao envelhecer as pessoas prefiram menos claridade, mas não. Na realidade, seus pais ficaram com seus óculos-máscara apenas durante os primeiros cinco minutos. Mamãe lhe perguntou se estava com fome. Era esperto o bastante para responder que sim. Ela já havia encomendado sanduíches substanciosos — a comida de mamãe seria considerada desumana nas prisões — de um lugar chamado Tonys, "igualzinho ao velho Eppes Essens" lá de casa.

Eles comeram e conversaram, mamãe tentando tirar pedacinhos de repolho agarrados nos cantos da boca de papai, mas suas mãos tremiam muito. Myron fitou o pai. O Parkinson dela estava piorando, todavia eles se recusavam a falar sobre o assunto com Myron.

Ambos estavam envelhecendo. Papai tinha um marcapasso. Mamãe sofria do mal de Parkinson. Mas o principal dever consistia em proteger o filho de tudo aquilo.

— Quando você tem que sair para a sua reunião? — Mamãe perguntou.

Myron consultou o relógio.

— Agora.

Despediram-se, novamente o mesmo ritual de beijos e abraços. Ao se afastar Myron sentiu-se como se os estivesse abandonando, como se eles fossem manter o inimigo a distância sozinhos enquanto ele rumava para a segurança. Assistir ao

envelhecimento dos pais é uma droga. Mas como Esperanza, que perdera os pais muito jovem, frequentemente frisava, é melhor assim.

No elevador, Myron verificou o celular. Aimee ainda não retornara às suas chamadas. Tentou o número outra vez e não se surpreendeu quando a ligação caiu direto na caixa de mensagens.

Chega pensou. Telefonaria para a casa da menina para ver o que estava acontecendo.

A voz de Aimee ecoou em sua mente: Você prometeu...

Ligou para a casa dos Biel. Claire atendeu.

— Alô?

— Oi, é Myron.

— Oi.

— Como vão as coisas?

— Sem muita novidade — Claire respondeu.

— Vi o Eric hoje de manhã — caramba, seria ainda o mesmo dia? —, e ele me contou que a Aimee foi aceita na Duke. Queria dar os parabéns.

— E, obrigada.

— Ela está em casa?

— Não, não no momento.

— Posso ligar mais tarde?

— Sim, claro.

Myron mudou de abordagem.

— Está tudo bem? Você parece um pouco perturbada. Estava à beira de dizer mais, porém as palavras de Aimee —

— Você prometeu que não contaria aos meus pais — tornaram a pairar no ar.

—Tudo bem, acho — Claire falou. — Escute, preciso desligar. Obrigada por escrever aquela carta de recomendação.

— Não foi nada.

— Foi muito. Os alunos classificados em quarto e sétimo lugares na sala dela se candidataram a uma vaga na Duke e não conseguiram entrar. Você fez a diferença.

— Duvido. Aimee é ótima candidata.

— Talvez. De qualquer modo, obrigada. Alguns resmungos no fundo. Parecia Erik.

Novamente a voz de Aimee: As coisas não andam muito bem entre os dois. Myron pensava em algo para dizer, uma pergunta, talvez, quando Claire desligou.

Loren Muse assumira a investigação de um caso recente de homicídio — homicídio duplo, na realidade. Dois homens baleados na porta de uma boate em

East Orange. Os rumores davam conta de que fora serviço de um notório assassino de aluguel, John "O Fantasma" Asselta, nascido e criado na área. Asselta estivera calmo durante os últimos anos. Se voltara à ativa, teriam muito trabalho pela frente.

Loren estava revendo o relatório balístico quando sua linha privada tocou.

— Muse.

— Adivinha quem é? Ela sorriu.

— Lance Banner, seu velhaco. E você?

— Sim, sou eu.

Banner era oficial de polícia em Livingston, Nova Jersey, lugar onde ambos haviam crescido.

— E a que devo o prazer do seu telefonema?

— Você ainda está investigando o desaparecimento de Katie Rochester?

— Na verdade, não.

— Por que não?

— Por dois motivos. Primeiro, porque não há prova de violência. Segundo, Katie Rochester tem dezoito anos.

— Recém-completados.

— Aos olhos da lei, dezoito é o mesmo que oitenta. Portanto, oficialmente, não há sequer uma investigação em curso.

— E extra-oficialmente?

— Falei com uma médica, Edna Skylar. — Muse contou a história de Edna, usando praticamente as mesmas palavras de quando relatara a entrevista a seu chefe, Ed Steinberg, promotor público. Steinberg ficara em silêncio durante um longo tempo antes de concluir, como» esperado: "Não temos recursos para ir atrás de um, talvez".

Ao terminar, Banner indagou:

— Como o caso chegou às suas mãos?

— Como disse, não há realmente um caso. A garota é maior de idade, não existem sinais de violência, você conhece o procedimento. Então, ninguém foi designado para a investigação. De qualquer modo, a jurisdição é questionável. Mas o pai da menina, Dominick, está fazendo muito barulho com a imprensa, você provavelmente já viu, e ele conhece alguém, que conhece alguém, que levou a história para o Steinberg...

— E a coisa acabou nas suas mãos.

— Certo. E a palavra-chave é acabou. Passado.

— Você tem dez minutos livres? — Banner perguntou.

—Você escutou algo sobre o homicídio duplo em East Orange?

— Sim.

— Estou à frente da investigação.

— Era o que eu tinha imaginado. E é por isso que estou lhe pedindo só dez minutos.

— É importante?

— Digamos que seja... — Banner se calou, buscando as palavras — ... muito estranho.

— E envolve o desaparecimento de Katie Rochester?

— Dez minutos no máximo, Loren. É só o que estou pedindo. Caramba, cinco minutos.

Ela consultou o relógio.

— Quando?

— Estou no saguão do seu prédio agora. Pode arranjar uma sala para nós?

— Por cinco minutos? Puxa, a sua esposa não estava brincando sobre o seu fôlego na cama.

— Vá sonhando, Muse. Ouviu aquela campainha? Estou entrando no elevador. Prepare a sala.

Lance Banner, investigador de polícia de Livingston, tinha um corte de cabelo militar. Grande, de feições e físico que lembravam ângulos retos. Loren o conhecia desde o curso primário e ainda não conseguira tirar essa imagem da cabeça, de como ele era no passado.

É assim com crianças com quem crescemos juntos. Sempre as enxergamos como se estivessem no segundo ano.

Loren o observou hesitar ao entrar, incerto sobre como cumprimentá-la — um beijo no rosto, um aperto de mãos mais profissional. Tomando a iniciativa, ela o beijou na face. Achavam-se agora numa sala de interrogatório. Banner estendeu as mãos à frente enquanto se sentava.

— Talvez você devesse ler os meus direitos — brincou.

— Vou esperar até ter o suficiente para efetuar a prisão. Então, o que você sabe sobre Katie Rochester?

— Sem tempo para bate-papo, hein? Ela apenas o encarou.

— O.k., o.k., vamos direto ao assunto. Você conhece uma mulher chamada Claire Biel?

— Não.

— Moradora de Livingston. Talvez se chamasse Claire Garman quando éramos crianças.

— Continuo desconhecendo.

— Bem, de qualquer maneira, era mais velha do que nós. Quatro, cinco anos, provavelmente. — Banner deu de ombros. — Eu estava apenas me certificando.

— Ha-ha. Faça-me um favor, Lance. Finja que sou a sua esposa e pule as

preliminares.

— Certo. Vamos lá. Claire Biel me telefonou hoje de manhã. A filha dela saiu ontem à noite e não voltou pra casa.

— Quantos anos tem a menina?

— Acabou de completar dezoito.

— Algum sinal de crime?

Alguma hesitação, como se Banner travasse um debate interior.

— Ainda não.

— E então?

— Normalmente aguardamos um pouco. Como você falou ao telefone: mais de dezoito anos, nenhum sinal de violência.

— Como o caso de Katie Rochester.

— Certo.

— Mas?

— Conheço um pouco os pais. Claire foi colega de escola do meu irmão mais velho. Eles moram na vizinhança. Estão preocupados, claro. Mas, diante dos fatos, seria natural imaginar que a garota estaria simplesmente aprontando por aí. Ela foi aceita na Duke. A primeira opção dela. Então, pode ter saído para festejar com os amigos. Você sabe o que estou dizendo.

— Sim.

— Porém supus que não faria mal levantar algumas informações. Assim, comecei pelo mais fácil. Só pra tranquilizar os pais de que a garota... a propósito, o nome é Aimee... estava bem.

— O que você fez?

— Pesquisei o número do cartão de crédito, para verificar se Aimee o tinha usado ou feito algum saque.

— E?

— Ela retirou mil dólares num caixa eletrônico às duas horas da manhã.

— Você obteve o vídeo do banco?

— Sim.

Loren sabia que isso era possível em segundos agora. Os vídeos são digitais e podem ser enviados por e-mail e baixados quase instantaneamente.

— Era Aimee, sem dúvida. A garota não tentou esconder o rosto nem nada.

— E então?

— Você está pensando que se trata de uma fugitiva, certo?

— Certo.

— Parece óbvio — Banner prosseguiu. — A menina sacou o dinheiro e está se divertindo, ou qualquer coisa assim. Aproveitando o fim do seu último ano de colégio.

— Vamos, Lance. Qual é o problema?

— Katie Rochester.

— Por que Katie fez o mesmo? Usou um cartão de crédito antes de desaparecer?

Ele fez um movimento com a cabeça para a frente e para trás, num gesto de talvez sim, talvez não, os olhos ainda fixos num ponto distante.

— Não é que Aimee tenha feito o mesmo que Katie. É que ela fez exatamente a mesma coisa.

— Não estou entendendo.

— O caixa eletrônico que Aimee Biel usou fica em Manhattan, mais especificamente — ele falava mais devagar agora — o caixa do Citibank na Rua 52 com a Sexta Avenida.

Loren sentiu o arrepio começar na base da nuca e continuar espinha abaixo.

— É o mesmo caixa eletrônico usado por Katie Rochester, certo? A investigadora assentiu. Então, falou algo realmente idiota.

— Poderia ser uma coincidência.

— Poderia — Banner concordou.

— Você levantou mais alguma coisa?

— Só estamos começando, mas verificamos os registros do celular dela.

— E?

— Ela fez uma ligação logo após sacar o dinheiro.

— Para quem?

Lance Banner se recostou na cadeira e cruzou as pernas.

— Você se lembra de um cara uns poucos anos à nossa frente no colégio? O grande astro do basquete chamado Myron Bolitar?

CAPÍTULO 13

Em Miami, Myron jantou com um novo cliente, o ator Rex Storton, num restaurante enorme que Rex escolhera pelo grande fluxo de gente que o lugar atraía. O restaurante era uma franquia do tipo fast-food, dessas universais e pavorosas.

Storton, outrora um grande astro, agora já um tanto envelhecido, estava à procura de um papel numa produção cinematográfica independente que o resgatasse dos teatros de segunda categoria e o conduzisse de volta ao alto escalão de Los Angeles. Rex resplandecia numa camisa pólo cor-de-rosa, com o colarinho levantado, combinada com calça branca — algo com que um homem de sua idade simplesmente não deveria se meter — e usava uma brilhante peruca grisalha, que parecia bem mais natural quando você não se sentava diante dele.

Durante anos Myron empresariara apenas atletas profissionais. Quando um de seus jogadores de basquete quis mudar de carreira e fazer cinema, Myron passou a conhecer atores. Um novo ramo do negócio se estabeleceu, e agora ele lidava, quase exclusivamente, com os clientes de Hollywood. A administração da área esportiva estava a cargo de Esperanza.

Era estranho. Por ter sido atleta profissional, seria de esperar que se relacionasse melhor com aqueles numa profissão similar. Engano. Gostava mais de atores. A maioria dos atletas é selecionada precocemente e elevada ao status de deus logo de início. Atletas formam a panelinha mais popular do colégio. São convidados para todas as festas. Ficam com todas as garotas gostosas. Adultos os adulam. Professores fazem vista grossa.

Atores são diferentes. Muitos tinham começado no lado oposto do espectro. Desportistas dominam na maioria das cidades. Atores foram, muitas vezes, aqueles garotos que não conseguiam entrar no time e procuravam outras atividades. Frequentemente miúdos — por acaso você já viu atores na vida real e notou quão baixinhos ou descoordenados. Assim, voltam-se para a atuação. Mais tarde, ao alcançarem o estrelato, não estão acostumados a esse tipo de tratamento. São surpreendidos. De alguma maneira, são mais agradecidos. Em muitos casos — não em todos —, acabam sendo mais humildes do que seus equivalentes atléticos.

Naturalmente, há outros fatores. Dizem que atores sobem ao palco para preencher um vazio que apenas os aplausos podem preencher. Ainda se fosse verdade, isso os tornaria mais ansiosos para agradar. Enquanto atletas estão acostumados a ter pessoas obedecendo a seus comandos, o que os leva a acreditar ser essa a obrigação alheia, atores chegam a tal patamar saídos de uma

posição de insegurança. Atletas precisam vencer. Precisam derrotar o oponente. Atores precisam apenas de seu aplauso e, por conseguinte, de aprovação.

O que os torna criaturas mais fáceis de lidar.

Novamente, trata-se de uma generalização. Afinal, Myron era atleta e não se considerava difícil. Porém, como na maior parte das generalizações, há algo de verdade nisso.

Ele contou a Rex sobre o papel na produção independente, citando o roteiro ao pé da letra: "Um velho travesti, ladrão de carros, mas de grande coração". Rex assentiu, os olhos esquadrinhando o salão o tempo todo, como se estivesse numa festa e esperasse alguém mais importante aparecer. A entrada era o alvo principal de seu olhar. Era assim com atores. Myron havia empresariado um ator mundialmente famoso por detestar a imprensa. O sujeito tinha brigado com fotógrafos. Processado jornais e revistas. Exigia privacidade.

Entretanto, sempre que Myron jantava com ele, o tal ator escolhia uma mesa no centro do restaurante, de frente para a porta, e, quando alguém entrava, fazia questão de erguer a cabeça, apenas por um instante, para se certificar de que seria reconhecido.

Ainda com o olhar inquieto, Rex indagou:

— É, é, entendi. Terei de usar vestido?

— Em algumas cenas, sim.

— Já fiz isso antes.

Myron arqueou uma sobrancelha.

— Quero dizer, profissionalmente. Não banque o sabichão. A coisa foi de bom gosto. O vestido tem que ser de bom gosto.

— Então, nenhum problema com um decote vertiginoso?

— Muito engraçadinho, Myron. Você é uma piada. A propósito, terei que fazer um teste? - Sim.

— Caramba, já participei de oitenta filmes.

— Eu sei, Rex.

— O diretor não pode dar uma olhada num deles? Myron deu de ombros.

— Foi o que ele disse.

— Você gosta do roteiro?

— Sim, Rex.

— Quantos anos tem o diretor?

— 22.

— Meu Deus, eu já estava fora de moda quando ele nasceu.

— Eles vão pagar a sua viagem a Los Angeles.

— Primeira classe?

— Económica, mas acho que posso conseguir que você voe na executiva.

—A quem estou querendo enganar? Eu me sentaria na asa usando apenas meu cinto se o papel fosse bom.

— Esse é o espírito do negócio.

Mãe e filha se aproximaram e pediram um autógrafo a Rex. Ele abriu um grande sorriso e estufou o peito. Olhando para a mãe, perguntou:

— Vocês são irmãs?

A mulher sorria ao se afastar.

— Outra freguesa feliz — Myron comentou.

— Meu objetivo é agradar.

Uma loira gostosa apareceu em busca de autógrafo. Rex a beijou um pouco vigorosamente demais.

Depois que ela se afastou requebrando, ele mostrou um pedaço de papel.

— Veja.

— O que é?

— O telefone dela.

— Ótimo.

— Vou falar o quê, Myron? Adoro mulheres. Myron olhou para cima e à sua direita.

— Que foi?

— Estou só pensando como seu acordo pré-nupcial vai aguentar.

— Muito engraçado.

Os dois comeram frango. Ou talvez fosse carne de vaca, ou camarão. Quando a fritura é muita, tudo tem o mesmo gosto. Sentindo o olhar de Rex sobre si, Myron indagou:

— O que é?

— É um pouco duro admitir, mas só me sinto vivo quando estou sob os holofotes. Tive três esposas e quatro filhos. Amo todos eles. Desfrutei de cada instante junto deles. Mas o único momento em que sou eu mesmo é quando estou sob a luz dos flashes.

Myron nada respondeu.

— Soa patético aos seus ouvidos? Myron encolheu os ombros.

— E quer saber mais?

— O quê?

— Do fundo do coração, acho que a maioria das pessoas é assim. Elas anseiam pela fama. Querem ser reconhecidas e paradas na rua. Dizem que esse comportamento é uma novidade, consequência dessa bobagem dos reality shows na TV. Mas eu acho que sempre foi assim.

Myron contemplou sua comida deplorável.

— Você concorda?

— Não sei, Rex.

— No meu caso, a luz dos refletores foi ficando opaca, você entende o que estou dizendo? Enfraqueceu aos pouquinhos. Tive sorte. Conheci gente que teve apenas os seus quinze minutos de fama. Caramba, esses nunca estão felizes. Jamais voltarão a ser felizes. Mas, no meu caso, como a perda do brilho foi gradual, pude me acostumar. É horrível dizer, mas é a verdade. E mesmo agora, com mais de setenta anos, ainda sonho em abrir caminho de volta à luz mais brilhante dos refletores. Você compreende o que estou falando?

— Sim. É por isso que eu te adoro.

— Por quê?

— Você é honesto a esse respeito. A maioria dos atores me diz que está nisso só pelo trabalho.

Rex deixou escapar um murmúrio zombeteiro.

— Besteira. Mas não é culpa deles. A fama é uma droga. A mais potente. Você fica viciado e não admite isso. — Rex sorriu daquele jeito que costumava derreter o coração das garotas. — E você, Myron?

— Eu?

— Como falei, existe esse refletor. Pra mim, a luz enfraqueceu lentamente. Mas pra você, o melhor jogador de basquete universitário do país, rumo a uma grande carreira como profissional...

Myron aguardou.

— ... e, então, zás — Rex estalou os dedos —, luzes apagadas. Quando você tinha o quê? Pouco mais de vinte anos?

— 22.

— Como você lidou com a coisa? E eu também te adoro, garoto. Portanto, diga-me a verdade.

Myron cruzou as pernas, sentindo-se enrubescer.

— Você está gostando do seu novo show?

— Aquele em teatros-restaurante?

— Sim.

— É uma porcaria. Pior do que tirar a roupa na rodovia 17 em Lodi, Nova Jersey.

— E você sabe disso por experiência própria?

— Pare de tentar mudar de assunto. Como você lidou com a coisa?

— A maioria das pessoas diria que lidei com o acontecido espantosamente bem.

Rex ergueu as mãos para o alto, como se dissesse: "Ah, faça-me o favor...".

— O quê, exatamente, você quer saber? Rex refletiu durante alguns segundos.

— O que você fez primeiro?

— Depois da contusão?

— Sim.

— Fisioterapia. Muita fisioterapia.

— E quando se deu conta de que os seus dias no basquete estavam acabados...?

— Voltei para a faculdade de direito.

— Onde?

— Harvard.

— Bastante impressionante. Então você voltou para a faculdade de direito. E depois?

— Você sabe, Rex. Eu me formei, abri uma agência de esportes, que cresceu e ampliou os seus serviços, tanto que agora empresariamos atores e escritores também.

— Myron?

— O quê?

— Pedi a verdade.

Myron levou uma garfada à boca, mastigou lentamente.

— As luzes simplesmente não se apagaram, Rex. Houve interrupção total de energia. Um blecaute vitalício.

— Sei disso.

— Portanto, precisava seguir em frente.

— E?

— É só.

Rex meneou a cabeça, sorriu.

— O quê?

— Na próxima vez — disse Rex, apanhando o garfo —, você me contará na próxima vez.

— Você é um chato.

— Mas você me adora, lembra?

Ao terminar o jantar e a bebida já era tarde. Bebeu duas noites seguidas. Myron Bolitar, o beberrão das estrelas. Depois de se certificar de que Rex chegara em segurança em casa, rumou para o condomínio dos pais. Tinha a chave. Entrou em silêncio para não os acordar, mesmo sabendo ser tolice.

A TV estava ligada. Seu pai, sentado na sala de estar. Ao ouvilo, papai fingiu ter acabado de acordar. Mas não. Papai sempre ficava acordado até Myron voltar para casa. Não importava a hora. Não importava que Myron estava agora na quarta década de vida.

Myron parou atrás da cadeira de Alan. Este se virou e sorriu, aquele sorriso reservado apenas para Myron, o sorriso que dizia ser o filho a criação única e

mais notável aos olhos desse homem.

— Divertiu-se?

— Rex é um cara muito legal — Myron respondeu.

— Eu gostava dos filmes dele. — Seu pai meneou a cabeça repetidas vezes. Vezes demais. — Sente-se um pouco.

— O que é que há?

— Sente aqui.

Ele se sentou. Cruzou as mãos sobre o colo, como se tivesse oito anos.

— É sobre a mamãe?

— Não.

— O Parkinson está ficando pior.

— É assim com Parkinson, Myron. Piora.

— Existe alguma coisa que eu possa fazer?

— Não.

— Acho que, pelo menos, eu deveria dizer algo.

— Não. É melhor não. E o que você diria que a sua mãe já não saiba?

Agora foi Myron quem assentiu vezes demais.

— Então, sobre o que você quer falar?

— Nada. Quero dizer, a sua mãe quer que nós dois tenhamos uma conversa franca.

— Sobre o quê?

— Sobre a edição de hoje do New York Times.

— Como é que é?

— Sobre uma nota no jornal. A sua mãe acha que você vai ficar perturbado e que deveríamos falar sobre o assunto. Mas não vou fazer assim. Vou lhe dar o jornal para que o leia e vou deixar você sozinho por um tempo. Se você quiser conversar, venha me procurar, o.k.? Se não, respeitarei o seu espaço.

Myron franziu o cenho.

— Algo no New York Times?

— No caderno "Style". Página dezesseis. Boa noite, Myron.

— Boa noite, pai.

Alan marchou para o corredor. Não havia necessidade de andar na ponta dos pés. Mamãe podia dormir durante um concerto da banda Judas Priest. Papai sempre fora o vigia da noite. Mamãe, a princesa adormecida. Myron se levantou, apanhou o jornal, abriu na página dezesseis, viu a foto. E sentiu um punhal trespassar seu coração.

O caderno "Style" do The New York Times noticiava fofocas da alta sociedade. As páginas com os proclamas de casamento eram as mais lidas. E lá, na página dezesseis, no canto superior esquerdo, a fotografia de um homem que

era a cara do Ken, o boneco namora do da Barbie, dentes perfeitos demais, covinha no queixo. Chamava-se Stone Norman. De acordo com o artigo, Stone dirigia e operava o Grupo de Investimentos BMV, uma empresa financeira extremamente bem-sucedida, especializada em compra e venda de ações para fundos.

Chatice.

A nota dizia que Stone Norman e sua noiva se casariam no próximo sábado, na Tavern on the Green, em Manhattan. Um sacerdote oficiaria a cerimónia. Depois os recém-casados iniciariam sua vida junto em Scarsdale, Nova York.

Mais Chatice. Stone Chatice.

Mas não foi nada disso que atravessou seu coração. O que realmente o feriu e fez seus joelhos vergarem era a mulher com quem o tal Stone estava se casando, aquela que sorria a seu lado na foto, um sorriso que Myron ainda conhecia bem demais.

Por alguns segundos, ele se limitou a fitar o retrato. Então, estendeu a mão e roçou o rosto da noiva com a ponta dos dedos. A pequena biografia a apresentava como autora de best-sellers, indicada para os prémios PEN Faulkner e National Book. Seu nome era Jéssica Culver, e, apesar de isso não constar da nota, ela fora o amor da vida de Myron Bolitar por mais de uma década.

Ele se sentou, apenas encarando a foto.

Jessica, a mulher que acreditara ser sua alma gémea, estava se casando com outro.

Nunca mais a vira desde o rompimento, sete anos antes. A vida seguira adiante para ele. E, sem dúvida, para ela também. Por quê, então, estaria surpreso?

Myron largou o jornal. Tornou a pegá-lo. Uma eternidade atrás, Myron pedira Jéssica em casamento. Ela respondera não. Os dois passaram a década seguinte rompendo e reatando. Porém, no fim, Myron quisera casar-se, e Jessica, não. Ela praticamente desdenhara a ideia do pacote burguês — uma casa num bairro tranquilo, a cerca pintada de branco, os filhos, os churrascos nos fins de semana, assistir aos jogos das crianças, a vida que os pais de Myron tinham levado.

Mas agora Jéssica estava se casando com o grande Stone Norman e se mudando para o reduto da classe alta, Scarsdale, Nova York.

Cuidadosamente, Myron dobrou o jornal e o colocou sobre a mesinha de centro. Com um suspiro, levantou-se e rumou para o corredor, desligando as luzes no caminho. Ao passar pelo quarto dos pais, notou a luz de cabeceira ainda acesa. Seu pai tossiu, para Myron saber que continuava acordado.

— Estou bem — ele falou, alto.

Seu pai não respondeu, pelo que se sentiu grato. O homem era um mestre em

se equilibrar na corda bamba, realizando a proeza quase impossível de demonstrar que se importava sem ultrapassar limites ou interferir.

Jéssica Culver, o amor de sua vida, a mulher que sempre acreditara ser a sua predestinada alma gémea, estava se casando.

Myron queria refletir sobre o assunto. Mas a reflexão não vinha.

CAPÍTULO 14

Era preciso falar com os pais de Aimee Biel.

Seis horas da manhã. A investigadora de polícia Loren Muse estava sentada no chão, as pernas cruzadas. Usava short, e o tapete felpudo, um pouco áspero, provocava-lhe coceiras. Fichas e relatórios espalhados para todo lado. No meio, a tabela de horários que montara.

Ruídos desagradáveis de ronco ecoavam do outro quarto. Por mais de uma década, Loren vivera sozinha nesse mesmo apartamento medonho. Um imóvel daqueles chamados de "apartamento- jardim", embora a única coisa que parecia crescer ali fossem os monótonos blocos de tijolos vermelhos. Tratava-se de estruturas compactas com a personalidade de celas de cadeia, ponto de parada para pessoas que estavam subindo de vida, ou descendo, ou para alguns poucos que se achavam atolados numa espécie de purgatório existencial. O ronco não vinha de um namorado. Loren tinha um — Pete, um fracassado total —, mas quem fazia o ruído era sua mãe, a multicasada,outrora desejável, agora flácida, Cármen Valos Muse Brewster e o que quer que fosse neste hiato entre homens, e, portanto, morando com ela. O ronco soava encatarrado, típico de fumante inveterada, misturado a muitos anos de vinho barato e canções bregas.

Migalhas de bolachas tomavam conta do balcão da cozinha. Um vidro aberto de pasta de amendoim, a faca espetada, como Excalibur, bem no meio, lembrando uma torre de vigia. Loren analisou os registros telefónicos, os pagamentos com cartão de crédito, registros de cobrança automática de pedágio. As informações compunham um mosaico interessante.

O.k., Loren pensou, vamos mapear a coisa.

1h56min: Aimee Biel faz um saque no caixa eletrônico do Citibank — o mesmo utilizado por Katie Rochester três meses atrás. Esquisito.

2h16min: Aimee Biel telefona para a residência de Myron Bolitar em Livingston. A ligação dura apenas alguns segundos.

2h17min: Aimee liga para um celular registrado em nome de Myron Bolitar. A chamada dura três minutos.

Loren assentiu. Seria lógico supor que Aimee Biel tivesse tentado a casa de Bolitar primeiro e, sem resposta — o que explicaria a brevidade da primeira ligação —, tentara o celular.

Voltando para a tabela:

2h21 min: Myron Bolitar liga para Aimee Biel. Essa chamada dura um minuto.

De acordo com o que haviam conseguido levantar, Bolitar frequentemente

ficava em Nova York, no apartamento de um amigo, Windsor Horne Lockwood III. Lockwood era conhecido da polícia. Apesar da educação refinada, tornara-se suspeito de vários assaltos e, sim, até de um par de homicídios. Aquele homem possuía a reputação mais maluca de que Loren já ouvira falar. Porém, novamente, isso não parecia relevante para o caso.

A questão era essa: provavelmente Bolitar pernoitara no apartamento de Lockwood, em Manhattan. Seu carro ficava num estacionamento próximo. De acordo com o funcionário noturno, Bolitar tirara o carro por volta das duas e meia da manhã.

Ainda não havia provas, entretanto Loren estava razoavelmente convencida de que Bolitar fora ao centro e apanhara Aimee Biel. Estavam trabalhando para obter as imagens das câmeras de segurança dos estabelecimentos comerciais das redondezas. Talvez o carro de Myron não fosse o que procuravam. Todavia, por enquanto, essa se revelava a conclusão mais lógica.

Mais da linha do tempo:

3h11 min: pagamento com cartão de crédito de Bolitar num posto de gasolina Exxon na rodovia 4, em Fort Lee, Nova Jersey, perto da saída da ponte George Washington.

3h55min: a cobrança de pedágio automática do carro de Bolitar mostrou que ele se dirigia para o sul, pela auto-estrada Garden State, cruzando os pedágios do município de Bergen.

4h08min: a cobrança automática do pedágio no município de Essex mostra que Bolitar ainda continua rumando para o sul.

Era o que registravam os pedágios. Ele poderia ter tomado a saída 145, que o levaria à sua residência, em Livingston. Loren estudou a rota. Não fazia sentido. Não havia razão para subir a ponte George Washington e, então, descer pela rodovia. E, ainda que isso fosse feito, não seriam gastos quarenta minutos para chegar ao pedágio Bergen. No máximo, àquela hora da noite, uns vinte minutos.

Portanto, aonde Bolitar fora?

A investigadora retomou a cronologia dos acontecimentos. Havia um intervalo de mais de três horas. Às 7h18min, Myron Bolitar ligara para o celular de Aimee Biel. Nenhuma resposta. Ele tenta mais duas vezes. Depois, telefona para a casa dos Biel. O único chamado que durara mais que uns poucos segundos. Loren se perguntava se Bolitar conversara com os pais.

Ela apanhou o telefone e ligou para Lance Banner.

— E então? Alguma novidade?

— Você já falou com os pais de Aimee sobre Bolitar?

— Ainda não.

— Acho — concluiu Loren — que agora poderia ser a hora.

Myron tinha uma nova rotina matinal. A primeira coisa que fazia era agarrar o jornal e conferir as vítimas de guerra. Dava uma olhada em todos os nomes. Todos. Certificava-se de que Jeremy Downing não constava da lista. Então, voltava ao início e lia cada nome outra vez, lentamente. Lia a patente, a cidade natal, a idade, as únicas informações que publicavam. Porém Myron via em cada garoto morto listado um outro Jeremy, enxergava em cada um deles aquele ótimo menino de dezenove anos que mora em sua rua, porque, na realidade, assim o era. Por alguns minutos, Myron imaginava o que aquela morte significava, que essa vida jovem, cheia de esperanças e sonhos, se fora para sempre, o que os pais deveriam estar pensando.

Esperava que os líderes do país estivessem tendo uma reação similar. Todavia, duvidava.

Seu celular tocou. Myron olhou o visor, para identificar a chamada. BOCHECHAS DOCES. O número não registrado de Win.

Sem preâmbulos, Win foi logo dizendo:

— Seu vôo chega às treze horas.

— Você trabalha para companhias aéreas agora?

— Trabalho para companhias aéreas — Win repetiu. — Boa.

— Então, o que é que há?

— Trabalho para companhias aéreas — Win tornou a falar. — Espere, apenas me permita saborear essa frase espirituosa por um momento. Trabalho para companhias aéreas. Hilário.

— Terminou?

— Só um segundo, deixe-me pegar uma caneta para anotar. Trabalho... para... companhias... aéreas.

Ah, Win.

— Terminou agora?

— Permita-me tentar de novo. Seu vôo chega às treze. Vou encontrá-lo no aeroporto. Tenho dois ingressos para o jogo do Knicks. Vamos nos sentar ao lado da quadra, provavelmente perto de Paris Hilton ou Kevin Bacon. Particularmente, estou torcendo por Kevin.

— Você não gosta dos Knicks — Myron argumentou.

— Verdade.

— Na realidade, você não gosta de ir a jogos de basquete. Então por quê... — Por fim, Myron entendeu. — Droga.

Silêncio.

— Desde quando você lê o "Style", Win?

— Treze horas. Aeroporto de Newark. Vejo você lá. Clique.

Myron desligou, incapaz de conter um sorriso. Aquele Win. Que figura!

Na cozinha, deparou com o pai preparando o café-da-manhã. Ele não falou nada sobre o casamento iminente de Jessica. Mamãe, entretanto, pulou da cadeira, correu-lhe ao encontro, envolveu-o num olhar como se ele padecesse de uma doença terminal, perguntou-lhe se estava bem. Assegurou-a de que se sentia ótimo.

— Não vejo a Jéssica faz sete anos — afirmou. — Portanto, não é nada demais.

Seus pais assentiram, condescendentes.

Poucas horas depois, partiu para o aeroporto. Ele remoera a coisa, mas, no final das contas, realmente ficara em paz. Sete anos. Haviam rompido há sete anos. E, embora fora Jéssica quem estivera no controle durante quase todo o tempo em que tinham ficado juntos, foi Myron quem pôs um ponto final.

Jéssica era o passado. Ele pegou o telefone e ligou para Ali — o presente.

— Estou no aeroporto de Miami — falou.

— Como foi a viagem?

A voz de Ali inundou-o de calor.

— Bem.

— Mas?

— Mas nada. Quero ver você.

— Que tal por volta das duas horas? As crianças estarão fora, prometo.

— O que você tem em mente?

— O termo técnico seria... espere, deixe-me consultar meu dicionário... uma transa vespertina.

— Ali Wilder, sua danadinha.

— Sim, eu sou.

— Às duas não vai dar. Win vai me levar para ver o Knicks.

— Que tal logo depois do jogo?

— Caramba, detesto quando você tem de ser durona para conseguir o que quer.

— Vou interpretar como um sim.

— Com absoluta certeza.

— Você está bem? — Ela perguntou.

— Estou ótimo.

— A sua voz está um pouco engraçada.

— Estou tentando soar engraçado.

— Então não tente tanto assim.

Seguiu-se um silêncio desajeitado. Ele queria dizer que a amava. Porém ainda era cedo demais. Ou, talvez, com o que acabara de saber sobre Jessica, não fosse o momento certo. Você não quer dizer essas palavras pela primeira vez pelo

motivo errado.

Então, falou:

— Está na hora de embarcar.

— Vejo você mais tarde, bonitão.

— Espere, se eu chegar aí à noite, ainda será uma vespertina? Não seria uma noturna?

— Levaria muito tempo para explicar. Não quero desperdiçar nenhum segundo.

— Sendo assim...

— Boa viagem, bonitão.

Erik Biel se sentou sozinho no sofá, enquanto a esposa, Claire, escolheu uma cadeira. O que não escapou a Loren. Seria de esperar que um casal, numa situação assim, se sentasse perto, buscando conforto mútuo. A linguagem corporal, neste caso, sugeria que ambos desejavam manter a maior distância possível um do outro. O que poderia significar um racha no relacionamento. Ou também poderia significar que essa experiência estava sendo tão brutal que mesmo ternura — especialmente ternura — machucaria como o diabo.

Claire Biel servira chá. Loren não desejava nada, todavia aprendera que a maioria das pessoas relaxava se lhes fosse permitido estar no controle de alguma coisa, de qualquer coisa, se lhes fosse permitido fazer algo trivial ou doméstico. Assim, aceitara. Lance Banner, que permanecera de pé às suas costas, recusara.

Lance a incumbira de conduzir a conversa. Ele conhecia os Biel, o que poderia ajudar em parte do interrogatório, porém cabia a ela dar o pontapé inicial. Loren sorveu um gole da bebida, deixando que o silêncio os afetasse um pouco, de maneira a serem os primeiros a falar. Alguns poderiam interpretar essa atitude como cruel. Não era, se a ajudasse a encontrar Aimee. Se Aimee fosse encontrada ilesa, isso seria rapidamente esquecido. Senão, o desconforto provocado pelo silêncio não seria nada comparado ao que teriam, então de suportar.

—Aqui está — Erik Biel disse. — Fizemos uma lista dos amigos mais chegados, com os telefones. Já ligamos para todos. E para o namorado da Aimee também, Randy Wolf. Já conversamos com ele.

Loren demorou-se olhando os nomes.

— Houve algum desdobramento? — Erik indagou.

Erik Biel, pensou Loren, era o protótipo da tensão. A mãe, Claire, bem, a dor da filha desaparecida devastara seu rosto. Ela não dormira, estava um trapo. Erik, porém, apesar da camisa engomada, da gravata e do rosto recentemente barbeado, parecia mais atormentado. Ele tentava tão duramente manter o controle que, quando desabasse, sua ruína seria terrível — talvez permanente.

Loren entregou a folha de papel a Lance Banner. Virando-se, sentou-se muito ereta, os olhos fixos em Erik enquanto deixava cair a bomba:

— Os senhores conhecem um homem chamado Myron Bolitar? Erik franziu o cenho. Loren se voltou para a mãe. A expressão de Claire Biel dava a impressão de que lhe perguntara se podia lamber o chão do banheiro.

— É um amigo da família — Claire Biel respondeu. — Eu o conheço desde o colégio.

— Ele conhece a sua filha?

— Claro. Mas o que isso...

— Que tipo de relacionamento os dois tinham?

— Relacionamento?

— Sim. A sua filha e Myron Bolitar. Que tipo de relacionamento eles tinham?

Pela primeira vez desde que os policiais haviam entrado na casa, Claire se virou lentamente e fitou o marido, em busca de orientação. Erik também se virou para a esposa. Ambos como se houvessem levado um soco na boca do estômago.

Por fim, Erik se pronunciou.

— O que você está sugerindo?

— Não estou sugerindo nada, sr. Biel. Estou lhe fazendo uma pergunta. Quão bem a sua filha conhecia Myron Bolitar?

Claire:

— O Myron é um amigo da família. Erik:

— Ele escreveu uma carta de recomendação para Aimee apresentar na universidade.

Claire assentiu vigorosamente.

— Sim. É isso.

— Isso o quê?

Os dois não responderam. Loren não alterou a voz:

— Eles se vêem?

— Se vêem?

— Sim. Ou conversam pelo telefone. Ou talvez por e-mail. — Pausa. — Sem a presença dos senhores.

Loren não imaginara ser possível, contudo a coluna de Erik Biel ficou ainda mais ereta.

— O que é que você está dizendo?

O.k., concluiu Loren, eles não sabiam. Não se tratava de uma encenação. Hora de mudar de abordagem, conferir a sinceridade de ambos.

— Quando foi a última vez que o senhor ou a senhora falaram com o sr. Bolitar?

— Ontem — Claire respondeu.

— A que horas?

— Não tenho certeza. Talvez no início da tarde.

— A senhora telefonou para ele ou o contrário?

— Ele ligou para cá.

Loren lançou um olhar para Lance Banner. Primeiro ponto para a mãe. A informação batia com os registros telefónicos.

— O que ele queria?

— Nos parabenizar.

— Por quê?

— Porque Aimee foi aceita na Duke.

— Alguma coisa mais?

— Perguntou se podia falar com ela.

— Com a Aimee?

— Sim. Queria parabenizá-la.

— O que a senhora respondeu?

— Que ela não estava em casa. E então agradeci a ele por ter escrito a carta de recomendação.

— O que ele falou?

— Que ligaria para a minha filha depois.

— Algo mais?

— Não.

Loren deu tempo para a ficha cair.

— Você não está imaginando que Myron tenha alguma coisa a ver com isso — Claire afirmou.

A investigadora apenas a encarou, deixando o silêncio saturar a sala, oferecendo a Claire a chance de continuar falando. A sra. Biel não a desapontou.

— Você precisa conhecê-lo. É um homem bom. Eu confiaria a minha própria vida a ele.

Loren fitou Erik.

— E o senhor, sr. Biel?

Os olhos dele pareciam fora de foco. Claire chamou o marido:

— Erik?

— Vi o Myron ontem — ele falou. Loren se endireitou na cadeira.

— Onde?

— No ginásio do colégio. — Sua voz soou pesada, dolorida. — Costuma haver um jogo de basquete lá, aos domingos.

— A que horas?

— Sete e meia, oito.

— Da manhã?

— Sim.

Loren lançou um olhar para Lance. Este meneou a cabeça devagar, também entendendo as implicações do comentário. Bolitar não poderia ter chegado em casa antes das cinco, seis da manhã. E poucas horas depois saíra para jogar basquete com o pai da garota desaparecida?

— O senhor joga com o sr. Bolitar todos os domingos?

— Não. Quero dizer, ele costumava jogar. Mas não aparecia fazia meses.

— O senhor conversou com ele? Erik assentiu lentamente.

— Espere um instante — Claire interveio. — Quero saber por que você está fazendo tantas perguntas sobre o Myron. O que ele tem a ver com isso?

Ignorando-a, Loren conservou o olhar fixo em Erik Biel. .— Sobre o que o senhor conversou com ele?

— Sobre a Aimee, acho. .— O que ele disse?

— Ele tentou ser sutil.

Erik explicou como Myron Bolitar o abordara e como haviam falado sobre se exercitar e acordar cedo. Então, ele começara a perguntar sobre Aimee, sobre onde ela estava, sobre como os adolescentes podem ser problemáticos.

— O tom de voz dele estava estranho.

— Como assim?

— Ele queria saber como ela estava sendo problemática. Lembro que perguntou se a Aimee andava emburrada, se passava tempo demais na internet, coisas do tipo. Lembro que achei um pouco esquisito.

— Qual era a aparência dele?

— Péssima.

— Cansado? Barba por fazer?

— As duas coisas.

— O.k., basta — Claire Biel decretou. — Temos o direito de saber por que você está fazendo todas essas perguntas.

— A senhora é advogada, não é, sra. Biel? — Loren questionou.

— Sim.

— Então me ajude aqui: onde, na lei, está escrito que sou obrigada a lhe contar qualquer coisa?

Claire abriu a boca, fechou-a. Fora desnecessariamente dura, Loren pensou, porém a encenação policial bom/mau não é apenas para os bandidos. Funciona com testemunhas também. Não gostava disso, mas era terrivelmente eficaz.

A investigadora olhou para Lance, e ele entendeu a deixa. Tossiu antes de explicar:

— Temos algumas informações que ligam Aimee a Myron Bolitar.

Claire estreitou os olhos.

— Que tipo de informações?

— Anteontem de madrugada, às duas da manhã, Aimee telefonou para ele. Primeiro para a casa dele. Depois, para o celular. Sabemos então que o sr. Bolitar pegou o carro num estacionamento da cidade. — Enquanto Lance prosseguia, o rosto de Claire perdia toda a cor. As mãos de Erik cerravam-se em punhos.

Quando Lance terminou o relato, quando os pais ainda estavam atordoados demais para levantar quaisquer perguntas, Loren se adiantou.

— Existe alguma possibilidade de que possa haver qualquer coisa entre Myron e Aimee além de amizade familiar?

— Claro que não! — Claire afirmou. Erik fechou os olhos.

— Claire...

— O quê? — Ela o interpelou, ríspida. — Você não pode, absolutamente, acreditar que Myron se envolveria...

— A Aimee ligou para ele logo antes de... Por que ela telefonaria para ele? Por que ele não me falou nada sobre isso no ginásio?

— Não sei, mas a ideia... — ela parou, estalou os dedos — ... espere, na verdade, Myron está namorando uma amiga minha. Ali Wilder, uma mulher adulta, diga-se de passagem. Uma viúva linda com dois filhos. A ideia de que Myron poderia...

Erik continuou de olhos fechados.

— Sr. Biel? — Loren disse. O tom de voz dele era baixo:

— A Aimee tem estado um pouco diferente ultimamente.

— Como assim?

Ainda de olhos fechados, Erik prosseguiu.

— Nós dois acreditávamos que fosse um comportamento adolescente normal. Mas, nos últimos meses, ela andava muito quieta, reservada.

— Isso é normal, Erik — Claire ponderou.

— Mas ficou pior. Claire meneou a cabeça.

— É que você ainda pensa nela como a sua garotinha. É só isso.

— Você sabe que é mais do que isso, Claire.

— Não, Erik, eu não sei. Ele tornou a fechar os olhos.

— O que é, então, sr. Biel? — Loren o instigou.

— Duas semanas atrás, eu tentei entrar no computador dela.

— Por quê?

— Porque queria ler os e-mails.

A esposa o encarou, porém Erik não percebeu — ou talvez não se importasse. Loren o pressionou.

— O que aconteceu, então?

— Ela havia mudado a senha. Não consegui acessar nada.

— Porque ela queria privacidade — Claire rebateu. — Você acha isso incomum? Eu tinha um diário quando menina e o mantinha trancado com uma chave e escondido. E daí?

Erik continuou.

— Liguei para o nosso provedor. Sou eu quem paga a conta. Eles me forneceram a nova senha. Entrei na internet para olhar os e-mails.

— E?

— Nada. Não havia nada. Ela havia deletado todos eles.

— Aimee sabe que você é xereta. — Havia no tom de Claire um misto de raiva e suscetibilidade. — Ela estava somente se protegendo.

— Você realmente acredita nisso, Claire? — Erik a inquiriu.

— E você realmente acredita que ela está tendo um caso com o Myron?

Erik não respondeu.

Voltando-se para Loren e Lance, Claire indagou:

— Vocês já falaram com o Myron sobre esses telefonemas?

— Ainda não.

— E estão esperando o quê? — Claire apanhou a bolsa. — Vamos agora. Vamos esclarecer isso.

— O sr. Bolitar não está na cidade — Loren disse. — Na verdade, ele viajou para Miami não muito tempo depois de jogar basquete com o seu marido.

Claire fez menção de perguntar algo, mas se conteve. Loren percebeu a sombra da dúvida, pela primeira vez, toldar o rosto da sra. Biel. A investigadora decidiu aproveitar-se do momento. Levantou-se.

— Manteremos contato — falou.

CAPÍTULO 15

No avião, Myron refletiu sobre seu antigo amor, Jessica.

Não deveria estar feliz por ela?

Jéssica sempre fora impetuosa a ponto de tornar-se chata. Sua mãe e Esperanza nunca haviam gostado dela. Seu pai, como um grande âncora da TV, permanecera neutro. Win não dera a mínima. Aos olhos de Win, as mulheres ou eram do tipo com quem se queria deitar, ou não. Jessica, definitivamente, encaixava-se no primeiro grupo. Mas além disso... o quê?

As mulheres achavam que a beleza de Jéssica cegara Myron. Ela podia escrever como um anjo. Estava a dois passos além de ser ardente. Mas eram pessoas diferentes. Myron queria viver como os pais. Jéssica zombava daquela bobagem idílica. Uma tensão constante entre os dois os mantinha afastados e os atraía um para o outro.

Agora Jéssica estava se casando com um figurão de Wall Street chamado Stone. Grande Stone, Myron pensou.

Myron o odiava.

O que acontecera com Jessica?

Sete anos, Myron. Isso muda uma pessoa.

Mas tanto assim?

O avião aterrissou. Consultou o celular enquanto a aeronave taxiava rumo ao terminal. Havia uma mensagem de texto de Win:

SEU AVIÃO ACABOU DE ATERRISSAR. FAVOR SE INFORMAR A RESPEITO DE SUA PRÓPRIA PIADINHA SOBRE Eu TRABALHAR PARA COMPANHIAS AÉREAS. ESTOU ESPERANDO NA CALÇADA.

O avião reduziu a velocidade ao se aproximar do portão. O piloto pediu que todos permanecessem em seus lugares, com o cinto de segurança. Quase todos ignoraram o pedido. Podia-se ouvir o ruído dos cintos sendo desafivelados. Por quê? O que as pessoas ganhavam com aquele segundo extra? Será por que nós, simplesmente, gostamos de desafiar as regras?

Myron se debateu sobre tornar a ligar para Aimee ou não. Poderia estar exagerando. Afinal, quantos telefonemas podia fazer? Os termos de sua promessa haviam sido bastante claros. Levaria a garota para qualquer lugar. Não faria perguntas. Não contaria aos pais.

Portanto, não o surpreenderia se, depois daquela aventura, Aimee não desejasse falar com ele durante alguns dias.

Mal saíra do avião, alguém o chamou:

— Myron Bolitar?

Ele se virou. Eram dois, um homem e uma mulher. Fora a mulher quem chamara seu nome. Ela era baixa, um metro e sessenta, se muito. Myron media um e noventa e cinco. Assim, ele se debruçava sobre a desconhecida. Entretanto, a mulher não parecia intimidada.

O homem que a acompanhava usava um corte de cabelo militar e tinha algo que lhe era vagamente familiar.

O homem tinha o distintivo à mostra. A mulher, não.

— Sou Loren Muse, investigadora de polícia de Essex — ela se apresentou. — Este é o detetive de polícia de Livingston, Lance Banner.

— Banner — Myron falou automaticamente. — Você é irmão do Buster?

Lance Banner quase sorriu.

— Sim.

— Um cara legal, o Buster. Jogamos basquete juntos.

— Eu me lembro.

— E como ele vai?

— Bem, obrigado.

Myron não sabia o que estava acontecendo, porém tinha experiência com a lei. Mais por hábito do que por qualquer outra coisa, pressionou a tecla de discagem rápida, contatando Win. Win escutaria a conversa. Esse era um truque antigo dos dois, o qual Myron não utilizara durante anos, e, no entanto, lá estava ele, na companhia de policiais, caindo na velha rotina.

De seus desentendimentos passados com a lei, Myron aprendera algumas verdades básicas que podiam ser assim resumidas: só porque você não fez nada errado, não significa que não esteja numa encrenca. Melhor agir com isso em mente.

— Gostaríamos que você nos acompanhasse — Loren Muse afirmou.

— Posso perguntar do que se trata?

— Não tomaremos muito do seu tempo.

— Estou com ingressos para o jogo dos Knicks.

— Vamos tentar não atrapalhar os seus planos.

— Cadeiras ao lado da quadra. — Ele olhou para Lance Banner. — Fileira das celebridades.

— Você está se recusando a vir conosco?

— Vocês estão me prendendo?

— Não.

— Então, antes que eu concorde em acompanhá-los, gostaria que me dissessem do que se trata.

Desta vez, Loren Muse não hesitou.

— É sobre Aimee Biel.

Bum. Deveria ter percebido a coisa vindo, porém não percebera. Myron vacilou, deu um passo para trás.

— Ela está bem?

— Por que você não vem conosco?

— Eu perguntei se...

— Eu o ouvi, sr. Bolitar. — A investigadora de polícia virou-se e pôs-se a andar na direção da saída. — Por que você não nos acompanha? Assim poderemos discutir o assunto um pouco mais. i, Lance Banner assumiu o volante. Loren Muse sentou-se no banco do passageiro. Myron, atrás.

— Ela está bem? — Myron indagou.

Nenhum dos dois respondeu. Ele estava sendo manipulado, Myron sabia disso, porém não se importava muito. Queria saber sobre Aimee. O resto era irrelevante.

— Falem comigo, pelo amor de Deus. Nada.

— Eu a vi sábado à noite. Vocês já sabem, não é?

Nenhuma resposta. Ele sabia por quê. O percurso foi misericordiosamente curto. O que explicava o silêncio. Eles queriam sua confissão gravada. Provavelmente estavam apelando para toda a sua força de vontade para permanecerem calados, todavia logo o poriam numa sala de interrogatório e gravariam a conversa.

Na garagem, tomaram um elevador até o oitavo andar. Estavam em Newark, no fórum municipal.

Myron já estivera ali antes. Levaram-no para uma sala de interrogatórios. Não havia nenhum espelho na parede, portanto nenhum vidro que permitisse a alguém do outro lado enxergá-los. Assim, a vigilância ficava a cargo da câmera.

— Estou sob custódia? — Ele indagou. Loren Muse inclinou a cabeça.

— O que o leva a pensar isso?

— Não faça esses joguinhos comigo, Muse.

— Por favor, sente-se.

— Vocês já levantaram informações a meu respeito? Liguem para Jake Courter, o delegado de Reston. Ele atestará a meu favor. E existem outros.

— Chegaremos nesse ponto daqui a pouco.

— O que aconteceu com Aimee Biel?

—Você se importa se filmarmos nossa conversa? — Loren Muse perguntou.

— Não.

— Você se importa de assinar um documento de renúncia de direitos?

Myron não seria tão estúpido a ponto de assinar um documento que o privaria de seu direito, previsto pela Quinta Emenda, de manter-se calado para não se auto-incriminar — era advogado, pelo amor de Deus —, mas foi em frente, o

coração aos pulos. Algo acontecera com Aimee Biel. Eles deviam achar ou que ele sabia de alguma coisa, ou que estava envolvido. Quanto mais depressa avançassem na investigação e o eliminassem como suspeito, melhor para Aimee.

— O.k. Agora, o que houve com Aimee? Loren Muse abriu as mãos.

— Quem disse que aconteceu alguma coisa com ela?

— Você disse, Muse. Quando me abordou no aeroporto. Você falou: "É sobre Aimee Biel". E, embora não goste de me gabar, eu possuo impressionantes poderes de dedução e concluí que dois policiais não me abordariam e falariam que se tratava de Aimee Biel porque ela, de vez em quando, masca chicletes na sala de aula. Não, deduzi que algo acontecera. Por favor, não me evite porque tenho esse dom.

— Terminou?

Sim, terminara. Quando nervoso, punha-se a falar. Loren Muse pegou uma caneta. Já havia um bloco de papel sobre sua mesa. Lance Banner continuou de pé e em silêncio.

— Quando foi a última vez que você viu Aimee Biel?

— Sábado à noite.

— A que horas?

— Creio que entre duas e três horas da manhã.

— Então, na realidade, seria a manhã de domingo e não sábado à noite?

Myron engoliu uma réplica sarcástica.

— Sim.

— Entendo. Onde você a viu pela última vez?

— Em Ridgewood, Nova Jersey. Muse anotou no bloco.

— Endereço?

— Não sei.

A caneta estancou.

— Você não sabe?

— Não. Era tarde. Ela me deu instruções sobre como chegar lá. Apenas segui o que ela falou.

— Entendo. — A investigadora se recostou no espaldar da cadeira e largou a caneta. — Por que você não começa do começo?

A porta se abriu. Todas as cabeças se viraram naquela direção. Hester Crimstein adentrou o lugar pisando duro, como se a própria sala lhe tivesse feito um insulto e ela quisesse ir à forra. Por um instante ninguém se mexeu ou disse algo.

Hester aguardou um segundo, abriu os braços, pôs o pé direito à frente e gritou:

— Tan-tan-tan-tan!

Loren Muse ergueu uma sobrancelha.

— Hester Crimstein?

— Nós nos conhecemos, doçura?

— Eu a reconheci de um programa na TV.

— Ficarei feliz de assinar autógrafos mais tarde. Neste instante, quero a câmera desligada e vocês dois — Hester apontou para Lance Banner e Loren Muse — fora daqui, para que eu possa conversar com o meu cliente.

Loren se levantou. As duas, praticamente da mesma altura, mediram-se, olhos nos olhos. Hester tinha cabelos crespos. Loren tentou olhá-la de cima. Myron quase caiu na risada. Algumas pessoas diriam ser Hester Crimstein, a famosa advogada criminal, tão venenosa quanto uma cobra, porém a maioria consideraria o comentário uma calúnia contra a cobra.

— Espere — Hester disse para Loren. — Espere só um segundo...

— O quê?

— Posso, a qualquer momento, fazer xixi na calça. De medo. Espere só...

— Hester... — Myron falou.

— Psit. — Hester lhe lançou um olhar fulminante. — Assinar a renúncia aos seus direitos e ser interrogado sem a presença de seu advogado. Você por acaso é um idiota?

— Você não é minha advogada.

— Psit.

— Estou representando a mim mesmo.

— Você conhece o ditado "Um homem que representa a si mesmo tem um tolo como cliente"? Troque o "tolo" por "completo imbecil cabeça-oca".

Myron se perguntou como Hester chegara ali tão depressa, contudo a resposta era óbvia. Win. Tão logo apertara a tecla de discagem rápida do celular, tão logo Win escutara as vozes dos policiais, ela localizara Hester e a mandara para lá.

Hester Crimstein, uma das maiores advogadas de defesa do país, tinha seu próprio programa num canal de TV a cabo, chamado Crimstein versus Crime. Eles haviam se tornado amigos quando Hester ajudara Esperanza numa condenação de assassinato, alguns anos atrás.

— Por que a demora? — Hester fitou Loren e Lance. — Por que vocês dois ainda estão aqui?

Lance Banner deu um passo largo à frente.

— Ele acabou de dizer que não a quer como advogada.

— Como é mesmo o seu nome, bonitão?

— Investigador de Polícia de Livingston, Lance Banner.

— Lance — ela repetiu. — Como em lance livre? O.k., Lance, eis alguns conselhos: o passo à frente foi um ótimo movimento, muito imperioso, porém

você precisa estufar mais o peito. Fazer com que a sua voz soe um pouco mais profunda e armar uma carranca. Do tipo: "Ei, moça, o sujeito acabou de falar que você não é advogada dele". Tente.

Myron sabia que Hester não iria embora. Também sabia que, provavelmente, não queria que ela fosse. Desejava cooperar, claro, esclarecer tudo, entretanto também desejava saber o que acontecera com Aimee.

— Ela é minha advogada — falou. — Por favor, dê-nos um minuto.

Hester brindou os policiais com um sorriso afetado, o que os enfureceu. Então, vendo-os sair, deu-lhes um adeusinho antes de fechar a porta. Apontando para a câmera, instruiu Myron.

— Desligue isso agora.

— Provavelmente está desligado.

— É, claro. Tiras nunca fazem seus joguinhos. A advogada tirou o celular da bolsa.

— Para quem você vai ligar? — Myron perguntou.

— Você sabe por que o trouxeram para cá?

— Tem algo a ver com uma menina chamada Aimee Biel.

— Isso eu já sei. Mas você não sabe o que houve com ela?

— Não.

— É o que estou tentando descobrir. Pus minha investigadora local trabalhando no caso. Ela é a melhor, conhece todo mundo aqui. — Hester levou o celular ao ouvido. — Sim, Hester falando. O que está acontecendo? Hã-hã. — A advogada escutou, sem anotar nada.

Um minuto depois, despediu-se: — Obrigada, Cingle. Continue fuçando e descubra o que eles sabem.

Hester desligou. Myron ergueu os ombros, como se perguntasse: E aí? .

— A garota. O sobrenome é Biel.

— Aimee Biel. O que aconteceu com ela?

— Está desaparecida.

Myron sentiu o baque outra vez.

— Parece que a menina não voltou para casa no sábado à noite. Ela deveria dormir na casa de uma amiga. Mas não apareceu. Ninguém sabe o que aconteceu. Aparentemente, existem registros telefónicos ligando você à garota. E algumas outras coisas também. Minha detetive está tentando descobrir o quê, exatamente.

Hester sentou-se do outro lado da mesa, fitou-o.

— O.k., rapaz, conte tudo à sua tia Hester.

— Não.

— O quê?

— Ouça, você tem duas escolhas neste caso. Pode ficar enquanto converso com eles agora, ou eu posso demiti-la.

— Você deveria conversar comigo primeiro.

— Não podemos desperdiçar tempo. Você tem de me deixar contar tudo para eles.

— Porque você é inocente?

— Claro que sou inocente.

— E a polícia, nunca, jamais, prendeu o homem errado.

— Vou arriscar. Se a Aimee está em apuros, não posso desperdiçar o tempo da polícia comigo.

— Discordo.

— Então você está demitida.

— Não me venha com essa de Donald Trump. Estou aconselhando-o, é só. Você é o cliente.

Hester se levantou, abriu a porta, chamou-os de volta. Loren Muse passou pela advogada e se sentou. Lance reassumiu seu posto num canto. Muse tinha o rosto vermelho, provavelmente irritada consigo mesma por não tê-lo interrogado no carro, antes da chegada da advogada.

Loren Muse ia dizer algo, porém Myron a calou, erguendo a mão.

— Vamos direto ao ponto. Aimee Biel está desaparecida. Estou sabendo agora. Vocês, provavelmente, verificaram os nossos registros telefónicos. Portanto, estão cientes de que ela me ligou por volta das duas da manhã. Não tenho certeza sobre quais outras informações vocês possuem, por isso me deixe ajudá-los. Aimee pediu uma carona. Fui apanhá-la.

— Onde? — Loren indagou.

— No centro de Manhattan. Rua 52 com a Quinta Avenida, acho. Peguei a Henry Hudson até a ponte George Washington. Vocês estão a par do pagamento com cartão de crédito no posto de gasolina?

— Sim.

— Então sabem que paramos lá. Prosseguimos pela rodovia 4 até a 17 e depois fomos para Ridgewood. — Myron notou uma mudança na postura dos policiais. Algo lhe passara despercebido, mas continuou. — Deixei Aimee numa casa, numa rua sem saída. Então dirigi até minha casa.

— E você não se lembra do endereço, correto?

— Correto.

— Alguma coisa mais?

— Por exemplo...?

— Por que Aimee Biel telefonou pra você, em primeiro lugar?

— Sou amigo da família.

— Você deve ser um amigo chegado.

— Sou. Então por que você? Primeiro ela liga para sua casa, em Livingston. Depois liga para o seu celular. Por que ela telefonou para você e não para os pais, ou uma tia, um tio, ou até uma colega de colégio? — Loren ergueu as mãos para o céu. — Por que você?

— Eu a fiz prometer.

— Prometer?

— Sim.

Ele explicou sobre o porão, sobre ouvir as garotas falando sobre andar de carro com um menino bêbado, sobre como as fizera prometer chamá-lo — e, enquanto falava, via como a expressão do rosto deles mudava. Mesmo a de Hester. As palavras, o raciocínio, soavam vazios a seus próprios ouvidos agora e não conseguia identificar a razão. Sua explicação se prolongou um pouco demais, dando a impressão de estar na defensiva.

Ao terminar, Loren o questionou:

— Você já havia feito alguém prometer isso antes?

— Não.

— Nunca?

— Nunca.

— Nenhuma outra menina desamparada ou embriagada para quem você tenha se oferecido como motorista?

— Ei! — Hester não deixaria aquilo passar. — Isso é uma completa distorção do que ele disse. E a pergunta já foi feita e respondida. Prossiga.

Loren se remexeu na cadeira.

— E meninos? Você, alguma vez, fez algum garoto prometer chamá-lo?

— Não.

— Apenas meninas?

— Apenas aquelas duas meninas — Myron afirmou. — Não foi como se eu tivesse planejado.

— Entendo. — Loren esfregou o queixo. — E Katie Rochester? Hester perguntou:

— Quem é essa? Myron a ignorou.

— O que tem ela?

— Alguma vez você fez Katie Rochester prometer chamá-lo quando estivesse bêbada?

— Novamente é uma completa distorção do que ele disse — Hester interveio. — Meu cliente estava tentando impedi-las de beber e dirigir.

— Certo, claro, o homem é um herói — Loren retrucou. — Alguma vez você tomou uma atitude semelhante em relação a Katie Rochester?

— Nem conheço Katie Rochester — Myron devolveu.

— Mas você já ouviu o nome.

— Sim.

— Em que contexto?

— No noticiário. Então, o que há, Muse? Sou suspeito em todos os casos de pessoas desaparecidas?

Loren sorriu.

— Não de todos.

Inclinando-se ao ouvido de Myron, Hester sussurrou:

— Não estou gostando disso. Tampouco ele estava.

A investigadora de polícia prosseguiu.

— - Então você nunca viu Katie Rochester?

— Não que seja do meu conhecimento. — Resposta-padrão de advogado. Impossível negar sua formação académica.

— Se não é do seu conhecimento, então seria do conhecimento de quem?

— Protesto.

— Você sabe o que eu quis dizer — Myron afirmou.

— E o pai dela, Dominick Rochester?

— Não.

— Ou a mãe, Joan? Você alguma vez já a viu?

— Não.

— Não — Loren repetiu —, ou não que seja do seu conhecimento?

— Conheço muitas pessoas. Não me lembro de todas elas. Mas os nomes não me soam familiares.

Loren Muse fitou a mesa.

— Você disse que deixou Aimee em Ridgewood?

— Sim. Na casa da amiga, Stacy.

— Na casa da amiga? — O detalhe chamou a atenção da investigadora. — Você não mencionou isso antes.

— Estou mencionando agora.

— Qual é o sobrenome de Stacy?

— A Aimee não disse.

— Entendo. Você viu essa Stacy?

— Não.

— Você acompanhou Aimee até a porta da casa?

— Não. Fiquei no carro.

Loren Muse fingiu uma expressão confusa.

— A sua promessa de protegê-la não incluía acompanhá-la do carro até a porta da frente?

— A Aimee me pediu para ficar no carro.

— Quem abriu a porta da casa, então?

— Ninguém.

— Aimee entrou por conta própria?

— Ela falou que Stacy já devia estar dormindo e que costumava entrar pela porta dos fundos.

— Entendo. — Loren levantou-se. — Então vamos.

— Para onde você o está levando? — Hester indagou.

— Para Ridgewood. Vamos ver se podemos encontrar essa rua sem saída.

Myron também se levantou.

— Você não pode se informar sobre o endereço de Stacy com os pais da Aimee?

— Já sabemos o endereço de Stacy — Loren retrucou. — O problema é que Stacy não mora em Ridgewood. Ela mora em Livingston.

CAPÍTULO 16

Ao sair da sala de interrogatório, Myron avistou Claire e Erik Biel num escritório, no fim do corredor. Mesmo a distância e através do vidro da porta, a tensão dos dois era palpável. Ele estancou.

— Qual é o problema? — Loren Muse perguntou. Myron apontou com o queixo.

— Quero falar com eles.

— E dizer o quê, exatamente? Uma breve hesitação.

—Você quer desperdiçar tempo, explicando-se — Muse o pressionou —, ou prefere nos ajudar a encontrar Aimee?

A investigadora tinha razão. De qualquer maneira, o que diria naquele momento? "Eu não causei nenhum mal à sua filha?" "Apenas a levei até uma casa em Ridgewood porque não queria que ela andasse de carro com um garoto bêbado...?" De que adiantariam essas palavras agora?

Hester se despediu, beijando-o no rosto.

— Mantenha essa sua matraca fechada. Ele a encarou.

— Certo, que seja. Apenas me telefone se o prenderem, o.k.?

— O.k.

Myron tomou o elevador para a garagem junto com Lance Banner e Loren Muse. Banner entrou num veículo e deu partida. Myron lançou um olhar inquisidor para Loren.

— Banner está indo na frente para ter um policial local nos acompanhando.

— Ah.

Loren Muse caminhou até uma viatura, com grades separando o banco traseiro dos dianteiros. Abriu a porta de trás para Myron. Suspirando, ele se acomodou. Ela se sentou ao volante e imediatamente começou a digitar algo no laptop acoplado ao painel.

— O que foi, agora? — Myron quis saber.

— Posso ver o seu celular?

— Por quê?

— Apenas me dê o aparelho.

Depois de verificar o registro de chamadas, Loren jogou o celular no banco do passageiro.

— Quando, exatamente, você ligou para Hester Crimstein?

— Não liguei.

— Então como...

— É uma longa história.

Win não gostaria que seu nome fosse mencionado.

— Não parece nada bom... chamar um advogado tão depressa.

— Não me importo como possa parecer.

— Não, imagino que não.

— E agora?

— Agora vamos até Ridgewood. Tentamos descobrir onde, aparentemente, você deixou Aimee Biel.

— Eu conheço você de algum lugar—Myron comentou, quando o carro já estava em movimento.

— Cresci em Livingston. Quando menina, fui a alguns dos seus jogos de basquete no colégio.

— Não é isso. — Ele se endireitou no banco. — Espere, por acaso foi você quem investigou o caso Hunter?

— Eu estava... envolvida.

— E isso. O caso Matt Hunter.

— Você o conheceu?

— O irmão dele, Bernie, e eu, fomos colegas no colégio. Fui ao enterro do Matt. — Myron se recostou no banco. — E então, qual é o próximo passo? Você já pediu um mandado de busca para a minha casa, o meu carro, e onde mais?

— Ambos. — Ela consultou o relógio. — Os mandados estão sendo entregues agora.

— Provavelmente serão encontradas provas de que a Aimee esteve nos dois lugares. Eu contei sobre a festa, sobre ter ido ao meu porão. E falei sobre a carona.

— Sim, tudo muito certinho e conveniente. Myron fechou os olhos.

— Você vai levar o meu computador também?

— Claro.

— Existe muita correspondência particular arquivada. Informações sobre clientes.

— Os técnicos serão cuidadosos.

— Não, não serão. Faça-me um favor, Muse. Inspecione o computador você mesma, o.k.?

— Você confia em mim? Sinto-me quase lisonjeada.

— O.k., vamos pôr as cartas na mesa. Sei que sou um forte suspeito.

— Verdade? Por quê? Por que você foi a última pessoa a ver a garota? Por que você é um ex-atleta solteiro, que mora sozinho na casa onde passou a infância e sai para buscar adolescentes às duas horas da manhã? — Ela deu de ombros. — Por que você seria um suspeito?

— Não fiz nada, Muse.

Ela manteve os olhos fixos na estrada.

— Que foi? — Myron perguntou.

— Fale sobre o posto de gasolina.

— O... — Então ele percebeu. — Oh.

— Oh, o quê?

— O que vocês têm? O vídeo, o testemunho do frentista? Muse nada respondeu.

— Aimee ficou furiosa porque pensou que eu falaria com os pais dela.

— Por que ela acharia isso?

— Porque eu estava fazendo perguntas. Onde ela tinha estado e com quem, o que tinha acontecido.

— E você tinha prometido levá-la para onde quer que ela quisesse, sem perguntas.

— Correto.

— Então por que você estava quebrando a promessa?

— Eu não estava quebrando a promessa.

— Mas?

— Ela não me parecia bem.

— Como assim?

— Ela não estava na região da cidade onde os jovens costumam se encontrar para beber àquela hora da noite. E não dava a impressão de estar bêbada. Não senti cheiro de álcool. Ela me parecia mais perturbada do que qualquer outra coisa. Então pensei que deveria tentar descobrir a razão.

— E Aimee não gostou?

— Não. Por isso, no posto de gasolina, ela saiu do carro. E se recusou a voltar até eu prometer que não faria mais perguntas, que não falaria com os pais. Ela disse — Myron franziu o cenho, odiando trair esse tipo de confidência — que havia problemas em casa.

— Com mamãe e papai?

— Sim.

— O que você respondeu?

— Que isso era normal.

— Caramba, você é bom. Que outras pérolas de sabedoria ofereceu? "O tempo cura todas as feridas"?

— Dá um tempo, Muse, por favor.

— Você ainda é o meu principal suspeito.

— Não, não sou.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Como é que é?

— Você não é idiota. E eu, muito menos.

— O que isso deveria significar?

— Você sabe sobre mim desde ontem à noite. Portanto, fez alguns telefonemas. Com quem falou?

— Você havia mencionado Jake Courter.

— Você conhece ele? Loren Muse assentiu.

— E o que o delegado Courter falou a meu respeito?

— Que nessa região de três estados você tem causado mais desconforto do que hemorróidas.

— Mas não afirmou que sou culpado, não é? A investigadora continuou impassível.

— Muse, pense... Você sabe que eu não seria tão idiota. Registros telefónicos, pagamentos com cartão de crédito, passagens por pedágios, uma testemunha no posto de gasolina... é de arrasar. Além do mais, você sabe que a minha história será corroborada. Os registros telefónicos mostram que a Aimee me ligou primeiro. O que encaixa no que estou contando pra você.

Durante algum tempo, o trajeto transcorreu em silêncio. O rádio do carro emitiu um ruído. Loren atendeu.

Lance Banner disse:

—Tenho um policial local comigo. Estamos prontos para prosseguir.

— Estou quase lá. — Virou-se para Myron: — Que saída você tomou? Avenida Ridgewood ou Linwood?

— Linwood.

Ela repetiu a informação ao microfone. Depois apontou para a placa verde, através do pára-brisa.

— Avenida Linwood Oeste ou Leste?

— Qualquer um que aponte para Ridgewood.

— Então, Oeste.

Myron se recostou no banco. Muse subiu a rampa.

— Você lembra se o lugar é muito longe daqui?

— Não tenho certeza. Fomos em frente por algum tempo. Depois começamos a fazer várias curvas. Não me lembro.

— Você não me parece o tipo esquecido, Myron.

— Então a enganei.

— Onde você estava antes de Aimee ligar?

— Num casamento.

— Bebeu muito?

— Mais do que deveria.

— Você estava bêbado quando ela telefonou?

— Provavelmente passaria pelo bafômetro.

— Porém você estava, digamos, sentindo os efeitos do álcool?

— Sim.

— Irônico, não?

— Como a canção de Alanis Morissette. Tenho uma pergunta pra você.

— Realmente não vou responder a seus questionamentos, Myron.

— Você me perguntou sobre Katie Rochester. Foi só rotina, duas garotas desaparecidas, ou você tem motivos para acreditar na existência de uma relação entre o sumiço delas?

— Você está brincando, não está?

— Eu só preciso saber...

— Lhufas. Você não precisa saber lhufas. Agora me coloque a par de tudo outra vez. Tudo. O que Aimee disse, o que você disse, os telefonemas, a carona. Tudo.

Ele o fez. Na esquina da avenida Linwood, Myron notou uma viatura de Ridgewood começar a acompanhá-los, com Lance Bannner no banco de passageiro.

— A polícia local tem de estar presente por causa da jurisdição?

— É mais protocolo. Você lembra para onde seguiu daqui?

— Acho que dobrei à direita, perto daquele lago grande.

— O.k. Tenho um mapa no computador. Vamos tentar achar o beco sem saída e veremos o que acontece.

A cidade natal de Myron, Livingston, reduto de novos-ricos, cheia de judeus, fora uma área rural convertida em agrupamentos de casas de vários pavimentos, idênticas, e um enorme shopping center. Em Ridgewood imperavam o estilo arquitetônico vitoriano e uma população de brancos protestantes, numa paisagem mais exuberante formada por um centro comercial com restaurantes e lojas. As casas de Ridgewood tinham sido construídas em diferentes épocas. Árvores se alinhavam nos dois lados das ruas, e o tempo as fazia se vergarem para o meio, formando uma abóbada protetora. Ali, havia menos similaridade.

Seria essa rua familiar?

Myron franziu o cenho. Não podia afirmar. Não havia tanta similaridade à luz do dia, porém, à noite, tudo parecera mato. Loren entrou numa rua sem saída. Myron movimentou a cabeça, em negativa. Então, noutra, e noutra. Os caminhos se retorciam sem razão aparente, ou planejamento, como uma linha numa pintura abstrata.

Mais becos sem saída.

— Você disse que Aimee não dava a impressão de estar bêbada - Loren comentou.

— É verdade.

— Como ela parecia?

— Perturbada. Eu pensei que ela talvez tivesse brigado com o namorado. O nome dele é Randy, acho. Você já falou com o rapaz?

— Não.

— Por que não?

— Preciso dar explicações sobre as minhas atitudes?

— Não é isso, mas uma menina desaparece, você investiga...

— Não há nenhuma investigação em curso. A garota é maior de idade, não existem sinais de violência, e está sumida por apenas algumas horas...

— E eu apareço.

— Exatamente. Claire e Erik telefonaram para os amigos da filha, claro. Randy Wolf, o namorado, não encontraria Aimee ontem à noite. Ficou em casa, com os pais.

Pelo espelho retrovisor, Loren Muse viu Myron franzir o cenho.

— O que foi?

— Sábado à noite, no fim do último ano do colégio, e Randy fica em casa, com mamãe e papai?

— Faça-me um favor, Bolitar. Só procure a casa, o.k.?

Mal viraram a esquina, Myron experimentou a sensação de déjà vu.

— À direita. No fim da rua.

— É aqui?

—Ainda não estou muito certo. — Então: — Sim, sim, é aqui. Loren estacionou. A viatura de Ridgewood, logo atrás.

— Avance mais alguns metros.

Loren o atendeu. Myron manteve os olhos fixos na casa.

— E então?

— É aqui. A Aimee abriu aquela porta ao lado da casa. — Ele quase acrescentou: efoi a última vez que a vi. Mas se calou.

— Espere no carro.

Myron a observou sair do veículo e se aproximar de Banner e do policial de Ridgewood. Os três conversaram, apontando para a casa. Depois, Loren Muse pôs-se a andar. Tocou a campainha. Uma mulher atendeu. A princípio, Myron não conseguiu enxergar-lhe o rosto. A mulher saiu para a calçada. Não, não havia nada de familiar na figura. Ela era magra, os cabelos louros escapando do boné de beisebol. Dava a impressão de ter estado malhando.

As duas mulheres conversaram durante uns bons dez minutos. Loren lançava olhares frequentes para Myron, como se temesse uma tentativa de fuga. Alguns outros minutos passaram. Loren e a mulher apertaram-se as mãos. A mulher

entrou em casa e fechou a porta.

Loren voltou para o carro e abriu a porta traseira.

— Mostre-me até onde Aimee foi.

— O que ela disse?

— O que você imagina?

— Que nunca ouviu falar de Aimee Biel. — Diante do silêncio da investigadora, Myron continuou: — Esse é o lugar. Tenho certeza.

Ele parou próximo ao portão. Lembrava-se de como Aimee se detivera ali, lembrava-se de como acenara. Houvera alguma coisa no gesto, alguma coisa que o incomodara.

— Eu deveria ter... — Myron se calou. De que adiantava? — Aimee seguiu por ali e desapareceu de vista. Depois voltou, acenou e me mandou ir embora.

— E você foi?

— Sim.

Loren Muse deu uma olhada no quintal antes de rumar para a outra viatura.

— Eles vão levar você para casa — Loren informou a Myron.

— Posso ter o meu celular de volta?

Ela jogou-lhe o aparelho nas mãos. Myron entrou no carro. Banner deu partida no veículo.

— Muse? — Myron chamou, a mão na maçaneta da porta.

— O quê?

— Havia algum motivo para a Aimee escolher essa casa.

Ele fechou a porta. O percurso foi feito em silêncio. Myron olhou para aquela porta, observou-a diminuir, diminuir, até, finalmente, como Aimee Biel, desaparecer.

CAPÍTULO 17

Dominick Rochester, o pai de Katie, sentou-se à cabeceira da mesa de jantar. Seus três filhos também se sentaram. A esposa, Joan, encontrava-se na cozinha. O que deixava duas cadeiras vazias — a dela e a de Katie. Mastigando um pedaço de carne, ele encarava a cadeira, como se conjurando Katie.

Joan voltou da cozinha, trazendo uma travessa de rosbife fatiado. Ele apontou para o próprio prato, quase vazio, porém Joan já o servia. A esposa de Dominick Rochester era do lar e cuidava da casa. Nada dessa besteira de mulher trabalhar fora. Dominick não o aceitaria.

Ele grunhiu um obrigado. Joan retomou seu lugar à mesa. Os meninos mastigavam em silêncio. Joan alisou a saia e pegou o garfo. Dominick a observou. Ela fora tão linda. Agora era dócil e tinha os olhos sem vida, os ombros sempre curvados. Joan bebia muito durante o dia, embora pensasse que ele não soubesse disso. Não tinha importância. Ela continuava sendo a mãe de seus filhos e a mantinha na linha. Assim, permitia-lhe essa escorregadela.

O telefone tocou. Joan Rochester pulou da cadeira, porém Dominick, com um gesto, mandou-a se sentar. Ele limpou o rosto como se fosse um pára-brisa e se levantou. Dominick era um homem pesado. Não gordo; compacto. Ombros compactos, peito compacto, pescoço, braços e pernas grossos.

Seu sobrenome — Rochester, ele o odiava. Seu pai o mudara porque quisera algo que soasse menos étnico. O velho fora um fraco; um fracassado. Dominick cogitara tornar a mudar o sobrenome, retomando o original, todavia isso também pareceria fraqueza, dando a impressão de que talvez se preocupasse muito com o que as outras pessoas poderiam pensar. No mundo de Dominick, você nunca demonstrava fraqueza. Eles haviam derrotado facilmente seu pai, o obrigado a fechar a barbearia, o ridicularizado. Seu pai acreditara poder manter a cabeça erguida. Dominick não caíra nessa.

Ou você quebra a cabeça dos outros, ou tem a cabeça quebrada. Você não faz perguntas. Não argumenta com eles — não no princípio, pelo menos. No começo, você arrebenta cabeças e leva pancadas até que o respeitem. Então você debate com eles. Mostra-lhes estar disposto a levar pancadas. Deixa-os ver que você não tem medo de sangue, nem mesmo do seu próprio. Você quer vencer, você sorri enquanto se esvai em sangue. Isso lhes chama a atenção.

O telefone tornou a tocar. Ele verificou o identificador de chamadas. Número bloqueado. Todavia, a maioria das pessoas que ligavam para lá não gostava que os outros se metessem nos seus assuntos. Dominick ainda mastigava ao atender.

A voz do outro lado da linha anunciou:

— Tenho algo pra você.

Era seu contato no escritório do promotor público. Ele engoliu a carne.

— Prossiga.

— Há uma outra garota desaparecida. A informação chamou-lhe a atenção.

— Ela é de Livingston também. Mesma idade, mesmo ano no colégio.

— Nome?

— Aimee Biel.

O nome não lhe dizia nada, porém realmente não conhecia as amigas de Katie muito bem. Tampando o fone com a mão, indagou:

— Algum de vocês conhece uma menina chamada Aimee Biel? Ninguém respondeu.

— Ei, fiz uma pergunta. Ela estuda no colégio da Katie.

Os meninos fizeram que não com a cabeça. Joan não se mexeu. Seus olhos encontraram os da esposa. Ela meneou a cabeça devagar.

— Tem mais — o contato continuou.

— O quê?

— Descobriram uma conexão com a sua filha.

— Que tipo de conexão?

— Não sei. Estive apenas espreitando. Mas acho que tem algo a ver com o local onde as duas desapareceram. Você conhece um cara chamado Myron Bolitar?

— O astro do basquete?

— Esse mesmo.

Rochester o vira algumas vezes. E também sabia que Bolitar tivera desentendimentos com alguns dos colegas mais torpes de Rochester.

— O que tem ele?

— Ele está envolvido.

— Como?

— Deu uma carona para garota desaparecida no centro de Manhattan. A última vez em que ela foi vista. A menina sacou dinheiro no mesmo caixa eletrônico usado por Katie.

Dominick sentiu um solavanco.

— Ele o quê?

O contato explicou um pouco mais, como Bolitar levara Aimee Biel de volta para Nova Jersey, como um frentista do posto de gasolina os vira discutindo e como ela simplesmente sumira.

— A polícia já falou com ele?

— Sim.

— O que ele disse?

— Creio que não muita coisa. A advogada apareceu.

— Ele... — A cabeça de Dominick girava. — Filho-da-puta. Ele está preso?

— Não.

— Por que não?

— Eles ainda não têm provas suficientes.

— E deixaram ele ir embora?

— Deixaram.

Dominick Rochester nada disse. Ficou muito quieto. O que não passou despercebido pela família: todos ficaram rígidos, temerosos de fazer qualquer movimento. Quando, finalmente, ele tornou a falar, sua voz soou tão calma que a família prendeu a respiração.

— Algo mais?

— Por enquanto, só.

— Continue procurando.

Dominick desligou o telefone. Retornou à mesa. A família inteira o observava.

— Dom? — Joan murmurou.

— Não foi nada.

Não havia necessidade de explicar. Isso não os envolvia. Seu trabalho consistia em lidar com coisas desse tipo. O pai era o soldado, aquele que ficava de vigília para que a família pudesse dormir tranquila.

Ele rumou para a garagem. Então, fechou os olhos e tentou abafar a raiva. Em vão.

Katie...

Seus olhos pousaram sobre o bastão de beisebol de metal. Lembrava-se de ter lido sobre o joelho machucado de Bolitar. Se o sujeito achava que aquilo doía, se achava que um mero ferimento no joelho provocava dor...

Dominick fez alguns telefonemas, levantou informações. Anos atrás, Bolitar se encrencara com os irmãos Ache, que dominavam Nova York. Supostamente, Bolitar era um cara durão, bom com os punhos, que andava na companhia de um psicopata chamado Windsor Alguma Coisa.

Enfrentar Bolitar não seria fácil.

Mas também não seria tão difícil assim. Não se arrumasse os melhores.

Seu celular era descartável, do tipo que se compra com dinheiro vivo, com um nome falso, e se joga fora após gastar os créditos. Não havia como rastreá-lo até aquele número. Dominick tirou um celular novo da prateleira. Por um momento, apenas o segurou, debatendo-se sobre qual atitude tomar, a respiração entrecortada.

Nesses seus anos de vida, já havia tido sua cota de cabeças estourada, porém, se ligasse para aquele número, se realmente chamasse os Gêmeos, estaria

cruzando uma linha perto da qual jamais chegara antes.

Pensou no sorriso da filha. Pensou em como ela tivera de usar aparelho nos dentes aos doze anos e em como usava os cabelos. No modo como costumava olhar para ele, muito tempo atrás, quando ainda era uma garotinha, e ele, o homem mais forte do mundo.

Dominick pressionou as teclas. Depois dessa ligação, teria de se livrar do telefone. Essa era uma das regras dos Gêmeos, e, em relação àqueles dois, não importava quem você era, não importava quão valentão, ou quanto havia ralado para comprar essa casa chique em Livingston. Você não embromava os Gêmeos.

A chamada foi atendida ao segundo toque. Nada de alô. Absolutamente nenhuma saudação. Apenas silêncio.

— Vou precisar de vocês dois — Dominick falou.

— Quando?

Dominick pegou o bastão de metal. Gostava de sentir o peso da coisa. Pensou no tal Bolitar, o fulano que dera carona a uma menina desaparecida e então chamara sua advogada, o fulano que estava livre neste exato instante, provavelmente vendo TV ou desfrutando de uma boa refeição.

De jeito nenhum deixaria isso ficar assim. Ainda que fosse obrigado a acionar os Gêmeos.

— Agora. Preciso dos dois agora.

CAPÍTULO 18

Quando Myron chegou em casa, em Livingston, Win já estava lá.

Esparramado numa espreguiçadeira no jardim, as pernas cruzadas. Vestia calça caqui, mocassins sem meias, camisa azul e gravata Lilly Pulitzer de um verde ofuscante. Algumas pessoas podem usar qualquer coisa e ficam bem. Era o caso de Win.

Ele tinha o rosto voltado para o sol, olhos fechados. Não os abriu ao ouvir Myron se aproximar.

— Você ainda quer ir àquele jogo dos Knicks? — Indagou.

— Acho que vou recusar.

— Você se importa se eu levar alguém, então?

— Não.

— Conheci uma garota no Scores ontem à noite.

— Uma stripper?

— Ora, faça-me o favor. — Win levantou um dedo. — Ela é dançarina exótica.

— Mulher de carreira. Ótimo.

— O nome dela é Bambi, acho. Ou Tawny, sei lá.

— É o nome verdadeiro?

— Nada dela é genuíno. A propósito, a polícia esteve aqui.

— Dando busca na casa?

— Sim.

— Levaram o meu computador?

— Sim.

— Droga.

— Fique tranquilo. Cheguei antes deles e fiz uma cópia dos seus arquivos pessoais. Depois apaguei o disco rígido.

— Você é bom — Myron falou. — Muito bom.

— O melhor.

— Onde você guardou a cópia?

— No pen drive do meu chaveiro — ele respondeu balançando o objeto, os olhos ainda fechados. — Queira chegar para a direita um pouquinho, por favor. Você está bloqueando o sol.

— A investigadora da Hester descobriu algo novo?

— Foi feito um saque num caixa eletrônico com o cartão da jovem srta. Biel — Win explicou.

— A Aimee tirou dinheiro?

— Não, tirou livros da biblioteca. Sim, dinheiro. Ao que parece, Aimee Biel sacou mil dólares num caixa eletrônico minutos antes de telefonar pra você.

— O que mais?

— Por exemplo...?

— Eles estão ligando o caso da Aimee a um outro desaparecimento. O de uma menina chamada Katie Rochester.

— Duas garotas desaparecidas na mesma área. Claro que a polícia faria conexão.

— Acho que há mais alguma coisa. Win abriu um olho:

— Problemas.

— O quê?

Win nada falou. Apenas fixou o olhar num ponto. Myron se virou, seguiu seu olhar, sentiu um aperto na boca do estômago. Erik e Claire. Por um instante ninguém se mexeu.

— Você está bloqueando o sol outra vez — Win disse. Myron reparou na expressão de Erik. Raiva. Pôs-se a andar na direção de ambos, então parou. Claire tocou o braço do marido, sussurrou algo" em seu ouvido. Erik fechou os olhos e permaneceu imóvel enquanto a esposa, de cabeça erguida, caminhou até Myron.

— Você sabe que eu não... — ele começou.

— Lá dentro. — Claire continuou rumando para a porta. — Quero que você me conte tudo quando estivermos lá dentro.

Ed Steinberg, promotor do condado de Essex, chefe de Loren, já a esperava quando ela voltou ao gabinete.

— E então?

Loren o atualizou sobre os acontecimentos recentes. Embora fosse um homem grande, com a barriga um pouco saliente, Steinberg tinha algo de menino que dava vontade de abraçá-lo. Naturalmente, era casado. Fazia tempo que Loren não encontrava um homem desejável que não o fosse.

Ao terminar, Steinberg falou:

— Levantei mais algumas informações sobre Bolitar. Você sabia que ele e aquele amigo, o Win, costumavam realizar alguns trabalhos com a Polícia Federal?

— Havia rumores a respeito.

— Conversei com Joan Thurston. — Thurston, promotora federal para o Estado de Nova Jersey. — A maioria dos casos é confidencial, suponho. Mas, resumindo, todo mundo acha que Win não bate bem da cabeça, mas que Bolitar tem um caráter reto.

— Foi o que também detectei — Loren comentou.

— Você acredita na história dele?

— De modo geral, sim, acredito. É tudo muito estranho. Além do mais, como ele mesmo salientou, alguém com a experiência dele seria tão estúpido para deixar tantas pistas que poderiam incriminá-lo?

— Você acha que foi uma armação?

— Não me soa como uma hipótese muito convincente. Afinal, Aimee Biel telefonou para Bolitar. Ela teria que ter tomado parte do plano.

Steinberg cruzou as mãos sobre a escrivaninha. As mangas da camisa enroladas revelavam antebraços grandes, abundantemente cobertos de pêlos.

— Então a probabilidade é de que ela seja uma fugitiva?

— Sim — Loren afirmou.

— E o fato de ela e Katie Rochester terem sacado dinheiro no mesmo caixa eletrônico?

— Não acho que seja coincidência.

— Talvez as duas se conhecessem.

— Não de acordo com os pais de ambas.

— Isso não quer dizer nada — Steinberg afirmou. — Pais não sabem absolutamente nada sobre os filhos. Acredite no que estou dizendo. Tive filhas adolescentes. Mamães e papais que afirmam saber tudo sobre os seus filhos em geral sabem de menos. — Ele mudou de posição na cadeira. — Nada foi encontrado na casa ou no carro de Bolitar?

— Eles ainda não terminaram as buscas. Mas o que poderão encontrar? Sabemos que a menina esteve na casa e no carro.

— A polícia local está encarregada de executar o mandado de busca.

— Sim.

— Então deixe que se encarregue do resto também. Na verdade, nós não temos um caso a investigar. A garota é maior de idade, certo?

— Sim.

— Ótimo. Então está decidido. O caso fica nas mãos da polícia local. Quero você concentrada nesses homicídios em East Orange.

Steinberg contou-lhe mais sobre o caso. Loren escutou, esforçando-se para manter o foco. Era um caso importante, sem dúvida. Homicídio duplo. Talvez um matador de aluguel voltando a atuar na área. O tipo de caso que amava. A investigação consumiria todo o seu tempo. Sabia que sim. E sabia quais eram as probabilidades do outro caso. Aimee Biel sacara dinheiro antes de telefonar para Myron. O que significava que, muito provavelmente, não fora sequestrada, que estava bem — e, portanto, Loren Muse realmente não deveria se envolver mais.

Dizem que tristeza e preocupações envelhecem, mas com Claire Biel acontecia quase o oposto. A pele do rosto estava repuxada — tão esticada junto

dos ossos que o sangue parecia ter parado de fluir. Não havia nenhuma ruga nas faces. Ela estava pálida, quase esquelética.

Uma lembrança banal do passado veio à mente de Myron. Sala de estudos, o último ano do colégio. Começavam a conversar e ele a fazia rir. Geralmente Claire era quieta, calada, dona de uma voz suave. Mas, quando ele se punha a falar, quando apelava para todas aquelas fórmulas rotineiras tiradas dos filmes idiotas favoritos de ambos, Claire ria tanto que chegava a chorar. E Myron não parava. Adorava a risada dela. Adorava sua alegria genuína quando se soltava daquele jeito.

Claire o encarou. De vez em quando, a gente tenta voltar ao passado, para uma época em que tudo era tão bom. Tenta retroceder e entender como isso tudo começara e o caminho que havia tomado e como terminara ali. Se existia um momento para o qual poderia voltar e, de alguma maneira, alterá-lo. E, então, puf, a gente não estaria ali, e sim em algum lugar melhor.

— Conte-me — Claire falou.

Ele o fez. Iniciou o relato com a festa em sua casa, quando ouvira, por acaso, Aimee e Erin no porão, a promessa, o telefonema tarde da noite. Discorreu sobre tudo isso. Falou sobre a parada no posto de gasolina. Contou até que Aimee mencionara que as coisas não andavam muito bem com os pais.

Claire permaneceu rígida. Sem dizer nada. Um leve tremor nos lábios. Ocasionalmente, ela fechava os olhos, retraía-se como se à beira de levar um golpe e, no entanto, relutava em se defender.

Quando Myron terminou, os dois permaneceram em silêncio. Claire não formulou nenhuma pergunta. Simplesmente se manteve ali, de pé, parecendo muito frágil. Myron deu um passo em sua direção, mas logo percebeu ser a atitude errada.

— Você sabe que eu nunca a machucaria. Ela não respondeu.

— Claire?

— Você se lembra daquela vez em que nos encontramos no Little Park, perto do grémio?

— Nós nos encontrávamos lá com frequência, Claire.

— No playground. A Aimee tinha três anos. O sorveteiro passou. Você comprou um sorvete de chocolate e amêndoas pra ela.

— Que ela detestou. Claire sorriu.

— Você se lembra?

— Sim, lembro.

— Você se lembra de como eu estava naquele dia? — Myron refletiu por um instante.

— Não estou entendendo aonde você quer chegar.

— A Aimee não sabia o que era limite. Ela experimentava tudo. Queria subir no escorregador mais alto. Tinha uma escada enorme. Ela era nova demais para aquilo. Ou, pelo menos, foi o que eu pensei. Era a minha primeira filha. Eu tinha muito medo, o tempo todo.

— Mas não consegui impedi-la e deixei que ela subisse. Mas fiquei atrás dela, amparando-a, você se lembra? Você fez uma piadinha a respeito. Ele assentiu.

— Antes de a Aimee nascer, jurei que eu nunca seria uma daquelas mães superprotetoras. Prometi a mim mesma. Mas a Aimee subiu a escada, e lá estava eu, colada nos degraus, as mãos estendidas para o bumbum dela. Só pra garantir, caso ela tropeçasse. Porque, independentemente de onde você esteja, mesmo num lugar tão inocente quanto um playground, tudo o que uma mãe, um pai antecipam é o pior. Ficava imaginando os pezinhos dela escorregando de um degrau, as mãozinhas se desprendendo do corrimão, o corpinho se inclinando para trás e ela caindo, batendo a cabeça no chão, o pescoço num ângulo errado... Então, eu ficava plantada atrás dela. Pronta para qualquer coisa.

Claire se calou e o olhou fixamente.

— Eu nunca a machucaria — Myron repetiu.

— Eu sei — ela afirmou, o tom de voz suave.

Ele deveria ter sentido alívio. Mas não foi o que aconteceu. Havia algo na maneira como Claire falou que o manteve em suspense.

— Você não a machucaria. Sei disso. Mas você também não está isento de culpa.

Myron não tinha ideia do que retrucar.

— Por que você não é casado?

— Mas o que isso tem a ver com qualquer outra coisa?

— Você é um dos homens mais gentis, mais amáveis, que eu conheço. Adora crianças. E heterossexual. Então, por que ainda não se casou?

Ele se conteve. Claire estava em estado de choque, disse a si mesmo. A filha sumira. Ela estava apenas desabafando.

— Acho que é porque você leva a destruição por onde passa, Myron. Aonde quer que você vá, as pessoas acabam feridas. Acho que é por isso que nunca se casou.

— Você acha — o quê? — que eu sou amaldiçoado?

— Não, nada disso. Mas a minha filhinha sumiu. — Claire falava devagar agora, como se pesando cada palavra. — Você foi o último a vê-la. Você prometeu que a protegeria.

Ele não se mexeu.

— Você poderia ter me contado.

— Eu prometi...

— Não — Claire ergueu a mão —, isso não é desculpa. A Aimee jamais teria sabido. Você poderia ter me chamado de lado e dito: "Olhe, falei para a Aimee que ela poderia me telefonar se tivesse algum problema". Eu teria entendido. Teria até gostado, porque, de certa forma, eu ainda continuaria perto dela, como na escada do escorregador. Teria sido capaz de protegê-la, porque é isso que os pais fazem. Os pais, Myron, não um amigo da família.

Ele queria se defender, porém nenhum argumento lhe vinha à mente.

— Mas você não fez isso — Claire continuou, as palavras desaguando sobre ele. — Prometeu que não contaria nada aos pais. Então, deu carona a ela até um lugar qualquer e largou a menina lá. Não ficou alerta, atento, como eu teria ficado. Você está entendendo?

— Você não tomou conta da minha filhinha. E agora ela se foi.

Myron nada falou.

— O que você vai fazer a respeito?

— O quê?

— Perguntei o que você vai fazer a respeito.

Myron abriu a boca, tornou a fechá-la, tentou de novo.

— Não sei.

— Sim, você sabe, sim. — De repente os olhos de Claire pareceram límpidos e focados. — De duas, uma. Já estou vendo como será. A polícia vai recuar. A Aimee sacou dinheiro de um caixa eletrônico antes de telefonar pra você. Portanto, ou vão descartá-la por julgar que se trata apenas de uma garota que fugiu de casa, ou vão pensar que você está envolvido. Ou as duas coisas. Talvez, que você a tenha ajudado a fugir. Ou que é namorado dela. De qualquer modo, a Aimee tem dezoito anos. A polícia não dará muita atenção ao caso. E não vai se esforçar para encontrá-la porque tem outras prioridades.

— O que você quer que eu faça?

— Encontre-a.

— Eu não salvo pessoas. Você mesma fez questão de frisar isso.

— Então é melhor começar agora. A minha filha está sumida por sua causa. Eu o considero responsável.

Myron meneou a cabeça, porém Claire se manteve irredutível.

— Você fez a Aimee lhe prometer. Bem aqui, nesta casa. Você a fez prometer. Agora faça o mesmo, droga. Prometa que encontrará a minha filha. Prometa que a trará para casa.

E, depois de um instante — o verdadeiramente derradeiro "E se...?" —, Myron prometeu.

CAPÍTULO 19

Ali Wilder finalmente parara de pensar um pouco na iminente chegada de Myron para ligar para seu editor, um homem a quem generosamente se referia como Calígula.

— Simplesmente não estou entendendo esse parágrafo, Ali. Ela engoliu um suspiro.

— Qual, Craig? — Craig era o nome com o qual seu editor costumava se apresentar, porém estava convencida de que seu verdadeiro nome era Calígula.

Antes do 11 de Setembro, Ali tivera um emprego sólido numa revista de Nova York. Após a morte de Kevin, não houvera como mantê-lo. Erin e Jack precisavam dela em casa. Então, tirara uma licença e se tornara jornalista freelance, escrevendo principalmente para jornais. No princípio, todo mundo lhe oferecera trabalho. Recusara devido ao que agora enxergava como orgulho idiota. Odiara que lhe tivessem aberto oportunidades movidos pela "pena". Sentira-se acima disso. Agora se arrependia.

Calígula pigarreou, fazendo uma encenação, e leu o parágrafo alto:

— "A cidadezinha mais próxima é Pahrump. Imagine Pahrump, rima com paru. Lembra o que seria largado na estrada se um urubu comesse o peixe e vomitasse as partes ruins. Desmazelo como forma de arte. Um bordel decorado para parecer restaurante, o que soa como um trocadilho de mau gosto. Placas com caubóis gigantes competem com letreiros de lojas de fogos de artifício, cassinos, estacionamentos de trailers e propaganda de carne-seca. Todos os queijos são prato."

Depois de uma pausa significativa, Calígula se pronunciou:

— Vamos começar com a última frase.

— Hã-hã.

— Você diz que o único queijo encontrado na cidadezinha é o do tipo prato?

— Sim — Ali respondeu.

— Tem certeza?

— Como assim?

— Você esteve no supermercado?

— Não. — Ali pôs-se a roer uma unha. — Não se trata da declaração de um fato. Estou tentando passar a impressão causada pela cidade.

— Escrevendo inverdades?

Ali sabia aonde a coisa estava indo. Assim, aguardou. Calígula não a desapontou.

— Como você sabe, Ali, que eles não têm nenhum outro tipo de queijo na

cidade? Você inspecionou todas as prateleiras do supermercado? E, mesmo que o tivesse feito, considerou a possibilidade de que, talvez, alguém faça compras na cidade vizinha e leve outros queijos para Pahrump? Ou que talvez os comprem pelo correio? Você entende o que estou dizendo?

Ali fechou os olhos.

— Publicamos isso, sobre queijo prato ser o único tipo encontrado na cidade, e, de repente, recebemos um telefonema do prefeito dizendo: "Ei, não é verdade. Temos toneladas de variedades aqui. Temos gouda, suíço, cheddar, provolone...".

— Já entendi, Craig.

— E roquefort e mussarela...

— Craig...

— ... e os cremosos, então?

— Cremosos?

— Cream cheese, puxa vida! É um tipo de queijo, certo? Cream cheese. Mesmo num lugar caipira seria possível encontrar cream cheese. Você percebe?

— Certo, hã-hã. — Mais unha roída. — Entendo.

— Portanto, a frase tem de ser cortada. — Ela escutou o lápis deslizando sobre o papel. — Agora falemos sobre a frase anterior, aquela sobre estacionamentos de trailers e carne-seca.

Calígula era breve. Ali odiava editores breves. Costumava brincar a respeito com Kevin. Kevin sempre fora seu primeiro leitor. Sua função consistia em classificar de brilhante qualquer coisa que a esposa rascunhasse. Ali, como a maioria dos escritores, era insegura.

Precisava ouvir os elogios dele. Qualquer criticismo enquanto escrevia a paralisava. Kevin compreendia. Então, ele elogiava. E quando ela brigava com os editores, especialmente aqueles de visão curta e baixa estatura, como Calígula, o marido sempre tomava seu lado.

Perguntou-se se Myron gostaria de seu estilo de escrever.

Ele lhe pedira para ler alguns de seus textos, porém ela continuava adiando. O homem namorara Jéssica Culver, uma das melhores romancistas do país. Jéssica Culver tivera um de seus livros resenhados na primeira página do caderno literário do The New York Times. Seus livros sempre figuravam na lista de indicados aos maiores prémios de literatura. E, como se não bastasse, como se Jéssica Culver já não superasse Ali Wilder profissionalmente, a mulher era ridiculamente deslumbrante.

Como poderia Ali comparar-se a tanto?

A campainha da porta tocou. Ela consultou o relógio. Cedo demais para Myron.

— Craig, posso lhe telefonar depois? Calígula suspirou.

— Certo, o.k. Nesse meio-tempo, vou dar um ajustezinho nisso aqui.

Ela estremeceu ao escutá-lo. Havia uma velha piada sobre ser deixado numa ilha deserta com um editor. Você está morrendo de fome. Tudo o que lhe restou é um copo de suco de laranja. Os dias passam. Você está à beira da morte. Está a ponto de beber o suco, quando o editor arranca o copo de sua mão e urina nele. Você o olha, pasma. "Pronto", diz o editor, devolvendo-lhe o copo. "Só precisava de um ajustezinho."

A campainha tornou a tocar. Erin desceu a escada correndo e gritando:

— Eu atendo.

Ali desligou. Erin abriu a porta. Ao ver a filha petrificada, Ali acelerou o passo.

Dois homens. Ambos mostravam seus distintivos de polícia.

— Posso ajudá-los? — Ali perguntou.

— Vocês são Ali e Erin Wilder?

As pernas de Ali fraquejaram. Não, não era um flashback de como soubera sobre Kevin. Mas, ainda assim, havia algo de déjà vu. Virou-se para a filha. Erin empalidecera.

— Sou Lance Banner, investigador de polícia de Livingston. Este é o detetive John Greenhall, de Kasselton.

— Do que se trata?

— Gostaríamos de fazer algumas perguntas a vocês, se possível.

— A respeito do quê?

— Podemos entrar?

— Primeiro eu gostaria de saber por que vocês estão aqui.

— Gostaríamos de fazer algumas perguntas sobre Myron Bolitar — Banner disse.

Ali assentiu, tentando entender a situação.

— Erin — falou, voltando-se para a filha —, vá lá para cima enquanto eu converso com os policiais, o.k.?

— Hã, na realidade, senhora...

— Sim?

— As perguntas que desejamos fazer — Banner explicou, atravessando a soleira da porta e indicando Erin com um movimento de cabeça — são para a sua filha.

Myron estava no quarto de Aimee.

A casa dos Biel ficava a poucos metros da sua. Claire e Erik tinham ido na frente, de carro. Myron falara rapidamente com Win, pedira-lhe para ajudá-lo a descobrir quaisquer informações que a polícia possuísse sobre Katie Rochester e Aimee. Então, seguira a pé.

Ao entrar nacasa, Erik já havia saído.

— Ele fica dirigindo por aí — Claire explicou, conduzindo-o pelo corredor. — Acredita que, se for nos lugares que Aimee costumava frequentar, poderá encontrá-la.

Claire abriu a porta do quarto da filha.

— O que você está procurando?

— Não faço ideia. A Aimee conhecia uma garota chamada Katie Rochester?

— É a outra menina desaparecida, não é?

— Sim.

— Creio que não. Na verdade, perguntei isso a ela quando a notícia foi veiculada. A Aimee disse que já tinha visto a menina, mas que não a conhecia de fato. Katie fez o fundamental no Mount Pleasant. A Aimee, no Colégio Heritage. Você sabe como é.

Sim, ele sabia. Muitos anos atrás, quando ambos iniciaram o ensino médio, o vínculo entre eles já estava solidificado.

— Você quer que eu dê alguns telefonemas e pergunte às amigas de Aimee?

— Talvez possa ajudar.

— Devo deixá-lo sozinho?

— Por enquanto, sim.

Claire fechou a porta atrás de si ao sair. Myron olhou ao redor. Dissera a verdade — não fazia a menor ideia do que estava procurando —, mas supunha que seria um bom primeiro passo. Como qualquer adolescente, tinha de guardar segredos no quarto, correto?

Também lhe parecia certo estar ali. No momento em que prometera a Claire, toda a sua perspectiva começara a mudar. Seus sentidos, estranhamente, estavam afiados. Há algum tempo não fazia isso — investigar —, mas não demorou para o músculo da memória recuperar a robustez. Estar no quarto da menina lhe trouxera tudo de volta. No basquete, você tem de entrar no ritmo do jogo para se superar. No decorrer de uma investigação, a sensação é similar. Estar ali, no quarto da vítima, proporcionava-lhe isso. Punha-o no ritmo do jogo.

Duas guitarras chamaram-lhe a atenção. Myron não entendia nada de instrumentos, mas uma era obviamente elétrica, e a outra, acústica. Na parede, um póster de Jimi Hendrix. As palhetas estavam guardadas em cubos de plástico. Myron leu as etiquetas. Itens de colecionador. Palhetas que haviam pertencido a Keith Richards, Nils Lofgren, Eric Clapton, Buck Dharma.

Myron quase sorriu. A garota tinha bom gosto.

O computador já estava ligado. O protetor de tela era um aquário. Embora não fosse um especialista em informática, sabia o básico. Claire lhe fornecera a senha de Aimee, explicando-lhe que Erik tentara ler os e-mails sem sucesso.

Mesmo assim, tornou a tentar.

Entrou no site e verificou a conta.

Sim, todos os e-mails tinham sido deletados.

Começou a analisar os documentos e organizou os arquivos por ordem de data, verificando no que ela andara trabalhando ultimamente. Aimee estivera escrevendo canções. Myron refletiu um pouco sobre essa jovem criativa, sobre qual seria seu paradeiro agora.

Procurou entre os documentos mais novos. Nada de especial. Checou os downloads. Algumas fotografias recentes. Aimee com um bando de colegas do colégio, supunha. Nada de evidentemente especial. Todavia, talvez pedisse a Claire para dar uma olhada nas fotos.

Adolescentes, ele sabia, costumavam usar programas de comunicação instantânea. Da relativa calma de seus computadores, mantinham conversas com dúzias de pessoas, às vezes simultaneamente. Myron conhecia montes de pais que se queixavam disso, esquecendo-se de que, quando jovens, tinham passado horas agarrados ao telefone, fofocando uns com os outros. Seria a comunicação instantânea pior?

Ele abriu a lista de amigos. Havia pelo menos uns cinquenta apelidos tipo SpazaManiacJacklI, MSGWatkins e YoungThangBlaine. Myron imprimiu a lista. Pediria a Claire e Erik para verificá-los com uma das amigas de Aimee, ver se algum apelido parecia deslocado, desconhecido de todos. Era um tiro no escuro, porém serviria para conservá-los ocupados.

Myron abandonou o mouse e começou a busca à maneira antiga. Primeiro, a escrivaninha. Vasculhou as gavetas. Canetas, papéis, cartões, pilhas sobressalentes, uma pequena seleção de CDs de softwares. Nada pessoal. Vários recibos de um lugar chamado Planet Music. Myron conferiu as guitarras. Ambas exibiam adesivos Planet Music na parte de trás.

Grande coisa.

Gaveta seguinte. Outra vez, nada.

Na terceira gaveta, Myron notou algo que o fez se deter. Gentilmente, estendeu a mão e o ergueu no ar. Sorriu. Protegido num plástico... um cartão seu, no início da carreira de jogador de basquete. Ele fitou seu próprio eu mais jovem. Lembrava-se de quando tirara aquela foto. Ensaiara várias poses idiotas — arremessando, fingindo passar a bola —, mas, no fim, decidiram-se por aquela em que fazia um drible. O fundo fora um ginásio vazio. Na foto, usava a camiseta verde do Boston Celtics — uma das, talvez, cinco vezes em que chegara a vesti-la em toda a sua vida. Milhares daqueles cartões tinham sido impressos antes de sua lesão. Todos, agora, itens de colecionadores.

Era bom saber que Aimee possuía um, embora se perguntasse qual seria a

conclusão da polícia a respeito.

Myron recolocou o cartão na gaveta. Suas digitais estavam no papel agora, assim como em todo o quarto. Não importava. Continuou procurando. Queria achar um diário. Era isso o que você sempre vê nos filmes. A garota escreve um diário e fala sobre o namorado secreto, a vida dupla e tudo o mais. Funcionava na ficção. Difícil acontecer na realidade.

Abriu a gaveta de roupa íntima. Apesar de se sentir nojento, foi em frente. Se Aimee pretendesse esconder alguma coisa, ali poderia ser o lugar. Entretanto, não havia nada. Seu gosto por lingerie refletia o de qualquer adolescente de bom senso. Todavia, no fundo da gaveta, encontrou uma peça particularmente picante, ainda com a etiqueta da loja, chamada Bedroom Rendezvous. A peça, de seda branca, parecia saída de uma fantasia envolvendo enfermeiras. Myron franziu o cenho, sem entender muito bem.

Espalhada pelo quarto, uma coleção de bonequinhas. Um iPod com fones de ouvido brancos dependurados na cabeceira da cama. Ele conferiu as músicas. Várias de Aimee Mann. Myron considerou uma pequena vitória sua. Alguns anos atrás, presenteara Aimee com o álbum Lost in Space, de Aimee Mann, pensando que o primeiro nome da cantora atrairia a atenção da garota. Agora descobria que a menina possuía cinco CDs de Aimee Mann.

Algumas fotografias grudadas no espelho. Todas de grupos — Aimee na companhia de um bando de amigas. Duas fotos do time de vôlei, uma na pose clássica de equipe, a outra celebrando a vitória do campeonato municipal. Diversas fotos da banda de rock de Aimee, ela tocando guitarra, um sorriso dolorido no rosto. Mas que garota, naquela idade, não tem um sorriso doído?

Myron encontrou o anuário do colégio e pôs-se a folheá-lo. Anuários haviam mudado muito, desde que se formara. Por exemplo, agora incluíam DVD. Assistiria a esse DVD, imaginava. Se tivesse tempo.

Deu uma olhada na foto de Katie Rochester. Já a tinha visto antes, nos noticiários. Leu o depoimento da garota. Ela sentiria saudade de Betsy e de Craig e das noites de sábado no Ritz Diner.

Nada de significativo. Leu, então, a página de Aimee Biel. Aimee mencionava todas as suas amigas, todos os seus professores preferidos, srta. Korty e o sr. D.; o técnico de vôlei, sr. Grady; e todas as garotas do time. Terminava dizendo: "Randy, você fez os últimos dois anos muito especiais. Sei que sempre estaremos juntos".

Velho e bom Randy.

Myron checou a página de Randy. Um garoto bonito, com cabelos rebeldes e cacheados num estilo que beirava o rastafári, um sorriso grande e brilhante. Ele escrevera principalmente sobre esportes e mencionara Aimee também, como ela

havia "enriquecido" seus anos no ensino médio.

Hum.

Myron refletiu sobre a questão, tornou a inspecionar o espelho e, pela primeira vez, perguntou-se se, talvez, não teria tropeçado numa pista.

Claire abriu a porta.

— Alguma coisa?

Myron apontou para o espelho.

— Isso.

— O que tem isso?

— Com que frequência você vem a este quarto?

— Uma adolescente vive aqui.

— Isso significa raramente?

— Mais para nunca.

— É a Aimee quem lava as próprias roupas?

— Ela é adolescente, Myron. Não faz nada.

— Então quem lava as roupas?

— Temos uma empregada, Rosa. Por quê?

— As fotografias — ele falou.

— Qual o problema das fotos?

— A Aimee tem um namorado. Randy, certo?

— Randy Wolf. Um bom garoto.

— E os dois estão juntos há muito tempo?

— Desde o primeiro ano do ensino médio. Por quê? Novamente Myron apontou o espelho.

— Não há nenhuma foto do rapaz. Olhei o quarto inteiro. Nenhuma foto dele em lugar nenhum. Por esse motivo eu estava lhe perguntando quando foi a última vez em que você entrou aqui. Costumava haver fotos de Randy?

— Sim.

Myron mostrou os vários espaços vazios na borda inferior do espelho.

— Tudo parece fora de sequência. Mas aposto que foi a Aimee quem retirou as fotografias do namorado.

— Mas eles foram ao baile de formatura juntos, três noites atrás.

— Talvez tenham brigado lá — Myron ponderou.

— Você não falou que a Aimee parecia sensível quando deu a carona?

— Sim.

— Talvez os dois tivessem acabado de romper — Claire argumentou.

— É possível. Exceto por duas coisas: desde então, ela não voltou para casa, e as fotografias no espelho já tinham sido removidas. O que nos levaria a pensar que os dois terminaram pelo menos um ou dois dias antes que eu desse a carona.

E tem mais uma coisa.

Claire aguardou. Myron tirou a peça de lingerie da gaveta.

— Você já viu isso antes?

— Não. Você achou essa peça aqui?

— Sim. No fundo da gaveta. E dá a impressão de não ter sido usada. Ainda está com a etiqueta da loja.

Claire permaneceu muito quieta.

— O que foi?

— Erik disse à polícia que a Aimee vinha agindo de um jeito estranho ultimamente. Discordei dele, mas a verdade é que sim. Ela se tornou muito fechada.

— Sabe o que mais me chamou a atenção sobre esse quarto?

— O quê?

— Esquecendo a lingerie — que pode, ou não, ser relevante —, não há nada de reservado aqui. A menina está no último ano do colégio. Deveria haver alguma coisa.

— O que você acha que isso significa?

— É como se a Aimee estivesse se empenhando em esconder algo. Precisamos verificar outros lugares onde ela poderia guardar coisas pessoais, um lugar onde você e Erik não bisbilhotariam. O armário do colégio, talvez.

— Será que deveríamos ir lá agora?

— Acho melhor conversarmos com o Randy primeiro. Claire franziu o cenho.

— O pai dele.

— O que tem ele?

— O nome é Jake. Todos os chamam de Big Jake. Ele é maior do que você. E a esposa flerta com todo mundo. No ano passado, Big Jake entrou numa briga durante um dos jogos do Randy. Surrou um pobre rapaz até deixá-lo inconsciente na frente dos garotos. É um babaca completo.

— Completo?

— Completo.

— Uau. — Myron fingiu limpar o suor da testa. — Um babaca pela metade, eu dispenso. Um babaca completo é comigo mesmo.

CAPÍTULO 20

Randy Wolf morava na parte nova da estrada Laurel. As propriedades da área, de tijolos aparentes pintados, ocupavam mais metros quadrados do que o aeroporto Kennedy. O portão, uma imitação de ferro batido, entreaberto, permitiu a passagem de Myron. O terreno ao redor da casa dos Wolf era tão excessivamente embelezado, a grama tão verde, que se tinha a impressão de que alguém exagerara na camada de tinta. Três minivans estavam estacionadas próximas à garagem. Ao lado delas, brilhante devido ao polimento recente e aparentemente posicionado para reluzir ao sol, um Corvette vermelho. Myron pôs-se a cantarolar aquela melodia do Prince. Impossível resistir.

O ruído familiar de uma bola de ténis ecoou da área atrás da casa. Myron marchou na direção do som. Quatro mulheres ágeis jogavam ténis. Todas com os cabelos presos em rabos-de-cavalo, metidas em roupas brancas e justas. Uma das senhoras esguias estava prestes a sacar quando notou sua presença. Ela tinha ótimas pernas, Myron observou, tornando a olhar. Sim, magníficas.

Pernas provocantes e bronzeadas provavelmente não eram indício de nada, mas por que arriscar?

Myron acenou e brindou a mulher que sacava com seu melhor sorriso. Ela retribuiu, sinalizando para que as outras senhoras a desculpassem por um instante. Então, correu em sua direção, o rabo-de-cavalo escuro balançando. Parou bem perto, a respiração profunda. O suor fazia o saiote e a camiseta um pouco transparentes e agarrados ao corpo — outra vez Myron estava apenas sendo observador —, porém a mulher parecia não se importar.

— Posso ajudar em algo?

Ela apoiou uma mão no quadril.

— Oi, meu nome é Myron Bolitar.

Quarto Mandamento do Manual Bolitar de Lisonjas: empolgue as mulheres com uma primeira frase encantadora.

— Seu nome não me é estranho.

A língua dela se mexia um bocado enquanto falava.

— Sra. Wolf?

— Pode me chamar de Lorraine.

Lorraine Wolf tinha aquele jeito de falar em que tudo soava como se tivesse duplo sentido.

— Estou procurando o seu filho, Randy.

— Resposta errada.

— Como é?

— Você deveria dizer que pareço jovem demais para ser mãe do Randy.

— Seria óbvio demais — Myron retrucou. — Uma mulher inteligente como você não se deixaria iludir.

— Bela reparação.

— Obrigado.

As outras senhoras se reuniram perto da rede, toalhas ao redor do pescoço, bebendo algo verde.

— Por que você está procurando o Randy?

— Preciso conversar com ele.

— Bem, isso eu já imaginava. Mas talvez você possa me dizer do que se trata?

A porta dos fundos da casa foi aberta com um estrondo. Saiu um homem grande — Myron media um metro e noventa e cinco e pesava noventa e oito quilos; aquele sujeito tinha pelo menos dois metros de altura4 e pesava uns quinze quilos a mais.

Big Jake Wolf, deduziu Myron, estava em casa.

Cabelos negros penteados para trás, olhar vil.

— Ei, aquele não é o Steven Seagal? — Myron indagou, em voz baixa.

Lorraine Wolf sufocou o riso.

Big Jake avançou pisando duro, encarando Myron. Myron esperou alguns segundos, deu uma piscadela e acenou para Big Jake, no melhor estilo Stan Laurel. Big Jake não pareceu satisfeito. Aproximando-se de Lorraine, enlaçou-a pela cintura, puxando-a para perto de si.

— Oi, querida — falou, os olhos ainda fixos em Myron.

— Oi também — Myron devolveu.

— Eu não estava falando com você.

— Então por que estava olhando pra mim?

Big Jake franziu o cenho e puxou a mulher ainda para mais perto. Apesar de se encolher um pouco, Lorraine não resistiu. Myron já vira essa atitude antes. Extrema insegurança, supunha. Jake desviou o olhar tempo suficiente para beijar a esposa no rosto antes de tornar a segurá-la com firmeza.

Myron perguntou-se se Big Jake urinaria nela para marcar território.

— Volte para o seu jogo, querida. Eu resolvo isso.

— Nós estávamos terminando.

— Então por que vocês, damas, não vão lá para dentro e tomam um drinque?

Ele a soltou, e Lorraine deu a impressão de ficar aliviada. As senhoras caminharam para a casa, Myron novamente reparando em suas pernas. Só para garantir. As mulheres lhe sorriram.

— Ei, o que você está olhando?

— Dicas potenciais.

— O quê?

Myron virou-se para encará-lo.

— Deixa pra lá.

— Então, o que você quer aqui?

— Meu nome é Myron Bolitar.

— E daí?

— Boa resposta.

— O quê?

— Deixa pra lá.

— Você é algum comediante?

— Prefiro o termo "ator cómico". Comediantes são sempre estereotipados.

— Mas que diabos... — Big Jake se calou, empertigando-se. — Você sempre faz isso?

— Faço o quê?

— Aparece sem ser convidado?

— É a único jeito de as pessoas me receberem.

Big Jake estreitou os olhos um pouco mais. Ele vestia calça jeans justa e camisa de seda, com vários botões abertos. Uma corrente de ouro emaranhada nos pêlos do peito. Stayin Alive não estava tocando ao fundo, mas bem que poderia.

— Um tiro no escuro aqui — Myron falou. — O Corvette vermelho. É seu, certo?

Mais olhadas fulminantes.

— O que você quer?

— Eu gostaria de conversar com o seu filho, Randy.

— Por quê?

— Estou aqui em nome da família Biel. A informação o fez piscar.

— E daí?

— Você sabe que a filha deles está desaparecida?

— E daí?

— Essa resposta "e daí" nunca cansa você, não é, Jake? Aimee Biel está desaparecida e eu gostaria de fazer algumas perguntas a respeito ao seu filho.

— Ele não tem nada a ver com isso. E passou a noite de sábado em casa.

— Sozinho?

— Não. Comigo.

— E Lorraine? Passou a noite em casa também? Ou saiu?

Big Jake não gostou de ouvir Myron usando o nome de batismo da esposa.

— Não é da sua conta.

— De qualquer forma, eu ainda gostaria de falar com o Randy.

— Não.

— Por que não?

— Não quero o Randy metido nisso.

— Metido no quê?

— Ei — ele apontou para Myron —, eu não estou gostando desse seu jeito.

— Não? — Myron ofereceu-lhe um sorriso largo e aguardou. Big Jake não disfarçou a confusão. — Assim está melhor?

— Saia daqui.

— Eu deveria reagir, dizendo "Quem vai me fazer sair?", mas, realmente, seria tão banal.

Sorrindo, Big Jake avançou para Myron.

— Você quer saber quem vai fazê-lo sair?

— Espere um momento, aguente aí, deixe-me consultar o script.

— Myron fingiu folhear algumas páginas. — O.k., aqui está. Devo dizer: "Não, quem?". Então, você responde: "Eu vou".

— Você entendeu direitinho.

— Jake?

— O quê?

— Algum outro filho seu está em casa?

— Por quê? O que isso tem a ver com qualquer coisa?

— Lorraine, bem, ela já sabe que você é um homem pequeno.

— Myron disse, sem se mover um centímetro —, mas eu odiaria lhe dar uma surra na frente dos seus filhos.

Jake bufava e, embora não recuasse, estava tendo dificuldade para sustentar o olhar do outro.

— Ah, você não vale a pena.

Myron revirou os olhos, porém engoliu a réplica perfeita. Maturidade.

— De qualquer maneira, o meu filho rompeu com aquela vagabunda.

— Por vagabunda você se refere a...

— A Aimee. Ele a dispensou.

— Quando?

— Três, quatro meses atrás. Ele já tinha se cansado dela.

— Os dois foram ao baile de formatura juntos na semana passada.

— Apenas para manter as aparências.

— Aparências?

— Não estou surpreso com o que aconteceu.

— Por que você diz isso, Jake?

— Porque a Aimee não valia nada. Era uma vagabunda. Myron sentiu o sangue ferver.

— E por que você diz isso?

— Eu a conheço, o.k.? Conheço a família toda. O meu filho tem um futuro brilhante. Ele vai para Dartmouth no outono, e não quero nada o atrapalhando. Portanto, preste atenção, sr. Basquete. Sim, eu sei quem você é. Você se acha o bom. Grande e durão, o garanhão do basquete que nunca venceu na liga profissional. O garotão de sucesso que estragou tudo no final. Que não conseguiu aguentar o tranco quando o jogo endureceu. Big Jake sorriu.

— Espere, é agora que devo desabar e chorar? Big Jake encostou um dedo no peito de Myron:

— Você simplesmente mantenha distância do meu filho, entendeu? Ele não tem nada a ver com o sumiço daquela vagabunda.

Myron estendeu a mão. Agarrou Jake pelas bolas e as apertou com força. Os olhos de Jake ficaram esbugalhados. Myron se posicionou de forma que ninguém pudesse enxergar o que estava fazendo. Então, sussurrou:

— Não vamos mais chamar a Aimee assim, certo, Jake? Sinta-se à vontade para concordar.

Big Jake fez um movimento com a cabeça, o rosto roxo. Myron fechou os olhos e, maldizendo a si mesmo, soltou o outro. Inspirando profundamente, Jake cambaleou e caiu no chão, apoiado num joelho. Myron se sentiu um idiota, perdendo o controle desse jeito.

— Escute, eu só estou tentando...

— Saia — Jake rosnou. — Só... só me deixe sozinho. E desta vez Myron lhe obedeceu.

Do assento dianteiro de um Buick Skylark, os Gêmeos observaram Myron sair da propriedade de Wolf.

— Lá está o nosso rapaz.

— É.

Os dois não eram realmente Gêmeos. Não eram sequer irmãos. Não se pareciam. Partilhavam a mesma data de nascimento, 24 de setembro, mas Jeb era oito anos mais velho que Orville. Essa fora uma das razões pelas quais ganharam o apelido — aniversariavam no mesmo dia. O outro motivo fora como se conheceram, num jogo de beisebol dos Minnesota Twins. Alguns diriam que havia sido uma sádica reviravolta do destino ou um terrível alinhamento das estrelas que fizeram que se encontrassem. Outros alegariam a existência de um vínculo; duas almas perdidas que reconheceram um espírito gémeo, como se a veia de crueldade, a psicose, fosse algum tipo de ímã que os atraíra um para o outro.

Jeb e Orville se conheceram nas arquibancadas do estádio em Minneapolis quando Jeb, o gémeo mais velho, metera-se numa briga com cinco malucos

bêbados. Orville entrara no meio, e, juntos, mandaram todos os cinco para o hospital. Isso acontecera oito anos atrás. Três dos fulanos continuavam em coma.

Jeb e Orville permaneceram juntos.

Esses dois homens, ambos solitários, nunca tendo sido casados, nunca envolvidos em relacionamentos de longa duração, tornaram-se inseparáveis. Perambulavam de cidade em cidade, sempre deixando um rastro de destruição por onde passavam. Por pura diversão, entravam em bares e provocavam brigas para ver quão perto chegavam de matar um homem sem realmente matá-lo. A reputação fora definitivamente consolidada quando destruíram uma gangue de motoqueiros traficantes em Montana.

Jeb e Orville não pareciam perigosos. Jeb usava echarpe e paletó de smoking. Orville fazia um estilo Woodstock — rabo-de-cavalo, barba malcuidada, óculos de lentes cor-de-rosa e camiseta tingida. Sentados no carro, observavam Myron.

Jeb começou a cantar, como sempre fazia, misturando canções em inglês com uma interpretação própria em espanhol. No momento, cantava Message in a Bottle, do Police.

— Gosto dessa, cara — Orville comentou.

— Obrigado, mi amigo.

— Cara, se você fosse mais jovem, deveria participar do American Idol. Cantar em espanhol. Eles iriam adorar. Até aquele juiz, o Simon, que detesta tudo.

— Eu adoro o Simon.

— Eu também. O cara é demais.

Os dois observaram Myron entrar no carro.

— Então, o que você acha que o sujeito estava fazendo nessa casa? — Orville indagou.

Cantando:

— You ask me ifour love wouldgrow... yo no se, yo no se "Você me perguntou se nosso amor ia crescer", em alusão a um trecho da canção Something, dos Beatles. O trecho correto é Youre asking me will my love.

— Beatles?

— Na mosca.

— Eyo no se. Eu não sei.

— Certo de novo.

— Ótimo. — Orville consultou o relógio do carro. — Devemos ligar para o Rochester e contar o que está rolando?

— Poderíamos.

Myron Bolitar deu a partida no carro. Eles o seguiram. Rochester atendeu ao segundo toque.

— Ele saiu da casa — Orville falou.

— Continuem seguindo-o.

— O dinheiro é seu. — Orville deu de ombros. — Mas acho que é um desperdício, cara.

— Ele pode dar uma pista sobre onde escondeu as meninas.

— Se a gente pegar o cara, ele dará todas as pistas que sabe. Houve um momento de hesitação. Orville sorriu e fez um sinal de positivo para Jeb.

— Estou na casa dele — disse Rochester. — Quero que vocês o tragam para cá.

— Você está dentro ou fora?

— Dentro ou fora do quê?

— Da casa.

— Fora. Estou no meu carro.

— Então você não sabe se ele tem uma TV de plasma?

— O quê? Não, não sei.

— Se vamos trabalhar nele algum tempo, seria bom se tivesse uma TV. No caso de a coisa demorar, você entende o que estou dizendo? Os Yankees estão jogando contra o Boston. O Jeb e eu gostamos de ver TV de alta definição. Estou perguntando por isso.

Outro momento de hesitação.

— Talvez ele tenha uma TV de plasma — Rochester comentou.

— Seria legal. Aquela tecnologia DLP também é boa. Qualquer coisa de alta definição, acho. A propósito, você, tipo, tem um plano, ou algo assim?

— Vou esperar até ele chegar em casa — Dominick Rochester retrucou. — Direi que quero conversar. Entramos. Vocês entram.

— Tranquilo.

— Para onde ele está indo agora? Orville verificou o GPS.

— Se eu não estou enganado, ele está voltando para o ninho Bolitar.

CAPÍTULO 21

Myron estava a dois quarteirões de casa quando seu celular tocou. Win lhe perguntou:

— Alguma vez eu já lhe falei sobre Cingle Shaker?

— Não.

— Ela é detetive particular. Se fosse mais gostosa, mataria um homem de prazer.

— Que coisa elegante.

— Ficamos juntos mais de uma vez. E ainda nos falamos.

— Caramba!

Win ainda falando com uma mulher com quem dormira mais de uma vez — em termos de simples mortais, era como celebrar bodas de prata.

— Existe algum motivo para você estar partilhando esse momento ardente comigo? — Então Myron se lembrou de algo. — Espere... Cingle, detetive particular? A Hester Crimstein telefonou para ela enquanto eu estava sendo interrogado, não é isso?

— Exatamente. A Cingle coletou algumas informações novas sobre os desaparecimentos.

— Você agendou um encontro meu com ela?

— A Cingle está aguardando você no Baumgarts. Baumgarts, há tempos o restaurante favorito de Myron, recentemente abrira uma filial em Livingston.

— Como vou reconhecê-la?

— Gostosa o bastante para matar um homem de prazer — Win respondeu. — Quantas mulheres no Baumgarts se encaixariam nessa descrição?

Win desligou. Cinco minutos depois, Myron entrou no restaurante. Cingle não o desapontou. Curvilínea ao extremo, parecia uma personagem de história em quadrinhos que ganhara vida. Myron se dirigiu a Peter Chin, o proprietário, para cumprimentá-lo. Peter o olhou com desagrado.

— Que foi?

— Ela não é Jessica.

Myron e Jéssica eram clientes assíduos do Baumgarts, que servia tanto comida chinesa quanto americana, embora a matriz estivesse localizada em Englewood. Peter nunca superara o rompimento de ambos. A regra tácita consistia em Myron não levar nenhuma outra mulher ali. Durante sete anos Myron cumprira o acordo silencioso, mais por causa de si mesmo do que de Peter.

— Não é um encontro.

Peter olhou para Cingle, olhou para Myron, e fez uma cara que dizia "Quem

você está querendo enganar?".

— Não é. — Então: — Você sabe que não vejo Jéssica há anos. Peter ergueu um dedo no ar.

— Os anos voam, mas o coração permanece no mesmo lugar.

— Droga.

— O quê?

— Você está lendo biscoitos da sorte outra vez, não é?

— Eles contêm muita sabedoria.

— Vou lhe dizer uma coisa. Leia a edição de domingo do New York Times. Caderno "Style".

— Já li.

— E?

Novamente Peter ergueu o dedo.

— Não se podem montar dois cavalos ao mesmo tempo.

— Ei, fui eu quem lhe disse isso. E um ditado iídiche.

— Eu sei.

— E não se aplica ao caso.

— Vá se sentar. — Peter o dispensou com um gesto de mão. — E faça seu pedido. Não vou servi-lo.

Quando Cingle se levantou para cumprimentá-lo, pescoços se viraram imediatamente, os estalos audíveis. Os dois trocaram "olás" e se sentaram.

— Então você é amigo do Win — Cingle comentou.

— Sou.

Por alguns minutos ela o estudou.

— Você não parece psicótico.

— Gosto de pensar em mim como o contrapeso. Não havia nenhuma papelada sobre a mesa.

— Você tem os arquivos da polícia? — Ele indagou.

— Não há nenhum. Ainda não há sequer uma investigação oficial.

— Então, o que você sabe?

— Katie Rochester começou sacando dinheiro de um caixa eletrônico. Depois fugiu. Não existe nenhuma prova, a não ser os protestos paternos, que sugira alguma coisa diferente.

— A investigadora que me abordou no aeroporto... — Myron comentou.

— Loren Muse. A propósito, ela é boa.

— Certo, Muse. Ela me fez muitas perguntas sobre Katie Rochester. Creio que eles têm algo sólido ligando-me a essa menina.

— Sim e não. Eles têm algo sólido ligando Katie a Aimee. Não tenho certeza de que esteja diretamente ligado a você.

— E o que é?

— O último saque feito.

— O que é que tem?

— As duas garotas sacaram dinheiro no mesmo caixa eletrônico do Citibank em Manhattan.

Myron se deteve, tentando absorver a informação.

O garçom se aproximou. Cara nova. Myron não o conhecia. Geralmente Peter mandava o garçom servir-lhe o aperitivo por conta da casa. Não naquele dia.

— Estou acostumada aos homens me encarando — Cingle comentou. — Más o proprietário fica me olhando como se eu tivesse urinado no chão.

— Ele sente saudade da minha ex-namorada.

— Ah, que meigo.

— Adorável.

Cingle fitou Peter, mexeu os dedos para mostrar a aliança, e gritou:

— Ele não corre perigo. Já sou casada. Peter deu as costas.

Cingle ergueu os ombros, explicou sobre o saque no caixa eletrônico, sobre o rosto de Aimee aparecer claramente no filme gravado pela câmera de segurança. Myron procurou fazer uma avaliação inicial do que acabara de ouvir. Nada lhe veio à mente.

— Tem mais uma coisa que talvez você queira saber. Ele esperou.

— Há uma mulher, Edna Skylar. Ela é médica no St. Barnabas. Os tiras estão mantendo a informação sob sigilo porque o pai de Katie é um doido. Porém, aparentemente, a dra. Skylar viu a garota na rua, em Chelsea.

Cingle contou-lhe a história, sobre como Edna Skylar seguira Katie até o metro, que a menina estava com um homem e pedira à médica para não dizer nada a ninguém.

— A polícia investigou?

— Investigou o quê?

— Tentaram descobrir onde Katie estava, quem era o sujeito, ou qualquer outra coisa?

— Por quê? Katie Rochester tem dezoito anos. Sacou dinheiro antes de sumir. O pai é ligado à máfia e, provavelmente, um tipo violento. A polícia tem outras coisas com que se preocupar. Crimes reais. Muse está investigando um homicídio duplo em East Orange. A força de trabalho é restrita. E o que Edna Skylar viu confirmou aquilo de que eles já suspeitavam.

— Que Katie Rochester fugiu de casa.

— Certo.

— E o fato de ambas terem usado o mesmo caixa eletrônico?

— Seria apenas uma espantosa coincidência. Myron meneou a cabeça.

— De jeito nenhum.

— Concordo. De jeito nenhum. Ou isso, ou as duas planejaram fugir. Existe um motivo para as duas escolherem aquele caixa eletrônico, embora eu não saiba qual é. Mas talvez elas planejaram isso juntas. Katie e Aimee frequentavam a mesma escola, certo?

— Sim, mas ainda não encontrei nenhuma conexão entre elas.

— As duas com dezoito anos, as duas se formando no ensino médio, as duas da mesma cidade. — Cingle deu de ombros.—Tem de haver algo.

Impossível tirar-lhe a razão. Ele precisava conversar com os Rochester, descobrir o que sabiam. Teria de ser cuidadoso. Não queria explorar aquele lado das coisas. Também pretendia conversar com a médica, Edna Skylar, obter uma boa descrição do homem que estivera acompanhando Katie Rochester. Saber, exatamente, onde a garota fora vista, qual metro tomara e em que direção.

— O fato é — Cingle continuou — que, se Katie e Aimee são fugitivas, existe uma razão para isso.

— Eu estava pensando a mesma coisa.

— Elas podem não querer ser encontradas.

— Verdade.

— O que você vai fazer?

— Vou encontrá-las de qualquer maneira.

— E se quiserem permanecer escondidas?

Myron pensou em Aimee Biel. Pensou em Erik e Claire. Boas pessoas. Confiáveis, sólidas. O que teria levado Aimee a fugir deles? O que estaria tão ruim que a teria feito tomar aquela atitude?

— Creio que vou decidir o que fazer quando chegar o momento.

Na penumbra da boate de strip-tease, Win estava sentado num canto, sozinho. Ninguém o incomodava. Sabiam como deveriam agir. Se Win quisesse alguém a seu lado, deixaria claro.

A canção na juke-box era uma das mais nojentas dos anos 1980, Broken Wings, do Mr. Mister. Myron declarara ser essa a pior canção da década. Win se opusera, dizendo que We Built This City, do Starship, era pior. A discussão durara uma hora sem chegar a uma decisão. Então, como acontecia com frequência em situações semelhantes, levaram a questão para Esperanza desempatar. Porém ela concedera o prémio a Too Shy, do Kajagoogoo.

Win gostava de se sentar naquele canto, olhar as coisas e pensar.

Um time da liga principal de beisebol estava na cidade. Vários dos jogadores tinham ido àquele "clube de cavalheiros", um eufemismo verdadeiramente inspirado para aquela espelunca, a fim de relaxar. As garotas da casa enlouqueceram. Win observou uma stripper — não apostaria na sua maioridade

— jogar-se sobre um dos lançadores do time.

— Quantos anos você disse que tem? — A moça perguntara.

— 29.

— Uau. Você não parece tão velho assim.

Um sorriso melancólico pairou nos lábios de Win. Juventude.

Windsor Horne Lockwood III nascera em berço de ouro. E não fingia o contrário. Não gostava de multimilionários que se gabavam de sua astúcia nos negócios, quando haviam iniciado sua trajetória montados nos bilhões do papai. De qualquer maneira, génio é quase irrelevante na perseguição de enormes riquezas. Na realidade, pode ser um obstáculo. Se você é inteligente o suficiente para enxergar os riscos, pode tentar evitá-los. Esse tipo de pensamento — pensamento prudente — nunca levou a grandes fortunas.

Win começara a vida no centro abastado da Filadélfia. Sua família fora membro do conselho da Bolsa desde o princípio. Era descendente direto do primeiro secretário do Tesouro do país. Win não apenas nascera em berço de ouro; sempre tivera tudo a seus pés.

E parecia ser o que era.

Esse tinha sido seu problema. Desde a mais tenra idade, com seus cabelos loiros, a pele corada e as feições delicadas, com a expressão de seu rosto parecendo naturalmente esnobe, as pessoas o detestavam de imediato. Você olhava para Windsor Horne Lockwood III e enxergava elitismo, fortuna imerecida, alguém que sempre empinaria o nariz perfeito no ar e o fitaria de cima para baixo. Então, todos os seus fracassos vinham à tona, numa onda de ressentimento e inveja — só de contemplar esse menino aparentemente frágil, mimado e privilegiado.

Aos dez anos, Win perdera-se da mãe no zoológico da Filadélfia. Um grupo de alunos de uma escola pública da periferia o encontrara, metido em seu blazer azul-marinho, o brasão bordado no bolso, e o surrara brutalmente. Ele acabara hospitalizado e quase perdera um rim. A dor física fora terrível. A vergonha de ser um menininho apavorado, pior ainda.

Win desejara nunca mais passar por aquilo outra vez.

As pessoas, ele sabia, faziam julgamentos precipitados com base nas aparências. Nada de muito especial até aí. E, sim, existiam os preconceitos óbvios em relação a negros, a judeus, a seja lá o que fosse. Porém Win estava mais preocupado com os preconceitos num âmbito mais amplo. Se, por exemplo, você vê uma mulher gorda comendo um doce, sente repulsa. Faz julgamentos precipitados — é uma criatura indisciplinada, preguiçosa, negligente, definitivamente lhe falta auto-estima.

De uma maneira singular, o mesmo acontecia quando as pessoas viam Win.

Ele tivera duas escolhas. Manter-se atrás de grades, seguro num casulo de privilégios, viver uma vida protegida, embora amedrontada. Ou fazer algo a respeito.

Escolhera a última.

Dinheiro torna tudo mais fácil. Estranhamente, Win sempre considerara Myron um Batman da vida real, mas o Cavaleiro das Trevas começara a ser um modelo para Win desde a infância. O único superpoder de Bruce Wayne era sua vasta fortuna. Usara-a para treinar a si mesmo, preparando-se para se transformar num combatente do crime. Win fizera algo similar com o próprio dinheiro. Contratara ex-líderes da Delta Force e dos Boinas Verdes para treiná-lo como se fosse membro desses grupos de elite. Win também descobrira os melhores instrutores de armas de fogo, de facas e de combates corpo a corpo. Contratara os serviços de peritos em artes marciais de diversos países; ou os levava para a propriedade da família em Bryn Mawr, ou viajava para o estrangeiro. Passara um ano inteiro com um recluso mestre de artes marciais, no sul da Coreia, no alto das colinas. Aprendera sobre dor, sobre como infligi-la sem deixar marcas. Aprendera sobre táticas de intimidação. Aprendera sobre eletrônica, sobre fechaduras, sobre o submundo, sobre procedimentos de segurança.

Tudo aquilo veio junto. Win era uma verdadeira esponja em se tratando de absorver novas técnicas. Pegava pesado, absurdamente pesado, treinando no mínimo cinco horas todos os dias. Possuía, naturalmente, reflexos rápidos, fome, gana, ética de trabalho, frieza — todos os ingredientes.

O medo fora embora.

Uma vez suficientemente treinado, Win começara a frequentar os antros da cidade mais infestados de drogas, mais dominados pelo crime. Ia a esses lugares vestindo blazer azul com brasão no bolso, ou camisa pólo, ou mocassins sem meias. Os bandidos o viam e lambiam os beiços, o ódio brilhando no olhar. Eles atacavam. E Win reagia.

Deveria haver lutadores melhores lá fora, Win presumiu, especialmente agora que estava ficando mais velho. Mas não muitos. Seu celular tocou.

— Enuncie-se.

— Grampeamos o telefone de um sujeito chamado Dominick Rochester.

O chamado viera de um antigo colega, de quem Win não tinha notícia fazia três anos. Não importava. Era assim que funcionava o mundo de ambos. O grampo não o surpreendia. Supostamente Rochester mantinha ligações com a máfia.

— Prossiga.

— Alguém vazou a suposta conexão do seu amigo Bolitar com a filha de

Rochester.

Win aguardou.

— Rochester tem um telefone mais seguro. Não temos muita certeza. Mas achamos que acionou os Gêmeos.

Silêncio.

— Você os conhece?

— Só de reputação — Win respondeu.

— Pegue o que você ouviu e eleve à máxima potência. Um deles sofre de uma esquisitice. O homem não sente dor, mas, caramba, adora provocá-la. O outro, o nome é Jeb. Ele gosta de morder.

— Fale mais — Win pediu.

— Certa vez encontramos um sujeito que tinha sido ferido só pelos dentes do Jeb. O corpo... era uma massa avermelhada. Ele havia arrancado os olhos do cara com os dentes, Win. Ainda não consigo dormir quando penso nisso.

— Talvez você deveria deixar a luz do abajur acesa.

— Não pense que não cogitei isso. Eles me assustam —, a voz ao telefone falou —, assim como você me assusta.

Win sabia que, no mundo desse homem ao telefone, tal comentário era um elogio.

— E você acredita que o Rochester ligou para os Gêmeos logo depois de saber sobre Myron Bolitar?

— Em questão de minutos.

— Obrigado pela informação.

— Win, ouça o que estou dizendo. Eles são completamente loucos. Sabemos do caso de um chefão da máfia de Kansas City que contratou os Gêmeos para um trabalho. Mas a coisa deu errado. Ele, de alguma maneira, não sei bem como, irritou os caras. E, como não era nenhum bobo, esse chefão tentou comprá-los, entrando num acordo. Nada feito. Os Gêmeos pegaram o neto de quatro anos do chefão. Quatro anos, Win. Devolveram o menino em pedaços mastigados. Depois, veja bem, depois do que haviam feito, aceitaram o dinheiro. A mesma quantia que havia sido oferecida antes. Não pediram um centavo a mais. Consegue entender o que eu estou dizendo?

Win desligou. Não havia necessidade de responder. Entendia perfeitamente.

CAPÍTULO 22

Myron estava com o celular na mão, preparando-se para ligar para Ali — queria muito dizer um "olá" —, quando reparou num carro estacionado diante de sua casa. Pôs o telefone no bolso e estacionou. Um homem corpulento se encontrava sentado no meio-fio, defronte do jardim. Levantou-se à sua aproximação.

— Myron Bolitar?

— Sim.

— Eu gostaria de falar com você.

— Por que não entramos?

— Você sabe quem sou?

— Sei quem você é.

Dominick Rochester. Myron o reconhecera dos noticiários na TV. Rosto feroz, poros tão grandes e abertos que se podia enfiar um pé lá dentro. Exalava, em ondas, um perfume almiscarado barato. Myron prendeu a respiração. Perguntou-se como Rochester soubera de sua conexão com o caso, mas não importava. Queria mesmo conversar com ele.

Myron não saberia explicar sobre quando, exatamente, a sensação o inundou. Poderia ter sido quando o outro carro fez a curva. Poderia ter sido alguma coisa no andar de Dominick Rochester. De imediato, percebeu quem, de fato, era Rochester — um cara mau, com o qual não se devia arrumar confusão, diferente de Big Jake Wolf, que apenas fazia pose de durão.

Mas, novamente, a situação se assemelhava a um jogo de basquete. Havia momentos em que Myron estava tão imerso no jogo que, ao saltar para converter a cesta, os dedos nas ranhuras exatas da bola, as mãos erguidas na altura da testa, os olhos fixos no aro, somente no aro, o tempo parecia desacelerar, como se ele fosse capaz de parar no ar e se reajustar e enxergar o resto da quadra.

Algo estava errado.

Myron parou à porta, chave na mão. Virou-se e fitou Rochester. Rochester tinha olhos negros daquele tipo que vê tudo com igual falta de emoção — um ser humano, um cachorro, um arquivo, uma cordilheira. Olhos que não mudam nunca, não importa o que contemplem, não importa que horror ou prazer se desenrole à sua frente.

— Por que não conversamos aqui fora? — Sugeriu. Rochester deu de ombros.

— Como quiser.

O carro, um Buick Skylark, diminuiu a velocidade. Myron sentiu o celular vibrar. Checou a chamada. BOCHECHAS DOCES de Win apareceu na tela.

Levou o aparelho ao ouvido.

— Tem dois hombres muito maus... Foi quando o golpe atingiu Myron. Rochester lhe havia desferido um soco.

O punho passou por sobre o topo da cabeça de Myron. Apesar dos instintos enferrujados, sua visão periférica ainda estava afiada. Notara Rochester projetar o punho no último segundo. Abaixara-se a tempo de se proteger do ímpeto do ataque. O soco acabara resvalando sobre o topo de sua cabeça. Sentira dor, porém os nós dos dedos de Rochester provavelmente tinham sentido mais.

O celular caiu no chão.

Apoiado num joelho, Myron agarrou Rochester pelo pulso, curvando os dedos da mão livre. A maioria das pessoas golpeia com o punho fechado. Às vezes isso era necessário, todavia, na realidade, era melhor evitálo. Se você bate em algo duro com o punho cerrado, acabará quebrando a mão.

O golpe com a palma da mão, especialmente em áreas vulneráveis, em geral é mais eficaz. Com um murro, você precisa dar uma pancada ou uma estocada. Não se pode controlar a potência porque os pequenos ossos da mão não conseguem lidar com a pressão. Mas se o ataque é desferido com a palma da mão aberta, os dedos curvados e protegidos, o pulso levemente inclinado para trás, a força do golpe recaindo sobre a parte mais carnuda da palma da mão, você coloca a pressão no rádio, no cúbito, no úmero — em resumo, nos ossos maiores do braço.

Foi o que Myron fez. O lugar óbvio para acertar agora seria a virilha, porém Myron imaginava que Rochester já havia se metido em muitas brigas antes. Assim, estaria preparado.

E estava. Rochester ergueu um joelho para se proteger.

Myron, então, partiu para o diafragma. Quando a descarga o atingiu, logo abaixo do esterno, o ar faltou ao grandalhão. Pegando Rochester pelo braço, Myron o derrubou no chão, com o que se assemelhava a um desajeitado golpe de judo. A verdade é que, em brigas reais, todos os lances parecem bastante desajeitados.

O ritmo. Agora ele entrara no ritmo do jogo. Tudo desacelerara.

Rochester ainda estava no ar quando Myron viu o carro parar. Dois homens desceram. Rochester aterrissou como um saco de batatas. Myron se levantou. Os dois homens vinham em sua direção.

Ambos sorriam.

Rochester rolou para um lado. Não tardaria a ficar de pé. Então seriam três. Os dois homens do carro não se aproximavam lentamente. Não tinham uma expressão cautelosa ou preocupada. Avançavam para Myron com o abandono de crianças brincando...

Dois homens muito maus...

Outro segundo se passou.

O sujeito que ocupara o banco do passageiro usava os cabelos presos num rabo-de-cavalo e lembrava aquele professor de artes hippie do colégio, sempre fedendo a fumo. Myron pesou as opções. E o fez em décimos de segundo. Era como a coisa funcionava. Quando você está em perigo, ou o tempo desacelera, ou a mente corre. Difícil dizer o que acontece.

Myron considerou Rochester caído no chão, os dois homens avançando, o aviso de Win, pensou em como Rochester poderia estar por atrás daquilo, em por que ele o teria atacado sem ter sido provocado, no que Cingle dissera sobre aquele sujeito ser um desequilibrado.

A resposta era óbvia: Dominick Rochester acreditava que Myron tinha algo a ver com o desaparecimento da filha.

Ele provavelmente sabia que Myron fora interrogado pela polícia sem que nada resultasse. Algo inaceitável para um sujeito como Rochester. Portanto, tinha de dar o melhor de si, seu maldito melhor, para conseguir fazer alguma coisa acontecer.

Os dois homens estavam, talvez, a três passos agora.

E pareciam dispostos a atacá-lo exatamente ali, na rua, à vista de qualquer um. O que sugeria certo grau de desespero e atrevimento e, sim, confiança — um grau do qual Myron não queria tomar parte.

De maneira que fez sua escolha: correu.

Os dois homens tinham a vantagem. Já estavam acelerando, enquanto Myron estava arrancando.

Esse era o ponto em que o atletismo puro poderia ajudar.

Na verdade, a lesão no joelho não afetara muito sua velocidade. Tratava-se mais de uma questão de movimentos laterais. Assim, Myron ensaiou uma passada para a direita, só para obrigá-los a fazer uma curva. Surtiu efeito. Então, disparou rumo à entrada da garagem.

Um dos homens — o outro, não o Professor de Artes — perdeu o equilíbrio, todavia apenas por um instante. Logo voltava à carga. E Dominick Rochester, também.

Mas era o Professor de Artes quem mais dava trabalho. Rápido, o sujeito estava quase perto o bastante para se jogar sobre ele.

Myron se perguntou se deveria se atracar com o desconhecido.

Não, decidiu. Win telefonara para avisá-lo. Se Win chegara àquele ponto, provavelmente, de fato, era um hombre mau. Não desabaria com um único golpe. E, mesmo se isso acontecesse, o tempo gasto em um embate com o Professor conferiria aos outros dois a chance de alcançá-lo.

Myron tentou acelerar. Queria abrir distância suficiente para falar com Win ao celular e dizer que...

O celular. Droga, não estava mais com ele. Deixara-o cair quando Rochester o atacara.

A perseguição continuou. Ali estavam eles, numa rua sossegada de um bairro residencial, quatro adultos numa correria desenfreada. Será que ninguém estava assistindo àquilo? O que pensariam?

Myron tinha outra vantagem: conhecia a vizinhança.

Não olhou por sobre o ombro, mas podia ouvir o Professor de Artes ofegando. Ninguém se torna um atleta profissional — e, apesar da carreira breve, jogara basquete profissionalmente — sem que milhões de coisas funcionem bem, interna e externamente. Myron crescera em Livingston. Fora um dos seiscentos alunos do ensino médio de seu colégio. Uma infinidade de grandes atletas atravessando aqueles portões. Nenhum acabara no basquete profissional. Dois ou três jogaram beisebol nas ligas secundárias. Um, talvez dois, haviam sido recrutados para algum outro esporte. Ponto final. Todo garoto sonha com isso, porém a verdade é que nenhum consegue. Nenhum. Você acha que seu filho é diferente. Não é. Não conseguirá entrar na NBA, ou na NFL, ou na MLB. Não vai acontecer.

As chances são, assim, remotas.

A questão era que, Myron ponderou, começando a ampliar a vantagem, sim, treinara pesado, aperfeiçoara os arremessos, sozinho, por quatro, cinco horas diárias, fora assustadoramente competitivo e possuíra a atitude mental certa. Porém nada disso o teria ajudado a chegar ao nível que atingira se não tivesse sido abençoado com extraordinários dons físicos.

Um desses, a velocidade.

Os arquejos às suas costas estavam se distanciando.

Alguém, talvez Rochester, gritou:

— Atire na perna dele!

Myron continuou acelerando, um destino em mente. Seu conhecimento da vizinhança o ajudaria agora. Ele subiu Coddington Terrace, já se preparando para quando chegasse ao topo. Se chegasse lá bem antes de seus perseguidores, poderia se embrenhar num ponto escondido perto de uma curva, no início da descida.

Chegando à tal curva, não olhou para trás. Existia uma espécie de atalho pavimentado entre duas casas à esquerda. Costumara usá-lo para ir à Escola Primária Burnet Hill. Toda a garotada o fazia. Uma coisa estranha — um caminho pavimentado entre duas casas —, mas ele sabia que a estradinha continuava lá.

Os hombres muito maus, não.

Myron teve outra ideia. Os Horowitz moravam na casa à esquerda. Myron construíra um forte no quintal, no meio das árvores, com um dos meninos uma eternidade atrás. A sra. Horowitz

(Nota: National Basketball Association, National Football League e Major League Baseball. Respectivamente, as ligas profissionais de basquete, futebol americano e beisebol). ficara furiosa. Ele entrou naquela área. Recordava-se de uma passagem sob os arbustos, uma que ligava o quintal dos Horowitz, na Coddington Terrace, direto à casa dos Seiden, na Ridge Road.

Myron afastou os ramos. A passagem continuava lá. Apoiando-se nas mãos e nos joelhos, espremeu-se pela abertura, galhos escuros batendo-lhe nas faces. Aquilo não machucava tanto quanto a lembrança de tempos mais inocentes.

Ao sair do outro lado, no velho quintal dos Seiden, perguntou-se se a família ainda moraria ali. A resposta não tardou.

A sra. Seiden, usando lenço na cabeça e luvas de jardinagem, estava no quintal.

— Myron? — Não havia nem hesitação nem muita surpresa em sua voz. — Myron Bolitar, é você?

Ele fora colega de escola do filho dela, Doug, embora desde seus dez anos de idade não rastejasse por esse caminho ou aparecesse nesse quintal. Mas isso não importava em cidades como aquela. Se vocês foram amigos no primário, sempre existiria uma espécie de elo.

A sra. Seiden tirou os fios de cabelo da face e caminhou em sua direção. Droga. Não queria envolver ninguém. Ela abriu a boca para falar algo, porém Myron a silenciou, levando um dedo aos lábios.

Vendo a expressão em seu rosto, a velha senhora se deteve. Myron sinalizou, mandando-a entrar na casa. Assentindo, ela o atendeu. Abriu a porta dos fundos.

Alguém gritou:

— Para onde ele foi?

Myron esperou que a sra. Seiden desaparecesse de vista. Em vão.

Os olhos de ambos se encontraram. Desta vez, foi ela quem sinalizou, mandando-o entrar também.

Myron fez que não com a cabeça. Perigoso demais.

Ela permaneceu imóvel, as costas rígidas.

Um ruído ecoou do arbusto. Depois, silêncio. Poderia ter sido um esquilo. Impossível que já o tivessem encontrado. Entretanto, Win os chamara de "muito maus", querendo dizer, naturalmente, que eram muito bons no que faziam. Win jamais fora o tipo exagerado. Se afirmara que os sujeitos eram muito maus...

Myron apurou os ouvidos. Mais nenhum som. E isso o assustou mais que o

barulho.

Não queria expor a sra. Seiden a um perigo maior. Meneou a cabeça novamente. Ela continuou plantada no lugar, segurando a porta aberta.

Não fazia sentido discutir. Existem poucas criaturas mais teimosas que as mães de Livingston.

Abaixado, ele cruzou o quintal até a porta dos fundos, arrastando-a para dentro consigo.

Ela fechou a porta.

— Fique abaixada.

— O telefone — a sra. Seiden falou, apontando para o aparelho — está ali.

Era um telefone de parede, na cozinha. Ele ligou para Win.

— Estou a uns quatro quilómetros da sua casa — Win falou.

— Não estou em casa. Estou na Ridge Road... — Myron olhou para a sra. Seiden, em busca de mais dados.

— Número setenta e oito. E é Ridge Drive, não Road. Myron repetiu a informação. Também contou a Win que três homens o perseguiam, inclusive Dominick Rochester.

— Você está armado? — Win indagou.

— Não.

Win não lhe passou um sermão, embora Myron soubesse que lhe não faltava vontade.

— Os outros dois são bons e sádicos — ele o avisou. — Fique escondido até eu chegar aí.

— Não vamos sair do lugar. Então, a porta foi escancarada.

E o Professor de Artes entrou voando.

— Corra! — Myron gritou para a sra. Seiden, sem, no entanto, parar para se certificar de que ela lhe obedecia. O Professor ainda estava um pouco zonzo, e Myron partiu para cima.

Porém o homem era rápido. Conseguiu se esquivar do bote.

Percebendo que não ia acertá-lo em cheio, Myron estendeu o braço esquerdo, esperando atingi-lo sob o queixo. O golpe o pegou na base do crânio, o impacto amortecido pelo rabo de cavalo. O fulano cambaleou. Mas se virou imediatamente e deu um murro em Myron, logo abaixo das costelas.

O homem era muito rápido.

Mais uma vez, tudo desacelerou. A distância, Myron escutou passadas. A sra. Seiden correndo. Ofegante, o Professor de Artes sorriu. A rapidez daquele contra-ataque mostrara a Myron que não seria sensato insistir numa troca de golpes. Tinha a vantagem da altura e deveria tentar lançar o adversário ao chão.

O Professor se preparou para desferir outro soco. Myron praticamente colou o

corpo ao dele. E mais difícil atingir alguém com força, especialmente alguém maior, quando ele está muito próximo. Agarrando o sujeito pelo ombro, Myron o virou, levantando o braço ao mesmo tempo.

Sua intenção consistia em lhe acertar o nariz. Myron pesava noventa e cinco quilos. Com esse peso, ao arremessar o braço contra o nariz de alguém, o nariz tende a quebrar como um galho seco.

Porém, novamente, o Professor de Artes se revelou bom na coisa. Antecipando o que seu oponente pretendia fazer, abaixou-se um pouco, e o braço de Myron ficou na altura dos óculos de lentes corde-rosa. O Professor fechou os olhos e puxou os óculos para baixo, enquanto lançava um joelho no meio do torso de Myron. Este precisou se curvar para se proteger. O que tirou boa parte da potência da pancada.

Ao aterrissarem, o aro dos óculos estava retorcido, porém, apesar de não haver sido um golpe muito sério, o Professor de Artes aproveitou o impulso. Redirecionou o peso do corpo e, com o joelho ainda sobre o torso de Myron, lançou-o por sobre a própria cabeça.

Myron rolou. Em menos de um segundo, estavam ambos de pé.

Os dois se encararam.

Existe algo que as pessoas não costumam dizer sobre brigas. Você sempre sente um medo debilitante, paralisante. Nas primeiras vezes em que Myron experimentara aquele formigamento nas pernas induzido pelo estresse, aquela sensação tão pungente que nos leva a perguntar se conseguiremos ficar de pé, ele se julgara o pior dos covardes. Homens que se metem em apenas uma ou duas escaramuças, que experimentam esse formigamento nas pernas quando discutem com um bêbado grosseiro num bar, sentem-se inundados de vergonha. Não deveriam. Não se trata de covardia. É uma reação biológica natural. Todo mundo se sente dessa maneira.

A questão é: o que fazer com isso? O que a experiência nos ensina é que isso pode ser controlado, aproveitado até. Você precisa respirar. Precisa relaxar. Se estiver tenso quando for atingido, o estrago será maior.

O fulano atirou longe os óculos retorcidos. Fitou Myron nos olhos. Fazia parte do jogo. Encarar o oponente. O sujeito era bom. Win o dissera.

Mas Myron também o era.

A sra. Seiden gritou.

Para o mérito dos dois homens, nenhum deles se virou ao ouvir o som. Entretanto, Myron sabia que iria socorrê-la. Fingiu avançar, o suficiente para o Professor recuar, e então saiu em disparada para a frente da casa, o lugar de onde o grito viera.

A porta estava escancarada. A sra. Seiden de pé, e, a seu lado, os dedos

cravados em seu braço, o outro homem que o estivera perseguindo. Esse sujeito era alguns anos mais velho que o Professor de Artes e usava echarpe. Uma echarpe, pelo amor de Deus. Parecia o Roger Healey, àefeannie é um Génio. Não havia tempo.

O Professor estava às suas costas. Myron se jogou para o lado e desferiu um gancho à direita. O oponente se abaixou. Todavia, Myron já estava preparado. Num movimento rápido, arqueou o braço e prendeu o Professor numa gravata.

Com um berro grotesco, o Echarpe se arremeteu contra Myron.

Aumentando a pressão no pescoço do adversário, Myron chutou o outro no peito. O Echarpe relaxou os músculos e caiu, agarrado à perna de Myron.

Myron perdeu o equilíbrio.

O Professor conseguiu se libertar. Então, mirando a garganta de Myron, atirou um canivete. Myron se dobrou, a lâmina atingindo-lhe o queixo. Seus dentes chacoalharam.

O Echarpe continuava agarrado à perna de Myron. Este tentou empurrá-lo. O Professor de Artes ria agora. A porta da frente tornou a se escancarar. Myron rezou para que fosse Win.

Não era.

Dominick Rochester chegava. Sem fôlego.

Myron tentou gritar um alerta para a sra. Seiden, porém uma dor diferente de qualquer outra que já experimentara o dilacerou.

Soltou um berro de fazer o sangue gelar. Olhou para a perna. O Echarpe havia inclinado a cabeça.

Ele o estava mordendo.

Myron berrou de novo, o som se misturando às risadas e aclamações do Professor de Artes.

— Vai, Jeb!

Myron continuou chutando, mas o Echarpe lhe fincou os dentes, salivando feito um cachorro.

A dor se revelou excruciante.

O pânico o dominou. Ele bateu o pé com força no chão. O Echarpe mantinha os dentes cravados. Myron chutou com ímpeto maior, finalmente conseguindo acertar o topo da cabeça do homem. Então, puxou a perna violentamente, sentindo a carne rasgar. O Echarpe se sentou e cuspiu algo da boca. Horrorizado, Myron viu o naco que lhe fora arrancado da perna.

De súbito, estavam todos sobre ele. Todos os três homens. Empilhados.

Myron abaixou a cabeça e começou a se mexer. Atingiu o queixo de um. Escutou grunhidos e xingamentos. Entretanto, alguém o socou no estômago.

Então sentiu dentes cravados em sua perna outra vez, no mesmo lugar, abrindo

a ferida.

Win. Onde estava Win.

Resistindo à dor, Myron imaginava o que faria em seguida, quando ouviu uma voz cantarolar, num tom monótono:

— Hum... sr. Bolitar...?

Ele ergueu o olhar. O Professor de Artes tinha uma arma numa das mãos. Com a outra, segurava a sra. Seiden pelos cabelos.

CAPÍTULO 23

Eles levaram Myron para um enorme closet, todo de cedro, no andar de cima. Jogaram-no no chão, as mãos amarradas atrás das costas, os pés amarrados também. Dominick Rochester plantava-se sobre ele, uma arma na mão.

— Você chamou o seu amigo Win?

— Quem?

— Você acha que eu sou idiota?

— Se você sabe sobre o Win — Myron devolveu, olhando-o nos olhos —, sobre o que ele é capaz de fazer, então a resposta é sim. Acho que você é um idiota.

— Veremos — Rochester zombou.

Rapidamente Myron avaliou a situação. Nenhuma janela, uma única entrada. Fora esse o motivo pelo qual o arrastaram até o closet ausência de janelas. Win não poderia atacar do lado de fora ou a distância. Assim, julgaram um lance de esperteza amarrá-lo e carregá-lo para lá.

Isso não era nada bom.

Dominick Rochester estava armado. O Professor de Artes, também. Beirava o impossível chegar ali. Mas conhecia Win. Apenas precisava lhe dar tempo.

À sua direita, o Echarpe Mordedor ainda sorria. Havia sangue — o sangue de Myron — em seus dentes. O Professor plantara-se à sua esquerda.

Rochester se inclinou, de forma que seu rosto ficou bem perto do de Myron, o cheiro de água-de-colônia pior do que nunca.

— Vou dizer o que eu quero — falou. — Aí deixo você sozinho com o Orville e o Jeb. Olhe, sei que você tem alguma coisa a ver com o desaparecimento daquela menina. E, se teve algo a ver com ela, tem algo a ver com a minha Katie. Faz sentido, não faz?

— Cadê a sra. Seiden?

— Ninguém aqui quer feri-la.

— Não tive nada a ver com a sua filha — Myron afirmou. — E apenas dei uma carona para a Aimee. É só isso. A polícia lhe dirá isso.

— Você contratou um advogado.

— Não contratei advogado nenhum. A minha advogada apareceu. Respondi a todas as perguntas. Contei a eles que a Aimee me telefonou, pedindo carona. Até mostrei o lugar aonde a levei.

— E a minha filha?

— Não conheço a sua filha. Nunca a vi na vida. — Rochester fitou Orville e Jeb. Myron não sabia quem era quem.

Sua perna latejava por causa da mordida.

O Professor de Artes estava refazendo o rabo-de-cavalo, amarrando-o apertado com um elástico.

— Acredito nele.

— Porém — o Echarpe Mordedor argumentou — temos de nos certificar, tengo que estar seguro.

O Professor franziu o cenho.

— Palavras de quem?

— Kylie Minogue.

— Uau, é bastante obscuro, cara. Rochester se endireitou.

—Vocês fazem o seu trabalho. Eu vou ficar vigiando lá embaixo.

— Espere — Myron falou. — Eu não sei de nada. Por um instante, Rochester o fitou.

— É a minha filha. Não posso correr o risco. Portanto, o que vai acontecer aqui é o seguinte: os Gêmeos vão dar um trato em você. Se você continuar contando a mesma versão depois, saberei que não teve nada a ver com a história. Mas, se teve, talvez eu salve a minha filha. Entende o que estou dizendo?

Rochester caminhou para a porta.

Os Gêmeos se aproximaram devagar. O Professor de Artes empurrou as costas de Myron contra o chão e se sentou sobre suas pernas. O Echarpe se sentou sobre seu peito, as pernas abertas. Encarando-o, arreganhou os dentes. Engolindo em seco, Myron tentou desalojá-lo, mas com as mãos amarradas às costas o esforço revelou-se nulo. Seu estômago contraiu-se de medo.

— Espere — tornou a dizer.

— Não — Rochester devolveu. — Você vai tentar protelar a coisa. Vai cantar, dançar, inventar histórias...

— Não, não é...

— Deixe-me terminar, o.k.? Estamos falando da minha filha. Você precisa entender isso. Você precisa desmoronar para eu acreditar na sua palavra. E os Gêmeos são bons para fazer um homem desmoronar.

— Quero apenas que saiba o seguinte: estou tentando encontrar Aimee Biel...

— Não.

— ... e, se eu a encontrar, existe uma grande chance de encontrar a sua filha também. Estou lhe falando. Escute, você levantou informações sobre mim, não é? Foi como soube do Win.

Rochester se deteve, aguardou.

— Você deve ter ouvido que é isso o que faço. Ajudo pessoas quando estão com problemas. Deixei aquela garota num local e ela desapareceu. Devo aos pais encontrá-la.

Rochester olhou para os Gêmeos. A distância, Myron escutou o rádio de um carro, a canção We Built this City, do Starship, ecoando por alguns minutos e esvanecendo no ar.

A segunda pior canção do mundo, Myron pensou.

O Echarpe Mordedor começou a cantar junto. We built esta ciudad, we built esta ciudad... O Professor de Artes, ainda segurando as pernas de Myron, pôs-se a balançar a cabeça, acompanhando o ritmo.

— Estou falando a verdade — Myron afirmou.

— De qualquer maneira — Rochester retrucou —, esteja você dizendo a verdade ou não, os Gêmeos estão aqui. Eles vão descobrir. Entende? Não se pode mentir para eles. Assim que amaciarem você um pouco, você contará tudo o que precisamos saber.

— Mas, até lá, será tarde demais.

— Eles não vão demorar muito. — Rochester olhou para o Professor.

Este respondeu:

— Meia hora, uma hora no máximo.

— Não foi o que eu quis dizer — Myron ponderou. — Eu estarei machucado demais. Não serei capaz de funcionar direito.

— Isso é verdade — o Professor de Artes opinou.

— Costumamos deixar marcas — o Echarpe acrescentou, mostrando os dentes.

Rochester refletiu por alguns instantes.

— Orville, onde você disse que ele estava antes de voltar para casa?

O Professor de Artes — Orville — deu-lhe o endereço de Randy Wolf e contou sobre o restaurante. Os sujeitos o haviam seguido, e Myron não percebera. Ou os dois eram muito bons, ou Myron estava terrivelmente enferrujado — ou ambos. Rochester lhe perguntou a razão da visita àqueles lugares.

— É a casa do namorado da menina — Myron explicou. — Mas ele não estava lá.

— Você acha que o rapaz está envolvido?

Myron sabia que não deveria dar uma resposta positiva.

— Só andei conversando com os amigos da Aimee, para tentar descobrir o que estava acontecendo com ela ultimamente. Quem melhor do que o namorado?

— E o restaurante?

— Fui falar com uma fonte. Queria verificar o que sabiam sobre a sua filha e a Aimee. Estou tentando estabelecer uma conexão entre as duas.

— E o que você descobriu até agora?

— Estou só começando.

Rochester pareceu refletir. Então, meneou a cabeça lentamente.

— Pelo que ouvi, você apanhou a garota Biel às duas horas.

— Correto.

— Às duas horas da manhã — ele repetiu.

— Ela me telefonou.

— Por quê? — O rosto de Rochester ficou vermelho. — É porque você gosta de sair com colegiais?

— Não é isso.

— Ah, suponho que você vai me dizer que foi um encontro inocente?

— Efoi.

Ante o ódio crescente de Rochester, Myron soube que o estava perdendo.

— Você assistiu ao julgamento daquele pervertido do Michael Jackson?

A pergunta confundiu Myron.

— Acho que um pouco.

— Ele dorme com menininhos, certo? Admite o fato. E depois vem dizer: "Ah, mas foi inocente".

— Ouça...

— Não. Acho que já ouvi bastante.

Rochester sinalizou para que os Gêmeos seguissem em frente.

Tempo suficiente transcorrera. Myron esperava que Win já estivesse em posição. Provavelmente estaria esperando alguma distração para avançar. Como não podia se mover, Myron tentou algo diferente.

Sem mais nem menos, soltou um berro.

Gritou tanto e tão alto quanto pôde, mesmo depois de Orville, o Professor de Artes, dar-lhe um soco na boca.

Todavia, o grito surtiu o efeito desejado. Por um instante, todo mundo o fitou. Apenas por um instante. Não mais.

Entretanto, foi o suficiente.

Um braço se enroscou ao redor do pescoço de Rochester, uma arma apareceu encostada em sua testa. A face de Win se materializou.

— Da próxima vez — Win falou, franzindo o nariz —, por favor, não compre água-de-colônia num posto de gasolina.

Os Gêmeos se moveram com a rapidez de um raio. Saíram de cima de Myron numa fração de segundo. O Professor de Artes escapuliu para o canto oposto. O Echarpe Mordedor, pondo Myron de pé, usou-o como escudo, apontando-lhe uma arma contra a nuca.

Empate.

Win conservou o braço em volta do pescoço de Rochester. Apertou-lhe a traqueia. O rosto do sujeito ganhou uma escura coloração vermelha enquanto o

oxigénio lhe escapava. Seus olhos se reviraram. Instantes depois, Win fez algo surpreendente: afrouxou o aperto na garganta. Com ânsia de vómito, Rochester sugou o ar com força. Usando-o como escudo, Win apontou a arma na direção do Professor de Artes.

— Era muita misericórdia deixá-lo sem respirar essa água-de- colônia pavorosa — Win explicou.

Os Gêmeos o examinaram como se ele fosse alguma coisa pequena e bonitinha na qual tinham tropeçado no meio da floresta. Não pareciam temê-lo. Tão logo Win entrara em cena, os dois haviam coordenado seus movimentos, como se já tivessem feito isso antes.

— Entrando sorrateiro assim — o Professor de Artes falou, sorrindo para Win. — Cara, isso foi um lance radical.

— Fantástico — Win devolveu. — Impressionante. O outro o fitou, com desagrado.

— Você está zombando de mim, cara?

— Viajando. Legal. Paz e amor.

O Professor de Artes olhou para o Echarpe Mordedor, como se dissesse: "Você bota fé nesse cara?".

— Cara... o, rapaz, você não sabe com quem está se metendo.

— Larguem as armas — Win devolveu —, ou vou matar os dois.

Os Gêmeos sorriram ainda mais, apreciando a coisa toda.

— Cara, por acaso você já fez as contas? Win encarou o Professor, o olhar vazio.

— É.

— Veja, nós temos duas armas. Você tem uma.

O Echarpe descansou a cabeça no ombro de Myron.

— Você — ele falou para Win, lambendo os beiços, animado — não deveria nos ameaçar.

— Tem razão — Win falou.

Todos os olhares estavam agora pousados sobre a arma pressionando a têmpora de Rochester. Foi esse o erro. Pareceu um clássico truque de mágica. Os Gêmeos não tinham se perguntado por que Win afrouxara o aperto na garganta de Rochester. Entretanto, o motivo era simples.

Valendo-se do corpo de Rochester para bloquear a visão dos demais, Win pôde engatilhar sua outra arma.

Myron inclinou a cabeça um pouquinho para a esquerda. A bala da segunda arma, aquela que estivera escondida atrás do quadril esquerdo de Rochester, acertou o Echarpe Mordedor bem no meio da testa. Ele morreu instantaneamente. Myron sentiu algo úmido espirrando em sua bochecha.

Ao mesmo tempo, Win disparou a primeira arma, a que estivera atrás da cabeça de Rochester. A bala se alojou na garganta do Professor de Artes. O sujeito foi ao chão, as mãos agarradas àquilo que fora sua laringe. Ele já podia estar morto, ou às portas da morte. Win não arriscou.

A segunda bala o atingiu exatamente entre os olhos.

Win se voltou para Rochester.

— Respire de maneira suspeita e você acaba como eles. Rochester ficou absolutamente imóvel. Debruçando-se sobre Myron, Win começou a livrá-lo das amarras, lançando um breve olhar para o corpo inerte do Echarpe Mordedor.

— Engula isso — falou para o cadáver. Então, virou-se para Myron. — Entendeu? As mordidas, engula isso?

— Hilariante. Onde está a sra. Seiden?

— Em segurança. Fora da casa. Mas você vai precisar inventar uma explicação pra ela.

Myron refletiu alguns segundos antes de indagar:

— Você chamou a polícia?

— Ainda não. No caso de você querer fazer algumas perguntas. Myron fitou Rochester.

— Fale com ele lá embaixo — Win sugeriu, entregando uma arma ao amigo. — Vou pôr o carro na garagem e começar a faxina.

CAPÍTULO 24

A faxina.

Myron tinha alguma ideia do que Win estava falando, embora não fossem discutir a questão diretamente. Win possuía propriedades em vários lugares, inclusive um pedaço de terra numa região isolada em Sussex, Nova Jersey. A propriedade, de uns quatro hectares, constituía-se principalmente de mata virgem. Se alguém tentasse descobrir quem era o dono, depararia com uma holding nas Ilhas Cayman. Nenhum nome apareceria listado.

Houvera um tempo em que Myron teria se sentido perturbado com o que Win fizera. Houvera um tempo em que ele teria reunido todo o seu ultraje moral e passado ao velho amigo um elaborado sermão sobre a santidade da vida e os perigos de fazer justiça com as próprias mãos e tudo o mais. Win o teria encarado e pronunciado três palavras:

Nós ou eles.

Win, provavelmente, poderia haver concedido o "empate" em mais um ou dois minutos. Ele e os Gêmeos poderiam ter chegado a algum entendimento. Vocês vão embora, nós vamos embora, ninguém fica ferido. Esse tipo de coisa. Porém não estivera destinado a ser assim.

Os Gêmeos já estavam mortos no exato instante em que Win entrara em cena.

A pior parte era que Myron já não mais se sentia mal a esse respeito. Simplesmente não pensaria no assunto. E, quando começasse a agir assim, quando soubesse que os matar fora a atitude prudente a tomar e que os olhos daqueles fulanos não assombrariam seu sono... então teria certeza de que chegara a hora de parar. Salvar pessoas, equilibrar-se naquela linha ténue que separa o bem e o mal isso roubava um fragmento de sua alma.

A menos que, talvez, não fosse assim.

Talvez seguir essa linha — enxergar o outro lado da coisa — apenas o situasse na terrível realidade. Esse é o fato: um milhão de Orvilles, os Professores de Artes do mundo, ou de Jebs, os Echarpes, não valem a vida de um único inocente, não valem a vida de uma Brenda Slaughter, de uma Aimee Biel, ou de uma Katie Rochester, ou, no caso de além-mar, não valem a vida de seu filho soldado, Jeremy Downing.

Podia ser amoral sentir-se desse jeito. Mas era assim que se sentia. E aplicava esse modo de pensar à guerra também. Em seus momentos mais honestos, aqueles em que não ousava falar alto, Myron não se importava tanto com os civis vivendo ao deus-dará em algum buraco do deserto. Não se importava se tivessem democracia ou não, se viessem a experimentar a liberdade, se suas

vidas se tornassem melhores.

O que realmente o preocupava eram os garotos como Jeremy. Matem cem, mil inimigos se preciso for. Mas não deixem ninguém ferir meu menino.

Myron sentou-se defronte de Rochester.

— Eu não estava mentindo antes. Estou tentando encontrar Aimee Biel.

Rochester apenas o encarou.

— Você sabe que as duas meninas usaram o mesmo caixa eletrônico?

Rochester assentiu.

— Deve haver uma razão para isso. Não é uma coincidência. Os pais da Aimee não conhecem a sua filha. E também não acreditam que a Aimee a conhecesse.

Por fim, Rochester se manifestou.

— Perguntei para a minha esposa e para os meus filhos — sua voz soou suave. — Nenhum deles acha que a Katie conhecia Aimee.

— Mas as duas frequentavam o mesmo colégio.

— É um colégio grande.

— Existe uma conexão. Tem de existir. Apenas está nos escapando. Portanto, preciso que você e a sua família comecem a procurar essa conexão. Pergunte aos amigos da Katie. Dê uma olhada nas coisas dela. Alguma coisa liga a sua filha e a Aimee. Se descobrirmos o quê, estaremos um passo mais perto.

— Você não vai me matar.

— Não.

Os olhos de Rochester pousaram no andar superior.

— O seu amigo tomou a atitude certa. Matar os Gêmeos. Se os tivesse deixado ir embora, eles torturariam a sua mãe até que ela amaldiçoasse o dia em que você nasceu.

Myron optou por não fazer nenhum comentário.

— Foi besteira contratá-los — disse Rochester. — Mas eu estava desesperado.

— Se você está esperando perdão, vá para o inferno.

— Estou só tentando fazer você entender.

— Eu não quero entender. Quero encontrar Aimee Biel.

Myron precisou ir ao pronto-socorro. O médico olhou a mordida na perna e meneou a cabeça, como que inconformado.

— Jesus, você foi atacado por um tubarão?

— Um cachorro — Myron mentiu.

— Você deveria sacrificá-lo. Win se encarregou de responder.

— Isso já foi feito.

O médico deu pontos e aplicou um curativo. O negócio ardia como o diabo. Também receitou antibióticos e comprimidos para a dor. Ao saírem do hospital,

Win certificou-se de que Myron ainda continuava de posse da arma. Positivo.

— Você quer que eu fique por perto? — Win indagou.

— Estou bem. — O carro ganhou velocidade ao descerem a avenida Livingston. — Você já cuidou daqueles dois?

— Sumiram para sempre. Myron assentiu. Win observou-o.

— Eles eram chamados de Gêmeos — Win explicou. — O mais velho, com a echarpe, teria arrancado os seus mamilos a dentadas primeiro. Um mero aquecimento. Um mamilo, depois o outro.

— Entendo.

— Nada de sermão ou de reação exagerada? Myron passou os dedos pelo peito.

— Realmente gosto dos meus mamilos.

Era tarde quando Win o deixou em casa. Perto da porta da frente, estava seu celular, no local onde o largara. Verificou as chamadas. Um punhado de ligações não atendidas, a maioria relacionada a negócios. Com Esperanza em lua-de-mel no Caribe, deveria ter ficado mais disponível. Tarde demais para se preocupar com isso agora.

Ali também telefonara.

Uma eternidade atrás, dissera-lhe que a visitaria à noite. Haviam brincado sobre uma "vespertina" tardia. Caramba, teria sido aquilo realmente hoje?

Ponderou se deveria esperar até a manhã seguinte para ligar, porém talvez Ali estivesse preocupada. Além do mais, seria bom, realmente bom, sentir o calor de sua voz. Necessitava disso neste dia louco, exaustivo, torturante. Estava dolorido. A perna latejava.

Ali atendeu ao primeiro toque.

— Espero não tê-la acordado.

— A polícia esteve aqui. Não havia calor nenhum em sua voz.

— Quando?

— Há poucas horas. Queriam conversar com a Erin. Sobre uma promessa que você fez às meninas no porão da sua casa.

Myron fechou os olhos.

— Droga. Eu nunca quis envolvê-la.

— A propósito, ela confirmou a sua história.

— Sinto muito.

— Liguei para a Claire. Ela me contou sobre a Aimee. Mas não entendo. Por que você fez as meninas prometerem uma coisa dessas?

— Você está se referindo a me telefonar?

— Sim.

— Escutei-as conversando sobre pegar carona com alguém que estava bêbado.

Simplesmente não quis que isso acontecesse com elas.

— Por que você? Ele abriu a boca, e nada saiu.

— Você tinha acabado de conhecer a Erin. Era a primeira vez que conversavam.

— Não foi algo planejado, Ali.

Myron não gostou do silêncio que se seguiu.

— Você está o.k.? — Ele indagou.

— Preciso de algum tempo para refletir. Ele sentiu um aperto na boca do estômago.

— Myron?

— E eeentão — ele falou, esticando a palavra —, suponho que aquela vespertina vai ser adiada?

— Não é hora para piadinhas.

— Eu sei.

— A Aimee está desaparecida. A polícia veio aqui e interrogou a minha filha. Talvez isso seja rotineiro para você, mas esse não é o meu mundo. Não o estou culpando, mas...

— Mas?

— Eu apenas... apenas preciso de tempo.

— Precisa de tempo — Myron repetiu. — Soa-me muito como "preciso de espaço".

— Você está fazendo piadinha outra vez.

— Não, Ali, não estou.

CAPÍTULO 25

Existia uma razão pela qual Aimee Biel quisera ser deixada no tal beco sem saída.

Myron tomou banho, vestiu calça e agasalho de moletom, livrando-se da roupa suja de sangue. O seu próprio. Lembrou-se do velho seriado Seinfeld satirizando os comerciais de detergente que anunciam tirar manchas de sangue, como se a maior preocupação de quem tem manchas de sangue nas roupas fosse lavá-las.

A casa estava silenciosa, exceto pelos ruídos típicos. Quando garoto, sozinho à noite, esses barulhos o apavoravam. Agora simplesmente estavam ali — nem calmantes, nem alarmantes. Podia escutar o leve eco enquanto andava sobre o assoalho da cozinha. O eco só acontecia quando estava só. Pensou nisso. Pensou no que Claire dissera, sobre ele trazer violência e destruição, sobre ainda não ser casado.

Sentou-se sozinho à mesa da cozinha de sua casa vazia. Essa não fora a vida que planejara.

O homem planeja, Deus ri.

Meneou a cabeça. Palavras verdadeiras.

Chega de chafurdar na lama, Myron pensou, o verbo "planejar" pondo sua mente de volta nos trilhos. Para refletir: o que Aimee Biel estivera planejando?

Existia um motivo pelo qual escolhera aquele caixa eletrônico. E existia uma razão pela qual escolhera o tal beco sem saída.

Era quase meia-noite quando Myron entrou no carro e rumou para Ridgewood. Conhecia o caminho agora. Estacionou no fim do beco. Desligou o motor. A casa estava às escuras, como duas noites atrás.

O.k., e agora?

Analisou as possibilidades. Uma, Aimee realmente entrou naquela casa no fim do beco. A mulher que atendera à porta, a loura esguia com boné de beisebol, mentira para Loren Muse. Ou talvez a mulher não soubesse. Talvez Aimee estivesse tendo uma aventura com o filho, ou fosse amiga da filha, e a mulher não sabia de nada.

Duvidoso.

Loren Muse não era nenhuma idiota. Ela conversara com a dona da casa durante um bom tempo. E teria verificado todos os ângulos. Se existissem pistas ali, ela as teria seguido.

Portanto, Myron descartou essas possibilidades.

O que significava que a casa fora uma distração.

Myron abriu a porta do carro e saiu. O local estava silencioso. Havia um gol de hóquei na extremidade do beco. Provavelmente uma vizinhança com crianças. Apenas oito casas ali e quase nenhum tráfego. A meninada ainda devia brincar na rua. Num outro canto, notou uma tabela e cesta de basquete. O beco sem saída possuía um pequeno playground.

Um carro diminuiu a velocidade ao entrar no quarteirão. Exatamente como acontecera quando deixara Aimee.

Semicerrando os olhos por causa da luz dos faróis, fitou o veículo. Meia-noite. Somente oito carros na rua, todas as casas com as luzes apagadas, todos os moradores na cama.

Um carro parou atrás do seu. Myron reconheceu a Mercedes- Benz prateada antes mesmo de Erik Biel, pai de Aimee, abrir a porta. Apesar da pouca luz, a raiva era visível em seu rosto. O que o fazia parecer um garotinho irritante.

— O que é que você está fazendo aqui? — Erik berrou.

— A mesma coisa que você, suponho. Erik se aproximou.

— A Claire pode ter engolido a sua história sobre o motivo que o fez trazer a Aimee até aqui, mas...

— Mas o quê, Erik?

Ele não respondeu imediatamente. Embora vestisse as costumeiras camisa e calça sob medida, não parecia tão engomado.

— Só quero encontrá-la. Myron nada disse. Deixou-o falar.

— A Claire acha que você pode ajudar. Diz que é bom nesse tipo de coisa.

— E sou.

— Você é como se fosse o cavaleiro da Claire numa armadura reluzente. — Havia um traço de amargura em sua voz. — Não sei por que vocês dois não acabaram juntos.

— Eu sei. Porque nós não nos amamos dessa forma. Na realidade, neste tempo todo em que conheço a Claire, você é o único homem a quem ela amou de verdade.

Erik remexeu os pés, fingindo, sem convencer ninguém, que aquelas palavras não tinham importância.

— Quando dobrei a esquina, reparei que você estava saindo do carro. Ia fazer o quê?

— Ia tentar repetir os passos da Aimee. Tentar imaginar para onde ela realmente foi.

— O que você quer dizer com "realmente foi"?

— Existe um motivo por que ela escolheu este lugar. Ela usou essa casa para despistar. Não era o verdadeiro destino dela.

— Você acha que a Aimee fugiu, não é?

— Não creio que tenha sido um sequestro por acaso ou algo do tipo. Ela me conduziu a este local específico. A pergunta é: por quê?

Erik assentiu, os olhos marejados.

— Você se incomoda se eu acompanhá-lo? Apesar de se incomodar, Myron deu de ombros e caminhou na direção da casa. Os moradores poderiam acordar e chamar a polícia, entretanto estava disposto a arriscar. Abriu o portão. Fora por onde Aimee entrara. Dirigiu-se ao quintal, conforme ela fizera. Havia uma porta de vidro corrediça. Erik permaneceu em silêncio às suas costas. Myron tentou abri-la. Trancada. Abaixou-se e passou os dedos sob o vão inferior. Sujeira acumulada. O mesmo no vão superior. A porta não era aberta havia algum tempo. Erik sussurrou:

— O quê? Ele sinalizou, mandando-o ficar quieto. As cortinas estavam fechadas. Myron pôs as mãos em concha e olhou para dentro por uma fresta. Não conseguia enxergar muita coisa, porém o lugar parecia uma sala familiar padrão. Não era um quarto de adolescente. Caminhou até a porta dos fundos. Dava para a cozinha.

De novo, nada de quarto de adolescente.

Claro que Aimee poderia ter se expressado mal. Poderia ter querido dizer que entraria pela porta dos fundos para ir até o quarto de Stacy, não que o quarto fosse exatamente ali. Mas, droga, Stacy nem sequer morava ali. Portanto, de um jeito ou de outro, Aimee contara uma mentira deslavada. O outro detalhe — o fato de que a porta não havia sido aberta e não levava a quarto algum — fora a cereja no chantilly.

Assim, para onde ela rumara?

De quatro, Myron pegou sua lanterna. Iluminou o chão. Nada. Esperara encontrar pegadas, todavia chovera muito nos últimos dias. Encostou a face no chão, tentando não só descobrir pegadas como qualquer tipo de marca. Nada.

Erik pôs-se a procurar também, mesmo não tendo lanterna. Apesar de não haver quase nenhuma iluminação ali atrás, ele insistia em procurar, e Myron não o deteve.

Segundos depois, Myron se levantou, conservando a luz da lanterna baixa. O quintal devia medir uns trezentos metros quadrados, talvez mais. Havia uma piscina, rodeada por uma cerca alta. O portão tinha quase dois metros de altura e permanecia trancado. Era difícil, quase impossível, de ser escalado. Porém duvidava de que Aimee fora àquela casa para nadar.

O quintal fundia-se a um bosque, uma bonita cerca de madeira delimitando as laterais da propriedade. Mas no trecho que bordejava o bosque a barreira fora feita de arame, mais barata, menos bonita — porém, lá no fundo, misturada aos ramos e mato, que diferença isso fazia?

Myron estava bastante convicto daquilo com que depararia.

Apostava que seria semelhante aos limites Horowitz-Seiden, em sua própria vizinhança. Assim, pôs a mão sobre o topo da cerca de arame e começou a caminhar no meio dos galhos. Erik o seguia. Myron calçava ténis. Erik, mocassins sem meias.

A mão de Myron afundou perto de um arbusto enorme.

Na mosca. Esse era o local. A cerca cedera ali. Considerando o aspecto enferrujado, ressaltado pela luz da lanterna, a estaca desabara há anos. Myron abaixou o arame e passou para o outro lado. Erik o imitou.

Não foi difícil encontrar a passagem no meio do mato. Devia medir uns cinco, seis metros. Provavelmente fora um caminho mais largo anos atrás, todavia, com a valorização do terreno, apenas uma faixa estreita de mato costumava ser usada para garantir privacidade.

Se seu terreno podia ser aproveitado de maneira útil, você dava um jeito para que fosse assim.

Ele e Erik acabaram entre dois quintais, num outro beco sem saída.

— Você acha que a Aimee veio por aqui?

— Sim, acho — Myron respondeu.

— E agora?

— Descobrimos quem mora nessa rua. Tentamos descobrir se existe alguma conexão com a Aimee.

— Vou chamar a polícia — Erik anunciou.

— Você pode tentar. Talvez eles dêem importância, talvez não. Se alguém que a Aimee conhece mora aqui, pode ser mais um reforço à teoria de que ela fugiu de casa.

— De qualquer maneira, vou tentar.

Se estivesse no lugar de Erik, agiria do mesmo modo. Os dois andaram pelo beco, Myron observando as casas como se estas pudessem lhe oferecer respostas.

— Myron?

— Sim?

— Acho que a Aimee fugiu. E acho que a culpa é minha. Havia lágrimas no rosto de Erik.

— Ela está mudada. A Claire e eu notamos. Alguma coisa aconteceu com o Randy. Eu gosto daquele menino. Ele era muito bom com a minha filha. Procurei conversar com a Aimee a respeito, mas ela se recusava. Sei que vai soar estúpido... Pensei que talvez o Randy tivesse tentado pressioná-la. Você sabe. Sexualmente.

Myron assentiu.

— Mas em que década eu acho que estamos vivendo? Os dois já estão juntos há dois anos.

— Então você não acredita que o motivo tenha sido esse?

— Não.

— Qual seria a razão?

— Não sei. — Erik se calou.

— Você disse que a culpa é sua.

Erik concordou com um aceno de cabeça.

— Quando eu trouxe a Aimee até aqui — Myron falou —, ela me implorou para não contar nada a você e a Claire. Disse que as coisas não andavam bem entre vocês dois.

— Comecei a espioná-la.

Aquela não fora uma resposta direta, mas Myron deixou por isso mesmo. Erik estava remoendo algo, e precisava dar-lhe tempo.

— Mas a Aimee... é uma adolescente. Lembra-se dessa época? A gente aprende como esconder coisas. A Aimee era cuidadosa. Suponho que tivesse mais prática do que eu. Não é que eu não confiasse nela. Mas faz parte da tarefa de pai ficar de olho nos filhos. Não funciona muito bem porque os filhos sabem disso.

No meio da escuridão, os dois permaneceram olhando fixamente para as casas.

— Mas o que você não percebe é que, enquanto os está espionando, talvez, de vez em quando, eles viram o jogo. Talvez suspeitem de que há alguma coisa errada e queiram ajudar. E talvez o filho acabe espionando os pais.

— A Aimee o andou espionando?

— Sim.

— O que ela descobriu, Erik?

— Que estou tendo um caso.

Erik quase desabou de alívio ao dizê-lo. Por um instante, Myron se sentiu estupefato, inteiramente oco por dentro. Pensou em Claire, em como ela era no colégio, o modo como mordiscava o lábio inferior nervosamente, sentada no fundão durante a aula de inglês do sr. Lampf. Uma fenda de raiva o atingiu.

— A Claire sabe?

— Não sei. Se sabe, jamais tocou no assunto.

— Esse caso...

— É sério?

— Sim.

— Como a Aimee descobriu?

— Não sei. Não tenho nem mesmo certeza de que ela sabe.

— A Aimee nunca falou nada com você?

— Não. Mas... como eu disse. Houve mudanças. Se eu ia beijá- la, ela virava o rosto. Quase involuntariamente. Como se eu lhe causasse nojo.

— Isso poderia ser uma coisa normal de adolescente. Erik baixou a cabeça e a movimentou, em negativa.

— Então, quando você estava espionando-a, tentando abrir os e-mails, além de querer descobrir o que ela andava aprontando você também queria...

— Sim. Descobrir se ela sabia.

Outra vez Myron pensou em Claire, em seu rosto no dia do casamento, iniciando uma nova vida com esse sujeito, sorrindo como Esperanza sorrira no sábado, sem nenhuma dúvida sobre Erik, ainda que Myron nunca houvesse se entusiasmado muito com ele.

Como se lesse seus pensamentos, Erik observou:

— Você nunca foi casado. Você não sabe. Myron desejou dar-lhe um soco no nariz.

— É você quem está dizendo.

— Não acontece assim, de uma vez.

— Hã-hã.

— A coisa começa a desandar. A coisa toda. Acontece com todo mundo. Você se distancia. Você se interessa, mas de uma maneira diferente. Cada qual está envolvido com o trabalho, a família, a casa. Cada qual está envolvido com tudo, menos um com o outro. E, então, um dia você acorda e quer aquela sensação de volta. Não estou falando de sexo, não é isso. Você quer a paixão. E sabe que nunca a terá da mulher que ama.

— Erik?

— O quê?

— Honestamente, não quero escutar isso.

— Você é o único para quem eu contei.

— É, devo ser mesmo um sortudo.

— Eu só queria... Quero dizer, eu só precisava... Myron levantou a mão.

— Você e a Claire não são da minha conta. Estou aqui para encontrar a Aimee, não para bancar o conselheiro matrimonial. Mas vou deixar uma coisa bem clara, para você saber exatamente qual é a minha posição: se machucar Claire, eu...

Ele se calou. Fora estupidez ir tão longe.

— Você vai o quê?

— Nada.

Erik quase sorriu.

— Ainda o cavaleiro em armadura reluzente, hein?

Caramba, realmente queria quebrar o nariz do cara. Em vez disso, virou-se e caminhou na direção de uma casa amarela, com dois carros estacionados perto da entrada. Então percebeu.

Myron se deteve.

— O que é? — Erik perguntou. Rapidamente ele desviou o olhar.

— Vou precisar da sua ajuda.

— Diga. — Erik era todo atenção.

Myron rumou de volta para a passagem no meio do mato, amal-diçoando-se. Ainda estava enferrujado. Não deveria nunca ter deixado algo transparecer. A última coisa de que precisava era Erik perdendo a cabeça.

— Você é bom com computador?

— Imagino que sim.

— Preciso que entre na internet. Preciso que pesquise todos esses endereços num site de busca e faça uma lista de quem mora aqui. Preciso que vá pra casa já e faça isso pra mim.

— Mas não deveríamos tomar uma atitude agora? — Erik indagou.

— Qual?

— Bater nas portas.

— E falar o quê? Fazer o quê?

— Talvez alguém a esteja mantendo refém bem aqui, neste exato quarteirão.

— Muito, muito improvável. E, mesmo assim, bater em portas possivelmente os fará entrar em pânico. E, assim que batermos na primeira porta, a essa hora, a pessoa chamará a polícia. Os vizinhos serão avisados. Escute, Erik, temos de tentar estabelecer as prioridades. Isso aqui pode ser o fim de linha. Talvez a Aimee não tenha tomado aquele caminho.

— Você disse pensar que sim.

— Pensar. O que não é grande coisa. Além do mais, talvez ela tenha andado mais uns cinco quarteirões. Não podemos simplesmente ficar perambulando por aí. Se você deseja ajudar, vá pra casa. Procure os endereços. Consiga-me alguns nomes.

Os dois refizeram o trajeto, passando pelo portão e chegando a seus carros.

— O que você vai fazer? — Erik perguntou.

— Tenho algumas outras pistas que pretendo seguir.

Erik queria perguntar mais, porém o tom de voz e a linguagem corporal de Myron o detiveram.

— Telefono pra você assim que terminar a busca.

Ambos entraram em seus respectivos carros. Myron assistiu a Erik partir. Então, pegou o celular e ligou para Win.

— Enuncie-se.

— Preciso que você invada uma casa.

— Certo. Por favor, explique.

— Descobri uma passagem no lugar onde deixei a Aimee. O caminho conduz a outro beco sem saída.

— Ah. Então temos uma ideia sobre onde ela foi parar?

— Rua Fernlake, dezesseis.

— Você parece bastante seguro.

—Tem um carro na entrada. Com um adesivo no vidro de trás. E para o estacionamento de professores do Colégio Livingston.

— Estou a caminho.

CAPÍTULO 26

Myron e Win se encontraram uns três quarteirões acima, próximo a uma escola de ensino primário. Um carro estacionado ali chamaria menos atenção. Win estava todo vestido de preto, inclusive o gorro para esconder os caracóis loiros.

— Não notei nenhum sistema de alarme — Myron falou. Win assentiu. Alarmes constituíam pequenas chateações, nada intransponível.

— Estarei de volta em trinta minutos. E estava. Em ponto.

— A menina não está dentro da casa. Dois professores moram lá. Harry Davis, professor de inglês no Colégio Livingston, e a esposa, Lois, professora do ensino fundamental em Glen Rock. O casal tem duas filhas, provavelmente universitárias, julgando pelas fotos e pelo fato de não se acharem em casa.

— Isso não pode ser coincidência.

— Pus um rastreador GPS nos dois carros. E também numa pasta surrada de Davis cheia de provas e planos de aula. Vá para casa, durma um pouco. Entro em contato quando ele acordar e começar a se mexer.

— Vou começar a se mexer. segui-lo e então o teremos na mira.

Myron se arrastou para a cama. Imaginara que não seria capaz de pegar no sono. Mas dormiu. Dormiu até ouvir um ruído metálico vindo do térreo.

Seu pai sempre tivera sono leve. Quando jovem, ao acordar no meio da noite, Myron tentava passar pelo quarto dos pais sem o despertar. Nunca o conseguira. Seu pai tampouco acordava devagar. Acordava de chofre, como se alguém lhe houvesse despejado um balde de água gelada.

E assim aconteceu com ele ao escutar o clique. Sentou-se na cama. Agarrou a arma sobre a mesinha-de-cabeceira. Apertou a tecla de discagem rápida do celular conectando o número de Win. Deixou o aparelho no silencioso, para que Win pudesse espreitá-lo.

Imóvel, Myron ficou alerta.

A porta da frente se abriu.

Quem quer que estivesse ali, procurava não fazer barulho. Myron se moveu lentamente até a porta do quarto. Aguardou, os ouvidos aguçados. O intruso entrara pela porta da frente. Estranho. A fechadura era antiga. Poderia ser aberta com facilidade. Todavia, ser tão silencioso assim — apenas um rápido clique — significava que, quem quer que fosse, sabia o que fazia.

Esperou.

Sons de passos.

Passos leves. Myron pressionou as costas contra a parede, a arma firme na

mão. A perna doía por causa das mordidas. A cabeça latejava. Esforçou-se para ignorar o desconforto, esforçou-se para manter o foco.

Avaliou qual seria sua melhor posição. Ficar parado junto à porta, onde se achava agora, permitia-lhe ouvir com clareza, porém não lhe traria vantagem se alguém entrasse no quarto, apesar do que se vê nos filmes. Em primeiro lugar, caso o sujeito fosse bom, ele já estaria esperando por isso. Em segundo, se se tratasse de mais de um invasor, estar atrás da porta seria o pior local para se jogar em cima de alguém: você é obrigado a atacar imediatamente, expondo, assim, sua localização. É possível até pegar o primeiro cara, porém o segundo o abate.

Myron andou sorrateiro até o banheiro. Plantou-se atrás da porta entreaberta. Tinha o ângulo perfeito para ver o intruso entrar. Poderia atirar ou gritar — e, se atirasse, ainda continuaria numa boa posição se alguém mais avançasse ou recuasse.

Os passos se detiveram do lado de fora do quarto.

Ele aguardou, a respiração reverberando em seus ouvidos. Win sempre fora bom nisso, nessa parte de paciência, o que nunca fora seu forte. Obrigou-se a se acalmar, a respirar profundamente, os olhos fixos na porta do quarto.

Percebeu uma sombra.

Myron apontou a arma para o centro do vulto. Win em geral mirava a cabeça, mas ele sempre apontava para o centro do peito, o alvo mais generoso.

Quando o invasor atravessou a soleira da porta e foi banhado por um pouco de luz, Myron quase arquejou. Deu um passo à frente, ainda segurando a arma.

— Ora, ora, ora — o intruso disse. — Depois de sete anos, isso é uma arma em sua mão ou você apenas está feliz de me ver?

Myron não se moveu.

Sete anos. Sete anos depois. E, em segundos, era como se aqueles sete anos nunca tivessem existido.

Jéssica Culver, sua ex-alma gémea, estava de volta.

CAPÍTULO 27

Eles estavam na cozinha.

Jéssica abriu a porta da geladeira.

— Nada de achocolatado?

Myron fez que não com a cabeça. Achocolatado fora sua bebida favorita. Quando moravam juntos, sempre tivera grandes quantidades à mão.

— Você não bebe mais isso?

— Não muito.

— Imagino que um de nós deva comentar que tudo muda.

— Como você entrou? — Ele perguntou.

— Você ainda guarda uma chave numa das calhas. Como seu pai fazia. Nós a usamos uma vez, está lembrado?

Sim, lembrava-se. Os dois tinham se esgueirado para o porão, aos risos. Tinham feito amor.

Jéssica lhe sorriu. A passagem dos anos deixara marcas, supunha. Havia algumas rugas ao redor dos olhos. Os cabelos estavam mais curtos e mais estilosos. Porém o efeito ainda era o mesmo.

Ela continuava dona de uma beleza de tirar o fôlego.

Jéssica disse:

— Você está me encarando. Ele nada falou.

— Bom saber que ainda causo algum efeito.

— E, aquele Stone Norman é um homem de sorte.

— Certo. Imaginei que você tivesse lido a nota. Myron permaneceu calado.

— Você gostaria dele — ela observou.

— Ah, aposto que sim.

— Todo mundo gosta. Ele tem muitos amigos.

Jéssica o fitou durante alguns instantes, o olhar dela trazendo-lhe algum rubor às faces.

— A propósito, a sua aparência está terrível.

— Apanhei um pouco hoje.

— Algumas coisas nunca mudam. E o Win, como vai?

— Falando em coisas que nunca mudam...

— Lamento.

— Vamos continuar com isso — Myron a interpelou — ou você vai me dizer por que está aqui?

— Podemos continuar com isso mais alguns minutos? Ele deu de ombros, algo como "faça como quiser".

— Como vão os seus pais?

— Bem.

— Eles nunca gostaram de mim.

— Não, suponho que não.

— E a Esperanza? Ainda se refere a mim como a Rainha Vaca?

— Esperanza não tem mencionado muito o seu nome nesses sete anos.

O comentário a fez sorrir.

— Como se eu fosse o Voldemort, dos livros de Harry Potter.

— E, você é Aquela-Que-Não-Deve-Ser-Nomeada.

Myron se remexeu na cadeira e virou o rosto por alguns segundos. Jéssica era tão terrivelmente bela. Era como contemplar um eclipse. A gente sente necessidade de desviar o olhar de vez em quando.

— Você sabe por que estou aqui — ela afirmou.

— Uma última transa antes de se casar?

— Você estaria disposto?

— Não.

— Mentiroso.

Ele se perguntou se ela estaria certa. Mudou de assunto ao notar os olhos vermelhos de Jessica.

— Você está bêbada?

— Levemente embriagada, talvez. Bebi o suficiente para arranjar coragem.

— Para invadir a minha casa?

— Sim.

— Então o que há, Jessica?

— Você e eu. A nossa história ainda não acabou. Ele nada respondeu.

— Eu finjo que está tudo terminado, você finge que está tudo terminado. Mas nós dois sabemos que não é assim. —Jéssica virou-se de lado e engoliu em seco. Ele admirou o pescoço dela, percebeu a mágoa em seus olhos. — Qual foi a primeira coisa que lhe passou pela cabeça ao ler o anúncio do meu casamento?

— Desejei a você e ao Stone muitas felicidades. Ela esperou.

— Não sei o que pensei.

— Doeu?

— O que você quer que eu diga, Jess? Ficamos juntos muito tempo. Claro que doeu.

— E como... — ela se calou, refletiu —... é como se, apesar do fato de não termos nos falado em sete anos, eu sempre soubesse que era apenas uma questão de tempo até voltarmos a ficar juntos. Como se tudo fosse parte de um processo. Você entende o que eu estou querendo dizer?

Myron não retrucou, embora sentisse algo dentro de si começar a se desgastar.

— E hoje, então, vi os proclamas impressos. Os proclamas que eu mesma escrevi. E, de repente, foi como "Ei, espere aí, essa é a realidade. O Myron e eu não acabamos juntos". — Ela meneou a cabeça. — Não estou dizendo a coisa do jeito certo.

— Não há nada a dizer, Jessica.

— Então é assim?

— Você estar aqui é somente por causa do nervosismo que antecede o casamento.

— Não me venha com condescendência.

— O que você quer que eu diga?

— Não sei.

Por algum momento os dois permaneceram em silêncio. Myron estendeu a mão. Jéssica a segurou. Ele sentiu-se estremecer por dentro.

— Sei por que você está aqui — Myron falou. — Não creio sequer que eu esteja surpreso.

— Ainda existe alguma coisa entre nós, não é?

— Não sei...

— Mas?

— Quando passamos pelo que passamos, o amor, os rompimentos, a minha lesão, toda aquela dor, todo aquele tempo juntos, o fato de eu ter querido me casar com você...

— Deixe-me tratar dessa parte, o.k.?

— Num instante. Estou com a bola. Jéssica sorriu.

— Desculpe.

— Quando se passa por tudo isso, as vidas um do outro se tornam entrelaçadas. E então, um dia, a coisa acaba. Você simplesmente a decepa com um facão. Porém vocês estão tão entrelaçados que continua existindo algo ali.

— As nossas vidas estão emaranhadas.

— Emaranhadas — ele repetiu. — Soa afetado demais.

— Mas é acurado. Ele concordou.

— Então, o que fazemos?

— Nada. Simplesmente é parte da vida.

— Você sabe por que eu não quis me casar com você?

— É irrelevante, Jess.

— Creio que não. Acho que precisamos continuar jogando até virar a sorte.

Myron soltou-lhe a mão, uma expressão que dizia: "O.k., vá em frente".

— A maioria das pessoas odeia o estilo de vida dos pais. Rebelam-se. Mas você queria ser exatamente como eles. Queria casa, filhos...

— E você, não — ele a interrompeu. — Sabemos disso tudo.

— Não é isso. Eu poderia ter desejado essa vida também.

— Porém não comigo.

— Você sabe que não é assim. Eu só não tinha certeza... — ela inclinou a cabeça. — Você queria aquela vida. Mas eu não sabia se você queria mais aquele estilo de vida do que queria a mim.

— Isso é a maior besteira que eu já ouvi.

— Talvez. Contudo, era como me sentia.

— Ótimo. Então eu não a amava o suficiente. Jéssica o fitou, meneando a cabeça.

— Nenhum homem me amou como você.

Silêncio. Myron engoliu o comentário: "E o tal Stone?".

— Quando você estourou o seu joelho...

— Isso de novo, não. Por favor. Jéssica pressionou.

— Quando estourou o joelho, você mudou. Esforçou-se de verdade para superar o acontecido.

— Você teria preferido o caminho da autopiedade.

— Talvez tivesse funcionado melhor. Porque o que você acabou fazendo, em vez de se entregar à autopiedade, foi fugir assustado. Você se agarrou tanto a tudo que possuía que se tornou sufocante. De súbito, você era mortal. Não queria perder mais nada e, de repente...

— Isso tudo é ótimo, Jess. Ah, eu tinha me esquecido! Quem lhe deu aulas de Introdução à Psicologia na Duke? Porque o seu professor ficaria orgulhoso de você agora.

Jéssica se limitou a fazer um movimento em negativa com a cabeça.

— O quê? — Myron perguntou.

— Você ainda não se casou, não é?

— Você também não.

— Touché. Mas você teve relacionamentos sérios nos últimos sete anos?

— Estou envolvido com alguém agora.

— Verdade?

— Por que a surpresa?

— Não, não é isso. Mas pense um pouco. Você, o sr. Compromisso, o sr. Relacionamento de Longa Duração, por que está demorando tanto para encontrar alguém?

— Espere, não me diga. — Myron levantou a mão. — Você me estragou para todas as outras mulheres?

— Bem, seria compreensível. — Jéssica arqueou uma sobrancelha. — Mas não, creio que não seja isso.

— Sou todo ouvidos. Por quê, então? Por quê, até agora, não estou casado e

feliz?

— Ainda estou me empenhando em descobrir.

— Não se empenhe. A questão já não lhe diz respeito. Jéssica tornou a dar de ombros.

Os dois continuaram lá, sentados. Engraçado quão confortável ele estava com tudo aquilo.

— Você se lembra da minha amiga, a Claire? — Myron indagou.

— Ela se casou com aquele cara sistemático, certo? Fomos ao casamento.

— Erik. — Não querendo discutir o assunto, Myron pôs-se a falar de outra coisa. — O Erik me contou hoje que ele e a Claire estão com problemas. Diz que é algo inevitável, que tudo esfria e desbota, que se transforma numa outra coisa. Diz que sente falta da paixão.

— Ele está traindo a Claire?

— Por que você pergunta?

— Porque me parece que ele está tentando justificar os seus atos.

— Então você acha que não tem nada a ver com esse negócio de esfriamento da paixão?

— Claro que tem algo a ver. A paixão não pode continuar no pico para sempre.

Myron refletiu por um instante.

— Continuou conosco.

— Sim — ela concordou.

— Não houve nenhum esfriamento.

— Nenhum. Mas éramos jovens. E talvez seja o motivo por que, no fim, tenhamos perdido a cabeça.

Ele ponderou a colocação. Ela segurou sua mão. Uma corrente elétrica os percorreu. Então, Jéssica o fitou. Aquela olhada, para ser mais específico. Myron gelou.

— Você e essa nova mulher... são exclusivos?

— Você e o Stone — ele contra-atacou — são exclusivos?

— Golpe baixo. Mas não se trata do Stone. Não se trata da sua nova namorada. Trata-se de nós.

— E você acha que uma trepada rápida vai ajudar a esclarecer as coisas?

— Ainda um mestre das palavras com as damas, pelo que vejo.

— Aqui vai outra palavra do mestre: não.

Jéssica brincou com o primeiro botão da blusa. Myron sentiu a boca ficar seca. Mas ela parou.

— Você está certo.

Ele se perguntou se estava desapontado por Jéssica não haver ido adiante.

Perguntou-se o que teria feito, neste caso.

Então, os dois começaram a pôr a conversa em dia. Myron lhe contou sobre Jeremy, sobre ele estar servindo o exército no estrangeiro. Jéssica contou de seus livros, da família, dos anos em que trabalhara na Costa Oeste. Ela não falou de Stone. Ele não falou de Ali.

Amanheceu. Ainda estavam na cozinha. Haviam conversado durante horas, sem que as tivessem sentido passar. Fora bom. Às sete horas, o telefone tocou. Myron o atendeu.

— O nosso professor favorito está saindo para o trabalho — Win comentou.

CAPÍTULO 28

Myron e Jéssica se despediram com um abraço. O abraço durou muito tempo. Ele aspirou o perfume dos cabelos dela. Não se lembrava do nome do xampu, mas o aroma era uma mistura de lilases e flores silvestres, o mesmo que ela costumava usar na época em que estavam juntos.

Em seguida, Myron telefonou para Claire.

— Queria fazer uma pergunta rápida.

— Erik disse que viu você ontem à noite.

— É.

— Ele passou a noite inteira ao computador.

— Ótimo. Escute, você conhece um professor chamado Harry Davis?

— Claro. A Aimee teve aula de inglês com ele no ano passado. Creio que agora ele também é orientador.

— Ela gostava dele?

— Muito. — Então: — Por quê? O Davis tem algo a ver com essa história?

— Sei que você quer ajudar, Claire. E sei que o Erik quer ajudar. Mas vocês têm de confiar em mim nisso, o.k.?

— Eu confio em você.

— O Erik contou sobre a passagem que descobrimos para um outro beco sem saída?

— Contou.

— Esse Harry Davis mora no outro lado.

— Ai, meu Deus.

— A Aimee não está na casa dele. Já verificamos.

— Como assim, você verificou? Como você verificou?

— Por favor, Claire, apenas me escute. Estou trabalhando no caso, mas preciso fazer isso sem interferências. Você tem de tirar o Erik do meu pé, o.k.? Diga-lhe que pedi que fizesse uma busca na internet de todas as ruas dos arredores. Diga-lhe para dirigir ao redor da área, mas não no beco. Ou, melhor ainda, mande-o ligar para o Dominick Rochester, que é o pai da Katie...

— Ele ligou para nós.

— Dominick Rochester?

— Sim.

— Quando?

— Ontem à noite. Contou que havia se encontrado com você. Encontrado, Myron pensou. Belo eufemismo.

— Vamos nos reunir daqui a pouco. Os Rochester e nós. Vamos tentar

descobrir se existe uma conexão entre Katie e Aimee.

— Ótimo. Isso vai ajudar. Tenho que desligar agora.

— Você volta a ligar?

— Tão logo eu saiba de alguma coisa. Myron a escutou soluçar.

— Claire?

— Faz dois dias, Myron.

— Eu sei. Estou trabalhando nisso. Talvez você queira pressionar a polícia também. Agora que a marca das 48 horas foi ultrapassada.

— O.k.

Ele queria dizer algo do tipo "Seja forte", todavia isso lhe soou tão estúpido em sua própria cabeça que desistiu. Despediu-se e desligou. Telefonou para Win.

— Enuncie-se — Win respondeu.

— Não posso acreditar que você ainda atende ao telefone dessa maneira. "Enuncie-se."

Silêncio.

— O Harry Davis continua indo para o colégio?

— Sim.

— Estou a caminho.

Colégio Livingston, a escola em que estudara. Myron ligou o motor. Uns três quilómetros a percorrer. E quem o estava seguindo, ou não era muito bom, ou não se importava. Ou, talvez, depois dos Gêmeos, Myron estivesse apenas sendo mais cauteloso. De qualquer maneira, um Chevy cinza, ou um Caprice, estava em sua cola desde a primeira curva.

Ligou para Win e ouviu o costumeiro "Enuncie-se".

— Estou sendo seguido — falou.

— O Rochester de novo?

— É possível.

— Marca e placa do veículo? Myron lhe deu a informação.

— Continuamos na rodovia 280, então ganhe um pouco de tempo. Leve-os para a avenida Mount Pleasant. Vou ficar atrás deles. Encontro você quando voltarmos à rotatória.

Myron acatou a sugestão. Perto do Colégio Harrison, fez o retorno. O Chevy continuou em frente. Descendo a avenida Livingston, ao parar no primeiro semáforo, o Chevy cinza estava de volta, colado à sua traseira.

Chegando à rotatória defronte do colégio, Myron estacionou e saiu do carro. Não havia lojas por ali, porém era o centro nervoso de Livingston — um excesso de tijolos aparentes. Lá ficavam a delegacia de polícia, o fórum, a biblioteca municipal e a grande jóia da coroa: o Colégio Livingston.

Os adeptos de corrida e caminhada matutinas já estavam na área. Muitos

idosos andavam lentamente. Mas não todos. Um grupo de quatro gostosas, todas de corpos malhados e na casa dos vinte anos, vinham correndo em sua direção.

Myron lhes sorriu e arqueou a sobrancelha.

— Oi, meninas — falou, ao vê-las passar.

Duas delas riram, irónicas. As outras o fitaram como se ele houvesse anunciado ter acabado de fazer cocó na calça.

— Você brindou as garotas com o sorriso de alta voltagem? — Win perguntou, aproximando-se.

— Não, eu diria média.

Win analisou as moças por alguns segundos, antes de declarar:

— Lésbicas.

— Devem ser.

— Muito disso rolando por aí, não?

Myron fez as contas mentalmente. Provavelmente era de quinze a vinte anos mais velho que aquelas moças. Tratando-se de mulheres jovens, nunca se quer sentir a diferença de idade.

— O carro que está seguindo você — Win continuou, os olhos grudados nas jovens corredoras — é uma viatura à paisana. Está parada no estacionamento da biblioteca, e os dois policiais estão nos observando com uma teleobjetiva.

— Quer dizer que estão tirando fotos nossas agora?

— É possível.

— Como está o meu cabelo?

Win fez um gesto com a mão, como se dissesse: "Passável". Myron refletiu alguns instantes sobre a informação.

— Eles provavelmente ainda me vêem como um suspeito.

— Eu faria o mesmo — Win retrucou, consultando um objeto que se assemelhava a um palm top e servia para rastrear o GPS implantado no carro. — O nosso professor favorito deve estar chegando agora.

O estacionamento dos professores ficava no lado oeste da escola. Myron e Win rumaram para lá, achando melhor confrontá-lo ali, antes do início das aulas.

— Adivinha quem apareceu na minha casa às três horas da manhã? — Myron perguntou ao amigo, enquanto caminhavam.

— Wink Martindale?

— Não.

— Adoro aquele cara.

— Quem não adora? Jessica.

— Eu sei.

— Como... — Então, Myron se lembrou. Ligara para Win ao ouvir o clique na porta. Desligara o celular quando desceram até a cozinha.

— Você transou com ela? — Win quis saber.

— Sim. Muitas vezes. Mas não nos últimos sete anos.

— Boa. Por favor, diga-me, ela passou lá para uma cópula em nome dos bons e velhos tempos?

— Cópula?

— Minha ascendência britânica.

— Um cavalheiro nunca conta segredos de alcova. Mas sim.

— E você recusou?

— Permaneci casto.

— Seu cavalheirismo. Alguns chamariam de admirável.

— Mas não você.

— Não. Eu o chamaria de... — estou usando uma palavra comprida, portanto preste atenção — ... realmente, realmente asinino.

— Estou envolvido com outra pessoa.

— Entendo. Então você e a sra. seis-vírgula-oito prometeram copular apenas um com o outro?

— Não funciona assim. Você não vira para o outro um dia e diz: "Ei, não vamos dormir com mais ninguém".

— Você não fez uma promessa específica?

— Não.

Win ergueu ambas as mãos, totalmente perdido.

— Então não entendo. Jéssica fede ou algo parecido?

— Esqueça.

— Esquecido.

— Dormir com ela só teria complicado as coisas. Win apenas o encarou.

— O que é?

— Você é uma mulherzinha — Win sentenciou. Os dois caminharam um pouco mais.

— Você ainda precisa de mim? — Win perguntou.

— Creio que não.

— Estarei no escritório, então. Qualquer problema, ligue pelo celular.

Myron assentiu enquanto o amigo se afastava. Harry Davis saiu do carro. Havia uma quantidade enorme de panelinhas no estacionamento. Myron meneou a cabeça. Nada mudava. Os góticos totalmente de preto e tachas prateadas. Os nerds carregavam mochilas pesadas e vestiam camisas de poliéster de mangas curtas abotoadas na frente, como um bando de auxiliares de gerência numa convenção de cadeias de farmácias. Os atletas ocupavam a maior parte do espaço, sentados nos capôs dos carros e metidos em jaquetas da equipe esportiva, ainda que estivesse quente demais para usá-las.

Harry Davis tinha o andar à vontade e o sorriso despreocupado de quem é querido. Sua aparência o encaixava na categoria mediana, e ele se vestia como o típico professor de colégio, isto é, pobremente. Todas as panelinhas o cumprimentaram, o que por si só já dizia algo. Primeiro, os nerds lhe apertaram a mão e gritaram:

— Oi, sr. D.! Sr. D.?

Myron se deteve. Lembrou-se do anuário de Aimee, seus professores preferidos: srta. Korty...

... e sr. D.

Davis continuou andando. Os góticos foram os próximos. Acenaram-lhe. Seria demais ir além disso. Vários dos atletas levantaram as mãos, dizendo: "Toca aqui", "Valeu, sr. D.!".

Harry Davis parou e começou a conversar com um dos atletas. Os dois se afastaram um pouco do grupo. A conversa parecia animada. O atleta vestia uma jaqueta do time de futebol americano de uma universidade, as letras QB na manga. (Nota: Abreviação de quarterback (atacante)). Alguns dos outros rapazes o estavam chamando. Gritavam: "Ei, Farm". Porém o quarterback estava focado no professor. Myron chegou mais perto para ver melhor.

— Caramba — Myron falou consigo mesmo.

O garoto conversando com Harry Davis — enxergava-o mais claramente agora, a barbicha no queixo, o cabelo estilo rastafári — não era niguém mais ninguém menos que Randy Wolf.

CAPÍTULO 29

Myron ponderou sobre o que deveria fazer — deixá-los continuar conversando ou confrontá-los imediatamente? Olhou o relógio. O sino estava a ponto de tocar. Harry Davis e Randy Wolf provavelmente entrariam, e perderia a chance de lhes falar naquele dia.

Hora do show.

Estava a uns três metros de distância quando Randy o avistou. Os olhos do garoto se arregalaram, exprimindo o reconhecimento. O rapaz ensaiou se afastar de Davis, e este se virou para ver o que estava acontecendo.

Myron acenou.

— Oi.

Ambos ficaram imóveis, como se pegos pela luz de faróis.

— O meu pai me falou que eu não devo conversar com você — Randy disse.

— Mas o seu pai não teve oportunidade de me conhecer de verdade. Sou um doce. — Myron acenou para o confuso professor. — Oi, sr. D.

Ele estava quase junto dos dois quando uma voz soou às suas costas.

— Já é perto o bastante.

Myron se virou. Dois policiais fardados plantaram-se à sua frente. Um, alto e magricela. O outro, baixo, moreno, cabelos encaracolados e bigode espesso. Parecia saído de um vídeo dos anos 1980.

O alto indagou:

— Aonde você pensa que está indo?

— Esta é uma área pública. Estou caminhando por aí. minha cara? com;

— Você acha que isso é tirar com a sua cara?

— Vou perguntar outra vez. Aonde você pensa que está indo?

— Para a aula — Myron retrucou. — Tenho uma droga de prova final de matemática.

O policial alto olhou para o baixo. Randy Wolf e Harry Davis o encaravam sem uma palavra. Alguns estudantes começaram a apontar e a se juntarem. O sino tocou. O mais alto ordenou:

— O.k., nada para ver aqui. Dispersando. Vão para as suas salas agora.

Myron apontou Wolf e Davis.

— Preciso conversar com eles. O magricela o ignorou.

— Vão para as suas salas. — Então, fitando Randy: — Todos vocês.

A multidão diminuiu até sumir. Randy Wolf e Harry Davis desapareceram também. Myron ficou sozinho com os dois policiais.

O magricela se postou bem perto de Myron. Ambos tinham quase a mesma

altura, porém Myron pesava pelo menos dez, quinze quilos a mais.

— Você, fique longe dessa escola — o sujeito rosnou, devagar. — Não converse com eles. Não faça perguntas.

Myron pensou no que acabara de ouvir. Não faça perguntas? Não é o tipo de coisa que se diz a um suspeito.

— Não faça perguntas a quem?

— Não pergunte nada a ninguém.

— Isso é muito vago.

— Você acha que eu deveria ser mais específico?

— Sim, ajudaria.

— Você está dando uma de espertinho de novo?

— Apenas buscando esclarecimento.

— Ei, cretino. — Era o policial mais baixo, o de visual saído de um vídeo dos anos 1980. O fulano levantou o cassetete. — Isso é esclarecimento suficiente pra você?

Ambos os policiais sorriram para Myron.

— Qual é o problema? — O baixote, de bigode espesso, estava batendo o cassetete contra a palma da mão. — O gato comeu a sua língua?

Myron olhou primeiro para o magricela; depois, para o baixote. Então, exclamou:

— Daryl Hall ligou. Quer saber se a excursão dos ex-alunos ainda está de pé.

O sorriso dos policiais se desvaneceu. O mais alto ordenou:

— Ponha as mãos atrás das costas.

— O quê? Você vai me dizer que ele não é parecido com o John Oates?

— Mãos atrás das costas, agora!

— Hall e Oates. De Sarah Smile. De Shes Gone.

— Agora!

— Não é um insulto. Tenho certeza de que muitas garotas curtiam John Oates.

— Vire-se agora!

— Por quê?

— Vou algemá-lo. Vamos levá-lo.

— Sob qual acusação?

— Ataque e agressão.

— Contra quem?

— Jake Wolf. Ele falou que você invadiu a propriedade dele e o agrediu.

Bingo.

A estratégia de cutucar os polícias funcionara. Agora sabia por que esses caras estavam em cima dele. Não se tratava de ser suspeito no caso do sumiço de Aimee, e sim da pressão exercida pelo Big Jake Wolf.

Claro, o plano não transcorrera perfeitamente. Estavam prendendo-o.

O policial Jonn Oates fechou as algemas com estrépito. Myron deu uma olhada no magricela alto. Este parecia um pouco nervoso agora, o olhar inquieto. Um bom sinal, concluiu.

O baixote o arrastou pelas algemas para o Chevy cinza que o estivera seguindo desde que saíra de casa. Em seguida, o sujeito o (Nota: Daryl Hall & lohn Oates, dupla de cantores de música popular de grande sucesso nos anos 1970 e 1980. Fim da Nota). empurrou para o banco de trás, tentando fazer com que sua cabeça batesse na verga da porta, mas Myron estava preparado e se abaixou. No banco da frente, ele notou uma teleobjetiva, exatamente como Win dissera.

Hum. Dois policiais tirando fotos, seguindo-o desde a porta de casa, impedindo-o de conversar com Randy, algemando-o — Big Jake tinha cacife.

O mais alto permaneceu do lado de fora do veículo, andando de lá para cá. A coisa toda estava indo depressa demais para ele. Myron resolveu se aproveitar. O baixinho, o de bigode espesso e cabelos escuros encaracolados, sentou-se a seu lado e sorriu.

— Eu realmente gostava de Rich Girl— Myron falou. — Mas Private Eyes... Como era mesmo a letra dessa música? "Olhos secretos estão observando você." E todos os olhos não estão observando você? Públicos, privados, seja o que for?

O pavio do sujeito era mais curto do que imaginara. Todavia, Myron estava preparado para o soco na boca do estômago. Uma das lições que aprendera ao longo dos anos fora como amortecer um murro. Algo crucial caso haja confronto físico. Numa briga de verdade, não importa quão bom seja, você quase sempre leva alguns golpes. E a maneira como reage psicologicamente com frequência decide o desfecho do enfrentamento. Se não sabe o que esperar, você se contrai e se curva. Fica excessivamente na defensiva. Permite ao medo dominá-lo.

Se o golpe é na cabeça, tem de apostar nos ângulos. Não deixe o soco o atingir em cheio, particularmente no nariz. Mesmo a mais leve inclinação da cabeça pode ajudar. Em vez de quatro nós dos dedos o atingindo, talvez acabem sendo apenas dois, ou um. O que faz uma enorme diferença. Também é necessário relaxar o corpo, soltá-lo. Desviar-se do ataque — rolar, literalmente. Quando o golpe é direcionado ao abdome, especialmente quando suas mãos estão algemadas atrás das costas, é preciso tensionar os músculos da barriga e se dobrar, para que o soco não o atinja no estômago. Foi o que Myron fez.

O murro não doeu muito. Entretanto, Myron, reparando no nervosismo do sujeito mais alto, armou uma encenação digna de um De Niro.

— Aaiiii!

— Droga, Joe — o magricela interveio. — Que droga que você está fazendo?

— Ele está me ridicularizando!

Myron continuou curvado, como se tivesse dificuldade para respirar. Ofegou, teve ânsias de vômito, pôs-se a tossir incontrolavelmente.

— Você pegou pesado, Joe!

— Apenas tirei um pouco do fôlego dele. Ele vai ficar bem. Myron tossiu ainda mais. Fingiu não conseguir respirar. Então, lá vieram as convulsões. Ele revirou os olhos e começou a dar pinotes como um peixe fora d'água.

— Acalme-se, droga!

Myron pôs a língua para fora, engasgou mais um pouco. Em algum lugar, um produtor de elencos já estava telefonando para Martin Scorsese.

— Ele está ficando sufocado!

— O remédio — Myron murmurou.

— O quê?

— Não consigo respirar!

— Droga, tire as algemas dele!

— Não consigo respirar! — Myron arquejou, como se a ponto de desfalecer. — Remédio para o coração! No meu carro!

O magricela escancarou a porta do veículo e, arrancando a chave do parceiro, abriu as algemas. Myron manteve a encenação: convulsões, olhos revirados.

— Preciso de ar!

De olhos arregalados, o policial sem dúvida pensava: fora de controle. A coisa está ficando fora de controle.

— Preciso de ar!

Ele deu um passo para o lado. Myron rolou para fora do veículo. Levantou-se e apontou para seu carro.

— O remédio...

— Vá — o magricela disse.

Myron correu para o carro. Os dois policiais, aturdidos, simplesmente o observaram. Myron imaginara tal reação. Ambos estavam ali apenas para assustá-lo. Não tinham esperado nenhuma resposta grosseira. Eram policiais da cidade. Os cidadãos daquela vizinhança feliz lhes obedeciam sem questionar. Mas esse cara não se dobrara. Haviam perdido a compostura e agredido um homem. O que poderia significar um enorme problema. Ambos queriam encerrar o incidente. E Myron, também. Ele descobrira o que precisava — Big Jake Wolf estava alarmado e tentava esconder algo.

Assim, quando Myron alcançou seu carro, posicionou-se ao volante, pôs a chave na ignição, ligou o motor e simplesmente partiu. Deu uma olhada pelo espelho retrovisor. Calculou que a sorte estava a seu favor, que os policiais não o seguiriam.

E não o seguiram. Continuaram lá, plantados.
Na realidade, pareciam aliviados de vê-lo ir embora.
Myron foi obrigado a sorrir. Sim, não havia dúvida agora.
Myron Bolitar estava de volta.

CAPÍTULO 30

Myron tentava decidir o que faria em seguida quando seu celular tocou. No visor se lia FORA DE ÁREA. Ao atender, Esperanza o interpelou:

— Onde é que você está?

— Ei, como vai a lua-de-mel?

— Uma porcaria. Quer saber por quê?

— Tom não está comparecendo?

— É, vocês, homens, são tão difíceis de seduzir. Não, o meu problema é que o meu sócio não está respondendo aos telefonemas dos clientes. O meu sócio também não está no escritório para cobrir a minha ausência.

— Desculpe.

— Ah, isso resolve tudo.

— Vou instruir a Big Cyndi para transferir todas as chamadas diretamente para o meu celular. Voltarei ao escritório assim que for possível.

— Qual é o problema? — Esperanza perguntou.

Não desejando atrapalhar a lua-de-mel alheia mais do que já atrapalhara, respondeu:

— Nada.

— Mentira.

— Estou lhe dizendo. Não é nada.

— Certo. Vou perguntar ao Win.

— Espere, o.k. Rapidamente ele expôs a situação.

— Então você se sente obrigado porque fez uma boa ação?

— Fui o último a vê-la. Deixei-a ir embora.

— Deixou-a ir embora? Que besteira é essa, agora? A moça tem dezoito anos, Myron. Adulta aos olhos da lei. Ela lhe pediu uma carona. Você elegantemente — e estupidamente, devo acrescentar .—- a atendeu. É só isso.

— Não é só isso.

— Ouça, se você desse uma carona ao Win, você se certificaria de que ele entraria em casa em segurança?

— Boa analogia. Esperanza riu.

— É. Bem, vou voltar pra casa.

— Não, não vai.

— Tem razão, não vou. Mas você não pode cuidar de tudo sozinho. Vou pedir à Big Cyndi para transferir as chamadas para cá. Eu as atendo. E, você, vá bancar o super-herói.

— Mas você está em lua-de-mel. E o Tom?

— O Tom é homem, Myron.

— Edaí?

— Fazendo sexo, ele está feliz.

— Ah, que estereótipo cruel.

— É, sei que eu sou terrível. Eu poderia estar falando ao telefone ao mesmo tempo, ou, caramba, amamentando o Hector. Tom nem pestanejaria. Além do mais, isso vai fazer com que ele tenha mais tempo para jogar golfe. Golfe e sexo, Myron. A lua-de-mel dos sonhos de Tom.

— Vou recompensá-la, o.k.? Houve um momento de silêncio.

— Esperanza?

— Sei que já faz algum tempo desde que você fez algo assim. E sei que o obriguei a me prometer que não faria de novo. Porém talvez... talvez seja uma coisa boa.

— Como é que você deduziu isso?

— E eu sei lá! Caramba, tenho coisas mais importantes com o que me preocupar. Como estrias, quando ponho biquini. Não acredito nas estrias que tenho agora. Culpa do bebé, você sabe.

Eles desligaram um instante depois. Myron dirigiu a esmo, sentindo-se à vista demais naquele carro. Se a polícia decidisse ficar de olho nele, ou se Rochester achasse necessário mandar segui-lo outra vez, esse carro seria inconveniente. Após refletir um pouco, ligou para Claire. Ela atendeu ao primeiro toque.

— Você descobriu alguma coisa?

— Na verdade, não. Mas você se importaria se trocássemos de carro?

— Claro que não. De qualquer maneira, eu ia mesmo lhe telefonar. Os Rochester acabaram de sair daqui.

— E?

— Conversamos. Tentando descobrir uma conexão entre Aimee e a Katie. Mas uma coisa surgiu. E preciso falar com você a respeito.

— Estou a dois minutos da sua casa.

— Vou esperá-lo no jardim da frente.

Tão logo Myron pisou na calçada, Claire lhe jogou a chave do carro.

— Acho que Katie Rochester fugiu de casa.

— O que a leva a pensar assim?

— Você já viu o pai dela?

— Sim.

— Diz tudo, não?

— Talvez.

— Mas existe algo ainda mais significativo. Você conheceu a mãe da Katie?

— Não.

— O nome dela é Joan. Está sempre encolhida, como que esperando o marido lhe dar um tabefe.

— Você descobriu alguma ligação entre as meninas?

— As duas gostavam de perambular pelo shopping center.

— Só?

Claire deuíde ombros. A aparência dela era terrível. A pele, ainda mais repuxada. Parecia haver emagrecido uns cinco quilos no último dia. O corpo oscilava enquanto caminhava, como se uma rajada de vento pudesse derrubá-la.

— Elas almoçam no mesmo horário na escola. Em quatro anos, fizeram uma aula juntas, educação física, com o sr. Valentine. E só.

Myron meneou a cabeça.

— Você falou que alguma coisa lhe chamou a atenção.

— A mãe. Joan Rochester.

— Qual é o problema?

— Poderia até passar despercebido, porque, como disse, ela fica encolhida e parece assustada o tempo todo.

— O que poderia passar despercebido?

— Joan Rochester tem medo dele. Do marido.

— E daí? Eu o conheci. Tenho medo dele.

— Certo, o.k. Mas há um detalhe. Joan tem medo dele, sim. Mas não está com medo pela filha. Não tenho nenhuma prova, porém sinto uma vibração no ar. Você se lembra de quando a minha mãe teve câncer?

— Segunda série do ensino médio. A mulher morrera seis meses depois.

— Claro.

— Conheci outras garotas que estavam passando pelo mesmo drama. Um grupo de apoio para famílias com doentes de câncer. Uma vez, organizaram um piquenique, e podíamos levar outros amigos também. Era estranho... você sabia exatamente quem estava realmente vivendo aquele tormento e quem era só amigo. Você encontrava um companheiro sofredor e simplesmente sabia. Havia uma vibração, uma sensação intuitiva.

— E a Joan Rochester não passa uma vibração?

— Não do tipo "A minha filha está desaparecida". Tentei falar com ela a sós. Pedi que ela me ajudasse a fazer café. Não consegui nada. Acredite em mim, ela sabe de alguma coisa. A mulher está apavorada, mas não como eu estou.

Myron refletiu alguns instantes. Existiam milhões de explicações, em especial a mais óbvia — as pessoas reagem diferentemente ao estresse —, mas queria confiar na intuição de Claire. O que isso significaria? E o que poderia fazer a respeito?

— Deixe-me analisar a questão — falou, por fim.

— Você conversou com o sr. Davis?

— Ainda não.

— E o Randy?

— Estou trabalhando nisso. É por esse motivo que preciso do seu carro. A polícia me escorraçou do estacionamento do colégio hoje de manhã.

— Por quê?

Não querendo mencionar o pai de Randy, retrucou:

— Ainda não tenho certeza. Eu já vou agora, o.k.? Claire assentiu, fechou os olhos.

— Tudo vai acabar bem — Myron disse, dando um passo à frente.

— Por favor — Claire ergueu a mão para detê-lo. — Não perca tempo tentando me consolar com chavões, o.k.?

Ele entrou no carro de Claire, debatendo-se sobre qual rumo tomar. Talvez devesse voltar ao colégio. Conversar com o diretor. Talvez o diretor chamasse Randy ou o sr. Davis à sua sala. Mas e depois?

O celular tocou. Novamente o identificador de chamadas não lhe forneceu nenhuma informação. Essa tecnologia era totalmente inútil. As pessoas que você quer evitar simplesmente dão um jeito de bloquear o serviço.

— Alô?

— Oi, bonitão. Acabei de receber o seu recado.

Gail Berruti, seu contato na companhia telefónica. Esquecerase por completo daquelas ligações esquisitas chamando-o de "canalha". Pareciam sem importância agora, apenas algum tipo de trote infantil, exceto pelo fato de que talvez houvesse uma conexão. Claire o acusara de levar destruição por onde passasse. Talvez alguém de seu passado estivesse disposto a pegá-lo. Talvez, de alguma maneira, Aimee acabara envolvida nisso.

Tratava-se de uma probabilidade mais do que remota, é verdade.

— Faz séculos que não tenho notícias suas — Berruti disse.

— E, tenho andado ocupado.

— Ou não, suponho. Tudo bem com você?

— Tudo bem. Você conseguiu rastrear o número?

— Não é uma questão de rastrear, Myron. Na sua mensagem você me pediu: "Rastreie o número". Não é rastreamento. Precisei apenas fazer uma consulta.

— Que seja.

— Você sabe que não é assim. Não é como na TV. Você alguma vez já viu como eles rastreiam chamadas telefónicas na TV? Mandam segurar o sujeito na linha enquanto procuram localizar a origem da chamada. Pura bobagem. O rastreamento é instantâneo, imediato. Não leva tempo nenhum. Por que será que fazem assim nos filmes?

— Para aumentar o suspense.

— É uma bobagem. Na TV eles fazem tudo de ponta-cabeça. Outro dia eu estava assistindo a um seriado policial, e um teste de DNA levou cinco minutos para ficar pronto. Meu marido trabalha no Laboratório de Criminalística da Universidade John Jay. Quando muito, conseguem confirmação de DNA em um mês. E as questões envolvendo chamadas telefónicas, que podem ser resolvidas em minutos apenas com um toque no teclado do computador, essas se arrastam uma eternidade. E o bandido sempre desliga antes que consigam localizá-lo. Você alguma vez já viu o rastreamento funcionar na TV? Nunca. Isso me enche a paciência, sabia?

Myron tentou arrastar Berruti de volta ao assunto.

— Então, você checou o número?

— Sim. Só por curiosidade: por que você precisa disso?

— Desde quando você se importa?

— Bem colocado. O.k., vamos ao que interessa. Em primeiro lugar, quem quer que tenha feito a chamada queria manter o anonimato. A ligação foi de um telefone público.

— Onde?

— Próximo ao número cento e dez da avenida Livingston, em Livingston, Nova Jersey.

O centro da cidade, Myron pensou. Perto do café e da lavanderia. Fim da linha? Talvez. Porém uma ideia lhe ocorrera.

— Preciso que você me faça mais dois favores, Gail.

— Favor implica nenhum pagamento.

— Uma questão de semântica — Myron devolveu. — Você sabe que não vou deixá-la na mão.

— É, eu sei. Então, do que você precisa?

Harry Davis dava uma aula sobre A Separate Peace, de John Knowles. Tentava se concentrar, porém as palavras lhe vinham à boca como se as estivesse lendo numa língua que não compreendia por inteiro. Os alunos tomavam notas. Ele se perguntou se teriam reparado que seu professor não estava realmente ali, que agia de forma mecânica. O triste era que provavelmente não percebiam nada.

Por que Myron Bolitar queria lhe falar?

Não o conhecia pessoalmente. Entretanto, qualquer um que tivesse frequentado aquela escola nas últimas duas décadas sabia quem era Myron Bolitar. Uma lenda viva. Ele ainda continuava a deter todos os recordes de basquete que o colégio já conquistara.

Então, por que o sujeito desejara lhe falar?

Randy Wolf sabia de quem se tratava. O pai o prevenira para não conversar com Myron. Por quê?

— Sr. D.? Ei,sr. D.?

A voz atravessou a névoa em sua mente.

— Sim, Sam.

— Posso ir ao banheiro?

— Vá.

Então, Harry Davis parou. Largou o giz e olhou para os rostos à sua frente. Não, eles não estavam radiantes. A maioria tinha o olhar fixo no caderno. Vladimir Khomenko, o novo estudante de intercâmbio, estava com a cabeça abaixada sobre a carteira, provavelmente dormindo. Outros olhavam pela janela. Outros estavam escarrapachados nas cadeiras, como se suas colunas fossem feitas de gelatina. Surpreendia-se que não escorregassem até o chão.

Importava-se com eles. Com alguns, mais do que com outros. Mas importava-se com todos. Eram sua vida. E, pela primeira vez em todos esses anos, Harry Davis estava começando a sentir tudo isso lhe escapar.

CAPÍTULO 31

Myron estava com dor de cabeça — e rapidamente entendeu por quê. Ainda não tomara uma única xícara de café naquele dia. Assim, rumou para a cafeteria com duas coisas em mente: cafeína e telefone público. A questão da cafeína foi resolvida por um barista grunge, de cavanhaque e uma franja comprida que mais parecia uma pestana gigante. O problema do telefone público daria um pouco mais de trabalho para resolver.

Sentado a uma mesa na calçada, Myron olhou o injurioso telefone público. Aliás, terrivelmente público. Andou até lá. Havia adesivos colados no aparelho anunciando números de ligações gratuitas ou com descontos. O mais proeminente oferecia "ligações noturnas gratuitas" e exibia o desenho de uma lua crescente, no caso de você não saber o que era "noturnas".

Myron franziu o cenho. Queria perguntar ao telefone quem ligara para seu número, chamara-o de canalha e o avisara de que pagaria pelo que fizera. Porém o telefone não falaria com ele. Fora esse tipo de dia.

Ele tornou a se sentar e tentou decidir o que precisava fazer. Ainda desejava conversar com Randy Wolf e Harry Davis. Ambos, provavelmente, não lhe diriam muito — provavelmente se recusariam a lhe falar —, mas arranjaria um jeito de abordá-los. Também precisava entrevistar aquela médica que trabalhava no St. Barnabas, Edna Skylar. A mulher, aparentemente, vira Katie Rochester em Nova York. Gostaria de obter alguns detalhes.

Ligou para a recepção do hospital. Após breves esclarecimentos, Edna Skylar foi posta na linha. Myron explicou o que desejava.

A médica soou irritada.

— Pedi aos investigadores que mantivessem o meu nome fora disso.

— Eles mantiveram.

— Então, como é que você sabe de mim?

— Tenho bons contatos. Ela refletiu alguns instantes.

— Qual é a sua posição nisso, sr. Bolitar?

— Uma outra garota está desaparecida. Nenhuma resposta.

— Creio que talvez exista uma conexão entre essa menina e a Katie Rochester.

— Como?

— Poderíamos nos encontrar? Aí poderei explicar tudo.

— Eu realmente não sei de nada.

— Por favor. — Houve uma pausa. — Dra. Skylar?

— Quando vi a menina Rochester, ela demonstrou não querer ser encontrada.

— Compreendo. Eu só preciso de alguns minutos.

— Tenho pacientes para atender agora. Poderei vê-lo à tarde.

— Obrigado — ele falou, porém Edna Skylar já havia desligado. Lítio Harry e os Cinco Medicados caminhavam, arrastando os pés, para a cafeteria. Larry Kidwell rumou direto para a mesa de Myron.

— Mil quatrocentos e oitenta e oito planetas no dia da criação, Myron. Mil quatrocentos e oitenta e oito. E não vi um centavo. Você sabe do que eu estou dizendo?

Larry tinha uma aparência horrível, como sempre. Geograficamente, eles estavam perto de seu velho colégio, porém o que fora mesmo que seu stauranteur preferido, Peter Chin, dissera sobre os anos voarem mas o coração permanecer o mesmo? Bem, só o coração, então.

— Bom saber. — Myron tornou a olhar para o telefone público. De súbito, um pensamento lhe ocorreu. — Espere.

— Hã?

— Na última vez em que vi você, havia mil quatrocentos e oitenta e sete planetas, correto?

Larry pareceu confuso.

— Tem certeza?

— Sim. — A mente de Myron fervilhava. — E, se eu não estou enganado, você disse que o próximo planeta seria meu. Você disse que ele estava aí fora para me pegar e algo sobre dar um soco na lua.

Larry arreganhou os lábios.

— Esmurrando a lua crescente. Ele odeia tanto você.

— Onde está aquela lua crescente?

— No sistema solar Aerolis. Perto de Guanchomitis.

—Tem certeza, Larry? Tem certeza de que não é... — Myron se levantou e conduziu o outro até o telefone público. Larry se retraiu. Myron apontou o adesivo, o desenho da lua crescente no anúncio para ligações gratuitas à noite.

Larry arfava.

— Essa é a lua crescente?

— Ai, meu Deus, por favor...

— Fique tranquilo, Larry. Quem mais queria aquele planeta? Quem me odeia tanto para esmurrar a lua crescente?

Vinte minutos depois, Myron entrou na Lavanderia Chang. Maxine Chang estava lá, naturalmente. Havia três pessoas na fila. Myron não entrou atrás da última. Plantou-se num canto, os braços cruzados. Maxine o olhava de soslaio. Ele esperou até o último freguês sair. Então, aproximou-se.

— Onde está o Roger? — indagou.

— No colégio. Myron a encarou.

— Você sabe que ele andou me telefonando?

— Por que ele telefonaria?

— Explique-me você.

— Não sei do que você está falando.

— Tenho um amigo na companhia telefónica. Roger me ligou daquele telefone público ali. Tenho testemunhas confiáveis que podem confirmar que viram ele na hora certa. — Bem, era um exagero, mas Myron prosseguiu. — Roger me ameaçou. Chamou-me de canalha.

— Roger não faria isso.

— Não quero metê-lo numa encrenca, Maxine. O que está acontecendo?

Outro freguês entrou. Maxine gritou alguma coisa em chinês. Uma mulher mais velha saiu dos fundos e assumiu o balcão. Maxine fez sinal para que Myron a acompanhasse. Os dois passaram pelos trilhos de cabides. Quando criança, aquele ruído metálico dos cabides se movendo sempre o maravilhara, como se fosse algo saído de um filme de ficção científica. Maxine continuou andando até chegarem a um beco atrás da loja.

— O Roger é um bom menino — ela falou. — Trabalhador.

— O que está acontecendo, Maxine? Quando estive aqui outro dia, você estava agindo de uma maneira estranha.

— Você não entende como é difícil morar numa cidade como esta.

Ele compreendia — morara ali a vida toda —, mas segurou a língua.

— Roger se esforçou. Tirou boas notas. Formou-se em quarto lugar na turma dele. Esses outros meninos. São mimados. Todos tiveram professores particulares. Nunca trabalharam. Roger trabalha aqui depois da aula. Estuda no quarto dos fundos. Não vai a festas. Não tem namorada.

— O que isso tem a ver comigo?

— Os outros pais contratam pessoas para escrever as dissertações dos filhos deles. Pagam aulas extras para melhorar o boletim. Doam dinheiro para grandes universidades. Fazem outras coisas que eu nem imagino. É importante para qual universidade você vai, não é?

— Isso pode decidir toda a sua vida. Todo mundo tem tanto medo que faz qualquer coisa, qualquer coisa, para pôr o filho na universidade certa. Você vê isso o tempo inteiro nessa cidade. Boas pessoas, talvez, mas capazes de justificar qualquer maldade dizendo: "É pelo meu filho". Você entende?

— Sim, entendo. Mas não sei em que ponto isso tem a ver comigo.

— Você tem de compreender. É com isso que temos que competir. Com dinheiro, com poder. Com pessoas que trapaceiam, roubam e fazem qualquer coisa.

— Se você está me dizendo que ser aceito numa boa universidade é uma verdadeira competição nessa cidade, isso eu já sei. Já era assim na minha época.

— Mas você tinha o basquete.

— Sim.

— Roger é um estudante tão bom. Esforça-se tanto. E o sonho dele é ir para a Duke. Ele contou isso pra você. Provavelmente você não se lembra.

— Lembro que ouvi o Roger dizer alguma coisa sobre se inscrever na Duke. Não me recordo de ele dizer que a Duke era um sonho ou algo parecido. Ele falou de várias universidades.

— A Duke era a primeira opção — Maxine Chang declarou com firmeza. — E, se o Roger conseguisse, teria uma bolsa esperando por ele. Não precisaria pagar os estudos. Isso era tão importante para nós... Mas ele não conseguiu. Mesmo tendo se formado em quarto lugar. Mesmo tendo um ótimo histórico escolar. Histórico escolar e notas melhores que os da Aimee Biel.

Maxie Chang fitou Myron intensamente.

— Espere um instante. Você está me culpando por Roger não ter entrado na Duke?

— Não sei muito, Myron. Sou apenas uma trabalhadora de uma lavanderia. Mas uma universidade como a Duke nunca aceita mais do que um aluno de um mesmo colégio em Nova Jersey. A Aimee Biel entrou. O Roger tinha notas melhores. Tinha ótimas cartas de recomendação dos professores. Nenhum dos dois era atleta. O Roger toca violino. A Aimee toca guitarra. — Maxine Chang deu de ombros. — Então me diga você: por que ela entrou e o Roger não?

Myron queria protestar, porém a verdade o deteve. Escrevera uma carta. Chegara a ligar para seu amigo no departamento de admissão de novos alunos. As pessoas fazem coisas assim o tempo todo. Isso não significava que Roger Chang seria eliminado. Entretanto, é simples matemática: quando uma pessoa ocupa uma vaga, outra a perde.

A voz de Maxine soou como uma súplica.

— O Roger estava tão bravo.

— Isso não é desculpa.

— Não, não é. Vou falar com ele. Ele vai pedir desculpas, prometo.

Todavia, outro pensamento ocorreu a Myron.

— O Roger estava furioso só comigo?

— Não estou entendendo.

— Ele estava furioso com a Aimee também?

— Por que essa pergunta?

— Porque a outra ligação do telefone público foi para o celular da Aimee Biel. O Roger estava irritado com ela? Ressentido, talvez?

— Não o Roger. Ele não é assim.
— Certo, só telefonaria para mim para me fazer ameaças.
— Ele não estava falando a sério. Só estava revoltado.
— Preciso conversar com o Roger.
— O quê? Não, eu proíbo.
— Certo, então irei à polícia. Contarei sobre os telefonemas ameaçadores.
Maxine Chang arregalou os olhos.
— Você não faria isso.
— Sim, faria. Talvez devesse fazê-lo. Porém não ainda.
— Quero conversar com ele.
— Ele vai estar aqui depois da aula.
— Então voltarei às três. Se o Roger não estiver, irei à polícia.

CAPÍTULO 32

Dra. Edna Skylar encontrou Myron no saguão do Centro Médico St. Barnabas. Exibia todos os acessórios — jaleco branco, crachá com o nome e o logotipo do hospital, estetoscópio dependurado no pescoço, prancheta na mão. Também tinha aquela conduta imponente típica de médicos, o pacote completo: postura ereta, sorriso contido, aperto de mãos firme, mas não excessivamente.

Myron se apresentou. Fitando-o diretamente nos olhos, a doutora falou:

— Conte-me sobre a menina desaparecida.

Seu tom de voz não deixava espaço para discussão. Myron precisava ganhar-lhe a confiança. Assim, lançou-se na narrativa, sem mencionar o sobrenome de Aimee. Ambos estavam parados no meio do saguão, pacientes e visitantes indo e vindo.

— Talvez devêssemos ir a algum lugar mais reservado. Edna Skylar sorriu, sem nenhuma alegria.

— Essas pessoas estão preocupadas com coisas muito mais importantes do que nós dois.

Myron assentiu. Ele viu um homem idoso, numa cadeira de rodas, com máscara de oxigénio. Viu uma mulher pálida, usando uma peruca mal ajustada, registrando-se com uma expressão tão resignada quanto assustada, como se perguntando se algum dia sairia dali e se isso ainda importava.

Edna Skylar o observou.

— Acontece muita morte aqui — ela disse.

— Como a senhora lida com isso?

— Você quer a resposta-padrão, o cliché sobre ser capaz de separar o lado pessoal do profissional?

— Honestamente, não.

— A verdade é que eu não sei. Meu trabalho é interessante. Nunca fica obsoleto. Vejo muita morte. O que também não fica obsoleto. Mas nada disso tem me ajudado a aceitar a minha própria mortalidade. Aliás, é o oposto. A morte é um ultraje constante. A vida é mais valiosa do que você pode imaginar. Tenho testemunhado isso, o verdadeiro valor da vida, não essas banalidades que estamos acostumados a ouvir. A morte é o inimigo. Não a aceito. Luto contra ela.

— E nunca fica cansativo?

— Claro que sim. Mas que outra coisa vou fazer? Cozinhar? Trabalhar em Wall Street? — Ela olhou ao redor. — Vamos, você tem razão. Há distração demais aqui. Venha comigo, mas estou com a agenda apertada. Vá falando.

Myron lhe contou o resto da história do desaparecimento de Aimee da forma

mais resumida possível e conservando o próprio nome de fora. Frisou o fato de ambas as garotas terem sacado dinheiro no mesmo caixa eletrônico. A médica fez algumas perguntas.

Principalmente, pediu alguns pequenos esclarecimentos. Chegando à sala dela, sentaram-se.

— Parece que a menina fugiu de casa — Edna comentou.

— Estou ciente disso.

— Alguém deixou escapar o meu nome, não é?

— Mais ou menos.

— Então você tem ideia do que eu vi?

— Só o básico. O que a senhora contou convenceu os investigadores de que Katie Rochester fugiu. Estou apenas me perguntando se a senhora viu algo que a levou a pensar de modo diferente.

— Não. E já revi a cena na minha cabeça centenas de vezes.

— A senhora sabe que vítimas de sequestros frequentemente se identificam com seus sequestradores.

— Sei disso tudo. A Síndrome de Estocolmo e todos os seus desdobramentos bizarros. Mas nada me sugeriu isso. Katie não parecia particularmente exausta. A linguagem corporal estava correta. Não havia sinal de pânico nos olhos ou de qualquer tipo de entusiasmo fanático. Na realidade, os olhos dela estavam límpidos. Mesmo tendo visto a garota só por alguns instantes, não notei evidências de uso de drogas, por exemplo.

— Onde, exatamente, a senhora a viu?

— Na Oitava Avenida, perto da Rua 21.

— E ela estava indo para o metro?

— Sim.

— Alguns trens passam por aquela estação.

— Ela estava tomando o trem C.

O trem C basicamente cortava Manhattan de norte a sul. O que não ajudava muito.

— E o homem que estava com ela?

— 30,35 anos. Estatura média. Bonito. Cabelos escuros e compridos. Barba por fazer.

— Cicatrizes, tatuagens, qualquer coisa do género?

Edna Skylar fez que não com a cabeça e lhe contou como estivera andando na rua com o marido, como Katie parecera diferente, mais velha, mais sofisticada, cabelos cortados, como não tivera muita certeza de que fosse Katie até que a garota pronunciasse as palavras finais: Você não pode contar a ninguém que me viu.

— E a senhora teve a impressão de que ela estava com medo?

— Sim.

— Mas não do homem que a acompanhava?

— Isso mesmo. Posso lhe fazer uma pergunta?

— Claro.

— Conheço você um pouco. Não, não sou fã de basquete, mas o Google permite maravilhas. Uso-o o tempo todo. Com pacientes também. Se vou receber um novo paciente, faço uma pesquisa na internet.

— O.k.

— Eis a minha pergunta: por que você está tentando encontrar a menina?

— Sou amigo da família.

— Mas por que você?

— É difícil de explicar.

Edna Skylar guardou silêncio por alguns instantes, não muito certa de que deveria aceitar a resposta vaga.

— Como os pais dela estão reagindo?

— Nada bem.

— A menina provavelmente está em segurança. Como Katie.

— Pode ser.

— Diga isso a eles. Ofereça-lhes algum conforto. Fale que a filha ficará bem.

— Não creio que vá adiantar.

A médica desviou o olhar. Uma sombra lhe toldou a face.

— Dra. Skylar?

— Um dos meus filhos fugiu de casa quando tinha dezessete anos — ela falou. — Sabe aquela questão, índole versus criação? Bem, fui uma péssima mãe. Reconheço. Mas o meu filho se revelou problemático desde o primeiro dia. Metia-se em brigas. Furtava coisas em lojas. Foi preso aos dezesseis anos por roubar um carro. Usava drogas pesadas, embora eu não soubesse disso então. Foi numa época anterior a começarmos a falar de DDA e a medicar crianças com Ritalin. Era uma escolha difícil, sem dúvida, mas provavelmente eu teria escolhido medicá-lo. Só que, em vez de tomar uma atitude, recuei, na esperança de que ele superaria a fase. Não me envolvi na vida dele. Não lhe dei uma direção.

Os fatos todos foram apresentados num tom pragmático. Ela prosseguiu:

— De qualquer maneira, quando ele fugiu, eu não fiz nada. Pra falar a verdade, eu quase já imaginava que isso acabaria acontecendo. Uma semana se passou. Duas semanas. Ele não telefonou. Eu não sabia onde ele estava. Filhos são uma bênção. Mas também destroçam o seu coração de maneiras que você jamais poderia imaginar.

Edna se calou.

— O que aconteceu com o seu filho?

— Nada de muito dramático. Ele acabou me telefonando. Estava na Costa Oeste, tentando se tornar um astro. Precisava de dinheiro. Ficou por lá uns dois anos. Fracassou em tudo que tentou. Então, voltou para cá. Ainda é uma pessoa confusa. Tento amá-lo, cuidar dele — ela deu de ombros —, clinicar é algo natural em mim. A maternidade, não.

Edna fitou Myron. Vendo que a doutora ainda não terminara, ele aguardou.

— Eu queria... — sua voz soou engasgada. — É um cliché péssimo, mas, mais do que qualquer coisa, eu queria poder recomeçar.

— Amo o meu filho, amo de verdade, mas não sei o que fazer por ele. Talvez já não haja esperança. Sei que pode parecer frieza, mas, quando você passa os dias fazendo diagnósticos profissionais, tende a fazê-los na vida pessoal também. Aprendi que não posso controlar aqueles que amo. Assim, controlo aqueles que não amo.

— Não estou entendendo — Myron disse.

— Os meus pacientes — ela explicou. — São estranhos para mim, mas me importo muito com eles. Não porque eu seja uma pessoa generosa, ou maravilhosa, mas porque, na minha mente, eles ainda são inocentes. E eu os julgo. Sei que está errado. Sei que deveria tratar todos os pacientes do mesmo modo e, em termos de tratamento, é o que faço. Mas, se descubro, pesquisando na internet, que já passaram algum tempo na prisão ou parecem ser maus, eu tento encaminhá-los a outro médico.

— A senhora prefere os inocentes — Myron afirmou.

— Exatamente. Aqueles que... sei como vai soar... aqueles que considero puros. Ou, pelo menos, mais puros que outros.

Myron se lembrou de suas reflexões recentes, como a vida dos Gêmeos não tivera nenhum valor para ele, sobre quantos civis sacrificaria para salvar seu próprio filho. Seria esse raciocínio tão diferente assim?

— O que estou tentando dizer é: penso nos pais dessa menina, nesses pais que você afirma não estarem reagindo tão bem, e me preocupo com eles. Quero ajudar.

Antes que Myron pudesse responder, houve uma leve batida à porta. Uma cabeça de cabelos grisalhos intrometeu-se pela fresta. Myron se levantou. O homem entrou e disse:

— Desculpe-me. Eu não sabia que você estava ocupada.

— Tudo bem, querido — Edna respondeu. — Mas você poderia voltar mais tarde?

— Claro.

O homem grisalho vestia um jaleco branco também. Ao avistar Myron, sorriu. Myron reconheceu aquele sorriso. Edna Skylar não era fã de basquete, porém esse sujeito, sim. Myron estendeu a mão.

— Myron Bolitar.

— Ah, sei quem você é. Sou Stanley Rickenback. Mais conhecido como o marido da dra. Edna Skylar.

Os dois apertaram-se as mãos.

— Vi você jogar pela Duke — Stanley continuou. — Você era incrível.

— Obrigado.

— Não era a minha intenção interromper. Eu só queria saber se a minha adorável mulher almoçaria comigo na lanchonete do hospital.

— Eu já estava de saída — Myron comentou. Então: — Você estava com a sua esposa quando ela viu Katie Rochester, não é?

— É por isso que você está aqui?

— Sim.

— Você é policial?

— Não.

Edna Skylar já estava de pé. Ela beijou o marido no rosto.

— Vamos nos apressar. Tenho pacientes em vinte minutos.

— Sim, eu estava lá — Stanley Rickenbak disse a Myron. — Por quê? Qual é o seu interesse no caso?

— Estou investigando o desaparecimento de outra menina.

— Outra menina fugiu de casa?

— É possível. Gostaria de ouvir a sua opinião, dr. Rickenback.

— Sobre o quê?

— Katie Rochester lhe deu a impressão de ter fugido também?

— Sim.

— Você parece ter bastante convicção disso — Myron afirmou.

— Ela estava com um homem. Não fez nenhuma tentativa de escapar. Pediu a Edna para não avisar a ninguém e... — Rickenback virou-se para a mulher. — Você contou a ele?

— Vamos almoçar — Edna o cortou.

— Contou-me o quê?

— O meu querido Stanley está ficando velho e senil — Edna falou. — Imagina coisas.

— Hã-hã. Muito engraçado. Você tem a sua especialidade. Eu, a minha.

— Sua especialidade? — Myron indagou.

— Não é nada — Edna disse.

— É sim — Stanley insistiu.

— O.k. — Edna concordou —, diga-lhe o que você pensa que viu.

Stanley se virou para Myron.

— A minha esposa lhe contou como ela analisa rostos. Foi assim que reconheceu a menina. Ela olha para as pessoas e tenta fazer um diagnóstico. Só por diversão. Eu não faço isso. Deixo o meu trabalho aqui no hospital.

— Qual é a sua especialidade, dr. Rickenback? O médico sorriu.

— Esse é o detalhe crucial.

— Qual é?

— Sou ginecologista e obstetra. Realmente na hora não pensei no assunto. Mas, quando chegamos em casa, olhei as fotografias de Katie Rochester na internet. Aquelas que foram mostradas na mídia, você sabe. Eu queria confirmar se era a mesma garota que tínhamos visto no metro. E é por isso que estou bastante convencido do que eu vi.

— E o que é?

De repente, Stanley pareceu um tanto inseguro.

— Está vendo? — Edna fez um movimento com a cabeça. — É uma bobagem.

— Talvez seja — Stanley Rickenback admitiu.

— Mas? — Myron perguntou.

— Mas ou Katie Rochester engordou — Stanley Rickenback respondeu —, ou talvez, simplesmente talvez, esteja grávida.

CAPÍTULO 33

Harry Davis passou uma tarefa mixa, do tipo leiam-esse-

Capítulo-agora, e saiu da sala. Os alunos ficaram surpresos. Outros professores se valiam de tal artifício o tempo todo, trabalhem-em-silêncio-para-que-eu-possa-fumar-um-cigarro-lá-fora. Porém o sr. D., Professor do Ano por quatro anos consecutivos, nunca lançava mão desse recurso.

Os corredores do Colégio Livingston eram ridiculamente compridos. Quando estava sozinho num deles, como agora, olhando para a outra extremidade, sentia-se zonzo. Mas assim era Harry Davis. Não gostava daquele lugar silencioso. Gostava de animação, quando as artérias da escola se enchiam de barulho e garotada e mochilas e ansiedades adolescentes.

Ele localizou a sala, bateu brevemente à porta e meteu a cabeça. Drew Van Dyne dava aula principalmente para encrenqueiros — o que a sala bem refletia. Metade dos alunos tinha iPods nos ouvidos. Alguns estavam sentados sobre as carteiras. Outros, encostados às janelas. Um sujeito musculoso e uma garota davam uns amassos num canto, as bocas escancaradas. Via-se a troca de saliva.

Com os pés sobre a mesa, as mãos cruzadas sobre o colo, Drew Van Dyne virou-se na direção de Harry Davis.

— Sr. Van Dyne? Posso lhe falar um momento?

Drew Van Dyne brindou-o com o sorriso arrogante. Tinha uns trinta e cinco anos, dez a menos que Davis. Entrara para o corpo docente do Colégio Livingston como professor de música oito anos atrás. Encaixava-se no perfil, o ex-roqueiro que teria sido um sucesso não fosse a estupidez das gravadoras, que nunca conseguiram entender seu verdadeiro gênio. Assim, Van Dyne dava aula de guitarra agora e trabalhava numa loja de música, onde zombava da falta de imaginação alheia em relação a CDs.

Cortes recentes no departamento de música o haviam forçado a se encarregar de qualquer sala que precisasse de algo próximo a pajear.

— Claro, sr. D.

Os dois professores se reuniram no corredor. As portas eram pesadas, e, quando fechadas, o silêncio tornava a imperar ali. Van Dyne ainda exibia o sorriso arrogante.

— Estou para começar a minha aula, sr. D. Em que posso ajudá-lo?

Davis sussurrou, porque os sons ecoavam.

— Você soube o que houve com Aimee Biel?

— Quem?

— Aimee Biel. Uma estudante do colégio.

— Não creio que seja uma das minhas alunas.

— Ela está desaparecida, Drew. Van Dyne não falou nada.

— Você me ouviu?

— Acabei de dizer que não a conheço.

— Drew...

— É... — Van Dyne o interrompeu — ... creio que a escola seria notificada se um aluno estivesse desaparecido, você não acha?

— A polícia pensa que ela fugiu de casa.

— E você, não? — Van Dyne continuou sorrindo, talvez até mais largamente. — A polícia vai querer saber por que você está agitado, sr. D. Talvez você deva procurá-los. Contar tudo o que sabe.

— Eu poderia fazer exatamente isso.

— Ótimo. —Aproximando-se um pouco mais, Van Dyne sussurrou: —Acho que a polícia definitivamente vai querer saber quando foi a última vez que você viu Aimee, não é?

Van Dyne se empertigou e aguardou a reação de Davis.

— Entenda, sr. D. — o professor de música prosseguiu —, eles precisarão saber tudo. Precisarão saber aonde ela foi, com quem falou, sobre o que conversaram. Vão esmiuçar tudo, você não acha? Talvez façam uma investigação minuciosa dos trabalhos do nosso Professor do Ano.

— Como você...? — Davis sentiu as pernas começarem a tremer. — Você tem mais a perder do que eu.

— Verdade? — Drew Van Dyne estava tão perto agora, que Davis sentia respingos de cuspe no rosto. — Diga-me, sr. D. O que exatamente eu tenho a perder? A minha linda casa na pitoresca Pidgewood? A minha excelente reputação de amado professor? A minha petulante esposa que partilha da minha paixão por educar os jovens? Ou, talvez, as minhas adoráveis filhas, que me têm como modelo?

Ambos permaneceram imóveis por um instante, encarando-se mutuamente. Davis não era capaz de falar. Em algum lugar a distância, num outro mundo talvez, o sino tocou. Portas se abriram, despejando estudantes. As artérias do colégio se encheram de risadas e ansiedades. Tudo isso se apoderou de Harry Davis. Ele fechou os olhos e se deixou arrebatar, deixou-se arrastar para algum lugar bem longe de Drew Van Dyne, algum lugar onde preferiria muito mais estar.

O shopping center de Livingston estava envelhecendo e tentando duramente não mostrar a passagem dos anos. Porém as melhorias mais pareciam uma plástica malfeita do que a recuperação da juventude.

A Bedroom Rendezvous ficava no piso inferior. Para alguns, aquela loja de

lingerie era a prima pobre da Victorias Secret. Mas, na realidade, as primas eram bastante semelhantes. Tudo se resumia à apresentação. As modelos sensuais em pósteres gigantes beiravam estrelas pornôs, línguas à mostra e mãos pousadas em lugares sugestivos. O slogan da Bedroom Rendezvous, colado sobre os seios grandes das modelos indagava: QUE TIPO DE MULHER VOCÊ QUER LEVAR PARA A CAMA?

— Uma fogosa — Myron disse alto. Novamente, não tão diferente assim dos comerciais da Victorias Secret, como aquele em que Tyra e Frederique, os corpos besuntados de óleo, indagavam: "O que é sexy?". Resposta: Mulheres realmente fogosas. A roupa parecia não ter nada a ver com o assunto.

A vendedora vestia uma roupa justa, com estampa de tigre. Tinha cabelão e mascava chiclete, todavia sua autoconfiança fazia o conjunto funcionar de alguma maneira. No crachá se lia: Sally Ann.

— Pensando em fazer uma compra? — Sally Ann indagou.

— Duvido que você tenha algo do meu tamanho — Myron retrucou.

— Você ficaria surpreso. Então, qual é o lance? —A vendedora apontou o poster. — Você gosta de ficar olhando para os seios?

— Bem, sim. Mas não é o motivo por que estou aqui. — Myron tirou uma foto de Aimee. — Você reconhece essa garota?

— Você é policial?

— Eu poderia ser.

— Não.

— O que a leva a ter tanta certeza? Sally Ann encolheu os ombros.

— Então, o que você está procurando?

— Essa menina está desaparecida. Estou tentando encontrá-la.

— Deixe-me dar uma olhada.

Myron lhe entregou a fotografia. A vendedora a estudou.

— Ela me parece familiar.

— Uma cliente, talvez?

— Não. Lembro-me das clientes.

Myron tirou de uma sacola de plástico a peça de lingerie branca que descobrira na gaveta de Aimee.

— Isso lhe parece familiar também?

— Claro. É da nossa linha Garota Levada.

— Você vendeu essa peça?

— Talvez. Vendi algumas.

— A etiqueta não foi arrancada. Você acha que poderia rastrear quem a comprou?

De cenho franzido, Sally Ann apontou a foto de Aimee.

— Você acredita que a menina desaparecida a comprou?

— Encontrei a peça na gaveta dela.

— E, mas ainda assim...

— Ainda assim o quê?

— É uma peça muito vulgar e desconfortável.

— E a garota parece classuda?

— Não, não é isso. Mulheres raramente compram esse tipo de lingerie. Os homens, sim. O material dá coceira. Enrola na virilha. É uma coisa que atiça a fantasia masculina, não a feminina. Lembra um pouco os vídeos pornôs. — Sally Ann ergueu a cabeça e mascou o chiclete vigorosamente. — Você alguma vez já viu um filme pornô? Myron manteve-se impassível.

— Não, nunca, jamais. Sally Ann riu.

— Certo. Bem, quando uma mulher escolhe o filme, é totalmente diferente. Em geral tem uma história. Ou, talvez, um título com a palavra "sensual", ou "apaixonante". Pode até ser obsceno, ou o que for, mas geralmente o título não é algo como Prostituta Safada.

— Você entende o que eu estou dizendo?

— Vamos supor que sim. E essa roupa?

— É o equivalente.

— Equivalente a Prostituta Safada-Sei-Lá-o-Quê?

— Isso mesmo. Nenhuma mulher a escolheria.

— Então, como vou descobrir quem comprou esta peça?

— Não guardamos esse tipo de registro. Eu poderia perguntar a uma das outras meninas, mas... — Sally Ann deu de ombros.

Myron agradeceu e partiu. Quando criança, frequentava o shopping com o pai. Gostavam de ir a uma loja de material esportivo, a Hermans Sporting Goods. A loja fechara. Entretanto, ao sair da Bedroom Rendezvous, ainda olhou o corredor abaixo, onde a Hermans ficava. Duas portas além, avistou uma loja de nome familiar.

PLANET MUSIC.

Lembranças do quarto de Aimee lhe vieram à mente. Planet Music. As guitarras tinham sido compradas na Planet Music. Vira os recibos na gaveta. E ali estava sua loja de música favorita, bem próxima à Bedroom Rendezvous.

Outra coincidência?

Em sua juventude, a loja deste ponto vendia pianos e órgãos. Sempre se espantara com o fato. Lojas de pianos e órgãos em shopping centers. Você vai ao shopping para comprar roupas, CDs, brinquedos, talvez um aparelho de som. Quem vai ao shopping comprar um piano?

Obviamente não muita gente.

Pianos e órgãos haviam sumido. A Planet Music vendia CDs e instrumentos menores. Também os alugava. Trompas, clarinetas, violinos — provavelmente faziam negócio com as escolas.

O rapaz atrás do balcão devia ter uns 23 anos, talvez, vestia um poncho de cânhamo e lembrava uma versão mais desleixada do barista padrão da cafeteria que Myron frequentava. Sobre a cabeça raspada, uma touca de tricô empoeirada. Também usava aquela espécie de cavanhaque que, aparentemente, tornara-se um pré-requisito para os moderninhos.

Myron lançou-lhe um olhar duro e pôs a foto sobre o balcão com firmeza.

— Você a conhece?

O rapaz hesitou por alguns segundos demais. Myron não deixou a oportunidade escapar:

— Você responde às minhas perguntas e não será preso.

— Preso por quê?

— Você a conhece?

— É a Aimee.

— Ela faz compras aqui?

— O tempo todo — ele respondeu, o olhar passeando por todo canto, menos se fixando em Myron. — E ela entende de música também. A maioria das pessoas que vem aqui está atrás de bandas de adolescentes. — Ele falou bandas de adolescentes como se dissesse besteira. — Mas a Aimee entende de rock.

— Você a conhece bem?

— Não muito. Quero dizer, ela não vem aqui por minha causa. O rapaz de ponche calou-se de súbito.

— Ela vem atrás de quem?

— Por que você quer saber?

— Porque não quero fazê-lo esvaziar os seus bolsos. Ele levantou as mãos.

— Ei, estou totalmente limpo.

— Então vou plantar algo em você.

— O quê... Você está falando sério?

— Mortalmente sério. — Myron tornara a apelar para o olhar duro, apesar de não ser muito bom nisso. O esforço estava lhe dando dor de cabeça. — Ela vem aqui atrás de quem?

— Do meu gerente assistente.

— Ele tem nome?

— Drew. Drew Van Dyne.

— Ele está aqui?

— Não. Ele vem à tarde.

— Você tem um endereço? Telefone?

— Ei — o rapaz exclamou, num acesso repentino de sensatez. — Primeiro me mostre a sua identificação.

— Até logo.

Myron saiu da loja. Tornou a deparar com Sally Ann. Ela fez uma bola com o chiclete.

— De volta tão depressa?

— Não consegui ficar longe. Você conhece um cara chamado Drew Van Dyne, que trabalha na Planet Music?

— Ah. — Sally Ann fez um movimento com a cabeça, como se tudo fizesse sentido agora. — Ah, sim.

CAPÍTULO 34

Claire deu um salto quando ouviu o telefone.

Não conseguia dormir desde o desaparecimento de Aimee. Nos últimos dois dias se encharcara de café, e a cafeína a deixava sensível ao som. Continuava a pensar na visita dos Rochester — na raiva do pai, na submissão da mãe. A mãe. Joan Rochester.

Definitivamente, havia alguma coisa com aquela mulher.

Claire passara a manhã vasculhando o quarto de Aimee, ruminando sobre como dar um jeito de fazer Joan falar. Uma conversa de mãe para mãe, talvez. O quarto de Aimee não revelara nenhuma surpresa nova. Então, remexera nas caixas velhas, coisas que guardara ao que agora lhe parecia apenas duas semanas atrás. O porta-lápis que Aimee fizera para Erik no jardim-de-infância. Seu primeiro boletim — só notas dez, acrescido de um comentário da sra. Rohrbach, dizendo que Aimee era uma aluna talentosa, divertida de ter em classe e com um futuro brilhante. Claire pousou o olhar sobre as palavras futuro brilhante, permitindo-lhes que zombassem dela.

O toque estridente do telefone feriu-lhe os nervos. Pulou para atendê-lo, mais uma vez na esperança de que fosse Aimee, de que tudo não passara de um tolo mal-entendido, de que existia uma explicação razoável para o paradeiro da filha.

— Alô?

— Ela está bem.

Voz robótica. Nem masculina, nem feminina. Impessoal.

— Quem está falando?

— Ela está bem. Apenas deixe as coisas como estão. Você tem a minha palavra.

— Quem é? Deixe-me falar com a Aimee. A linha ficou muda.

— O Dominick não está em casa agora — Joan Rochester talou.

— Eu sei — Myron respondeu. — Quero falar com a senhora.

— Comigo? — Como se a ideia de alguém querer falar com ela fosse um choque semelhante à aterrissagem de marcianos. — Mas por quê?

— Por favor, sra. Rochester, é muito importante.

— Acho que deveríamos esperar o Dominick.

— Eu, não. — Myron entrou na casa.

A sala estava bem arrumada e em ordem. Tudo em linhas e ângulos retos. Nada de curvas ou salpicos de cores; tudo ereto, rígido, como se a própria sala não quisesse chamar atenção para si.

— Aceita um café?

— Onde está a sua filha, sra. Rochester?

Ela piscou talvez umas doze vezes sucessivamente. Myron conhecia homens que piscavam assim. Haviam sido sempre meninos que apanharam na escola e nunca superaram o trauma.

— O quê? — Joan Rochester murmurou com dificuldade.

— Onde está a Katie?

— Eu... eu não sei.

— Mentira.

Mais pestanas batidas. Myron não se permitiu sentir pena dela.

— Eu... não estou mentindo.

— A senhora sabe onde a Katie está. Presumo que tenha um motivo para manter silêncio a respeito. Presumo que o motivo envolva o seu marido. Isso não é preocupação minha.

Joan tentou endireitar as costas.

— Eu gostaria que você saísse da minha casa.

— Não.

— Então vou chamar o meu marido.

— Tenho registros telefonicos.

Mais pestanas batidas. Joan Rochester ergueu a mão como se estivesse se protegendo de um golpe.

— Registros do seu telefone celular. O seu marido não checaria o aparelho. E, mesmo se fizesse isso, uma ligação de um telefone público de Nova York provavelmente não significaria muita coisa. Mas conheço uma mulher chamada Edna Skylar.

A confusão tomou o lugar do medo.

— Quem?

— Uma médica do St. Barnabas. Ela viu a sua filha em Manhattan. Mais especificamente, perto da Rua 23. A senhora recebeu várias ligações às sete horas da noite de um telefone público alguns quarteirões abaixo.

— Aquelas ligações não eram da minha filha.

— Não?

— Eram de uma amiga.

— Hã-hã.

— A minha amiga costuma fazer compras lá. Ela gosta de me telefonar quando acha alguma coisa interessante. Para saber a minha opinião.

— De um telefone público?

— Sim.

— O nome dela?

— Não vou lhe dizer. E insisto que saia neste instante. Myron deu de ombros,

ergueu as mãos.

— Imagino que seja o fim da linha pra mim, então. Lá estava Joan Rochester piscando outra vez.

— Talvez eu tenha mais sorte com o seu marido. A cor abandonou o rosto da sra. Rochester.

— Eu posso contar para ele o que sei. Aí a senhora pode explicar sobre essa amiga que gosta de fazer compras. Ele vai acreditar, não é?

O terror a fez arregalar os olhos.

— Você não tem ideia de como ele é.

— Tenho, sim. O seu marido mandou dois sujeitos me torturarem.

— Porque pensava que você sabia o que tinha acontecido com a Katie.

— E a senhora não impediu, sra. Rochester. Deixou que ele me torturasse e talvez até me matasse, mesmo ciente de que eu não tinha nada a ver com a história.

Ela parou de piscar.

— Você não pode contar ao meu marido. Por favor.

— Não tenho nenhum interesse em prejudicar a sua filha. Estou interessado apenas em encontrar Aimee Biel.

— Não sei de nada sobre aquela menina.

— Mas talvez a sua filha saiba. Joan meneou a cabeça.

— Você não entende.

— Não entendo o quê?

Joan Rochester se afastou, deixando-o plantado no meio da sala. Ao se virar, os olhos estavam cheios de lágrimas.

— Se o Dom descobrir... Se encontrar a Katie...

— Ele não vai descobrir.

Ela meneou a cabeça novamente.

— Eu prometo — Myron assegurou.

Suas palavras — mais uma promessa aparentemente vazia — ecoaram no silêncio da sala.

— Onde está Katie, sra. Rochester? Preciso apenas conversar com a sua filha.

Os olhos da mulher vagaram pelo aposento, como se temesse que os móveis pudessem ouvi-los. Em seguida, Joan caminhou até a porta dos fundos, abriu-a e fez sinal para que ele a seguisse até o quintal.

— Onde a Katie está?

— Não sei. Essa é a verdade.

— Sra. Rochester, eu realmente não tenho tempo...

— As ligações.

— O que tem as ligações?

— Você falou que são de Nova York?

— Sim.

Ela desviou o olhar.

— O quê?

— Talvez seja onde a minha filha está.

— A senhora realmente não sabe?

— A Katie não me diria. E eu também não perguntaria.

— Por que não?

Os olhos de Joan Rochester eram círculos perfeitos.

— Se eu não souber, ele não pode me obrigar a dizer.

O som do cortador de grama da casa ao lado rompeu o silêncio. Myron esperou um momento.

— Mas a senhora teve notícias da Katie?

— Sim.

— E sabe que ela está segura?

— Não em relação a ele.

— Refiro-me ao geral. A sua filha não foi sequestrada ou algo semelhante.

Joan assentiu lentamente.

— A dra. Edna Skylar a avistou na companhia de um homem de cabelos escuros. Quem é esse sujeito?

— Você está subestimando o Dominick. Por favor, não faça isso. Simplesmente nos deixe em paz. Você está tentando encontrar outra garota. A Katie não tem nada a ver com ela.

— As duas usaram o mesmo caixa eletrônico.

— Coincidência.

Myron não se deu ao trabalho de discutir.

— Quando a Katie vai voltar a telefonar?

— Não sei.

— Então a senhora não tem utilidade para mim.

— O que isso significa?

— Preciso falar com a sua filha. Se a senhora não pode me ajudar, terei de apelar para o seu marido.

Ela meneou a cabeça.

— Sei que a Katie está grávida. Joan Rochester gemeu baixinho.

— Você não entende.

— Explique-me.

— O homem de cabelos escuros... Ele se chama Rufus. Se o Dom descobrir, vai matá-lo. É simples assim. E não sei o que ele faria com a Katie.

— E qual é o plano do casal? Esconder-se para sempre?

— Duvido de que tenham um plano.

— E Dominick não sabe nada disso?

— Ele não é estúpido. Acha que Katie fugiu.

— Há uma coisa que eu não entendo. Se o seu marido pensa que a Katie fugiu de casa, por que procurou a imprensa?

Joan Rochester sorriu, o sorriso mais triste que Myron já vira.

— Você não percebe?

— Não.

— Ele gosta de vencer. Não importa a que preço.

— Eu ainda não...

— O Dominick os está pressionando. Quer encontrar a Katie. Não se importa com mais nada. Essa é a força dele. Ele não se incomoda de levar golpes. Grandes golpes. Dom não fica embaraçado. Nunca se sente envergonhado. Está disposto a perder ou a sofrer para ferir você e fazê-lo sofrer mais. Esse é o tipo de homem que ele é.

Os dois permaneceram em silêncio durante vários minutos. Myron queria lhe perguntar por que continuava casada com Dominick, mas o assunto não era da sua conta. Havia inúmeros casos de mulheres vítimas de violência doméstica no país. Gostaria de ajudar, porém Joan Rochester não aceitaria — e tinha questões mais urgentes na cabeça. Ele tornou a pensar nos Gêmeos, no fato de não ter se preocupado com a morte deles, pensou em Edna Skylar e na forma como ela lidava com aqueles que julgava seus pacientes mais puros.

Joan Rochester fizera sua escolha. Ou, talvez, ela fosse apenas um pouco menos inocente que os outros.

— A senhora deveria procurar a polícia — Myron sugeriu.

— E dizer o quê?

— Que a sua filha fugiu de casa. Ela bufou.

— Você não percebe, não é? O Dom descobriria. Ele tem contatos lá. Como você acha que ele soube a seu respeito tão depressa?

Entretanto, Dominick não soubera de Edna Skylar. Ainda. Portanto, suas fontes não eram infalíveis. Myron se perguntou se poderia usar isso a seu favor, mas não via como. Tomando as mãos de Joan Rochester nas suas, olhou-a fixamente. — A sua filha não correrá nenhum risco. Eu garanto. Mas preciso falar com ela. Apenas conversar. A senhora compreende?

Ela engoliu em seco.

— Não tenho muita escolha, tenho? Silêncio.

— Se eu não cooperar, você vai procurar o Dom.

— Sim.

— A Katie deve me ligar hoje à noite, às sete. Vou deixar que você converse

com ela, então.

CAPÍTULO 35

Win ligou para o celular de Myron.

— Drew Van Dyne, o seu assistente de gerência da Planet Music, também é professor do Colégio Livingston.

— Bom, bom... — Myron falou.

— Realmente.

Myron estava indo buscar Claire. Ela lhe contara sobre o telefonema anonimo. Imediatamente Myron correra atrás de Berruti, a qual, segundo a gravação lhe informara, "não podia atender no momento". Deixara uma mensagem, explicando o que queria.

Agora Myron e Claire se dirigiam ao Colégio Livingston para olhar o armário de Aimee. Myron também esperava falar com o ex da menina, Randy Wolf. E Harry "sr. D." Davis. E agora, principalmente, com Drew "Professor de Música-Comprador de Lingerie Van Dyne. — Você sabe de mais alguma coisa sobre ele?

— Van Dyne é divorciado, sem filhos. Foi preso duas vezes nos últimos quatro anos por dirigir bêbado e uma vez por porte de drogas. Tem ficha policial juvenil, mas indisponível. É só o que sei por enquanto — Win informou.

— Então que negócio é esse de comprar lingerie para uma colegial como Aimee Biel?

— Bastante óbvio, eu diria.

— Conversei com a sra. Rochester. Katie engravidou e fugiu com o namorado.

— Uma história nada incomum.

— Sem dúvida. Será que devemos supor que Aimee fez o mesmo?

— Fugir com o namorado? Pouco provável. Ninguém notificou o sumiço de Van Dyne.

— Ele não precisa desaparecer. Provavelmente o namorado de Katie tem medo do Dominick Rochester. É por isso que estão juntos. Mas se ninguém sabia sobre Aimee e Van Dyne...

— O sr. Van Dyne teria pouco a temer.

— Exatamente — Myron concordou.

— Então, diga-me, por que a Aimee fugiria?

— Porque está grávida.

— Ora!

— Ora o quê?

— Do quê, exatamente, Aimee Biel teria medo? — Win indagou. — Erik está longe de ser um pai semelhante a Dominick Rochester.

O argumento de Win procedia.

— Talvez a Aimee não tenha fugido. Talvez ela tenha engravidado e quisesse ter o bebé. Talvez tenha contado ao namorado, Drew Van Dyne...

— O qual — Win continuou —, sendo professor, ficaria arruinado se a notícia se espalhasse.

— Sim.

Tudo fazia um terrível sentido.

— Mas ainda há um buraco — Myron ponderou.

— Que vem a ser?

— As duas meninas usaram o mesmo caixa eletrônico. Olhe, o resto nem chega ao nível de coincidência. Duas adolescentes grávidas numa escola de quase mil garotas? É estatisticamente insignificante. Mesmo se acrescentarmos duas garotas fugindo por causa da gravidez, tudo bem. Existe até a chance de haver uma conexão, mas o mais plausível é que os casos não estejam relacionados, você não acha?

— Sim — Win admitiu.

— Mas, então, acrescente o detalhe de ambas terem sacado dinheiro no mesmo caixa eletrônico. Como se explica isso?

— Seu pequeno diagnóstico estatístico vai pelos ares.

— Então alguma coisa está nos escapando.

— Tudo está nos escapando. Nesse estágio, todo esse negócio é muito ténue para rotularmos de hipótese.

Outro ponto para Win. Talvez estivessem teorizando prematuramente demais, porém estavam chegando perto. Existiam outros fatores também, como os telefonemas ameaçadores de Roger Chang. Talvez houvesse uma conexão; talvez, não. Também não sabia como Harry Davis se encaixava. Talvez ele fosse um elo entre Van Dyne e Aimee, embora isso lhe parecesse um pouco forçado. E quanto ao telefonema recebido por Claire, dizendo que a filha "estava bem"? Myron refletira sobre a hora e o motivo — confortar ou aterrorizar?

Em qualquer um dos casos, por quê? Até o momento, nenhuma explicação lhe viera à cabeça.

— O.k. — Myron disse —, estamos combinados para hoje à noite?

— Sim.

— Falo com você mais tarde, então.

Win desligou enquanto Myron estacionava diante da casa de Claire e Erik. Claire já o aguardava do lado de fora.

— Você está bem? — Ele perguntou.

Claire não se deu ao trabalho de responder o óbvio.

— Você já teve notícias do seu contato na companhia telefónica?

— Ainda não. Você conhece um professor do Colégio Livingston chamado Drew Van Dyne?

— Não.

— O nome não a faz pensar em nada?

— Creio que não. Por quê?

—Você se lembra da lingerie que encontrei no quarto da Aimee? Acho que, talvez, ela tenha ganho dele. O rosto de Claire enrubesceu.

— Um professor?

— Ele trabalhava naquela loja de música no shopping.

— A Planet Music.

— Sim.

Claire meneou a cabeça.

— Não estou entendendo. Myron a segurou no braço.

— Você precisa se manter firme, Claire, o.k.? Preciso que você se mantenha calma e focada.

— Não me trate com condescendência.

— Não era a minha intenção. Mas se você explodir quando chegarmos ao colégio...

— Nós o perderemos. Sei disso. O que mais está acontecendo?

— Você acertou em cheio sobre a Joan Rochester. — Myron a colocou a par da história. — Olhando pela janela, Claire assentia de vez em quando, apesar de o aceno não parecer conectado com nada do que ele dizia.

— Então você acha que a Aimee está grávida?

A voz dela soava calma agora, excessivamente pragmática. Como se tentasse se distanciar dos fatos. Talvez fosse melhor assim.

— Sim.

Claire começou a morder o lábio inferior. Como fazia quando estavam no colégio. Era estranho dirigir pelo mesmo trajeto que tinham percorrido milhares de vezes na juventude. Claire cutucando o lábio inferior como quando a prova final de matemática se aproximava.

— O.k., vamos tentar analisar a coisa racionalmente — ela falou.

— Certo.

— A Aimee brigou com o namorado do colégio e não nos contou. Ela andava muito reservada. Estava deletando e-mails. Parecia muito diferente. Tinha uma peça de lingerie na gaveta que, provavelmente, ganhou de presente de um professor, que também trabalha na loja de música aonde ela vai com frequência. — As palavras pairaram no ar por um instante. — Imagino outra coisa.

— Continue.

— Se a Aimee estivesse grávida — meu Deus, não posso acreditar que estou

falando assim —, ela teria ido a um hospital.

— É possível. Talvez ela tenha feito apenas um teste de gravidez caseiro.

— Não. — A voz de Claire soou firme. — Já havíamos conversado sobre isso. Uma das amigas dela fez um teste desses e o resultado positivo estava errado. Aimee teria procurado confirmação. Provavelmente procuraria um médico.

— O.k.

— E o único hospital aqui perto é o St. Barnabas. É o que todos usam. Talvez ela tenha ido lá. Deveríamos telefonar e pedir a alguém para verificar os registros. Eu sou a mãe. Isso deve valer alguma coisa, certo?

— Não sei quais são as leis que regem esse tipo de coisa.

— Essas leis vivem mudando.

— Espere. — Myron apanhou o celular e ligou para a recepção. Depois de dizer seu nome, pediu para falar com o dr. Stanley Rickenback. Enquanto aguardava a transferência da chamada, estacionou na frente do colégio. Rickenback atendeu, soando um tanto entusiasmado. Quando Myron explicou o que queria, o entusiasmo arrefeceu.

— Não posso fazer isso — Rickenback retrucou.

— A mãe dela está comigo.

— Você acabou de me falar que a menina tem dezoito anos. É contra a lei.

— Escute, você estava certo sobre a Katie Rochester. Ela está grávida. Estamos tentando descobrir se a Aimee está grávida também.

— Entendo, mas não posso ajudá-los. Os prontuários são confidenciais. Com todas as novas leis e regras, o computador mantém registro de tudo, até de quem abre a ficha de um paciente e quando. Mesmo se eu não achasse que fosse antiético, estaria correndo um risco pessoal enorme. Sinto muito.

O médico desligou. Myron olhou pela janela. Então, tornou a ligar para a recepção da clínica.

— Dra. Edna Skylar, por favor.

Dois minutos depois, Edna respondia:

— Myron?

—A senhora pode acessar prontuários de pacientes do seu computador, não é?

— Sim.

— De todos os pacientes do hospital?

— O que você está querendo?

— Lembra-se da nossa conversa sobre inocentes?

— Sim.

— Quero que a senhora ajude um inocente, dra. Skylar. — Então, após um momento de reflexão. — Neste caso, talvez dois.

— Uma menina de dezoito anos chamada Aimee Biel. E, se estivermos certos,

o bebé que ela está carregando.

— Meu Deus. Você está me dizendo que o Stanley estava certo?

— Por favor, dra. Skylar.

— É antiético.

Ele simplesmente deixou o silêncio pressioná-la. Expusera seu argumento. Acrescentar qualquer outra coisa seria desnecessário. Melhor deixá-la ponderar sobre a questão sozinha.

Não demorou muito. Em poucos minutos, ele ouvia o ruído do teclado.

— Myron? — Edna Skylar disse.

— Aimee Biel está com três meses de gravidez.

CAPÍTULO 36

O diretor do Colégio Livingston, Amory Reid, vestia calça Haggar, camisa branco-sujo de mangas curtas, de um tecido fino o bastante para revelar a regata sob a peça, e sapatos pretos que mais pareciam de plástico, de sola grossa. Mesmo quando o nó da gravata estava afrouxado, tinha-se a impressão de que o estrangulava.

— O colégio, claro, está preocupado.

As mãos de Reid estavam cruzadas sobre sua escrivaninha. Num dos dedos, um anel de universidade, com a insígnia de um time de futebol americano gravada. Ele enunciara a frase como se a houvesse ensaiado antes diante de um espelho.

Myron sentava-se à sua direita; Claire, à esquerda. Ainda se encontrava entorpecida por conta da confirmação de que sua filha, a quem conhecia, amava e confiava, estava grávida de três meses. Ao mesmo tempo, experimentava uma sensação semelhante a alívio.

Fazia sentido. Explicava o comportamento recente. Podia fornecer uma explicação para o que fora, até então, inexplicável.

— Os senhores podem, evidentemente, verificar o armário dela.

— o diretor os informou. — Tenho uma chave que abre todos os armários.

— Também queremos conversar com dois de seus professores.

— Claire interveio. — E com um de seus alunos.

O olhar do sujeito se estreitou. Ele fitou Myron e, novamente, Claire.

— Quais professores?

— Harry Davis e Drew Van Dyne — Myron respondeu.

— O sr. Van Dyne já foi embora. Nas terças-feiras ele sai às duas horas.

— E o sr. Davis?

Reid consultou um horário.

— A sala dele é a B-202.

Myron sabia exatamente onde era. Depois de todos esses anos. Os corredores continuavam marcados com letras de A a E. As salas começando com o número 1 ficavam no primeiro andar; com 2, no segundo.

— Verei se posso tirar o sr. D. da classe. Posso perguntar por que querem falar com esses professores?

Claire e Myron trocaram um olhar.

— Preferiríamos não discutir isso no momento — Claire disse. Myron concordou. Seu trabalho ali era político. Se soubesse de algo, seria obrigado a reportar. A ignorância, pelo menos por enquanto, poderia ser uma bênção. Ainda

não tinha nada realmente importante sobre os dois professores, apenas insinuações. Até ter mais, não havia nenhum motivo para informar o diretor.

— Também gostaríamos de conversar com Randy Wolf — Claire prosseguiu.

— Creio que isso não poderei permitir.

— Por que não?

— Fora da propriedade do colégio, os senhores podem fazer o que quiserem. Mas, aqui dentro, eu preciso da permissão dos pais.

— Por quê?

— Essas são as regras.

— Se um aluno é pego cabulando aula, o senhor pode falar com ele.

— Sim. Mas os senhores, não. E este não é um caso de cabular aula. — Reid desviou o olhar. — Além disso, estou um pouco confuso sobre sua a presença, sr. Bolitar.

— Ele é meu representante — Claire afirmou.

— Entendo. Mas isso não o coloca numa posição de conversar com um aluno. Ou, aliás, com um professor. E também não tenho autoridade para fazer o sr. Davis conversar com os senhores. Mas posso trazê-lo a esta sala. Ele é adulto. O mesmo princípio não se aplica a Randy Wolf.

Os três desceram o corredor, rumo ao armário de Aimee.

— Tem mais uma coisa — Amory Reid afirmou.

— O quê?

— Não sei se existe alguma conexão, mas a Aimee esteve envolvida num pequeno incidente recentemente.

— Como assim? — Claire quis saber.

— Ela foi pega na sala de orientação usando um computador.

— Não entendo.

— Também não entendemos. Um dos orientadores a surpreendeu lá. Aimee estava imprimindo um histórico escolar. Que se revelou o dela próprio.

Myron refletiu por um instante.

— Esses computadores não são protegidos por senhas?

— Sim.

— Então, como ela obteve acesso?

Reid falava um pouco cuidadosamente demais.

— Não temos certeza. Porém a teoria é de que alguém na administração cometeu um erro.

— Um erro como?

— Alguém pode ter se esquecido de sair do sistema.

— Em outras palavras, eles ainda estavam no sistema e a Aimee conseguiu acessar os arquivos?

— Sim, é uma teoria.

Bastante estúpida, Myron pensou.

— Por que não fui informada? — Claire perguntou.

— Porque realmente não foi grande coisa.

— Invadir o sistema atrás de histórico escolar não é grande coisa.

— Ela estava imprimindo o próprio histórico. E Aimee, como a senhora sabe, sempre foi uma excelente aluna. Jamais havia se metido em algum problema antes. Decidimos apenas repreendê-la severamente.

E poupá-lo do embaraço, Myron refletiu. Não seria proveitoso se a notícia de que uma aluna invadira o sistema de computadores da escola vazasse. Mais sujeira varrida para debaixo do tapete.

Chegando à fileira de armários, Amory Reid usou a chave-mestra para abrir o de Aimee. No primeiro instante, todos deram um passo para trás. Myron foi o primeiro a se aproximar. O armário era assustadoramente pessoal. Fotografias similares àquelas que vira no quarto da menina adornavam a superfície metálica. Outra vez, nada de Randy. Havia retratos de seus guitarristas preferidos. Num cabide, uma camiseta preta; no outro, um agasalho. Os livros estavam empilhados no fundo, protegidos por capas. Na prateleira de cima, prendedores de cabelos, uma escova e um espelho. Claire tocou os objetos com ternura.

Porém não havia nada ali que pudesse vir a ser de alguma ajuda. Nenhuma evidência incontestável, nenhum cartaz gigante no qual se lesse: SIGA POR AQUI PARA ENCONTRAR AIMEE.

Myron sentiu-se perdido e vazio. Fitar o armário, algo tão particular de Aimee, só fazia sua ausência ainda mais obscena.

O clima foi rompido quando o celular de Reid tocou. Ele escutou por um momento e, então, desligou.

— Encontrei alguém para substituir o sr. Davis. Ele os está aguardando no escritório.

CAPÍTULO 37

Drew Van Dyne pensava em Aimee e tentava decidir qual seria seu próximo passo ao chegar à Planet Music. Sempre que fazia isso, sempre que ficava confuso demais diante da vida e das escolhas miseráveis que frequentemente fizera, ou se automedicava, ou, como agora, refugiava-se na música.

Os fones do iPod estavam metidos nos canais auditivos. Escutava Gravity, de Alejandro Escovedo, tentando imaginar como Escovedo escrevera a canção. Era disso que gostava. Desconstruir uma canção da melhor maneira possível. Chegar a uma teoria sobre a origem, sobre como a ideia surgira, os primeiros bafejos de inspiração. Teria sido a primeira ideia um fraseado de guitarra, o refrão, uma estrofe específica da música ou a letra? Será que o compositor estivera de coração partido, ou triste, ou feliz? E por quê, especificamente, sentira-se assim? E aonde, depois daquele primeiro passo, ele fora com a canção? Van Dyne podia ver o compositor ao piano ou dedilhando a guitarra, tomando notas, alterando-as, refinando a canção, o que fosse.

Êxtase, cara. Êxtase puro e simples. Imaginar como foi composta uma canção. Mesmo que... mesmo que sempre houvesse uma vozinha, lá no fundo, dizendo: "Deveria ter sido você, Drew".

Você se esquece da ex-esposa, que o olhava como se você fosse cocó de cachorro e quis o divórcio. Esquece-se de seu pai, que o abandonou quando você ainda era um garoto. Esquece-se de sua mãe, que agora tenta compensar o fato de não ter lhe dado a mínima por anos a fio. Esquece seu emprego de professor, que anestesia o cérebro e é de uma normalidade atroz e o qual você detesta.

Esquece que esse emprego não passa de algo com o que se ocupa enquanto espera pela sorte grande. Esquece, quando é honesto consigo mesmo, que sua sorte grande nunca chegará. Esquece que você tem trinta e seis anos e que, por mais que tente esmagá-lo, seu sonho não morrerá. Em vez disso, seu sonho permanece vivo e zomba de você, deixando claro que nunca, jamais, se realizará.

Você escapa para dentro da música.

Que diabos deveria fazer agora?

Era o que Drew Van Dyne pensava ao passar diante da Bedroom Rendezvous. Ele notou uma vendedora cochichar algo com a outra. Talvez estivessem falando a seu respeito, mas não se importava muito com isso. Entrou na Planet Music, um lugar que tanto amava quanto odiava. Amava por estar cercado de música. Odiava por ser um lembrete de que nada disso lhe pertencia.

Jordy Deck, uma versão mais jovem e menos talentosa de si mesmo, encontrava-se atrás do balcão. Pela expressão do rapaz, percebeu que alguma

coisa estava errada.

— O que foi?

— Um cara alto esteve aqui procurando você — Jordy respondeu.

— Qual é o nome dele? O rapaz deu de ombros.

— O que ele queria?

— Estava perguntando sobre a Aimee. Um aperto de medo no peito.

— E o que você falou?

— Que ela vem muito aqui, mas acho que o cara já sabia disso. Nada de mais.

Drew Van Dyne se aproximou.

— Como é que o cara é?

Van Dyne pensou no telefonema que recebera mais cedo, avisando-o. Parecia Myron Bolitar.

— Ah, tem mais uma coisa — Jordy se lembrou.

— O quê?

— Depois de sair daqui, acho que ele passou na Bedroom Rendezvous.

Claire e Myron decidiram que Myron conversaria a sós com o sr. Davis.

— Aimee Biel era uma de minhas alunas mais talentosas — Harry Davis falou.

Davis estava pálido e agitado, não parecendo ter a mesma postura confiante que Myron o vira ostentar naquela manhã.

— Era? — Myron repetiu.

— Como é?

— Você disse "era". "Era uma de minhas alunas mais talentosas." Os olhos do professor se arregalaram.

— Ela já não está mais na minha sala.

— Entendo.

— Foi o que eu quis dizer.

— Certo. — Myron procurou manter o outro na defensiva. — Quando, exatamente, a Aimee foi sua aluna?

— No ano passado.

— Ótimo. — Bastava de preliminares. Direto na jugular. — Então, se a Aimee já não era mais sua aluna, o que ela estava fazendo na sua casa sábado à noite?

Gotas de suor pipocaram na testa de Davis.

— O que o leva a pensar que ela esteve na minha casa?

— Eu a deixei lá.

— Não é possível.

Myron suspirou, cruzou as pernas.

— Existem duas maneiras de levarmos isso adiante, sr. D. Posso chamar o diretor aqui, ou você me conta o que sabe.

Silêncio.

— Por que você estava conversando com Randy Wolf hoje de manhã?

— Ele também é um de meus alunos.

— É ou foi?

— E. Dou aálas para todos os anos do ensino médio.

— Parece-me que os alunos votaram em você para Professor do Ano nos últimos quatro anos.

Davis nada retrucou.

— Eu estudei aqui — Myron comentou.

— Sim, eu sei. — Um pequeno sorriso. — Seria difícil não perceber a eterna presença do lendário Myron Bolitar.

— A questão é a seguinte: sei que proeza é ser eleito Professor do Ano. Ser assim tão popular entre os alunos.

Davis apreciou o cumprimento.

— Você tinha um professor favorito? — perguntou.

— A sra. Friedman. De história moderna.

— Ela ainda estava aqui quando comecei. — Ele sorriu. — Eu gostava dela.

— Realmente tudo isso é muito meigo, sr. D., mas temos uma menina desaparecida.

— Não sei nada a respeito.

— Sabe sim.

Harry Davis olhou para baixo.

— Sr. D.?

Ele não ergueu o olhar.

— Não sei o que está havendo, mas tudo está desmoronando agora. Tudo. Você sabe disso, acho. A sua vida era uma coisa antes de termos essa conversinha. É outra agora. Não quero soar melodramático, mas não vou desistir até descobrir tudo. Não importa quão ruim a coisa seja. Não importa quantas pessoas saiam prejudicadas.

— Não sei de nada. Aimee nunca esteve em minha casa.

Se perguntado naquele exato momento, Myron teria dito que não estava assim tão furioso. Em retrospectiva, o problema fora esse: falta de aviso prévio. Estivera falando num tom comedido. Sim, notara a ameaça, entretanto não fora nada que houvesse valido a pena checar. Se tivesse sentido a coisa vindo, teria sido capaz de se preparar. Mas a fúria simplesmente o inunda, impelindo-o a agir.

Myron moveu-se rapidamente. Agarrou Davis atrás do pescoço, pressionando certos pontos perto da base dos ombros, e o puxou na direção da janela. Davis deixou escapar um pequeno grito ao ter o rosto esfregado contra o vidro

espelhado.

— Olhe lá pra fora, sr. D.

Na sala de espera, Claire estava sentada, muito ereta, os olhos fechados. Pensava que ninguém a via. Lágrimas escorriam-lhe pelo rosto.

Myron apertou com mais força.

— Ai!

— Você está vendo, sr. D.?

— Solte-me!

Maldição. A raiva se dispersou, difusa. A razão tornou a se infiltrar. Assim como com Jake Wolf, Myron repreendeu-se pela perda do controle e soltou Davis. Este se endireitou e esfregou o pescoço, o rosto vermelho.

— Chegue a um passo de mim — Davis falou —, e eu o processarei. Você está entendendo?

Myron meneou a cabeça.

— O quê?

— Você está acabado, sr. D. Apenas ainda não sabe.

CAPÍTULO 38

Drew Van Dyne tomou o caminho de volta para o Colégio Livingston.

Como, droga, Myron Bolitar o envolvera naquela confusão?

O pânico o estava comendo vivo agora. Presumira que Harry Davis, o sr. Maldito Professor Dedicado, não diria nada. O que teria sido melhor, pois o deixaria livre para lidar com qualquer coisa que surgisse à sua maneira. Porém agora, de algum modo, Bolitar fora parar na Planet Music. Fizera perguntas sobre Aimee.

Alguém dera com a língua nos dentes.

Ao se aproximar da escola, viu Harry Davis irromper porta afora. Drew Van Dyne não era nenhum estudioso da linguagem corporal, mas, caramba, mal reconhecia Davis. Punhos cerrados, ombros caídos, pés arrastados. Geralmente ele caminhava com um sorriso e um aceno de mão, às vezes até assobiando. Hoje não.

Van Dyne entrou no estacionamento, guiando o carro na direção de Davis. Este o viu e se desviou para a direita.

— Sr. D.?

— Deixe-me em paz.

— Você e eu precisamos conversar.

Van Dyne saiu do veículo. Davis continuou andando.

— Você sabe o que vai acontecer se você falar com o Bolitar, não sabe?

— Não falei nada — Davis retrucou.

— E vai falar?

— Entre no seu carro, Drew. Deixe-me sozinho, maldição.

— Lembre-se, sr. D. Você tem muito a perder neste caso.

— Como você insiste em frisar.

— Mais do que qualquer um de nós.

— Não. — Davis entrou no próprio carro e, antes de bater a porta, falou: — A Aimee é quem tem mais a perder, você não acha?

O comentário paralisou Van Dyne. Atordoado, inclinou a cabeça.

— O que você quer dizer com isso?

— Reflita um pouco.

Davis ligou o motor e arrancou. Inspirando profundamente, Drew Van Dyne caminhou para o carro, as palavras do outro o fazendo pensar. Aimee tinha mais a perder... Ao pôr a chave na ignição, notou a porta do colégio tornando a se abrir.

A mãe de Aimee cruzou a soleira da mesma porta pela qual o amado educador

Harry Davis saíra tempestuosamente minutos atrás.

E, seguindo-a, vinha Myron Bolitar.

A voz ao telefone, aquela que o avisara horas antes, soou em sua mente: Não faça nenhuma besteira. Está tudo sob controle.

A coisa não parecia sob controle. Não parecia nada sob controle.

Drew Van Dyne estendeu a mão para o rádio do carro como se estivesse à beira de se afogar e lá se encontrasse a fonte de oxigénio. Dirigiu para longe, deixando a voz suave de Chris Martin embalá-lo.

Entretanto, o pânico não o abandonava.

Era assim, sabia muito bem, que costumava tomar as decisões erradas. Era nesse ponto que, habitualmente, estragava tudo. Sim, sabia disso. Sabia que deveria simplesmente recuar, refletir. Mas era assim que vivia sua vida. Como se fosse um desastre de carro em câmera lenta. Você podia ver para onde estava indo. Sabia que haveria uma batida feia. Só não conseguia parar ou sair do caminho.

Você é impotente.

No fim, Drew Van Dyne fez o telefonema.

— Alô?

— Talvez tenhamos um problema -— Van Dyne falou. Do outro lado da linha, Drew Van Dyne ouviu Big Jake Wolf suspirar.

— Conte-me.

Myron deixou Claire em casa antes de seguir para o shopping. Esperava encontrar Drew Van Dyne na Planet Music. Sem sorte.

O rapaz do poncho não abriu a boca desta vez. Todavia, Sally Ann lhe disse ter visto Van Dyne chegar, conversar brevemente com o rapaz do poncho e sair correndo. Myron tinha o número do telefone residencial de Van Dyne. Tentara, mas não obtivera nenhuma resposta.

Ligou para Win.

— Precisamos encontrar esse sujeito.

— Estamos um pouco sem recursos no momento.

— Quem conseguiríamos para vigiar a casa de Van Dyne?

— Que tal a Zorra?

Zorra: ex-espião do Mossad, matador de aluguel para os israelitas e travesti que usava salto agulha — literalmente. Muitos travestis são adoráveis. Zorra não se encaixava no grupo.

— Não sei se ela será capaz de se misturar à vizinhança.

— A Zorra sabe como se misturar.

— O.k., como você quiser.

— Para onde você está indo?

— Para a Lavanderia Chang. Preciso falar com o Roger.

— Vou ligar para a Zorra.

Havia movimento na lavanderia. Vendo Myron entrar, Maxine sinalizou para que ele a acompanhasse. O cheiro de produtos químicos e tecidos era sufocante. Myron sentia-se como se partículas estivessem grudando em seus pulmões. Ficou aliviado quando Maxine abriu a porta do fundos.

No beco, sentado num engradado, estava Roger, de cabeça baixa. Maxine cruzou os braços sobre o peito e interpelou o filho.

— Roger, você tem alguma coisa para dizer ao sr. Bolitar? Roger era um garoto magricela; os braços, verdadeiros caniços, sem definição alguma. Ao falar, ele não levantou o olhar.

— Sinto muito ter feito aqueles telefonemas.

Parecia um menino que quebrara a vidraça do vizinho com uma bola de beisebol mal lançada e fora arrastado rua afora pela mãe para se desculpar. Myron não precisava disso.

— Quero conversar com ele a sós — falou, virando-se para Maxine.

— Não posso deixar.

— Então irei à polícia.

Primeiro, Joan Rochester; agora, Maxine Chang — estava ficando terrivelmente bom em ameaçar mães apavoradas. Talvez devesse começar a sair dando uns tapas por aí, provar que era macho.

Myron nem sequer vacilou. Maxine Chang, sim.

— Estarei lá dentro.

— Obrigado.

O beco fedia, como todos os becos. Cheirava a lixo velho e urina seca.

Myron esperou que Roger o fitasse. Em vão.

— Você não ligou só para mim. Ligou para a Aimee Biel, certo? Um aceno de cabeça, ainda sem erguer os olhos.

— Por quê?

— Eu estava retornando o telefonema.

A expressão cética de Myron passou despercebida ao garoto, que continuava de cabeça baixa.

— Olhe pra mim, Roger. Devagar, ele lhe obedeceu.

— Você está me dizendo que a Aimee ligou pra você primeiro?

— Eu a vi no colégio. Ela falou que precisávamos conversar.

— Sobre o quê? Ele deu de ombros.

— Disse apenas que precisávamos conversar.

— Então por que vocês não fizeram isso?

— Não fizemos o quê?

— Conversaram. No colégio.

— Estávamos no corredor. Havia gente em volta. A Aimee queria conversar em particular.

— Entendo. Então, você ligou pra ela?

— Sim.

— O que ela disse?

— Foi esquisito. Ela queria saber sobre as minhas notas e atividades extracurriculares. Era mais como se quisesse confirmá-las. Nós nos conhecemos um pouco. E todo mundo comenta. Então, ela já sabia a maior parte dessas coisas.

— Foi só?

— Só conversamos uns dois minutos. Ela falou que tinha de ir embora. Mas também falou que sentia muito.

— Sobre o quê?

— Sobre eu não ter conseguido entrar na Duke. — O menino tornou a baixar a cabeça.

— Você tem muita raiva guardada dentro do peito, Roger.

— Você não entende.

— Então me explique.

— Esqueça.

— Bem que eu queria, mas, puxa, você telefonou pra mim.

Roger Chang estudou o beco como se nunca o tivesse visto antes de fato. Torceu o nariz de nojo. Por fim, enfrentou o olhar de Myron.

— Serei sempre um nerd asiático, sabe? Nasci neste país. Não sou imigrante. Mas, quando falo, as pessoas esperam que eu soe como um filme antigo do Charlie Chan. E nesta cidade, se você não tem dinheiro, ou se não é bom em esportes... Via o sacrifício da minha mãe. Via como ela trabalha.

E pensava comigo mesmo: se eu só conseguir aguentar... se eu conseguir ralar muito na escola, se não pensar em tudo que estou perdendo, se eu apenas trabalhar, se fizer o sacrifício, tudo vai dar certo. Serei capaz de sair daqui. Não sei por que foquei na Duke. Mas foi o que eu fiz. Era assim, como o meu primeiro objetivo. Quando o alcançasse, poderia relaxar um pouco. Estaria longe dessa loja...

A voz dele sumiu.

— Quisera você tivesse me dito alguma coisa — Myron falou.

— Não sou bom em pedir ajuda.

Myron desejou lhe dizer que deveria fazer mais do que isso, talvez uma terapia para lidar com a raiva. Porém não estivera na pele do menino. E não tinha tempo de estar agora.

— Você vai me denunciar? — Roger indagou.

— Não. — Então: — Você ainda pode estar na lista de espera.

— Eles já descartaram essa lista.

— Oh... Olhe, sei que parece uma questão de vida e morte agora, mas para qual universidade você vai não é assim tão importante. Aposto que você vai adorar Rutgers.

— É, claro.

Roger não parecia convencido. Parte de Myron estava contrariada, todavia outra parte — uma parte crescente — lembrava-se da acusação de Maxine. Existia uma chance, uma chance concreta, de que ao ajudar Aimee acabara destruindo o sonho desse rapaz. Não podia simplesmente dar as costas a isso, podia?

— Se você quiser uma transferência depois de um ano, eu escreverei uma carta de recomendação.

Ele esperou a reação de Roger. Nada. Então, Myron o deixou sozinho, com o fedor do beco atrás da lavanderia da mãe.

CAPÍTULO 39

Myron achava-se a caminho de se encontrar com Joan Rochester.

— ela temia que o marido estivesse em casa quando a filha ligasse.

— quando seu celular tocou. Ao ler o nome no visor, ALI WILDER, seu coração acelerou.

— Oi — ele disse.

— Oi. Silêncio.

— Sinto muito pelo que houve outro dia — Ali falou.

— Não precisa se desculpar.

— Preciso sim. Eu estava histérica. Compreendo o que você estava tentando fazer em relação às meninas.

— Eu não queria envolver a Erin.

— Tudo bem. Talvez eu deveria estar preocupada, ou qualquer outra coisa, mas eu realmente só quero ver você.

— Eu também.

— Você vem até aqui?

— No momento, não posso.

— Oh.

— E provavelmente ficarei trabalhando no caso até tarde.

— Myron?

— Sim.

— Não me importo, mesmo que fique muito tarde. Ele sorriu.

— Passe aqui a qualquer hora. Esperarei. E, se eu acabar pegando no sono, atire pedrinhas na minha janela para me acordar, o.k.?

— O.k.

— Tenha cuidado.

— Ali?

— Sim?

— Eu te amo.

Myron escutou-a aspirar o ar com força. Então, numa voz melodiosa:

— Eu também te amo, Myron.

E, de repente, era como se Jéssica fosse uma nuvem de fumaça.

O escritório de Dominick Rochester ficava numa garagem de ônibus escolares.

Pela sua janela, contemplava-se uma abundância de amarelo. O lugar dava-lhe cobertura. Ônibus escolares operavam maravilhas. Se você transporta crianças, pode muito bem transportar qualquer outra coisa no chassi. Policiais podem

parar e revistar um caminhão.

Porém nunca fazem o mesmo com um ônibus escolar.

O telefone tocou. Rochester o atendeu.

— Alô?

— O senhor queria que eu vigiasse a sua casa?

Joan andava bebendo mais ultimamente. Talvez devido ao sumiço de Katie. Entretanto, Dominick já não tinha tanta certeza. Assim, pedira a um de seus rapazes para vigiar a casa.

Só para garantir.

— É.Edaí?

— Hoje, mais cedo, um sujeito passou por lá para conversar com a sua esposa.

— Hoje, mais cedo?

— Correto.

— Mais cedo quanto?

— Umas duas horas atrás, talvez.

— E por que você não me telefonou?

— Não dei muita importância ao fato, acho. Quero dizer, anotei o ocorrido. Mas pensei que o senhor queria que eu ligasse apenas se fosse algo importante.

— Como era o sujeito?

— O nome dele é Myron Bolitar. Eu o reconheci. Ele jogava basquete.

Dominick pôs o fone mais perto do ouvido, como se pudesse atravessar o aparelho.

— Quanto tempo ele ficou lá?

— Uns quinze minutos.

— Só os dois?

— Sim. Ah, não se preocupe, sr. Rochester. Eu observei os dois. Eles ficaram o tempo todo no térreo, se é o que está perguntando. Não houve nenhum... — O sujeito se calou, inseguro sobre quais palavras usar.

Dominick quase riu. Aquele idiota pensava que ele queria a esposa vigiada caso ela estivesse pulando a cerca. Caramba, essa era divertida. Porém agora se indagava: por que Bolitar aparecera e se demorara tanto?

E o que Joan lhe dissera?

— Algo mais?

— Bem, tem mais uma coisa, sr. Rochester.

— Que coisa?

— Bem, fiz uma anotação sobre a visita do Bolitar, mas, como estava observando ele o tempo todo, não me preocupei muito.

— E agora?

— Bem, estou seguindo a sra. Rochester. Ela acabou de chegar num parque da

cidade. Riker Hill. O senhor conhece?

— Sim. Perto de onde os meus filhos frequentaram a escola primária.

— Bom, o.k. Ela está sentada num banco. Mas não está sozinha. A sua esposa está com o mesmo sujeito. Com o Myron Bolitar.

Silêncio.

— Sr. Rochester?

— Mande um homem seguir o Bolitar também. Quero os dois sob vigilância.

Durante a Guerra Fria, o Riker Hill Art Park, localizado bem no centro daquele subúrbio, fora usado como base militar para o lançamento de mísseis de defesa aérea. O exército denominara o lugar de Bateria de Mísseis Nike NY-80. Sério. De 1954 até o fim do sistema de defesa aérea Nike, em 1974, o lugar operara para o lançamento de mísseis Hercules eAjax. Um bom número das construções e dos alojamentos originais do exército agora servia como estúdios, em que pintura, escultura e artesanato floresciam num cenário coletivo.

Anos atrás, Myron achara tudo isso de alguma maneira pungente e estranhamente reconfortante — ruínas de guerra abrigando artistas —, mas o mundo era diferente agora. Nos anos 1980 e 1990, tudo fora atraente e singular. Agora esse "progresso" se assemelhava a um simbolismo falsificado.

Perto da velha torre de radar, Myron sentara-se no banco, ao lado de Joan Rochester. Os dois não haviam ido além de um breve aceno de cabeça. Apenas aguardavam. Joan Rochester aninhava o celular no colo como se fosse um animal ferido. Myron olhou as horas. A qualquer minuto Katie deveria ligar para a mãe.

Joan Rochester parecia distante.

— Você deve estar se perguntando por que eu fico com ele.

Na realidade, Myron não estava se perguntando, não. Para começar, apesar da gravidade da situação, ainda se sentia um pouco zonzo com o telefonema de Ali. Sabia ser egoísmo, porém fora a primeira vez, em sete anos, que dissera a uma mulher que a amava.

Embora tentasse tirar isso da cabeça, embora tentasse focar na tarefa à sua frente, não conseguia evitar sentir-se um pouco embriagado com a reação dela.

Em segundo lugar — e, talvez, ainda mais relevante —, há muito tempo parara de tentar entender relacionamentos. Lera sobre a síndrome de mulheres espancadas, e talvez esse fosse o caso de Joan Rochester, e talvez esse fosse um grito de socorro. Entretanto, por algum motivo — neste caso, particular —, não se importava o bastante para estender a mão e responder ao pedido.

— Estou com o Dom há muito tempo. Muito, muito tempo. Joan Rocheter silenciou. Minutos depois, abriu a boca para falar mais alguma coisa, porém o celular vibrou. Ela olhou para o colo como se o aparelho tivesse subitamente se

materializado. O celular tornou a vibrar e, então, tocou.

— Atenda — Myron a instruiu.

— Alô? — Joan Rochestet falou.

Myron se aproximou. Podia ouvir a voz do outro lado da linha — jovem, feminina. Todavia, não compreendia as palavras.

— Ah, querida... — O rosto de Joan se desanuviou ao escutar a voz da filha. — Fico feliz em saber que você está em segurança.

Sim. Sim, certo. Ouça o que eu vou falar agora, o.k.? É muito importante.

Mais falatório do outro lado da linha.

— Tenho alguém aqui comigo... Palavras vigorosas do outro lado.

— Por favor, Katie, apenas me escute. O nome dele é Myron Bolitar. Ele é de Livingston. Não pretende causar nenhum mal a você. Como ele descobriu... é complicado. Não, claro que não falei nada. Ele conseguiu os registros telefónicos, ou algo assim, não tenho muita certeza, mas garantiu que não contará nada ao seu pai...

Palavras muito enérgicas agora.

— Não, não, ele não fez isso ainda. Apenas precisa conversar com você um pouquinho. Acho que você deveria ouvi-lo. É sobre uma outra menina desaparecida, Aimee Biel. Ele está procurando essa menina... Eu sei, eu sei, eu disse isso a ele. Apenas... Espere um pouco, o.k.? Ele está aqui.

Joan ia entregar-lhe o telefone quando Myron praticamente o arrancou da mão dela, receando perder a ténue conexão. Com uma voz calmíssima, apresentou-se.

— Alô, Katie. Meu nome é Myron. Ele soava como um locutor de rádio.

Katie, todavia, estava um pouquinho mais histérica.

— O que você quer comigo?

— Tenho algumas perguntas.

— Não sei nada sobre Aimee Biel.

— Se você pudesse só me dizer...

— Você está rastreando essa ligação, não está? — A voz dela tinha a estridência do pânico. — Para o meu pai. Você está me segurando na linha para rastrear a ligação!

Myron tentou iniciar uma explicação tipo Berruti de como os rastreamentos não são feitos assim, mas Katie não lhe deu chance.

— Apenas nos deixe em paz! E, então, a garota desligou.

Como outro cliché estúpido da TV, Myron ficou repetindo "Alô?", "Alô?", mesmo sabendo que Katie Rochester já desligara.

Os dois permaneceram em silêncio durante alguns segundos. Vagarosamente, Myron devolveu o telefone a Joan.

— Sinto muito — ela disse.

Ele assentiu.

— Eu tentei.

— Eu sei.

Ela se levantou.

— Você vai contar ao Dom?

— Não.

— Obrigada.

Ele tornou a assentir. Joan se afastou. Myron tomou a direção contrária. Pegou o celular e ligou para Win.

— Enuncie-se.

— Era Katie Rochester?

Myron esperara algo assim — Katie recusando-se a cooperar. Portanto, preparara-se. Win ficara do outro lado da cena, em Manhattan, pronto para seguir a menina. De fato, fora melhor desse jeito. Katie voltaria para onde quer que estivesse se escondendo. Win descobriria o lugar.

— Parecia-se com ela. Na companhia do amante moreno — Win falou.

— E agora?

— Depois de desligar, ela e o suposto amante foram para o centro, a pé. A propósito, o amante carrega uma arma.

Isso não era bom.

— Você continua seguindo-os?

— Vou fingir que você não me perguntou isso.

— Estou a caminho.

CAPÍTULO 40

Joan Rochester tomou um gole do frasco que mantinha sob o assento do carro.

Estava, agora, estacionada na garagem de casa. Poderia ter esperado até entrar. Mas não esperou. Sentia-se entorpecida. Sentia-se assim havia tanto tempo que não mais se lembrava de uma época em que estivera realmente lúcida. Não importava. A gente se acostuma a tudo. Acostuma-se até que a coisa se torna normal, esse entorpecimento, e seria a lucidez o que a tiraria do prumo.

Ainda dentro do carro, olhou para a casa. Olhou-a como se fosse a primeira vez. Era ali onde vivia. Soava tão simples. Era ali onde estava passando sua vida. Não havia nada de notável no fato. Parecia algo impessoal. Morava ali. Ajudara a escolher a casa. E agora, enquanto a contemplava, perguntava-se por quê.

Fechando os olhos, Joan tentou imaginar algo diferente. Como chegara a este ponto? A pessoa simplesmente não cai de pára-quedas. A mudança nunca é radical. São pequenas alterações, tão graduais que se tornam imperceptíveis aos olhos humanos. Fora isso o que acontecera a Joan Delnuto Rochester, a garota mais bonita do Colégio Bloomfield.

Você se apaixona por um homem porque ele é tudo o que seu pai não é. Ele é forte e durão, e você gosta disso. Ele a arrebata. Você nem mesmo percebe o quanto ele se apossa de sua vida, como você começa a se transformar em mera extensão dele em vez de uma entidade à parte ou, como você sonhara, uma entidade maior, os dois tornando-se um no amor, como em seu romance favorito. Você cede em pequenas coisas; depois, nas grandes; então, em tudo. Seu riso começa a silenciar-se antes de desaparecer por completo.

Seu sorriso vai se apagando até se tornar apenas um arremedo de alegria, algo que você usa como máscara.

Mas quando tudo desandara de vez?

Não conseguia achar o "ponto x" na cronologia dos acontecimentos. Olhando para trás, não conseguia pensar num momento em que poderia ter mudado as coisas. Fora inevitável, supunha, desde o dia em que se conheceram. Não houve uma ocasião na qual poderia tê-lo enfrentado. Não houve uma batalha em que poderia ter lutado e a qual poderia vencido, a vitória alterando tudo o que viria depois.

Se pudesse voltar no tempo, teria recusado quando ele a convidara para sair pela primeira vez? Teria dito não? Teria namorado outro rapaz, como aquele simpático Mike Braun que agora morava em Parsippany? A resposta provavelmente seria não. Seus filhos não teriam nascido. Filhos, claro, mudam tudo. Você não pode desejar que isso nunca tivesse acontecido porque seria a

traição final: como conseguiria viver consigo mesma se desejasse que seus filhos nunca tivessem existido?

Ela tomou outro gole.

A verdade era essa: Joan Rochester desejava o marido morto. Sonhava com isso. Porque seria sua única maneira de escapar. Esqueça aquela bobagem de mulheres espancadas enfrentando seu homem. Seria suicídio. Ela jamais poderia abandoná-lo. Dom a encontraria, a surraria e a manteria trancafiada. E faria só-Deus-sabia-o-quê com as crianças. Ele a faria pagar caro.

Às vezes Joan fantasiava pegar os filhos e buscar refúgio num desses abrigos para mulheres vítimas de violência doméstica. Mas e depois? Fantasiava sobre testemunhar contra Dom — sem dúvida conhecia muito bem suas atividades ilegais —, porém nem o Programa de Proteção à Testemunha os manteria a salvo. Ele os encontraria.

Dom era esse tipo de homem.

Ela saiu do carro. Um tanto cambaleante, mas até isso quase se tornara o normal. Joan Rochester pôs a chave na fechadura e entrou. Virou-se para fechar a porta. Ao se virar novamente, Dominick estava à sua frente.

Ela levou a mão ao peito.

— Você me assustou.

Ele avançou. Por um instante ela pensou que o marido queria abraçá-la. Mas não. Ele dobrou os joelhos, a mão direita fechada em punho. Ele girou o corpo, usando os quadris para ganhar potência. Os nós de seus dedos golpearam-na num dos rins.

Joan abriu a boca, deixando escapar um grito silencioso. Seus joelhos se fecharam. Ela caiu. Dominick agarrou-a pelos cabelos. Levantou-a e preparou o punho. Atingiu-a novamente, com mais força.

Ela escorregou para o chão, como um saco de batatas.

— Você vai me dizer onde a Katie está — Dominick falou. E, então, tornou a golpeá-la.

Myron estava no carro, conversando ao telefone com Wheat Manson, seu ex-companheiro de time na Duke que agora trabalhava no departamento de admissão de novos alunos, na função de assistente do reitor, quando se deu conta de estar sendo novamente seguido.

Wheat Mason fora um veloz armador saído das ruas violentas de Atlanta. Adorara os anos em Durham, Carolina do Norte, e nunca mais voltara para casa. Os dois velhos amigos começaram falando de amenidades antes de Myron ir direto ao ponto.

— Preciso lhe perguntar uma coisa um pouco esquisita — Myron falou.

— Vá em frente.

— Não se ofenda.

— Então não me pergunte nada ofensivo — Wheat retrucou.

— Aimee Biel conseguiu entrar por minha causa? Wheat gemeu.

— Ah, não, você não acabou de me perguntar isso.

— Preciso saber.

— Ah, não, você não acabou de me perguntar isso.

— Ouça, esqueça a pergunta por um momento. Preciso que você me envie cópias de dois históricos escolares por fax. Um, de Aimee. Outro, de Roger Chang.

— Quem?

— Ele é outro aluno do Colégio Livingston.

— Deixe-me adivinhar. Roger não foi aceito.

— Ele tinha notas melhores, estava mais bem colocado.

— Myron?

— O quê?

— Não vamos fazer isso. Você me entende? É confidencial. Não vou lhe mandar cópias. Não vou discutir os candidatos. Devo lembrá-lo de que a admissão de alunos não é só uma questão de notas ou testes. Existem coisas intangíveis. Como dois caras que entraram na faculdade mais pela habilidade de meter uma bola na cesta do que por critérios de notas e classificação, nós deveríamos saber disso melhor do que ninguém. E agora, apenas levemente ofendido, vou dizer até logo.

— Espere, espere só um segundo.

— Não vou lhe mandar nada por fax.

— Você não precisa. Vou lhe contar uma coisa sobre os candidatos. Quero apenas que você cheque no computador e verifique se o que estou dizendo é verdade.

— Do que é que você está falando?

— Confie em mim, Wheat. Não estou lhe pedindo informações. Estou apenas lhe pedindo para confirmar uma coisa.

Wheat suspirou.

— Não estou no escritório agora.

— Faça-o quando puder.

— Diga-me o que você quer que eu confirme.

Myron lhe explicou. E, enquanto falava, notou que o mesmo carro o estava acompanhando desde que saíra de Riker Hill.

— Você vai fazer o que estou pedindo?

— Você é um chato, sabia?

— Sempre fui — Myron concordou.

— E, mas você costumava ser um pivô experiente no centro do garrafão. Agora o que você tem a seu favor?

— Magnetismo selvagem e carisma sobrenatural?

— Vou desligar.

Ligação encerrada, Myron tirou o fone do ouvido e focou a atenção no carro uns sessenta metros atrás.

Que andava acontecendo com os detetives de hoje? Nos velhos tempos, um pretendente que o seguia enviava flores, ou bombons. O carro o estava acompanhando desde que saíra de Riker Hill. Provavelmente, um dos capangas de Dominick Rochester outra vez. Se Rochester mandara um homem segui-lo, possivelmente sabia que ele estivera com sua esposa. Myron ponderou se deveria ligar para Joan Rochester, avisá-la. Acabou decidindo-se contra. Conforme Joan mencionara, ela estava com o marido havia muito tempo. Saberia como lidar com a situação.

Myron estava na avenida Northfield, rumando para Nova York. Não tinha tempo para isso, mas precisava se livrar de quem o seguia o mais rápido possível. Nos filmes, a tática usada seria uma corrida louca pelas ruas e manobras de todo tipo, com conversões alucinadas. Isso realmente não se aplicava na vida real, em especial quando você tem de chegar a um lugar depressa e não quer atrair policiais.

Todavia, sempre existem meios.

Drew Van Dyne morava em West Orange, não muito longe dali. Zorra já devia estar no local. Myron pegou o celular e ligou. Zorra atendeu ao primeiro toque.

— Alô, bonitão — Zorra falou.

— Presumo que não tem havido movimento na casa de Van Dyne.

— Você presume corretamente, bonitão. A Zorra só fica e fica sentada. Tão entediante para a Zorra.

Zorra sempre se referia a si mesma na terceira pessoa. Tinha voz rouca, sotaque carregado e muito catarro no peito. Não se tratava de um som agradável.

— Um carro está me seguindo — Myron falou.

— E a Zorra pode ajudar?

— Ah, sim. Definitivamente, a Zorra pode ajudar.

Myron explicou seu plano — seu assustadoramente simples plano. Zorra riu e começou a tossir.

— Então, a Zorra gosta? — Myron indagou, caindo, como frequentemente acontecia quando conversava com ela, naquele estilo zorra de falar.

— A Zorra gosta. A Zorra gosta muito.

Como levariam alguns minutos para montar a cena, Myron fez várias voltas desnecessárias. Dali a instantes, virava à direita, na via Pleasant Valley. Logo

avistou Zorra, defronte da pizzaria. Ela usava uma peruca de cabelos longos e loiros e fumava um cigarro metido numa piteira, parecendo Verónica Lake depois de uma noite de farra — se Verónica Lake medisse um metro e oitenta, tivesse barba por fazer como Homer Simpson e fosse muito, muito feia.

Zorra piscou à passagem de Myron e ergueu levemente um pé. Myron sabia o que havia naquele salto. Quando haviam se encontrado pela primeira vez, ela lhe ferira o peito com o estilete escondido ali. No fim, Win poupara a vida de Zorra — algo que surpreendera Myron imensamente. Agora, todos eles eram amigos. Esperanza comparava a situação aos seus tempos no ringue, quando um lutador reconhecidamente mau de repente se tornava bonzinho.

Myron estacionou alguns metros adiante de Zorra. Abaixou o vidro da janela para que pudesse escutar. Zorra estava parada perto de uma vaga. Portanto, era natural que o carro que o estivera seguindo estacionasse ali para tentar descobrir seu paradeiro.

O resto foi, conforme anunciado, assustadoramente simples. Zorra andou até a traseira do carro. Ela vinha usando saltos altos nos últimos quinze anos, mas ainda caminhava como um potro recém-nascido e zonzo.

Myron assistiu à cena pelo espelho retrovisor.

Zorra desembainhou o estilete escondido no salto e bateu o pé no pneu. Myron escutou a saída do ar. Rapidamente repetiu o procedimento no outro pneu traseiro. Então, fez algo que não estava no plano.

Esperou para ver se o motorista sairia do veículo e a abordaria.

— Não — Myron murmurou consigo mesmo. — Apenas vá embora.

Fora claro nas instruções. Fure os pneus e corra. Não se meta numa briga. Zorra era letal. Se o sujeito saísse do carro — provavelmente algum machão acostumado a quebrar cabeças —, Zorra faria picadinho dele. Esqueça-se da moralidade por alguns instantes. Eles não precisavam chamar aquele tipo de atenção policial.

O motorista valentão berrou:

— Ei! O que é que... — e ensaiou sair do veículo,

Myron enfiou a cabeça para fora da janela. Zorra sorria e arqueava os joelhos de leve. Myron gritou. Zorra virou a cabeça e fitou-o, a expressão do rosto já revelando ansiedade, a gana de atacar. Myron fez que não com a cabeça, vigorosamente.

Outro segundo se passou. O valentão saiu do carro.

— Sua vaca estúpida!

Myron continuou movimentando a cabeça em negativa, com mais urgência agora. O fulano deu um passo à frente. Relutante, Zorra assentiu para Myron.

E correu.

— Ei! — O machão pôs-se a segui-la. — Pare!

Myron ligou o motor. O fulano olhou para trás, incerto sobre o que fazer. Então, tomou a decisão que provavelmente lhe salvou a vida.

Correu de volta para seu carro.

Porém, com os pneus traseiros cortados, não iria a lugar nenhum.

Myron retomou a estrada, a caminho de seu encontro com a desaparecida Katie Rochester.

CAPÍTULO 41

Drew Van Dyne encontrava-se na sala de estar de Big Jake Wolf e tentava planejar seu próximo passo.

Jake lhe oferecera uma Corona Light. Uma Corona de verdade, tudo bem. Mas cerveja mexicana light! Por que não servir logo água misturada com urina? De qualquer maneira, sorveu a bebida.

A sala fedia a Big Jake. Sobre a lareira, uma cabeça de veado. Troféus de ténis e golfe alinhados sobre a cornija. O tapete era algum tipo de pele de urso. A TV, imensa, no mínimo cento e setenta polegadas, com alto-falantes minúsculos e caros espalhados por todo lado. Algum clássico pop ecoava do som digital. Uma máquina de pipoca, de parque de diversões, com luzes brilhantes, estava num canto. Havia estatuetas de ouro horrendas e samambaias aqui e ali. Tudo fora escolhido não baseado em moda ou função, mas de acordo com o que pareceria mais ostensivo e caro.

Num dos lados da mesa havia uma fotografia da esposa gostosa de Jake Wolf. Drew deu uma olhada e meneou a cabeça. Na foto, Lorraine Wolf vestia biquini. Outro dos troféus de Jake, supunha. A foto da própria esposa de biquini na sala — quem, diabos, faz uma coisa desstas?

— Conversei com o Harry Davis — Wolf comentou. Ele também bebia uma Corona Light, com uma rodela de limão boiando. Van Dyne tinha uma regra para o consumo de álcool: se a cerveja precisa de fruta, escolha outra cerveja. — Ele não vai falar.

Drew nada disse.

— Você não acredita?

Drew deu de ombros, bebeu a cerveja.

— É ele quem tem mais a perder.

— Você acha?

— Você, não?

— Lembrei o Harry disso. Sabe o que ele respondeu? Jake encolheu os ombros.

— Que talvez Aimee Biel seja quem tenha mais a perder. — Drew pôs a cerveja na mesa, propositadamente fora do porta-copos. — O que você pensa?

Big Jake apontou um de seus dedos grossos para Drew.

— E de quem, então, seria a culpa? Silêncio.

Jake caminhou até a janela. Mostrou a casa ao lado.

— Você está vendo aquele lugar ali?

— Sim.

— É uma mansão maldita.

— Você não está nada mal aqui, Jake.

— Mas não daquele jeito.

Drew teria argumentado que tudo é relativo, que ele, Drew Van Dyne, morava sozinho num buraco menor que a garagem de Wolf, mas por que se dar ao trabalho? Também poderia argumentar que não possuía uma quadra de ténis, ou três carros, ou estatuetas de ouro, ou um home theater, ou mesmo uma esposa desde sua separação, quanto mais uma com um corpo gostoso o bastante para posar de biquini.

— Ele é um advogado bem-sucedido — Jake continuou, sem alterar o tom de voz. — Estudou em Yale e nunca deixa ninguém se esquecer disso. Tem um adesivo de Yale no vidro do carro. Usa camisetas de Yale quando faz as corridas diárias. É o anfitrião de festas para o pessoal de Yale. Entrevista aspirantes a entrar em Yale na mansão dele. O filho é um drogado, mas adivinha em qual universidade ele vai entrar?

Drew Van Dyne se remexeu na cadeira.

— O mundo não é um mar de rosas, Drew. Você precisa de uma brecha. Ou tem de cavar uma. Você, por exemplo, queria ser um astro de rock. Os caras que conseguiram — que vendem milhões de CDs e lotam estádios —, você acha que eles são mais talentosos que você? Não. A grande diferença, talvez a única diferença, é que estavam dispostos a tirar vantagem de alguma situação. Eles se aproveitaram de algo. E você, não. Você sabe qual é a maior verdade do mundo?

Drew percebia não ser possível impedi-lo de continuar. Mas tudo bem. O homem estava falando. Estava revelando coisas a seu próprio modo. Começava a entender a situação. E já fazia ideia sobre onde a conversa acabaria.

— Não. Qual é?

— Atrás de toda grande fortuna existe um grande crime. Jake se calou, deixando suas palavras serem absorvidas. Drew respirava com dificuldade.

— Você vê alguém montado em dinheiro —Jake Wolf prosseguiu—, um Rockefeller, um Carnegie, ou alguém desse naipe. Quer saber a diferença entre eles e nós? Um dos bisavós deles trapaceou, ou roubou, ou matou. O fulano tinha colhões, claro. Porém ele compreendia que o mundo nunca é um mar de rosas. Você quer uma oportunidade, faça-a você mesmo. Depois, então, venha com aquela história fictícia de trabalho duro, de trabalho árduo, para enganar as massas.

Drew Van Dyne lembrou-se do aviso: Não faça nenhuma besteira. Está tudo sob controle.

— Esse Bolitar — Drew falou. — Você já mandou os seus amigos policiais baterem nele. O sujeito não recuou.

— Não se preocupe com ele.

— Isso não ajuda muito, Jake.

— Bem, vamos nos lembrar de quem é a culpa.

— Do seu filho.

— Ei! — Outra vez Jake apontou um de seus dedos grossos. — Deixe o Randy fora disso.

— É você quem está querendo achar alguém para botar a culpa.

— O Randy vai para Dartmouth. É um assunto resolvido. Ninguém, muito menos uma vadia qualquer, vai estragar isso.

Drew inspirou profundamente.

— Mesmo assim, a questão permanece. Se o Bolitar continuar fuçando, o que vai encontrar?

Jake Wolf o encarou.

— Nada.

Drew Van Dyne sentiu um arrepio na base da espinha.

— Como você pode ter certeza?

Wolf nada respondeu.

— Jake?

— Não se preocupe com isso. Como falei, o meu filho está a caminho da universidade. Ele já deixou tudo para trás.

— Você também disse que por trás de toda grande fortuna existe um grande crime.

— Edaí?

— Ela não significa nada pra você, não é, Jake?

— Não se trata dela. Trata-se do Randy. Do futuro dele.

Jake Wolf deu as costas para a janela, para a mansão do vizinho da universidade de primeira linha. Drew procurou ordenar os pensamentos, dominar as emoções. Fitou o outro homem. Pensou no que ele dissera, no significado de tudo aquilo. Lembrou-se novamente do telefonema recebido, avisando-o.

— Jake?

— O quê?

— Você sabia que Aimee Biel está grávida?

O silêncio caiu sobre a sala. Uma outra canção começou a tocar, um velho sucesso do Supertramp. Jake Wolf virou a cabeça lentamente.

Drew Van Dyne pôde constatar que a notícia fora uma surpresa.

— Isso não muda nada — Jake falou.

— Acho que talvez mude, sim.

— Como?

Drew Van Dyne estendeu a mão para o coldre que trazia no ombro. Tirou a

arma e apontou-a para Jake Wolf.

— Adivinhe.

CAPÍTULO 42

A fachada do prédio, numa área ainda não restaurada do Queens, era um salão de manicure chamado Nail-R-Us. A construção tinha aquele aspecto decrépito, como se à beira de desmoronar. A camada de ferrugem nas saídas de emergência era tão grossa que o tétano parecia uma ameaça muito maior do que inalação de fumaça. Cada janela, fechada com venezianas pesadas ou pranchas de madeira. A estrutura de quatro andares ocupava quase toda a largura do quarteirão.

— Eles têm dois homens armados postados nas janelas — Win comentou.

— O serviço de manicure deve ser da pesada.

— E mais. Os dois homens só tomaram posição depois que a srta. Rochester e o namorado voltaram.

— Estão preocupados com o pai — Myron falou.

— Seria a dedução lógica.

— Você sabe de alguma coisa sobre o lugar?

— A clientela é abaixo do meu nível de especialidade. — Win apontou para trás de Myron. — Mas não do dela.

Myron se virou. O sol poente estava bloqueado agora pelo que parecia um eclipse. Big Cyndi se aproximava devagar. Inteiramente vestida de lycra branca. Justíssima. Sem roupa íntima. Tragicamente, isso era óbvio. Numa modelo de dezessete anos, o macacão colante já seria um erro da moda. Numa mulher de quarenta, de mais cem quilos... bem, exigia coragem. Muita. Tudo balançava enquanto ela bamboleava na direção dos dois: partes variadas do corpo davam a impressão de ter vida própria, moviam-se em seu próprio ritmo, como se dúzias de animais estivessem presos num balão branco, contorcendo-se para achar um jeito de sair.

Big Cyndi beijou Win no rosto. Então, virou-se, dizendo:

— Olá, sr. Bolitar. — Ela o abraçou.

Myron sentiu-se como se embrulhado em fita isolante.

— Oi, Big Cyndi. Obrigado por vir tão depressa.

— Quando você chama, sr. Bolitar, eu corro.

O rosto dela permaneceu sereno. Myron nunca sabia quando Big Cyndi estava falando sério ou não.

— Você conhece esse lugar? — Ele perguntou.

— Sim.

Ela suspirou fundo. Big Cyndi usava batom branco, algo assim como saído de um documentário sobre Elvis. Sua maquiagem cintilava. As unhas estavam pintadas de uma cor que ela certa vez dissera chamar-se PinotNoir. Em outra

época, Big Cyndi fora a vilã da luta livre profissional. Encaixara-se no perfil. Para aqueles que nunca assistiram a luta livre profissional, trata-se apenas de uma encenação da moral, do bem contra o mal. Durante anos, Big Cyndi havia sido uma "guerreira" do mal, denominada Vulcão Humano. Então, certa noite, num embate particularmente duro, Big Cyndi "ferira" a adorável e ágil Esperanza "Pequena Pocahontas" Diaz com uma cadeira — "ferira" tão seriamente que a ambulância falsa entrara em cena e a Pequena Pocahontas fora posta na maca, com o pescoço imobilizado. Do lado de fofa, uma multidão de fãs enfurecidos a aguardava.

Quando Big Cyndi saíra, a turba atacara.

Eles poderiam tê-la matado. Estavam bêbados e inflamados, a equação realidade versus ficção parecendo não funcionar. Big Cyndi tentara correr, mas fora impossível escapar. Ela lutara bem e arduamente, porém dúzias de pessoas queriam seu sangue. Alguém a atingira com uma câmera, uma bengala, uma bota. A turba avançara. Big Cyndi caíra no chão. Começaram a pisoteá-la.

Vendo aquele linchamento, Esperanza tentara interferir. A multidão a ignorara. Nem mesmo sua lutadora preferida não poderia aplacar a sede de sangue. Então, Esperanza fizera algo realmente inspirado.

Pulara em cima de um carro e "revelara" que Big Cyndi apenas estivera fingindo ser má. A turba quase estancara. Além disso, Esperanza anunciara, Big Cyndi era, na realidade, a irmã há muito perdida da Pequena Pocahontas, a Cacique Big Mama. Sim, um apelido capenga, mas, caramba, ela estava conseguindo pôr a coisa para funcionar. Pequena Pocahontas e a irmã estavam agora se reunindo e formando uma dupla.

A multidão aplaudira. Então, os fãs ajudaram Big Cyndi a se levantar.

Cacique Big Mama e Pequena Pocahontas passaram a ser a dupla mais popular da luta livre feminina. O mesmo enredo se repetia semanalmente: Esperanza começava vencendo o embate, valendo-se de suas habilidades técnicas. Suas oponentes apelavam para um golpe sujo, como jogar-lhe areia nos olhos ou usar um objeto ilegal. Então, as duas malvadas se jogavam sobre a pobre e indefesa Pocahontas enquanto alguém distraía Cacique Big Mama. A bela sensual era surrada até a alça do biquini de couro se rasgar. Ato contínuo, Cacique Big Mama soltava seu grito de guerra e entrava em cena para salvá-la.

Entretenimento de massas.

Após abandonar o ringue, Big Cyndi tornara-se leão-de-chácara e, às vezes, apresentava-se nos palcos de clubes de sexo de quinta categoria. Ela conhecia o lado sombrio das ruas, e era com isso que estavam contando agora.

— Então, que lugar é esse? — Myron perguntou. Big Cyndi franziu o cenho.

— Fazem muitas coisas aqui, sr. Bolitar. Vendem drogas, armam esquemas de

fraude pela internet, mas, principalmente, aqui funcionam clubes de sexo.

— Clubes? — Myron repetiu. — No plural?

— Sim. Provavelmente de seis ou sete tipos diferentes. Lembra-se de alguns anos atrás, quando a Rua 42 estava decadente, cheia de parasitas?

— Bem, quando foram forçados a sair, adivinha para onde os parasitas foram?

— Para cá? — Myron olhou o salão de manicure.

— Para cá, para lá, para todo lugar. Não se matam parasitas, sr. Bolitar. Eles simplesmente se mudam para um novo hospedeiro.

— E este é o novo hospedeiro?

— Um deles. Aqui, bem neste prédio, é oferecido um serviço exclusivo que atende a gostos variados.

— Quando você diz serviço exclusivo...

— Por exemplo: se você gosta de loiras, vá ao Golden Blonde, (Nota: Garota Dourada). no segundo andar, extrema direita. Se o seu negócio são homens negros, dirija-se ao terceiro andar, até um lugar... dessa você vai gostar... chamado Malcolm Sex.

Myron fitou Win. Win deu de ombros.

Big Cyndi continuou, com sua entonação de guia turístico.

— Aqueles que têm fetiche por asiáticas vão gostar do Joy Suck Club. (Nota: Clube Chupada Alegre).

— É — falou Myron —, acho que já entendi. Então, como vou entrar e encontrar a Katie Rochester?

Big Cyndi refletiu por alguns instantes.

— Posso fingir que estou procurando trabalho.

— Como é que é?

Big Cyndi apoiou os punhos enormes nos quadris, o que significava estarem a uns dois metros de distância um do outro.

— Nem todos os homens, sr. Bolitar, têm fetiche por mulheres pequenas.

Myron fechou os olhos, esfregou a ponta do nariz.

— Certo, o.k., talvez. Alguma outra ideia?

Win aguardava, paciente. Myron sempre pensara que Win seria intolerante com Big Cyndi, porém, anos atrás, Win o surpreendera argumentando o óbvio. "Um dos nossos piores e mais aceitos preconceitos é contra mulheres gordas. Nós nunca as enxergamos além da gordura." E era verdade. Myron se sentira profundamente envergonhado quando Win expusera a verdade. Então, começara a tratar Big Cyndi como deveria — como tratava todas as outras pessoas. O que a irritara. Certa vez, quando lhe sorrira, Big Cyndi o acertara com força no ombro — com tanta força que ficou sem poder levantar o braço por dois dias — e gritara: "Pára com isso!".

— Talvez vocês devessem tentar uma abordagem mais direta — Win sugeriu. — Vou ficar aqui fora. Mantenham os celulares ligados. Você e a Big Cyndi entram e tentam convencê-los a abrir caminho.

Big Cyndi concordou.

— Podemos fingir que somos um casal em busca de um ménage à trois.

Myron ia falar algo quando Big Cyndi se adiantou:

— Brincadeirinha.

— Eu sabia.

Arqueando uma sobrancelha brilhante, Big Cyndi inclinou-se sobre ele. A montanha indo a Maomé.

— Mas, agora que plantei a mais erótica das sementes, sr. Bolitar, talvez você possa achar difícil executar o ato com uma mulher delicada.

— Dou um jeito. Vamos.

Myron entrou no prédio. Um homem negro, de óculos escuros de grife, mandou-o parar. O sujeito, usando um fone no ouvido como se fosse do serviço secreto, revistou-o de alto a baixo.

— Caramba — exclamou Myron. — Tudo isso para um serviço de manicure?

O fulano tomou o celular de Myron.

— Fotos são proibidas.

— Não é um celular com câmera.

— Na saída você o pega de volta — o outro retrucou, sorrindo.

Sorriso substituído por uma expressão semelhante a terror quando Big Cyndi cruzou a soleira da porta, como um gigante entrando numa casinha de bonecas. Ela se posicionou bem ereta, os braços estendidos para o alto, as pernas abertas. A lycra branca se distendeu como que em pura agonia. Big Cyndi piscou para o negro.

— Reviste-me, grandão. Estou abarrotada.

O macacão era justo o bastante para parecer uma segunda pele. Se Big Cyndi realmente estava carregando algo consigo, o homem não queria descobrir onde.

— Você está o.k., senhorita. Entre.

Myron pensou novamente no que Win falara, sobre aceitação de preconceitos. Houvera algo de pessoal naquelas palavras, porém, quando Myron tentara pressioná-lo, Win encerrara o assunto. Ainda assim, quatro anos atrás, Esperanza propusera que Big Cyndi assumisse alguns clientes. À exceção de Myron e Esperanza, era ela quem trabalhava na MB Rep fazia mais tempo. Portanto, a sugestão fazia sentido. Entretanto, Myron sabia que seria um desastre. E fora. Ninguém se sentira confortável com Big Cyndi representando-os.

Culpavam suas roupas bizarras, a maquiagem, a maneira de falar (ela gostava de rosnar), contudo, ainda que Big Cyndi tivesse se livrado de tudo isso, teria

feito diferença?

O negro levou a mão ao ouvido. Alguém estava lhe falando. De repente, ele segurou Myron pelo ombro.

— O que posso fazer para ajudá-lo, senhor? Myron decidiu-se pela abordagem direta.

— Estou procurando por uma mulher chamada Katie Rochester.

— Não há ninguém aqui com esse nome.

— Não, ela está aqui — Myron afirmou. — Entrou por essa mesma porta uns vinte minutos atrás.

— Você está me chamando de mentiroso? — Um passo à frente, ameaçador.

Mesmo sabendo que isso não ajudaria em nada, Myron sentiu-se tentado a dar uma joelhada na virilha do fulano.

— Olhe, podemos entrar nessa de machão, mas de que serviria? Sei que ela entrou. Sei por que está se escondendo. Não quero causar nenhum mal a ela. Podemos lidar com a situação de dois modos. Primeiro, ela conversa comigo rapidamente, e ponto-final. Não falarei nada sobre o paradeiro dela. Segundo, bem, tenho vários homens posicionados lá fora. Você me põe para fora, e eu ligo para o pai dela. Ele trará muitos mais. A coisa fica feia. Nenhum de nós precisa disso. Eu quero apenas conversar.

O segurança continuou impassível.

— Um outro detalhe — Myron insistiu. — Se a Katie está com medo de que eu trabalhe para o pai, pergunte o seguinte a ela: se o sr. Rochester soubesse que a filha está aqui, seria assim tão sutil para abordá-la?

Mais hesitação.

Myron abriu os braços.

— Estou na sua área. Estou desarmado. Que problema eu poderia causar?

— Você terminou?

— Talvez também estejamos interessados num ménage à trois — Big Cyndi comentou.

Myron a controlou com um olhar. Ela deu de ombros e ficou quieta.

— Espere aqui.

O homem caminhou até uma porta de aço, tocou a campainha, entrou. Demorou uns cinco minutos. Um sujeito careca, de óculos, entrou na sala. Estava nervoso. Big Cyndi começou a lhe lançar olhares, lamber os lábios. Ela pegou no que talvez fossem seus seios.

Myron sacudiu a cabeça, receoso de que Big Cyndi caísse de joelhos e fizesse uma pantomima de Deus-sabe-o-quê. Por sorte, a porta se abriu. O negro de óculos escuros meteu a cabeça pela fresta.

— Venha comigo — falou, apontando para Myron. Então, virou-se para Big

Cyndi. — Sozinho.

Big Cyndi não gostou nada. Acalmando-a com um olhar, Myron passou para a outra sala. A porta de aço se fechou às suas costas.

Havia quatro deles. Tamanhos variados. Montes de tatuagens. Alguns sorriam. Outros tinham carrancas. Todos vestiam jeans e camisetas pretas. Nenhum estava barbeado. Myron tentou descobrir quem seria o líder. Numa briga de grupo, a maioria das pessoas acredita, equivocadamente, que você procura o elo mais frágil. Esse é sempre o movimento errado. Além do mais, se os caras são bons, não importa quem você escolha.

Quatro contra um num espaço apertado. Você está acabado.

Myron notou um homem um pouco à frente dos outros. Tinha cabelos escuros e mais ou menos se encaixava na descrição do namorado de Katie Rochester feita tanto por Win quanto por Edna Skylar.

Olhando-o fixamente, Myron indagou:

— Você é estúpido?

O fulano franziu o cenho, surpreso e insultado.

— Você está falando comigo?

— Se eu disser "Sim, estou falando com você", será o fim desta bobagem ou você virá com um "É melhor você não estar falando comigo"? Porque, de fato, nenhum de nós dois tem tempo pra isso.

O homem sorriu.

— Você deixou uma opção de fora.

— Qualé?

— A opção três. — Ele ergueu três dedos, caso Myron desconhecesse o significado da palavra três. — Nós vamos garantir que você não possa contar ao pai dela.

Ele sorriu largamente. Os outros sorriram largamente. Myron abriu os braços e disse:

— Como?

— Hein?

— Como vocês vão ter certeza disso? Pretendem pular em cima de mim? É esse o plano? A única maneira de me calar seria me matando. Vocês estão dispostos a ir tão longe? E a minha adorável parceira na outra sala? Vão matá-la também? E os meus outros amigos — por que não exagerar no plural? — que estão lá fora? Vão matá-los também? Ou será que o plano é, digamos, me surrar e me ensinar uma lição? Se for o caso, saibam que, um: não sou bom aprendiz. Pelo menos não desse jeito. Dois: estou olhando para todos vocês e memorizando os seus rostos. Portanto, se me atacarem, é melhor se certificarem de que me deixarão morto, porque senão irei atrás de cada um à noite, quando

estiverem dormindo, amarrarei cada um, despejarei querosene nas calças e atearei fogo.

Myron Bolitar, Mestre do Melodrama. Porém ele manteve o olhar firme enquanto estudava os rostos dos quatro cuidadosamente.

— E então? — Myron instigou. — É essa a opção três?

Um dos homens remexeu os pés. Um bom sinal. Outro lançou um olhar de esguelha para um companheiro. O fulano de cabelos escuros tinha algo semelhante a um sorriso na face. Alguém bateu à porta. Ele a entreabriu alguns centímetros, conversou com quem estava do outro lado, fechou a porta e se virou para Myron, dizendo:

— Você é bom.

Myron conservou a boca fechada.

— Venha por aqui.

Ele abriu a porta e fez sinal para que Myron fosse à frente. Entraram numa sala com paredes vermelhas. Todas cobertas com ilustrações pornográficas e pósteres de filmes pornôs. Havia um sofá de couro preto, duas cadeiras dobráveis e um abajur. E, sentada no sofá, parecendo aterrorizada, porém ilesa, ninguém menos que Katie Rochester.

CAPÍTULO 43

Edna Skylar estava certa, Myron pensou. Katie Rochester parecia, de alguma maneira, mais velha, mais madura. Girava um cigarro entre os dedos, sem, no entanto, acendê-lo.

O homem de cabelos escuros estendeu a mão.

— Rufus.

— Myron.

Os dois apertaram-se as mãos. Rufus sentou-se no sofá, perto de Katie, e tirou-lhe o cigarro dos dedos.

— Você não pode fumar nesse estado, querida. — Então, ele levou o cigarro à boca, acendeu-o, apoiou os pés na mesinha de centro e soltou uma longa baforada.

Myron permaneceu de pé.

— Como você me encontrou? — Katie perguntou.

— Isso não importa.

— A mulher que me viu no metro. Ela falou alguma coisa, não foi?

Myron não respondeu.

— Droga. — Meneando a cabeça, Katie pôs a mão na coxa de Rufus. — Vamos ter de achar um outro lugar agora.

— O quê? — Myron exclamou, apontando para o póster de uma mulher nua e com as pernas abertas. — E deixar tudo isso para trás?

— Não tem graça — Rufus interveio. — A culpa é sua, cara.

— Preciso saber onde está Aimee Biel.

— Eu já falei — Katie argumentou. — Não sei.

— Você sabe que ela desapareceu também?

— Eu não desapareci. Fugi de casa. Escolha minha.

— Você está grávida.

— Verdade.

— A Aimee também está.

— E daí?

— E daí que as duas estão grávidas, as duas estudam no mesmo colégio, as duas fugiram de casa ou desapareceram...

— Um milhão de garotas grávidas fogem de casa todo ano.

— E sacam dinheiro no mesmo caixa eletrônico? Katie Rochester se endireitou no sofá.

— O quê?

— Antes de fugir, você passou num caixa eletrônico...

— Passei num monte de caixas eletrônicos. Precisava de dinheiro para fugir.

— Como é que é? O Rufus aqui não podia ajudá-la?

— Vá para o inferno, cara — Rufus falou.

— O dinheiro era meu — Katie afirmou.

— De quantos meses você está grávida?

— Não é da sua conta. Nada disso é da sua conta.

— O último caixa eletrônico em que você sacou dinheiro foi o do Citibank, na Rua 52.

— E daí?

Katie Rochester soava mais jovem e mais petulante a cada resposta.

— E daí que o caixa eletrônico em que a Aimee sacou dinheiro antes de desaparecer é o do Citibank na Rua 52.

Agora Katie parecia genuinamente intrigada. Não era fingimento. Ela não soubera disso. Devagar, virou-se para o namorado, os olhos estreitados.

— Ei — Rufus reagiu —, não olhe pra mim.

— Rufus, você...?

— Eu o quê? — Rufus jogou o cigarro no chão, pisoteou-o, levantou a mão como se fosse esbofeteá-la. Myron postou-se no meio dos dois. Rufus parou, sorriu, ergueu as palmas das mãos num arremedo de capitulação.

— Tudo bem, gata.

— Do que ela estava falando? — Myron perguntou.

— Nada. Está acabado. — Rufus fitou a namorada. — Desculpe-me, gata. Você sabe que eu nunca bateria em você, não é?

Katie nada dissera. Myron tentou interpretar a expressão de seu rosto. A garota não estava se encolhendo de medo, mas havia algo ali, algo que vira no rosto da mãe. Ele inclinou o corpo, ficando no mesmo nível da menina.

— Você quer que eu a tire daqui? — indagou.

— O quê? — Katie levantou a cabeça. — Não, claro que não. Nós nos amamos.

Myron tornou a fitá-la, novamente tentando achar sinais de aflição. Não percebeu nada.

— Vamos ter um filho — ela declarou.

— Por que você olhou para o Rufus daquele jeito? Quando mencionei o caixa eletrônico?

— Besteira. Esqueça.

— De qualquer modo, diga-me.

— Eu pensei... mas estava errada.

— Você pensou o quê?

Rufus tornou a pôr os pés sobre a mesinha.

— Tudo bem, gata. Pode falar.

Katie Rochester conservou o olhar baixo.

— Foi só, tipo, uma reação, sabe?

— Reação a quê?

— O Rufus estava comigo. É isso. Foi ideia dele usar o último caixa eletrônico. Pensou que, por estarmos no centro da cidade, seria difícil nos rastrear até aqui.

Rufus arqueou uma sobrancelha, orgulhoso de sua esperteza.

— Mas é o seguinte: o Rufus tem um monte de garotas trabalhando para ele. E, se elas têm dinheiro, imagino que ele leve as meninas até um caixa eletrônico para sacarem a grana. Ele é dono de um dos clubes daqui, chamado Barely Legal. E para homens que querem meninas ainda...

— Acho que posso imaginar o que eles querem. Continue.

— Todas as garotas têm mais de dezoito anos — Rufus frisou, erguendo um dedo.

— Tenho certeza de que a sua mãe deve ser a inveja das amigas do clube de leitura, Rufus. — Myron voltou-se para Katie. — Então, você pensou...

— Eu não pensei. Como disse, apenas reagi. Rufus tirou os pés da mesa.

— Ela pensou que talvez essa Aimee fosse uma das garotas. E não é. Olhe, essa é a mentira que eu vendo. As pessoas pensam que essas meninas fugiram de suas fazendas ou de suas casas no interior para tentar a sorte na cidade grande e se tornarem atrizes, dançarinas, ou seja lá o que for. Quando fracassam, têm de apelar para sobreviver. Eu vendo essa fantasia. Quero que os caras pensem que estão com alguma filha de fazendeiro, se isso os excita. Mas a verdade é que elas são apenas drogadas. As mais sortudas acabam trabalhando em filmes — ele apontou para o póster —, e as mais feias trabalham nos quartos. Simples assim.

— Então, você não recruta essas garotas em colégios? Rufus riu.

— Quisera eu. Você quer saber onde recruto as meninas? Myron esperou.

— Nas reuniões dos AA. Ou em clínicas de desintoxicação. Esses lugares são como o "teste do sofá", entende? Sento-me lá atrás, bebo aquele café horrível e escuto. Então, falo com elas durante o intervalo, dou-lhes um cartão e espero até terem uma recaída. Elas têm recaídas. E lá estou eu, pronto para resgatá-las.

Myron olhou para Katie.

— Uau, ele é extraordinário.

— Você nem o conhece de verdade — ela respondeu.

— É, tenho certeza de que ele é profundo. — Myron sentiu uma coceira nos dedos outra vez, mas tratou de contê-la. — Como vocês dois se conheceram?

Rufus meneou a cabeça.

— Não foi desse jeito.

— Estamos apaixonados — Katie falou. — O Rufus conhece o meu pai por causa dos negócios. Ele veio a nossa casa uma vez, e nos nos vimos... — Ela sorriu, parecendo bonita e jovem e feliz e tola.

— Amor à primeira vista — Rufus ecoou. Myron se limitou a fitá-lo.

— Qual é o problema? — Rufus o interpelou. — Você não acredita nisso?

— Não, Rufus, você parece um bom partido.

— Isso aqui é só um trabalho pra mim. Só. A Katie e o bebé são a minha vida. Você entende?

Myron nada respondeu. Tirando do bolso uma foto de Aimee Biel, mostrou-a a Rufus.

— Dê uma olhada. Ele lhe obedeceu.

— Ela está aqui?

— Cara, juro pelo meu filho que vai nascer que nunca vi essa menina antes e não sei onde ela está.

— Se você estiver mentindo...

— Vamos parar com ameaças, certo? O que você tem aí é uma garota desaparecida, certo? A polícia quer a menina. Os pais querem a menina. Você acha que eu quero essa encrenca?

— Você está com uma garota desaparecida bem aqui — Myron devolveu. — O pai dela moverá céus e terras para encontrá-la. E a polícia está interessada também.

— Mas é diferente. — O tom de Rufus soou suplicante. — Eu amo a Katie. Faria qualquer sacrifício por ela. Você não vê? Mas essa garota... ela não vale isso. Se ela estivesse aqui, a devolveria no ato. Não preciso desse tipo confusão.

O argumento fazia sentido. Um sentido triste e patético.

— A Aimee usou o mesmo caixa eletrônico — Myron tornou a dizer. — Você tem alguma explicação para isso?

Ambos movimentaram a cabeça em negativa.

— Vocês contaram a alguém?

— Sobre o caixa eletrônico? — Katie indagou.

— Sim.

— Acho que não.

Myron se ajoelhou novamente.

— Preste atenção, Katie. Eu não acredito em coincidências. Tem de haver um motivo para a Aimee ter ido ao mesmo caixa eletrônico. Tem de haver uma conexão entre vocês duas.

— Eu nem conheço a Aimee direito. Frequentamos a mesma escola, mas nunca saímos juntas ou algo assim. As vezes eu a via no shopping, mas nem nos cumprimentávamos. No colégio ela estava sempre com o namorado.

— Randy Wolf.

— É.

— Você o conhece?

— Claro. É o Menino Dourado da escola. O papai rico sempre o tirou de encrencas. Você sabe qual é o apelido do Randy?

Myron se lembrou de algo que escutara no estacionamento do colégio.

— Farmboy, ou algo assim?

— Sim. E você sabe por que ele ganhou esse apelido?

— Não.

— É abreviatura de farmacêutico. O Randy é o maior fornecedor do Colégio Livingston. — Katie sorriu, então. — Espere, você quer saber da minha ligação com a Aimee Biel? Pois aqui vai a única que me ocorre: o namorado dela me vendeu trouxinhas de drogas.

— Espere aí. — Myron sentiu a sala começar a girar lentamente. — Você falou alguma coisa sobre o pai dele?

— O Big Jake Wolf. O figurão da cidade. Myron assentiu, quase com medo de prosseguir.

— Você falou algo sobre ele tirar o Randy de encrencas. — Sua própria voz parecia subitamente muito distante.

— Apenas um boato.

— Conte-me.

— O que você acha! Um professor pegou Randy vendendo no pátio. Denunciou-o aos policiais. O pai lhes pagou. Acho que também pagou ao professor. Todos deram risada, dizendo que não queriam arruinar o futuro brilhante do atacante do time de futebol.

— Quem era o professor?

— Não sei.

— Ouviu algum rumor a respeito?

— Não.

Todavia, Myron pensava ter uma ideia de quem se tratava.

Ele fez mais algumas perguntas, porém nada novo surgiu. Randy e Big Jake Wolf. A coisa tornara a voltar para eles. Tornara a voltar para o professor Harry Davis e para o "Professor de Música-Com-prador de Lingerie" Drew Van Dyne. A coisa tornara a voltar para aquela cidade, Livingston, e para como os jovens se rebelavam. Para quanta pressão havia sobre toda aquela garotada a fim de que fosse bem-sucedida.

No fim, Myron olhou para Rufus.

— Deixe-nos a sós por um instante.

— De jeito nenhum.

Mas Katie tinha recuperado um pouco do equilíbrio.

— Tudo bem, Rufus. Ele se levantou.

— Estarei atrás daquela porta — Rufus falou para Myron —, com os meus companheiros. Você me entendeu?

Myron engoliu a réplica e esperou até ficarem sozinhos. Pensou em Dominick Rochester, em como ele estava tentando encontrar a filha, em como talvez soubesse que Katie estava num lugar assim, com um homem feito Rufus, e como, talvez, sua reação exagerada — seu desejo de encontrar a filha — subitamente lhe parecia compreensível.

Inclinando-se junto ao ouvido da menina, Myron sussurrou:

— Posso tirá-la daqui.

Katie se afastou e fez uma careta.

— Do que você está falando?

— Sei que você quer escapar do seu pai, mas esse cara não é a solução.

— Como você sabe o que é a solução pra mim?

— Tenha dó, ele dirige um bordel. Quase bateu em você.

— O Rufus me ama.

— Posso tirá-la daqui.

— Eu não quero ir embora. Prefiro morrer a viver sem o Rufus. Fui clara?

— Katie...

— Saia daqui. Myron se levantou.

— Sabe de uma coisa? — Katie falou. — Talvez a Aimee seja mais parecida comigo do que você imagina.

— Como assim?

— Talvez ela também não precise ser resgatada. Ou, Myron pensou, talvez vocês duas precisem.

CAPÍTULO 44

Big Cyndi saiu a mostrar a fotografia de Aimee pela vizinhança, só para garantir. Aqueles empregados em atividades ilícitas não falariam com policiais ou com Myron, mas não se negariam a conversar com Big Cyndi. Ela tinha lá seus talentos. Myron e Win retornaram a seus carros.

— Você vai voltar para o apartamento? — Win perguntou. Myron fez que não com a cabeça.

— Tenho outras coisas a fazer.

— Eu me revezarei com a Zorra.

— Obrigado. — Então, lançando um olhar para o prédio: — É ruim deixá-la aqui.

— A Katie Rochester é adulta.

— Ela tem dezoito anos.

— Exatamente.

— Então, o que você está insinuando? Completados dezoito anos fica-se por conta própria? Nós só resgatamos adultos?

— Não — Win retrucou. — Resgatamos aqueles que podemos. Resgatamos aqueles em dificuldades. Resgatamos aqueles que pedem e precisam do nosso auxílio. Nós não, repetindo, não resgatamos aqueles que fazem escolhas com as quais não concordamos. Más escolhas fazem parte da vida.

Os dois continuaram andando.

— Você sabe que eu gosto de ler o jornal na cafeteria, não é? — Myron comentou.

Win assentiu.

— Todo adolescente que costuma ir pra lá fuma. Todos eles. Fico sentado, observando-os acender o cigarro e, de repente, penso comigo mesmo: "Myron, você deveria dizer algo". Acho que deveria abordá-los, desculpar-me pela interrupção e, então, suplicar que parem de fumar agora, porque a coisa só vai ficar mais difícil. Queria dar um chacoalhão para que entendessem o quanto estão sendo estúpidos. Queria falar para eles de pessoas que tinham vidas maravilhosas, como o Peter Jennings, por exemplo, um cara bacana segundo tudo o que ouvi falar a respeito... sobre como ele estava vivendo aquela vida incrível e como morreu porque começou a fumar quando era jovem. Queria repetir toda aquela ladainha dos problemas de saúde que vão enfrentar por causa do que estão fazendo hoje sem pensar.

Win nada falou. Olhou para a frente e continuou a andar.

— Mas aí penso que não devo meter o nariz na vida alheia. Eles não querem

escutar nada disso. E quem sou eu, de qualquer maneira? Sou só um cara. Não sou importante o bastante para fazê-los parar. Eles provavelmente me mandariam parar de encher o saco.

Então, claro, fico quieto. Olho para o outro lado, volto a ler o meu jornal e a tomar o meu café, enquanto aquela meninada perto de mim está se matando lentamente. E deixo que se matem.

— Nós escolhemos as nossas batalhas — Win afirmou. — Essa seria uma batalha perdida.

— Eu sei. Mas eis a questão: se eu dissesse alguma coisa para todos os garotos cada vez que os visse, talvez eu conseguiria aperfeiçoar a minha campanha antitabagista. Talvez eu conseguiria sensibilizar alguém. Talvez um deles pararia de fumar. Talvez a minha intromissão salvaria uma vida. E, então, me pergunto se permanecer quieto é a coisa certa... ou a coisa fácil.

— E então o quê?

— Como assim?

— Você vai fazer ponto nos fastfoods e repreender as pessoas por consumirem hambúrgueres? Quando vir uma mãe encorajando o filho obeso a comer a segunda porção gigante de batatas fritas, vai alertá-la sobre o futuro horrível que o menino terá?

— Não.

Win deu de ombros.

— O.k., esqueça tudo isso. Neste caso específico, exatamente agora, a poucos metros de onde estamos, há uma menina grávida naquele prostíbulo...

— ... a qual tomou uma decisão adulta — Win completou. Eles continuaram caminhando.

— É como a dra. Skylar me disse.

— Quem? — Win indagou.

— A mulher que viu a Katie perto do metro. Edna Skylar. Ela falou da preferência dela por pacientes inocentes. Ou seja, ela fez o juramento de Hipócrates e tudo o mais, mas, quando a coisa aperta, prefere trabalhar com alguém mais merecedor.

— Natureza humana — Win retrucou. — Imagino que você não tenha se sentido muito confortável.

— Não estou confortável com nada disso.

— Mas não é só a dra. Skylar. Você também age assim, Myron. Esqueça a culpa que a Claire lançou sobre os seus ombros. Neste exato momento, você está escolhendo ajudar a Aimee porque a tem como inocente. Se ela fosse um rapaz com um histórico de problemas relacionados a drogas, você estaria tão empenhado em encontrá-la? Claro que não. Todos nós escolhemos, gostemos

disso ou não.

— A coisa vai além.

— Como?

— Qual é a importância, na sua vida, da universidade em que você consegue entrar?

— O que é que isso tem a ver com o assunto?

— Tivemos sorte — Myron disse. — Entramos na Duke.

— Aonde você quer chegar?

— Consegui fazer com que a Aimee entrasse. Escrevi uma carta de recomendação, fiz um telefonema. Duvido de que ela teria sido aceita se não fosse por mim.

— Edaí?

— Pelo que a Maxine salientou, quando um estudante entra, outro é eliminado.

— É assim que funciona o mundo.

— O que não significa que esteja certo.

— Alguém tem de fazer uma escolha baseando-se num conjunto de critérios razoavelmente subjetivos. — Win deu de ombros. — Por que não deveria ser você?

— Não consigo deixar de pensar que isso tem ligação com o desaparecimento da Aimee.

— A questão de ser aceita na universidade?

— Sim.

— Como?

— Ainda não sei.

Os dois se separaram. Myron entrou no carro e verificou as chamadas recebidas. Uma nova mensagem. Escutou-a.

"Myron? E Gail Berruti. A ligação sobre a qual você perguntou, aquela para a casa de Erik Biel." Ouviu-se um barulho na linha. "O quê? Droga, espere um instante."

Era a chamada que Claire recebera de uma voz robótica dizendo que Aimee estava bem. Segundos depois, Berruti continuava.

"Desculpe. Onde eu estava? Ah, a ligação foi feita de um telefone público em Nova York. De uma estação de metro na Rua 23. Espero que isso ajude."

Clique.

Myron refletiu durante alguns segundos. Bem no lugar onde Katie Rochester fora vista. Fazia sentido, supunha. Ou talvez, considerando o que acabara de descobrir, não fazia sentido algum.

O celular tocou. Wheat Manson ligando da Duke. Ele não parecia nada

satisfeito.

— O que é que está acontecendo, hein? — Wheat perguntou.

— O quê?

— A classificação que você me passou do garoto Chang. A informação confere.

— Quarto na classe dele, e e ele não conseguiu entrar?

— Vamos mesmo discutir esse assunto?

— Não, Wheat. Não vamos. E a classificação da Aimee?

— Esse é o problema.

Myron fez mais algumas perguntas antes de desligar.

As peças começavam a se encaixar.

Meia hora depois, ele chegava à casa de Ali Wilder, a primeira mulher em sete anos que dissera amar. Após estacionar, permaneceu no carro por um momento. Olhou para a casa, e uma infinidade de pensamentos lhe passou pela cabeça. Pensou no falecido marido de Ali, Kevin. Essa era a casa que ambos haviam comprado. Imaginava a cena. Ambos jovens, na companhia de um corretor de imóveis, visitando o local, escolhendo aquela casa para viver suas vidas e criar os filhos. Teriam ficado de mãos dadas enquanto percorriam o futuro lar? O que será que atraíra Kevin? Ou fora o entusiasmo de sua amada que o vencera? E por que estava pensando nessas coisas?

Ele havia dito a Ali que a amava.

Teria feito isso — dito "Eu te amo" — se Jéssica não o houvesse visitado na noite anterior?

Sim.

Tem certeza, Myron?

Seu celular tocou.

— Alô?

— Você pretende ficar sentado no carro a noite inteira? Seu coração decolou ao som da voz de Ali.

— Desculpe, eu só estava pensando.

— Em mim?

— Sim.

— Pensando no que você gostaria de fazer comigo?

— Bem, não exatamente. Posso começar agora, se você quiser.

— Não se dê ao trabalho. Já planejei tudo. Você apenas vai interferir naquilo que já planejei.

— Por favor, conte-me.

— Prefiro mostrar. Venha até a porta. Não bata. Não fale. Jack está dormindo e Erin está lá em cima, ao computador.

Myron desligou. Notou seu reflexo — o sorriso bobo — no espelho retrovisor. Tentou não correr até a porta, mas não pôde evitar o passo apressado. A porta se abriu à sua aproximação. Ali tinha os cabelos soltos. A blusa colante e vermelha chegava até o pescoço, pedindo para ser desabotoada.

Ali levou um dedo aos lábios.

— Psiu.

Ela o beijou demorada e vorazmente. Ele sentiu o beijo até a raiz dos cabelos. Seu corpo vibrava.

— As crianças estão lá em cima — ela sussurrou.

— Foi o que você disse.

— De maneira geral, não sou o tipo de correr riscos. — Ali o lambeu na orelha. Myron estremeceu de prazer. — Mas realmente, realmente, quero você.

Myron engoliu um gracejo. Os dois tornaram a se beijar. Ela o tomou pela mão, conduzindo-o pelo corredor. Fechou a porta da cozinha. Seguiram para a sala de estar íntima. Ali fechou outra porta.

— O sofá serve pra você? — Ela perguntou.

— Não me importaria nem se fosse uma cama de pregos ou uma quadra do Madison Square Garden.

Eles desabaram sobre o sofá.

— Duas portas fechadas — Ali murmurou, a respiração ofegante. Novamente se beijaram, as mãos buscando os corpos um do outro. — Ninguém poderá nos pegar de surpresa.

—Não é que alguém andou mesmo planejando? — Ele brincou.

— Praticamente o dia inteiro.

— Valeu a pena.

— Ah, espere e verá.

Eles não tiraram suas roupas. Esse foi o detalhe mais incrível. Claro, botões foram abertos e zíperes, abaixados. Mas continuaram com as roupas. E agora, enquanto arfavam abraçados, totalmente saciados, Myron falou a mesma coisa que dissera na primeira vez.

— Uau.

— Você tem um vocabulário e tanto.

— Nunca use uma palavra grande quando uma pequena basta.

— Eu poderia fazer uma piadinha, mas não o farei.

— Obrigado. — Então: —- Posso perguntar uma coisa? Ali se aconchegou.

— Qualquer coisa.

— Nós somos exclusivos um do outro? Ela o fitou.

— Pra valer?

— Imagino que sim.

— Parece-me que você está me pedindo pra ser sua namorada fixa.

— O que você diria se eu pedisse?

— Se me pedisse pra sermos namorados fixos?

— Claro, por que não?

— Eu exclamaria "Oh, sim!" e perguntaria se poderia escrever o seu nome no meu caderno e usar a sua jaqueta da equipe esportiva da universidade.

Ele sorriu.

— O fato de você me pedir isso tem algo a ver com as nossas trocas de "Eu te amo"?

— Acho que não. Silêncio.

— Somos adultos, Myron. Você pode sair com quem quiser.

— Não quero com mais ninguém.

— Então, por que está me pedindo isso só agora?

— Porque, bem... Hum, não penso com muita clareza quando estou num estado de... ah, você sabe... — Ele fez um gesto explicativo.

Ali revirou os olhos.

— Homens. O que estou querendo saber é por que nesta noite. Por que você está falando sobre exclusividade nesta noite?

Ele se debateu sobre o que dizer. Era totalmente a favor da sinceridade, mas será que queria mesmo abordar a visita de Jéssica?

— Apenas para esclarecer onde estamos. De repente, passos ecoaram na escada.

— Mãe!

Erin. Uma porta — a primeira das duas — foi aberta.

Myron e Ali se mexeram com uma velocidade que teria intimidado pilotos de corrida. Suas roupas estavam no lugar, porém, como um casal de adolescentes, certificaram-se de que cada botão fora fechado antes que a maçaneta girasse. Myron pulou para a outra extremidade do sofá quando Erin abriu a porta, ele e Ali tentando apagar o ar de culpa do rosto.

Erin invadiu a sala. A menina fitou Myron.

— Que bom que você está aqui. Ali terminou de ajeitar a saia.

— Algum problema, querida?

— É melhor vocês virem depressa — Erin falou.

— Por quê? O que está havendo?

— Eu estava ao computador, conversando com as minhas amigas. E bem agora... não faz um minuto... a Aimee entrou e disse oi pra mim.

CAPÍTULO 45

Eles correram para o quarto de Erin.

Myron subiu os degraus de três em três. A casa estremeceu. Ele não se importou. A primeira coisa que lhe chamou a atenção ao entrar no quarto foi quanto o cómodo lembrava o de Aimee. As guitarras, as fotos no espelho, o computador sobre a escrivaninha. As cores eram diferentes, havia mais almofadas e bichinhos de pelúcia, porém ninguém teria dúvida de que ambos os quartos pertenciam a colegiais com muito em comum.

Myron rumou para o computador, Erin seguindo-o, Ali logo atrás. Erin sentou-se à escrivaninha e apontou uma palavra.

GuitarlovurCHC.

— CHC é de Crazy Hat Care — Erin explicou —, o nome da banda que estamos formando.

— Pergunte a Aimee onde ela está — Myron disse. Erin digitou: ONDE VC ESTÁ? Então, apertou enter.

Dez segundos se passaram. Myron reparou no ícone com o perfil de Aimee. A banda Green Day. O descansa-tela com os Rangers de Nova York. Quando ela digitou o ícone do "som preferido", uma canção de Usher soou nos alto-falantes.

Não posso dizer. Mas estou bem. Não se preocupe.

Myron instruiu Erin:

— Diga que os pais dela estão aflitos. Que ela deveria telefonar para eles.

Erin digitou: SEUS PAIS ESTÃO SURTANDO. LIGA PRA ELES. Eu sei. Mas volto logo pra casa. Aí explico. Myron ponderou sobre como abordar a situação.

— Diga que estou aqui.

Erin digitou: O MYRON ESTÁ AQUI.

Longa pausa. O cursor piscava.

Pensei q vc estivesse sozinha.

DESCULPE. ELE ESTÁ AQUI. PERTO DE MIM.

— Erin, pergunte alguma coisa que somente ela saberia — Myron propôs.

— Como o quê?

— Vocês têm conversas particulares, não têm? Segredos?

— Claro.

— Não estou convencido de que seja a Aimee. Pergunte algo que apenas você e ela saberiam.

Erin pensou por alguns instantes. Depois digitou: POR QUEM EU TÔ APAIXONADA?

O cursor piscou. Aimee não ia responder. Myron estava certo disso. Então, GuitarlovurCHC digitou:

Ele finalmente chamou vc pra sair?!?!

Myron falou:

— Insista no nome.

— Já estou fazendo isso: QUAL É o NOME DELE? Tenho q sair.

Erin não precisou de sugestão: VC NÃO É A AIMEE. ELA SABERIA o NOME DELE.

Longa pausa. A mais longa até o momento. Myron fitou Ali. Os olhos dela estavam grudados na tela. Ele podia escutar a própria respiração, como se o ar pulsasse nos ouvidos. Finalmente veio a resposta: Mark Cooper.

Então, GuitarlovurCHC sumiu.

Por um momento, ninguém se moveu. Myron e Ali permaneceram com os olhos fixos em Erin. A menina estremeceu.

— Erin?

Alguma coisa lhe toldava a face. Um tremor no canto dos lábios logo se espalhou.

— Ai, meu Deus — Erin murmurou.

— O que foi?

— Quem é Mark Cooper?

— Era a Aimee ou não?

— Era a Aimee — Erin admitiu. — Mas...

Seu tom de voz fez o quarto gelar.

— Mas o quê? — Myron insistiu.

— Mark Cooper não é o menino por quem estou apaixonada. Myron e Ali pareciam confusos.

— Quem é ele, então? — Ali perguntou.

Erin engoliu em seco. Olhou primeiro para Myron; depois, para a mãe.

— Mark Cooper era um cara pavoroso que foi ao meu acampamento de verão. Contei para a Aimee. Ele costumava seguir algumas de nós com aquele olhar nojento. Sempre que ele passava, a gente ria e cochichava umas com as outras... — A voz dela ficou ainda mais baixa. — A gente cochichava: "Encrenca".

Os três olhavam para o monitor agora, todos na esperança de que o nome tornasse a surgir na tela. Todavia, nada aconteceu. Aimee não tornou a aparecer. Ela passara sua mensagem. E agora, mais uma vez, desaparecera.

CAPÍTULO 46

Em poucos instantes, o celular de Myron tocava. Assim que ele atendeu, Claire falou:

— Aimee estava on-line! Duas amigas dela me telefonaram para contar!

Sentado à mesa, Erik Biel ouvia. As mãos, cruzadas. Havia passado o dia anterior fazendo pesquisas na internet sobre as pessoas que moravam na área da rua sem saída, como Myron sugerira. Agora, claro, sabia que fora perda de tempo. Myron notara um carro com o adesivo do Colégio Livingston. Naquela mesma noite, rastreara o veículo até um dos professores de Aimee, um homem chamado Harry Davis.

Myron simplesmente quisera deixá-lo de fora e por isso o mantivera ocupado.

Claire ouviu, atenta, e deixou escapar um pequeno gemido.

— Ai, não, ai, meu Deus...

— O que foi? — Erik perguntou.

Ela pediu que ele se calasse com um movimento de mão.

Erik sentiu novamente a raiva ferver. Não de Myron. Nem mesmo de Claire. De si mesmo. Ele fitou o monograma gravado em suas abotoaduras francesas. Suas roupas eram feitas sob medida. Caimento perfeito. Grande coisa. Quem ele pensava estar impressionando?

Olhou para a esposa. Mentira a Myron sobre a paixão. Ainda a desejava. Mais do que qualquer coisa, queria que Claire voltasse a olhá-lo como antes. Talvez Myron estivesse certo. Talvez Claire realmente o amasse. Mas ela nunca o respeitara. Não precisava dele.

Não acreditava nele.

Quando sua família entrara em crise, Claire correra para Myron. Deixara Erik de fora. E, claro, ele aceitara.

Erik Biel fizera isso a vida inteira. Aceitar. Sua amante, uma coisinha insignificante do escritório, era patética e carente e o tratava como se ele fosse um rei. Isso o fazia se sentir um homem. Claire, não. Era simples assim. E patético assim.

A esposa o ignorou. Ele esperou. Finalmente, Claire pediu a Myron para aguardar um instante.

— Myron disse que também viu a Aimee on-line. Ele e a Erin fizeram uma pergunta a ela. A Aimee respondeu de um jeito que... era ela, sim, mas está com algum problema.

— O que a Aimee falou?

— Não tenho tempo de entrar em detalhes agora. — Claire tornou a pôr o fone

no ouvido, para continuar a falar com Myron.

O que não passou despercebido a Erik. Claire falou para Myron:

— Precisamos fazer alguma coisa. Fazer alguma coisa.

Eis a verdade: Erik Biel não era homem o bastante. Soubera dessa verdade desde cedo. Aos catorze anos, recuara numa briga. A escola inteira estava lá; o valentão, pronto para se lançar sobre ele. Erik recuara. Sua mãe o chamara de prudente. Em geral, recuar é a atitude "corajosa" a tomar. Que monte de besteira. Nenhuma surra, nenhuma estada no hospital, nenhuma concussão ou ossos quebrados poderiam tê-lo ferido mais do que não haver enfrentado o outro. Ele jamais se esquecera do acontecido, jamais o superara. Amarelara numa briga. O padrão continuara. Largara os amigos quando eles foram agredidos numa festa na faculdade. Num jogo dos Jets, deixara alguém derramar cerveja em sua namorada. Se um homem o olhava de maneira errada, Erik Biel era sempre o primeiro a desviar o olhar.

Você pode verter a coisa para todo o psicologuês da civilização moderna — todo aquele lixo sobre a força vir de dentro e que violência nunca resolveu nada —, mas isso é um punhado de racionalização. Você pode viver se enganando assim, pelo menos por algum tempo. E, então, uma crise o atinge, uma crise como esta, e você percebe quem realmente é. Que ternos caros e carros bonitos e calças com vincos não fazem nada de você.

Você não é um homem.

Entretanto, mesmo para bananas feito Erik, existe uma linha que você não cruza. Se a cruza, não há caminho de volta. Tem a ver com os filhos. Um homem protege sua família a todo custo. Não importa qual seja o sacrifício. Você aguenta qualquer golpe.

Você vai até os confins da Terra e arrisca tudo para protegê-los do mal. Você não recua. Nunca. Não até seu último suspiro.

Alguém lhe tirara sua filhinha.

Você não foge dessa briga.

Erik Biel pegou a arma.

Fora de seu pai. Uma Ruger calibre .22. Uma pistola velha. Provavelmente não disparara um tiro em três décadas. Erik a levara a uma loja de armas naquela manhã e comprara munição e outros itens dos quais poderia precisar. O sujeito atrás do balcão limpara e Ruger a testara, sorrindo enojado para o homenzinho à sua frente, tão patético que nem mesmo sabia carregar e usar sua própria maldita pistola.

Porém a arma estava carregada agora.

Erik Biel escutava a esposa conversar com Myron. Os dois tentavam decidir o que fazer. Drew Van Dyne, ouviu-os dizer, não estava em casa. Eles

especulavam sobre Harry Davis. Erik sorriu. Estava um passo à frente de ambos. Telefonara para o professor. Fingira ser corretor de hipotecas. Davis dissera não estar interessado.

Isso fora meia hora atrás.

Erik rumou para o carro. A arma, metida no cós da calça.

— Erik? Aonde você está indo?

Ele não respondeu. Myron Bolitar confrontara Harry Davis no colégio. O professor não conversara com Myron. Mas, de um jeito ou de outro, estava certo como o diabo de que o faria falar com Erik Biel.

Myron escutou Claire indagar: "Erik? Aonde você está indo?". Seu celular deu um sinal.

— Claire, tenho outra pessoa na linha. Ligo pra você depois.

— Myron Bolitar?

A voz lhe soava familiar.

— Sim.

— É o detetive Lance Banner, da Polícia de Livingston. Nós nos encontramos ontem.

Teria sido apenas ontem?

— Claro, detetive. Em que posso ajudá-lo?

— Você está longe do Hospital St. Barnabas?

— Estou a uns quinze, vinte minutos. Por quê?

— Joan Rochester acabou de entrar em cirurgia.

CAPÍTULO 47

Myron chegou ao hospital em dez minutos. Lance Banner o esperava.

— Joan Rochester ainda está em cirurgia.

— O que aconteceu?

— Você quer a versão dele ou a dela?

— Ambas.

— Dominick Rochester disse que a esposa caiu da escada. Eles já estiveram aqui antes. Ela costuma cair da escada, se é que você me entende.

— Entendo. Mas você falou em duas versões.

— Certo. Antes, ela confirmava a versão do marido.

— E desta vez não?

— Disse que o marido a surrou — Banner respondeu. — E que deseja registrar queixa.

— Isso deve tê-lo surpreendido. O estado dela é muito grave?

— Bastante. Várias costelas quebradas. Um braço quebrado. O sujeito deve tê-la socado terrivelmente nos rins, porque o médico está cogitando remover um deles.

— Meu Deus.

— E, é claro, nenhuma marca no rosto. O cara é bom.

— Anos de prática — Myron comentou. — Ele está aqui?

— O marido? Sim. Mas o estamos mantendo sob custódia.

— Por quanto tempo? Lance Banner deu de ombros.

— Você sabe a resposta.

Em resumo: não por muito tempo.

— Por que você me chamou? — Myron perguntou.

— Joan Rochester estava consciente quando deu entrada no hospital. Ela queria avisá-lo. Disse para você ter cuidado.

— O que mais?

— Só. É um milagre que ela tenha conseguido falar.

Raiva e culpa o consumiram em igual medida. Joan Rochester podia lidar com o marido, Myron pensara. Ela vivia com ele. Fizera suas escolhas. Caramba, qual seria sua próxima justificativa por não tê-la ajudado? Que a mulher pedira para apanhar?

— Você gostaria de me dizer como acabou envolvido na vida dos Rochester? — Banner o interrogou.

Myron o pôs a par da história da forma mais sucinta possível. Ao terminar, Banner falou:

— Vamos mandar expedir uma ordem judicial contra Drew Van Dyne.

— Eo Jake Wolf?

— Não estou certo sobre como ele se encaixa.

— Você conhece o filho do Wolf?

— O Randy? — Banner encolheu os ombros um pouco casualmente demais. — Ele é o atacante do time do colégio.

— Ele nunca se meteu em nenhuma encrenca?

— Por que você está perguntando?

— Porque ouvi dizer que o pai do Randy subornou vocês, policiais, para livrá-lo de uma acusação de venda de drogas. Gostaria de comentar?

Os olhos de Banner ficaram negros.

— Quem você pensa que é?

— Poupe a indignação, Lance. Dois dos seus mais garbosos colegas me cercaram por ordem do Wolf. Impediram-me de conversar com o Randy. Um me esmurrou no estômago quando eu estava algemado.

— E um monte de besteira. Myron se limitou a encará-lo.

— Quais policiais? — Banner o intimou. — Quero os nomes, droga.

— Um era mais ou menos da minha altura, magrelo. O outro tinha um bigode espesso e parecia o John Oates, da dupla Hall & Oates.

Uma sombra anuviou o rosto de Lance, embora tentasse disfarçá-la.

— Você sabe de quem estou falando.

— Conte-me exatamente o que aconteceu — Banner falou, baixo.

— Agora não há tempo. Apenas me conte qual é a história envolvendo o filho do Wolf.

— Ninguém foi subornado.

Myron aguardou. Uma mulher numa cadeira de rodas vinha na direção dos dois. Banner chegou para o lado e deixou-a passar. Então, esfregou o rosto com a mão.

— Seis meses atrás, um professor afirmou ter pego o Randy vendendo drogas. Ele o revistou e achou duas trouxinhas. Uma quantidade insignificante, pra falar a verdade.

— O professor. Quem era ele?

— Ele pediu pra manter seu nome de fora.

— Seria Harry Davis?

Lance Banner não assentiu, mas era óbvio.

— O que houve, então?

— O professor nos ligou. Mandei dois homens pra lá. Hildebrand e Peterson. Eles... se encaixam na sua descrição. Wolf afirmou que o filho fora vítima de uma armação.

— E vocês caíram nessa?

— Não. Mas o caso era fraco. A constitucionalidade da busca era questionável. As quantidades eram pequenas. E o Randy Wolf... um bom garoto. Nenhum antecedente, nada.

— Vocês não o queriam metido em encrenca.

— Ninguém queria.

— Diga-me, Lance. Se ele fosse um garoto negro de Newark pego vendendo drogas no Colégio Livingston, vocês teriam se sentido do mesmo jeito?

— Não venha com essa asneira hipotética para cima de mim. Tínhamos um caso fraco pra começar... e, no dia seguinte, Harry Davis disse aos meus policiais que não testemunharia. Simplesmente isso. Ele recuou. Portanto, estava encerrado. Meus homens não tinham escolha.

— Puxa, que conveniente — Myron retrucou. — Diga-me, o time de futebol americano fez uma boa temporada?

— Foi um caso insignificante. O garoto tinha um futuro brilhante. Vai pra Dartmouth.

— Ouço isso o tempo todo. Mas estou começando a me perguntar se acontecerá.

Então, uma voz gritou:

— Bolitar!

Myron se virou. Dominick Rochester estava no fim do corredor. Algemado. O rosto, vermelho. Ladeado por dois policiais. Myron avançou na direção do homem. Lance Banner correu atrás, chamando-o num tom baixo.

— Myron...?

— Não vou fazer nada, Lance. Só quero conversar.

Myron parou a dois passos de Dominick Rochester, cujos olhos o fuzilavam de ódio.

— Onde está a minha filha?

— Orgulhoso de si mesmo, Dominick?

— Você — Rochester devolveu. — Você sabe de alguma coisa sobre a Katie.

— A sua esposa falou isso?

— Não. — Ele riu. Uma das visões mais assustadoras que Myron já contemplara. — Pra falar a verdade, muito pelo contrário. — Dominick se aproximou e sussurrou: — Apesar do tanto que eu bati, apesar de tudo o que ela apanhou, a minha queridíssima esposa não disse uma palavra. E é por isso que tenho certeza de que você sabe de algo. Não porque ela tenha falado. Mas porque, mesmo depois da surra infernal que ela levou, não abriu a boca.

Myron estava de volta a seu carro quando Erin Wilder telefonou.

— Sei onde o Randy Wolf está.

— Onde?

— Está acontecendo uma festa para os formandos na casa de Sam Harlow.

— Eles estão dando uma festa? Nenhum dos amigos da Aimee está preocupado?

—Todo mundo acha que ela fugiu de casa — Erin explicou. — Alguns a viram on-line hoje, então estão ainda mais convencidos de que a Aimee fugiu mesmo.

— Espere, se eles estão numa festa, como podem tê-la visto na internet?

— Pelo celular.

Tecnologia, Myron pensou. Mantendo as pessoas juntas permitindo que estejam separadas. Erin lhe passou o endereço. Conhecia a área. Ele desligou o telefone e se pôs a caminho. O percurso foi rápido.

Havia um monte de carros estacionados na rua dos Harlow. Alguém armara uma enorme tenda no quintal. Essa era uma festa de verdade, que exigia convite, não um bando de garotos reunidos filando cervejas. Myron estacionou o carro e entrou no quintal.

Havia pais ali — acompanhantes, supunha. O que dificultaria um pouco. Mas não tinha tempo para se preocupar com isso. A polícia podia estar se mobilizando, entretanto ninguém parecia ansioso para olhar o contexto. E, para ele, as coisas estavam ficando mais claras. Randy Wolf, sabia, era uma das chaves para decifrar o caso.

A festa fora agradavelmente dividida. Os pais se achavam na varanda envidraçada. Enxergavam-se os adultos à meia-luz, rindo em volta de um pequeno barril. Os homens usavam bermudas e mocassins e fumavam charutos. As mulheres, saias de cores vivas e sandálias.

Os formandos se juntavam no extremo oposto da tenda, tão distantes da supervisão dos adultos quanto possível. A pista de dança estava vazia. O DJ tocava uma música do Killers, algo sobre ter uma namorada que parecia o namorado que alguém tivera em fevereiro.

Myron rumou diretamente para Randy e o segurou pelo ombro.

Randy se desvencilhou do contato.

— Me largue.

— Precisamos conversar.

— O meu pai disse...

— Eu sei o que o seu pai disse. Vamos conversar assim mesmo. Randy Wolf estava cercado por uns seis amigos. Alguns, enormes. O líder da linha ofensiva e seus companheiros, Myron concluiu.

— Esse babaca está incomodando você, Farm? — Um grandalhão perguntou.

Ele sorriu para Myron. Todavia, apesar dos cabelos loiros espetados, o que se

notava em primeiro lugar, o que ninguém podia deixar de notar era que o fulano não usava camisa. Ali estava a meninada numa festa. Havia garotas e ponche e música e dança. Até pais. E esse fulano não estava vestindo camisa.

Randy nada retrucou.

O Descamisado exibia tatuagens de arame farpado ao redor dos bíceps avantajados. Myron franziu o cenho. As tatuagens não poderiam ser mais pretensiosas mesmo se exibissem a palavra pretensiosas escrita. Camadas e camadas de músculos. O peito, tão liso que parecia lustrado. Ele oscilava. Cabeça ligeiramente abaixada, olhos vermelhos denunciando pelo menos algum consumo de álcool, apesar da menoridade. Vestia uma calça até a altura dos tornozelos, embora Myron não soubesse se rapazes usavam, ou não, o estilo capri.

— Está olhando o quê, seu babaca?

— Nada. Absolutamente nada, de verdade.

Murmúrios de espanto percorreram a multidão. Um dos jovens falou:

— O, cara, esse tio vai ser surrado, ou o quê? Outro gritou:

— Dá nele, Crush!

O Descamisado, também conhecido como Crush, armou sua melhor cara de valentão.

— O Farm não vai conversar com você, você me entendeu, babaca?

A tirada arrancou risadas dos amigos.

— Babaca — Myron repetiu. — É ainda mais engraçado na terceira vez. — Ele deu um passo na direção do rapaz. Crush não se moveu. — Isso não é da sua conta.

— Estou fazendo com que seja da minha conta. Myron aguardou alguns segundos e, então, comentou:

— Você não deveria dizer "Estou fazendo com que seja da minha conta, babaca"?

Mais murmúrios de espanto. Um dos outros garotos o avisou:

— O, cara, sai fora enquanto é tempo. Ninguém tira com o Crush desse jeito.

Myron fitou Randy.

— Precisamos conversar agora. Antes que isto aqui saia de controle.

Crush sorriu, flexionou os peitorais, avançou.

— A coisa já saiu do controle.

Myron não queria bater num garoto, não com os pais por perto. Causaria problemas demais.

— Não quero problemas — Myron falou.

— Você já tem um problema, babaca.

Alguns dos rapazes disseram "Oh". Crush cruzou os braços maciços sobre o

peito. Um movimento estúpido. Myron tinha de pôr um fim àquilo rápido, antes que os pais começassem a perceber o que se passava. Porém os amigos de Crush estavam assistindo à cena.

Crush era o cara durão da turma. Não se permitia recuar.

Braços cruzados sobre o peito. Que macho. Que estúpido.

Myron agiu. Quando você precisa derrubar alguém com um mínimo de confusão, essa técnica é uma das mais eficazes. Myron começou a mexer a mão, até então naturalmente estendida ao longo do corpo. Essa é a chave. Você não ergue o pulso. Você não puxa o braço para trás. Você nem sequer gira o braço ou cerra o punho. A menor distância entre dois pontos é uma linha reta. É o que se deve lembrar. Usando a velocidade natural do corpo e o elemento-sur- presa, Myron lançou a mão naquela linha reta, saindo de perto do quadril até a garganta de Crush.

Ele não o atingiu com força. Com a mão em riste, acertou-o no pescoço. Poucos pontos do corpo humano são mais vulneráveis. Se você golpeia alguém na garganta, isso dói. A pessoa perde o fôlego, tosse e fica imobilizada. Mas você tem de saber o que está fazendo.

Se golpear com força demais, poderá causar sérios danos. Myron arremeteu a mão como um bote de cobra.

Os olhos de Crush se arregalaram. Ele emitiu um som estrangulado. Com uma facilidade quase casual, Myron lhe deu uma rasteira. Crush desabou no chão. Myron não esperou. Agarrando Randy pelo cangote, começou a arrastá-lo para o quintal vizinho. Se algum dos rapazes chegou a ensaiar um movimento, Myron o paralisou com o olhar.

— Ai, me solte! — Randy reclamou.

Dane-se. Randy tinha dezoito anos. Um adulto, certo? Nenhum motivo para lhe dar moleza, pois não era nenhuma criança. Levouo para trás da garagem de uma casa vizinha. Ao largá-lo, Randy esfregou a nuca.

— Qual é o problema, cara?

— A Aimee está com problemas, Randy.

— Ela fugiu de casa. Todo mundo disse isso. Teve gente que conversou com ela hoje pelo computador.

— Por que vocês terminaram?

— O quê?

— Eu perguntei...

— Eu o ouvi. — Randy refletiu um pouco. Então, deu de ombros. — Nós amadurecemos, é só isso. Estamos indo, os dois, para a universidade. Era hora de seguir em frente.

— Na semana passada vocês foram ao baile de formatura juntos.

— E daí? Planejamos o ano inteiro. O smoking, o vestido, alugamos uma limusine com um grupo de amigos. Toda a nossa turma. Não queríamos estragar a diversão de ninguém. Por isso, fomos juntos.

— Por que vocês brigaram?

— Acabei de dizer.

— A Aimee descobriu que você estava vendendo drogas? Randy sorriu, então. Ele era um rapaz bonito e tinha um sorriso danado de bom.

— Do jeito que você fala, parece que eu estava no Harlem, viciando garotos em heroína.

— Eu poderia entrar num debate moral com você, mas não tenho muito tempo.

— Claro que a Aimee sabia. Ela até dividiu o lucro comigo em mais de uma ocasião. Nada demais. Eu só estava fornecendo para uns poucos amigos.

— E um desses amigos era a Katie Rochester? Ele encolheu os ombros.

— Ela pediu algumas vezes. Eu a ajudei.

— Novamente, Randy: por que você e a Aimee terminaram o namoro?

Mais uma vez ele deu de ombros, o tom de voz soando mais baixo.

— Você teria de perguntar a ela.

— Ela rompeu com você?

— A Aimee mudou.

— Mudou como?

— Por que você não pergunta ao pai dela? O comentário paralisou Myron.

— O Erik? O que ele tem a ver com isso? O rapaz não respondeu.

— Randy?

— A Aimee descobriu que o pai estava transando por aí. Isso a fez mudar.

— Mudar como?

— Não sei. Era como se ela quisesse fazer qualquer coisa para irritá-lo. O pai dela gostava de mim. Então, de repente — outro dar de ombros —, ela não gostava mais.

Myron pensou um pouco. Lembrava-se do que Erik dissera na noite anterior, quando estavam naquela rua sem saída. Fazia sentido.

— Eu gostava dela, cara — Randy continuou. — Você não tem ideia do quanto. Tentei reconquistá-la, mas o tiro saiu pela culatra. Agora, superei. A Aimee é passado.

Myron podia escutar um bando de gente se aproximando. Ele estendeu a mão para segurar Randy outra vez, levá-lo para longe. Porém Randy não se mexeu.

— Tudo bem. — O rapaz gritou para os amigos. — Só estamos conversando.

Randy tornou a se virar para Myron, os olhos subitamente límpidos.

— Vá em frente. O que mais você quer saber?

— O seu pai chamou a Aimee de vagabunda.

— Certo.

— Por quê?

— O que você acha?

— A Aimee começou a sair com outro? Randy assentiu.

— Seria Drew Van Dyne?

— Isso já não tem importância.

— Tem, sim.

— Não. Com todo o respeito, nada disso importa. Olha, o colégio está encerrado. Vou para Dartmouth. Aimee vai para a Duke. A minha mãe me falou uma coisa. Ela disse que o colégio não é importante. Que as pessoas que vivem os dias mais felizes da vida delas no colégio acabam sendo os adultos mais miseráveis. Eu sou uma pessoa de sorte. Sei disso. E sei que não vai durar para sempre, a menos que eu dê o próximo passo. Pensei... nós conversamos sobre isso. Achei que a Aimee tinha compreendido também. Como era importante o próximo passo. E, no fim, nós dois conseguimos o que queríamos. Os dois foram aceitos na universidade que queriam.

— Ela está em perigo, Randy.

— Não posso ajudá-lo.

— E está grávida. Ele fechou os olhos.

— Randy?

— Não sei onde a Aimee está.

— Você disse ter feito algo para tentar reconquistá-la, mas o tiro saiu pela culatra. O que você fez?

O rapaz meneou a cabeça. Não disse uma palavra. Myron pensou que talvez tivesse uma ideia do que se tratava. Entregou-lhe seu cartão.

— Se você pensar em alguma coisa...

— O.k.

Randy lhe deu as costas. Voltou para a festa. A música ainda tocava. Os pais continuavam rindo. E Aimee ainda estava em apuros.

CAPÍTULO 48

Quando Myron voltou para seu carro, Claire estava lá.

— E o Erik — ela falou.

— O que tem ele?

— O Erik saiu correndo de casa. Com a pistola velha do pai.

— Você tentou ligar para o celular dele?

— Nenhuma resposta.

— Alguma ideia de onde ele possa ter ido?

— Algum tempo atrás, representei uma empresa de rastreamento. Eles colocam um GPS no seu carro para emergências. Esse tipo de coisa. Bem, nós instalamos GPS nos nossos dois carros. Liguei para o dono da empresa e implorei para que me fornecesse a localização.

— E?

— O Erik está parado na frente da casa de Harry Davis.

— Meu Deus.

Myron entrou rapidamente no carro, Claire no lado do passageiro. Ele queria discutir a questão, mas não havia tempo.

— Ligue para a casa de Davis.

— Já tentei — Claire retrucou. — Ninguém atendeu.

O carro de Erik realmente estava estacionado defronte da casa de Davis. Se ele havia tido a intenção de disfarçar sua chegada, não fizera um bom trabalho.

Myron parou o carro. Sacou sua arma.

— Por que isso? — Claire o interpelou.

— Fique aqui.

— Eu lhe perguntei...

— Agora não, Claire. Fique aqui. Chamo você, se precisar. Seu tom de voz não dava margem para discussão, e, pelo menos nesta vez, Claire lhe obedeceu. Ele se aproximou da casa, tendo o cuidado de se manter abaixado. A porta da rua estava entreaberta. Myron não estava gostando do que via. Agachou-se e apurou os ouvidos.

Havia ruídos, embora não conseguisse discerni-los.

Com o cano da arma, empurrou a porta. Ninguém no vestíbulo. Os sons vinham da esquerda. Arrastou-se até lá. Ao dobrar um canto, avistou, deitada no chão, uma mulher, que presumia ser a sra. Davis.

Ela estava amordaçada, com as mãos amarradas atrás das costas, os olhos arregalados de pavor. Myron levou um dedo aos lábios. A mulher olhou para a direita; depois, de volta para Myron. Então, novamente para a direita.

Ele escutou mais barulhos.

Havia outras pessoas na sala. A direita.

Myron ponderou sobre seu movimento seguinte. Considerou recuar e chamar a polícia. Eles poderiam cercar a casa, começar a negociar com Erik. Mas talvez seria tarde demais.

Ouviu uma bofetada. Alguém gritou. A sra. Davis fechou os olhos com força.

Não havia escolha. Realmente, não. Myron tinha a arma destravada. Estava a ponto de pular e apontá-la para onde a sra. Davis estivera olhando, quando se deteve.

Pular com uma arma na mão. Seria uma atitude prudente?

Erik estava armado. Claro, poderia se render. Como também poderia atirar, num acesso de pânico.

Chances de cinquenta por cento para cada alternativa.

Myron tentou uma outra possibilidade.

— Erik? Silêncio.

— Erik, sou eu. Myron.

— Entre, Myron.

A voz soou calma. Quase animada. Myron avançou até o meio da sala. Erik estava de pé, a pistola na mão. Vestia camisa social sem gravata. Manchas de sangue no peito.

Erik lhe sorriu.

— O sr. Davis está pronto para falar agora.

— Largue a arma, Erik.

— Não, acho que não.

— Eu disse...

— O quê? Você vai atirar em mim?

— Ninguém vai atirar em ninguém. Apenas largue a arma. Erik meneou a cabeça, o mesmo sorriso no rosto.

— Venha até aqui. Por favor.

Myron entrou na sala, a pistola ainda erguida. Agora enxergava claramente Harry Davis numa cadeira. Pulsos atados com algemas de náilon, cabeça frouxa, queixo abaixado.

Aproximando-se do professor, Myron o examinou.

— Oh, cara.

Davis fora espancado. Havia sangue no rosto. Um dente caíra no chão. Myron se virou para Erik. A postura deste estava diferente. Nada empertigado como de costume. Não parecia nervoso ou agitado. De fato, nunca o vira tão relaxado em toda a sua vida.

— Davis precisa de um médico — Myron disse.

— Ele está bem.

Myron fitou os olhos de Erik. Calmos como um lago plácido.

— Não é assim, Erik.

— Claro que é.

— Ouça...

— Não vou ouvir, não. Você é bom nesse tipo de coisa, Myron, não há dúvida. Mas você tem de seguir regras. Um determinado código. Quando um filho seu está em perigo, essas sutilezas saem pela janela.

Myron pensou em Dominick Rochester, em como ele falara algo bastante similar na casa dos Seiden. Não existiam dois homens mais diferentes do que Erik Biel e Dominick Rochester. Mas o desespero e o medo os tinham tornado quase idênticos.

Harry Davis ergueu o rosto ensanguentado.

— Não sei onde a Aimee está, juro.

Antes que Myron pudesse fazer algo, Erik apontou a pistola para o chão e atirou. O som reverberou na sala pequena. Harry Davis gritou. Um gemido escapou da mordaça da sra. Davis.

Os olhos de Myron se arregalaram ao fitar um dos sapatos de Davis.

Havia um buraco ali.

Acima do dedão. O sangue começou a escorrer. Myron levantou a arma e apontou-a para a cabeça de Erik.

— Largue a pistola agora!

— Não.

Erik encarou Harry Davis. O homem estava sentindo dor, porém erguera a cabeça, os olhos mais focados.

— Você dormiu com a minha filha?

— Jamais!

— Ele está dizendo a verdade, Erik. Erik se virou para Myron.

— Como é que você sabe?

— Foi outro professor. Um sujeito chamado Drew Van Dyne. Ele trabalha na loja de música que a Aimee frequenta.

Erik se mostrou confuso.

— Mas, quando você deu carona para a Aimee, ela veio até aqui, não foi isso?

— Sim.

— Por quê?

Os dois olharam para Harry Davis. O sangue no sapato vazava lentamente. Myron se perguntou se os vizinhos teriam ouvido o tiro, se chamariam a polícia. Duvidava. As pessoas presumiriam que fora o escapamento de um carro, ou fogos de artifício, ou qualquer outra coisa explicável e segura.

— Não é o que você pensa — Harry Davis falou.

— O quê?

Então, Davis olhou na direção da esposa. Compreendendo-o, Myron puxou Erik de lado.

—Você conseguiu dobrá-lo — Myron disse. — Davis está pronto para falar.

— Edaí?

— E daí que ele não vai abrir a boca na frente da esposa. E, se o Davis fez algo com a Aimee, também não vai falar na sua frente.

Erik ainda conservava o mesmo sorriso.

— Você quer assumir daqui em diante.

— Não se trata de assumir nada. Trata-se de obter informação. Para surpresa de Myron, Erik concordou.

— Tem razão. Você acha que se trata de mim, mas está enganado. Trata-se da minha filha. Trata-se do que eu faria para salvá-la. Eu mataria esse homem num instante. Mataria a esposa. Droga, Myron, eu mataria você também. Mas nada disso serviria para alguma coisa. Tem razão. Consegui dobrá-lo. Mas, se queremos fazê- lo falar, a esposa e eu devemos sair da sala.

Erik caminhou até a sra. Davis. Ela se encolheu.

— Deixe-a em paz! — Davis berrou.

Erik o ignorou. Estendendo a mão, ajudou a mulher a se levantar. Então, virou-se para Davis:

— A sua esposa e eu estaremos aguardando no outro cómodo. Os dois rumaram para a cozinha. Erik fechou a porta. Myron queria desamarrar Davis, porém aquelas algemas sintéticas eram difíceis de desatar sem o auxílio de um objeto cortante. Agarrou uma manta e estancou o sangue que escorria do pé do professor.

— Não dói muito — Davis falou.

A voz dele soava distante. Estranhamente, Davis também parecia mais relaxado. Myron já presenciara isso antes. A confissão realmente é boa para a alma. Aquele homem estivera carregando um fardo pesado de segredos. Aquilo lhe faria bem, pelo menos temporariamente. Livrar-se da carga.

— Sou professor do ensino médio há 22 anos — Davis começou, sem precisar ser instigado. — Amo o que faço. Sei que o salário não é grande coisa. Sei que não é uma posição de prestígio. Mas adoro os estudantes. Amo dar aulas. Amo ajudá-los nessa caminhada.

Amo quando voltam e vêm me visitar. — Davis se calou.

— Por que a Aimee veio aqui naquela noite? O professor não deu a impressão de escutá-lo.

— Pense nisso, sr. Bolitar. Mais de vinte anos. Com estudantes do ensino

médio. Não digo garotos do colégio. Porque muitos não são meninos. Têm dezesseis, dezessete, e até dezoito anos. Têm idade bastante para prestar o serviço militar e votar. E, a menos que você seja cego, sabemos que aquelas são mulheres, não meninas. Você já deu uma olhada na edição de maios da Sports Illustrated! Já assistiu a um desfile de moda? Aquelas modelos são da mesma idade e tão lindas quanto as mulheres para quem dou aula cinco dias por semana, dez meses ao ano. Mulheres, sr. Bolitar. Não meninas. Não é uma coisa de atração doentia ou pedofilia.

— Espero que você não esteja tentando justificar envolvimentos sexuais com alunas.

Davis meneou a cabeça.

— Eu só quero pôr o que estou para lhe dizer dentro do contexto.

— Não preciso de contexto, Harry. O outro quase riu.

— Acho que você entende mais do que estou dizendo do que quer admitir. A questão é, sou um homem normal. Quero dizer, um macho heterossexual com impulsos e desejos normais. Estou rodeado, ano após ano, de mulheres incrivelmente lindas, usando roupas justas, jeans de cintura baixa, decotes vertiginosos e barriga de fora. Todos os dias, sr. Bolitar. Elas sorriem para mim. Flertam comigo. E nós, professores, devemos ser fortes e resistir a cada dia.

— Deixe-me adivinhar. Você parou de resistir.

— Não estou tentando fazê-lo se solidarizar comigo. O que estou dizendo é: a posição em que nos encontramos não é natural. Se você vê uma garota sexy de dezessete anos passar na rua, você olha. Você deseja. Você pode até fantasiar.

— Mas — Myron retrucou — você não age.

— E por que não? Porque é errado ou porque você não tem nenhuma chance? Agora, imagine ver centenas de garotas assim todos os dias, por anos a fio. Desde os primórdios, o homem tem se esforçado para ser poderoso e rico. Por quê? A maioria dos antropologistas diria que fazemos isso para atrair mais fêmeas de qualidade superior. É a natureza. Não olhar, não desejar, não se sentir atraído faria de você uma aberração.

— Não tenho tempo pra isso, Harry. Você sabe que está errado.

— Eu sei. E por vinte anos lutei contra esses impulsos. Contentei-me com o olhar, o imaginar, o fantasiar.

— E então?

— Dois anos atrás, tive uma aluna maravilhosa, talentosa e linda. Não, não era a Aimee. Não vou citar o nome. Não há motivo para que você saiba. Ela se sentava na primeira fila, aquele estupendo deleite. Olhava para mim como se eu fosse um deus. Sempre com os dois primeiros botões da blusa abertos...

Davis fechou os olhos.

— Você cedeu aos seus impulsos naturais — Myron observou.

— Não conheço muitos homens que teriam resistido.

— E o que isso tem a ver com a Aimee Biel?

— Nada. Quero dizer, não diretamente. Essa jovem e eu começamos a ter um caso. Não entrarei em detalhes.

— Obrigado.

— Mas acabamos descobertos. Foi, como você pode imaginar, um desastre. Os pais dela enlouqueceram. Contaram à minha esposa. Ela ainda não me perdoou. Não de verdade. Mas a Donna é de uma família com dinheiro. Pagamos pelo silêncio dos pais da garota.

Eles também queriam manter a história em sigilo. Preocupavam-se com a reputação da filha. Então, todos nós concordamos em não falar nada. Ela foi para a universidade. E eu voltei a dar aula. Havia aprendido a lição.

— E então?

— Então, deixei o acontecido para trás. Sei que você quer fazer de mim um monstro. Mas não sou. Tive muito tempo para refletir a respeito. Sei que você pensa que estou apenas tentando racionalizar, mas é mais do que isso. Sou um bom professor. Você mesmo salientou que é impressionante ser eleito Professor do Ano. E fui eleito mais vezes do que qualquer outro na história do colégio. Isso porque eu realmente me importo com os alunos. Não é uma contradição, experimentar esses impulsos e me importar com os meus alunos.

E você sabe como os adolescentes são perspicazes. Conseguem farejar falsidade a quilómetros de distância. Eles votam em mim, eles vêm a mim quando têm um problema, porque sabem que realmente me importo.

Myron se sentia enojado e, no entanto, sabia que os argumentos não eram destituídos de algum mérito pervertido.

— Então, você voltou a dar aula — ele falou, tentando fazer o outro retomar a linha de raciocínio. — Deixou a coisa para trás e...

— E, então, cometi um segundo erro. — Ele tornou a sorrir. Havia sangue em seus dentes. — Não, não é o que você pensa. Não tive outro caso.

— O que foi, então?

— Peguei um aluno vendendo drogas. E o denunciei ao diretor do colégio e à polícia.

— Randy Wolf. Davis assentiu.

— O que aconteceu?

— O pai do rapaz. Você conhece o sujeito?

— Nós já nos encontramos.

— Ele andou escarafunchando. Havia alguns rumores sobre a minha ligação com a estudante. Ele contratou um detetive particular. Também contratou outro

professor, chamado Drew Van Dyne, para ajudá-lo. Entenda, Van Dyne era quem fornecia drogas ao Randy.

— Portanto, se o Randy fosse processado — Myron concluiu —, Van Dyne teria muito a perder também.

— Sim.

— Deixe-me adivinhar o resto. Jake Wolf descobriu o seu caso. Davis assentiu.

— E o chantageou para silenciá-lo.

— Ah, Jake fez mais que isso.

Myron olhou para o pé do professor. O sangramento diminuíra. Sim, deveria levá-lo ao hospital, porém tampouco queria perder esse momento. O estranho era que Davis não parecia estar sentindo dor. Ele queria falar. Provavelmente estivera matutando sobre essas justificativas malucas durante anos, as ideias chacoalhando em seu cérebro, e agora, finalmente, estava lhe sendo dada a chance de expressá-las.

— Jake Wolf me tinha nas mãos — Davis continuou. — Uma vez iniciado o caminho da chantagem, não há volta. Sim, ele ofereceu pagar pelo meu silêncio. E, sim, aceitei o dinheiro.

Myron pensou no que Wheat Manson lhe contara ao telefone.

— Você não era apenas professor. Era orientador.

— Sim.

— Você tinha acesso ao histórico escolar dos alunos. Sei que os pais desta cidade estão dispostos a fazer qualquer coisa para conseguir que os filhos entrem na universidade certa.

— Você não faz ideia.

— Sim, faço. Não é diferente do que era na minha época. Então, o Jake Wolf o obrigou a alterar as notas do filho.

— Algo assim. Eu simplesmente troquei a parte académica do histórico dele. Randy queria ir para Dartmouth. Dartmouth queria o Randy por causa do futebol. Mas seria preciso que ele estivesse nos primeiros dez por cento dos formandos. Havia quatrocentos alunos no último ano do ensino médio. Havia um outro estudante, um garoto inteligente chamado Ray Clarke. Ele se classificou em quinto lugar geral. Clarke já havia sido aceito pela Georgetown, a universidade que era a primeira opção dele. Ou seja, eu sabia que ele não se inscreveria em mais lugar nenhum...

— Então, você trocou o histórico escolar do Randy pelo do Clarke?

— Sim. Myron se lembrou de algo, algo que Randy dissera sobre tentar reconquistar Aimee, sobre o tiro sair pela culatra, sobre terem o mesmo objetivo.

— E você fez o mesmo por Aimee Biel. Para assegurar que ela entrasse na

Duke. O Randy lhe pediu para fazer isso, não é?

— Sim.

— E, quando o Randy contou a Aimee o que ele havia feito, imaginou que a Aimee ficaria grata. Só que ela não ficou. A Aimee começou a investigar. Tentou invadir o computador do colégio e descobrir o que tinha acontecido. Ligou para o Roger Chang, o quarto colocado, para conferir as notas e as atividades extracurriculares dele. Ela estava tentando descobrir o que vocês tinham feito.

— Isso eu não sei. — A adrenalina já não fluía tanto nas veias de Davis. Ele demonstrava sentir dor agora. — Nunca conversei com a Aimee a respeito. Não sei o que o Randy contou a ela. Era isso que eu estava perguntando a ele quando você nos viu no estacionamento do colégio. O Randy disse não ter mencionado o meu nome, disse que apenas explicara a ela que a ajudaria a entrar na Duke.

— Mas a Aimee juntou as peças do quebra-cabeça. Ou, pelo menos, tentou.

— É possível.

Davis estremeceu de dor. Myron não se importou. —Agora chegamos àquela grande noite, Harry. Por que a Aimee pediu que eu a deixasse aqui?

A porta da cozinha se abriu. Erik meteu a cabeça pela fresta.

— Como vamos indo?

— Estamos indo bem — Myron retrucou.

Myron esperava alguma discussão, porém Erik sumiu novamente dentro da cozinha.

— Ele está louco — Davis falou.

— Você tem filhas, não tem?

— Sim. — Então, Davis assentiu, como se compreendendo subitamente.

— Você está protelando, Harry. O seu pé está sangrando. Você precisa de cuidado médico.

— Não me importo.

— Você já chegou tão longe. Vamos acabar com isso. Onde está Aimee?

— Não sei.

— Por que ela veio à sua casa? Ele fechou os olhos.

— Harry?

A voz do professor soou serena.

— Deus me perdoe, mas eu não sei.

— Você quer explicar?

— Aimee bateu à porta. Era absurdamente tarde. Duas, três horas da madrugada. Não sei. Donna e eu estávamos dormindo. Ela nos deu um susto enorme. Fomos até a janela e vimos a Aimee. Virei para a minha esposa. Você precisava ter visto a expressão no rosto dela. A mágoa... a desconfiança... Tudo aquilo que eu vinha tentando consertar desmoronou. Donna começou a chorar.

— Então, o que você fez?

— Mandei Aimee embora. Silêncio.

— Abri a janela. Falei que era muito tarde e que poderíamos conversar na segunda-feira.

— O que ela fez?

— Apenas olhou pra mim. Não falou uma palavra. Estava desapontada, com certeza. — Davis fechou os olhos com força. — Creio que ela estava furiosa, talvez.

— Ela foi embora?

— Sim.

— E agora ela está desaparecida. Antes que pudesse revelar o que sabia. Antes que pudesse destruir você. E, se o escândalo da fraude viesse à tona, aí seria como eu disse quando conversamos pela primeira vez. Você estaria acabado. Todo o resto também viria à tona.

— Eu sei. Pensei nisso.

Davis se calou. As lágrimas lhe escorriam pelo rosto.

— O que foi? — Myron indagou.

— O meu terceiro grande erro — ele murmurou. Myron sentiu um arrepio na base da espinha.

— O que você fez?

— Eu nunca faria mal à Aimee. Eu me importava com ela.

— O que você fez, Harry?

— Eu estava confuso. Não sabia da situação. Por isso, fiquei apavorado quando ela apareceu. Eu sabia como poderia ser... Como você disse, tudo viria à tona. Tudo. E entrei em pânico.

— O que você fez? — Myron insistiu.

— Liguei para uma pessoa. Assim que ela foi embora. Liguei para uma pessoa que imaginei que poderia ajudar a decidir o que fazer em seguida.

— Para quem você telefonou, Harry?

— Para o Jake Wolf. Liguei para o Jake Wolf e contei que a Aimee Biel estava à minha porta.

CAPÍTULO 49

Claire correu ao encontro deles quando saíram.

— O que foi que aconteceu lá?

Erik não diminuiu o ritmo das passadas.

— Vá pra casa, Claire. Caso ela telefone.

Claire olhou para Myron, como se buscasse ajuda. Myron não lhe ofereceu nenhuma. Erik já estava ao volante, assumindo a direção tanto no sentido literal quanto no figurado. Myron rapidamente se acomodou no banco do passageiro. Erik arrancou.

— Você sabe o caminho para a casa do Wolf? — Myron perguntou.

— Levei a minha filha até lá muitas vezes.

Ele pisou no acelerador. Myron observou-lhe o rosto. Normalmente a expressão de Erik beirava o desdém. Testa franzida e linhas profundas de desaprovação. Não havia nada disso agora. O rosto parecia relaxado. Myron quase esperava que ele ligasse o rádio e começasse a assobiar.

— Você vai ser preso — Myron falou.

— Duvido.

— Você acha que os Davis vão ficar quietos?

— Provavelmente.

— O hospital terá de reportar o ferimento à bala. Erik deu de ombros.

— Mesmo se abrissem a boca, o que diriam? Eu seria julgado pelos meus pares. O que significaria um júri composto por pais com filhos adolescentes. Eu diria que a minha filha estava desaparecida e que a vítima é um professor que seduziu uma estudante e aceitou subornos para alterar históricos escolares...

O veredicto era tão óbvio que Erik não se deu ao trabalho de terminar a frase. Sem muita certeza do que dizer, Myron permaneceu em silêncio.

— Myron?

— Sim?

— A culpa é minha, não é? A minha traição foi o catalisador.

— Não creio que seja tão simples assim. A Aimee é muito voluntariosa. Talvez o seu caso tenha contribuído um pouco, mas de um jeito estranho. Talvez tenha sido a gota d'água. O Van Dyne é professor de música e trabalha na loja preferida da Aimee. Provavelmente existe algum atrativo aí. Ela provavelmente amadureceu mais que o Randy. A Aimee sempre foi uma boa menina, certo?

— A melhor — Erik respondeu, suavemente.

— Então talvez ela simplesmente precisasse mostrar um pouco de rebeldia. Seria normal. E o Van Dyne estava por perto. Não sei se foi exatamente assim

que a coisa aconteceu. Mas eu não poria a culpa toda em você.

Ele assentiu, embora não desse a impressão de estar muito convencido. Todavia, novamente, Myron não estava se empenhando demais. Myron considerou chamar a polícia. Entretanto, o quê, exatamente, diriam eles? E o que fariam? Afinal, Jake Wolf tinha a polícia local na palma da mão. Eles poderiam avisar Jake. De qualquer forma, respeitariam os direitos do acusado.

— Então, em que pé estamos? — Erik indagou.

— Restam dois suspeitos. Drew Van Dyne e Jake Wolf. Erik meneou a cabeça.

— É o Wolf.

— O que o faz ter tanta certeza?

— Você ainda não entende o vínculo paterno, não é, Myron?

— Eu tenho um filho, Erik.

— Ele está no Iraque, certo? Myron nada disse.

— E o que você faria para salvá-lo?

— Você sabe a resposta.

— Sim, eu sei. É o mesmo comigo. E com o Jake Wolf. Ele ja mostrou que está disposto a ir longe.

— Existe uma grande diferença entre subornar um professor para alterar históricos escolares e...

— Assassinato? — Erik completou por ele. — A coisa provavelmente não começa assim. Começa-se conversando com ela, tentando fazê-la enxergar o seu ponto de vista. Explica-se como ela poderia acabar em apuros também, tendo sido aceita na Duke e tudo mais.

Mas ela se recusa a ceder. E, de repente, você compreende: é o clássico impasse nós-ou-eles. Ela tem o futuro do seu filho nas mãos. Quem você escolhe?

— Isso tudo é especulação — Myron disse.

— Talvez.

— É preciso manter a esperança.

— Por quê?

Myron se virou para Erik.

— Ela está morta, Myron. Sabemos disso.

— Não, não sabemos.

— Ontem à noite, quando estávamos naquela rua sem saída, você se lembra do que disse?

— Eu disse muitas coisas.

— Você disse não acreditar que a Aimee tivesse sido sequestrada por acaso, por algum psicopata.

— E continuo não acreditando. E daí?

— E daí, reflita um pouco. Se era alguém que ela conhecia — o Wolf, o Davis, o Van Dyne, escolha o que quiser —, por que ele a sequestraria?

Myron nada respondeu.

— Todos têm uma razão para mantê-la de boca fechada. Mas analise os fatos. Você acha que poderia ser ou o Van Dyne, ou o Wolf. Eu apostaria no Wolf. De qualquer forma, todos tinham medo do que a Aimee poderia revelar, certo?

— Certo.

— Quando você quer calar alguém, você não o sequestra apenas. Você o mata.

Erik se expressara tão calmamente, as mãos tão firmes no volante, que Myron não tinha certeza do que dizer. Erik apresentara os argumentos de um modo bastante convincente. Você não sequestra quando o objetivo é silenciar. Sequestro não resolveria o problema.

Aquele medo também estivera corroendo Myron. Tentara abafá-lo, impedi-lo de vir à tona, porém agora lá estava o medo, exposto pelo homem que teria desejado pintar o cenário mais cor-de-rosa possível.

— E, neste momento — Erik continuou —, estou bem. Você vê? Estou lutando. Estou pelejando para descobrir o que aconteceu. Quando a encontrarmos, se ela estiver morta, aí vai estar acabado. Eu estarei acabado. Vou viver de fachada. Vou seguir em frente pelas minhas outras filhas. Só por causa disso é que não murcharei, não morrerei. Por causa das minhas outras filhas. Mas pode acreditar: minha vida estará acabada. Você poderia muito bem me enterrar com a Aimee. A coisa se resume a isso. Estou morto, Myron. Mas não vou partir como um covarde.

— Aguente firme — Myron falou. — Ainda não sabemos de nada.

Então, Myron se lembrou de algo. Aimee estivera on-line. Lembraria Erik disso para lhe dar alguma esperança, entretanto queria refletir sobre o fato primeiro. A coisa não estava fazendo muito sentido. Erik levantara um argumento interessante. Pelo que haviam descoberto até agora, não existia razão para sequestrar Aimee — apenas uma razão para matá-la.

Era mesmo Aimee quem estava on-line? Ela tinha mandado um aviso a Erin?

Alguma coisa não estava fazendo sentido.

Eles entraram na rodovia 280 numa velocidade tal que o carro se equilibrou em duas rodas. Erik pisou no freio quando começaram a subir a colina onde ficava a residência de Wolf. Estacionaram duas casas abaixo.

— E o que fazemos, agora? — Erik indagou.

— Batemos à porta. Checamos se ele está em casa.

Os dois saíram do veículo e se dirigiram à entrada da casa. Sem que Erik se opusesse, Myron tomou a dianteira. Tocou a campainha, o som estridente,

pretensioso e excessivamente prolongado. Erik permaneceu alguns passos atrás, envolto pela escuridão. Myron sabia que Erik estava armado e se perguntou como lidaria com isso. Erik já atirara num homem naquela noite. E parecia disposto a tornar a fazê-lo.

A voz de Lorraine Wolf no interfone:

— Quem é?

— Myron Bolitar, sra. Wolf.

— Já está tarde. O que você quer?

Myron se lembrou do saiote branco de ténis e do tom de voz de duplo sentido. Não havia duplo sentido algum agora. A voz soava oca.

— Preciso falar com o seu marido.

— Ele não está em casa.

— Você poderia, por favor, abrir a porta?

— Eu gostaria que você fosse embora.

Myron ponderou sobre como contornar a situação.

— Falei com o Randy agora há pouco. Silêncio.

— Ele estava numa festa. Conversamos sobre a Aimee. Depois conversei com o Harry Davis. Sei de tudo, sra. Wolf.

— Não sei do que você está falando.

— Ou você abre essa porta, ou vou à polícia.

Silêncio novamente. Myron olhou para Erik. Este continuava tranquilo. Myron não gostou nada disso.

— Sra. Wolf?

— O meu marido estará de volta dentro de uma hora. Volte mais tarde.

Erik Biel aproveitou a deixa.

— Acho que não.

Ele encostou o cano da pistola na fechadura e atirou. A porta se escancarou. Erik entrou correndo, arma em punho. O mesmo fez Myron.

Lorraine Wolf gritou.

Por um momento, ninguém se mexeu. Myron se limitou a analisar a situação. Lorraine Wolf estava plantada no meio da sala. Usando luvas de borracha. Essa foi a primeira coisa que lhe chamou a atenção. Luvas de borracha de um amarelo chamativo. Então, ele reparou mais atentamente naquelas mãos. Numa delas, a direita, Lorraine segurava uma esponja. Na outra — a esquerda, obviamente —, um balde amarelo, combinando com as luvas.

Havia uma área molhada no carpete, que ela estivera limpando.

Erik e Myron deram um passo à frente. Agora podiam ver que no balde havia água. De um horrível tom avermelhado.

— Meu Deus, não —Erik murmurou.

Myron se virou para segurá-lo, porém era tarde demais. Alguma coisa explodira dentro da cabeça de Erik. Urrando, ele partiu para cima da mulher. Lorraine Wolf berrou. O balde caiu no chão, o líquido avermelhado derramando-se.

Erik agarrou-a, arrastou-a até o sofá. Myron os seguia, incerto sobre qual atitude tomar. Se fizesse um movimento por demais agressivo, Erik poderia puxar o gatilho. Mas se não fizesse nada...

Erik tinha Lorraine Wolf agora, a arma pressionando-a na têmpora. Ela gritou, tentando empurrá-lo para longe. Erik não se moveu.

— O que você fez com a minha filha?

— Nada!

— Erik, não faça isso — Myron o alertou.

Porém Erik não o ouvia. Myron ergueu a arma. Apontou-a para Erik. Erik não deu a mínima.

— Se você matá-la... — Myron falou.

— O quê? — Erik gritou. — O que perdemos? Olhe para este lugar. A Aimee já está morta.

— Não! — Lorraine Wolf berrou.

— Então onde está a Aimee, Lorraine? — Myron perguntou. Ela apertou os lábios.

— Lorraine, onde está a Aimee?

— Eu não sei.

Erik levantou a pistola. Pretendia acertá-la com a coronha.

— Erik, não.

Ele hesitou. Lorraine levantou a cabeça, fitou-o nos olhos. Ela estava apavorada, porém se preparando para receber o golpe.

— Não — Myron tornou a dizer, dando mais um passo à frente.

— Ela sabe de alguma coisa.

— E nós vamos descobrir o que é, o.k.? Erik o encarou.

— O que você faria? Se fosse alguém que você ama? Myron se aproximou um pouco mais.

— Eu sinceramente amo a Aimee.

— Não como um pai.

— Não, não assim. Mas já fiz o que você está fazendo agora. Forcei demais. Não funciona.

— Funcionou com o Harry Davis.

— Eu sei, mas mesmo assim...

— Ela é mulher. Essa é a única diferença. Atirei no pé de Davis, e você o interrogou e deixou que ele sangrasse. Agora estamos cara a cara com alguém

que está limpando sangue do chão, e, de repente, você fica escrupuloso?

Mesmo com o raciocínio obscurecido, mesmo nessa loucura, Erik expressara um bom argumento. Outra vez o dilema menino/ menina. Se Aimee fosse um rapaz... Se Harry Davis fosse uma mulher bonita, que gostasse de flertar...

— Onde está a minha filha? — Erik recolocou a arma na têmpora de Lorraine.

— Eu não sei.

— De quem é o sangue que você estava limpando?

Erik apontou-lhe a arma para o pé. Porém seu controle estava se esvaindo. Lágrimas lhe escorriam pelo rosto. Sua mão tremia.

— Se você atirar nela — Myron falou —, as provas serão contaminadas. As amostras de sangue vão se misturar. A polícia nunca saberá o que aconteceu aqui. O único a ir para a cadeia será você.

O argumento não fazia muito sentido, porém foi o bastante para desacelerar Erik. Seu rosto desabou. Ele chorava muito. Mas continuava apontando a arma para o pé de Lorraine.

— Inspire fundo — Myron lhe falou. Erik meneou a cabeça.

— Não!

O ar estava parado. Tudo se detivera. Erik olhou para Lorraine Wolf. Ela sustentou o olhar, sem recuar. Myron notou o dedo de Erik pousar sobre o gatilho.

Não havia escolha agora.

Myron precisava agir.

E, então, seu celular tocou.

O som fez Erik tirar o dedo do gatilho e limpar o rosto com a manga da camisa.

— Atenda — ele falou.

Myron olhou o visor. Win ligando.

— O que foi?

— O carro do Drew Van Dyne acabou de entrar na garagem da casa dele.

CAPÍTULO 50

A investigadora Loren Muse estava trabalhando em seu novo caso, aquele envolvendo o duplo homicídio em East Orange, quando seu telefone tocou. Era tarde, porém Muse não se surpreendeu. Frequentemente trabalhava até altas horas. Seus colegas sabiam disso.

— Muse.

A voz abafada parecia feminina.

— Tenho algumas informações pra você.

— Quem está falando?

— E sobre aquela menina desaparecida.

— Qual menina desaparecida?

— Aimee Biel.

Erik ainda estava apontando a pistola para Lorraine Wolf.

— O que foi? — Ele perguntou a Myron.

— Drew Van Dyne. Acabou de chegar em casa.

— E isso significa o quê?

— Significa que deveríamos conversar com ele. Erik apontou para Lorraine Wolf.

— Não podemos simplesmente deixá-la aqui.

— Concordo.

A coisa mais inteligente seria encarregar Erik de ficar na casa, de olho em Lorraine Wolf, impedindo-a de ferir alguém, ou de limpar o sangue, ou de seja lá o que fosse. Porém não queria largá-la sozinha com Erik. Não desse jeito. Não no estado em que Erik se encontrava.

— Vamos levá-la conosco — Myron falou.

— Levante-se — Erik ordenou, a arma pressionando-a na cabeça.

Enquanto caminhavam para o carro, Myron ligou para o detetive Lance Banner.

— Banner.

— Mande os seus melhores peritos para a casa do Jake Wolf— Myron falou. — Não tenho tempo pra explicar.

E desligou. Em outras circunstâncias, poderia ter pedido reforço. Mas Win estava diante da casa de Drew Van Dyne. Não havia necessidade de chamar mais ninguém.

Myron assumiu o volante. Erik se sentou no banco de trás, com Lorraine Wolf, ainda mantendo-a sob a mira da pistola. Fitando-a pelo espelho retrovisor, Myron perguntou:

— Onde está o seu marido?

— Na rua.

— Onde?

Ela não respondeu.

— Duas noites atrás, vocês receberam um telefonema. Às três horas da madrugada.

Os olhos de Lorraine se encontraram com os de Myron no espelho. Embora ela não assentisse, parecia expressar concordância.

— Um telefonema do Harry Davis. Você o atendeu, ou o seu marido?

— O Jake atendeu. — A voz dela soou baixo.

— O Davis contou para ele que a Aimee o tinha procurado em casa e falou que estava preocupado. E, então, o Jake correu para o carro.

— Não.

Myron se calou. Refletiu sobre a resposta.

— O que o seu marido fez, então?

Lorraine tornou a mudar de posição, olhando Erik diretamente nos olhos.

— Nós gostávamos muito da Aimee. Pelo amor de Deus, Erik, ela namorou o Randy nos últimos dois anos.

— Mas, então, ela o dispensou — Myron falou.

— Sim.

— E como o Randy reagiu?

— Ficou mal. Ele gostava dela. Mas você não pode pensar...

— Vou perguntar mais uma vez, sra. Wolf. Depois do telefonema do Harry Davis, o que o seu marido fez?

Lorraine deu de ombros.

— O que ele poderia fazer? Myron ficou em silêncio.

— O quê? Você acha que o Jake pegou o carro, foi até lá e sequestrou a Aimee? Pare com isso. Mesmo sem nenhum trânsito é meia hora de Livingston a Ridgewood. Você acha que a Aimee ficaria esperando no meio da rua até o Jake chegar?

Myron abriu a boca e tornou a fechá-la. Tentou visualizar a cena. Harry Davis a tinha mandado ir embora. Aimee teria ficado lá, parada, no meio de uma rua escura, por meia hora ou mais? Fazia algum sentido?

— Então, o que aconteceu? — Myron indagou. Lorraine nada disse.

— Vocês receberam a ligação do Harry Davis. Ele estava em pânico por causa da Aimee. O que você e o Jake fizeram?

Myron virou à esquerda. Estavam na avenida Northfield agora, uma das vias mais largas de Linvingston. Pisou mais fundo no acelerador.

— O que você teria feito? Ninguém respondeu. Os olhos de Lorraine se

fixaram nos de Myron, pelo espelho retrovisor.

— É o seu filho — ela continuou. — Todo o futuro dele está em jogo. Ele tinha essa namorada. Uma menina doce, maravilhosa. Mas alguma coisa aconteceu com ela. Ela mudou. Não sei a razão.

Erik se remexeu no banco, mas manteve a arma apontada para a mulher.

— De repente, ela não quer mais saber dele. Tem um caso com um professor. Sai batendo em portas às três horas da madrugada. Está esquisita e, se começar a falar, pode fazer todo o seu mundo desmoronar. E, então, o que você teria feito, sr. Bolitar? — Lorraine se virou para Erik. — Se a situação fosse inversa, se o Randy tivesse dispensado a Aimee assim, se ameaçasse destruir todo o futuro dela, o que você teria feito, Erik?

— Eu o teria matado — Erik devolveu.

— Nós não a matamos. Nós só... Nós nos preocupamos. O Jake e eu sentamos e conversamos. Refletimos sobre como lidar com isso. Tentamos traçar um plano. Em primeiro lugar, pediríamos que Harry Davis destrocasse os registros no computador, procurasse dar a impressão de que tinha ocorrido um erro, ou algo assim. As pessoas até poderiam suspeitar da verdade, mas, se não conseguissem provar, nada aconteceria conosco. Tentamos pensar em outras saídas. Sei que vocês querem taxar o Randy de fornecedor de drogas, mas ele era apenas um contato. Toda escola tem alguns. Não vou defender esse comportamento dele. Mas me lembro de quando fui para Middlebury. Não vou dizer o nome, mas um homem, hoje um político respeitado, era quem fornecia drogas para os colegas. Você se forma, e a coisa está encerrada. Mas, agora, o que precisávamos fazer era garantir que esse episódio não vazasse. E, principalmente, queríamos encontrar uma maneira de chegar à Aimee. íamos telefonar pra você, Erik. Pensávamos que, talvez, você conseguisse persuadi-la.

Porque não era apenas o futuro do Randy. Era o dela também.

Eles se aproximavam da casa de Drew Van Dyne.

— É uma história muito boa, sra. Wolf— Myron afirmou. — Mas você deixou uma parte de fora.

Lorraine fechou os olhos.

— De quem é o sangue no carpete? Nenhuma resposta.

— Você me ouviu ligar para a polícia. Eles estão a caminho da sua casa. Farão testes. De DNA ou o que for. Vão descobrir.

Ainda assim, Lorraine Wolf nada disse. Haviam chegado à rua de Drew Van Dyne. As casas eram menores e mais velhas. Os gramados, não tão verdes. Os arbustos se vergavam e balançavam.

Win explicara a Myron o lugar exato onde estaria, caso contrário Myron nunca o teria visto. Ele parou o carro.

— Espere aqui um instante — pediu a Erik.

Myron saiu do veículo e andou até a parte de trás de uma árvore. Win estava lá.

— Não estou vendo o carro do Van Dyne — Myron falou.

— Está na garagem.

— Faz tempo que ele chegou?

— Quando eu liguei pra você?

— Uns dez minutos atrás.

— Então é isso aí.

Myron olhou para a casa. Estava escura.

— Nenhuma luz acesa.

— Reparei nisso também.

— O Van Dyne estacionou na garagem faz dez minutos e ainda não entrou em casa?

Win deu de ombros.

Um ruído rangente. A porta da garagem se abriu. Luzes de faróis em seus olhos. O carro saiu rapidamente. Win sacou a arma, preparando-se para atirar. Myron pôs a mão no braço do amigo.

— A Aimee pode estar lá dentro. Win assentiu.

O veículo voou pela rua, dobrou à direita, os pneus cantando. Passou pelo carro estacionado, em cujo banco traseiro permaneciam Erik Biel e Lorraine Wolf. O Toyota Corolla de Van Dyne hesitou. Então, ganhou velocidade.

Myron e Win correram de volta para o carro. Myron se acomodou ao volante, Win no banco de passageiro. Erik Biel ainda com a arma apontada para Lorraine Wolf.

Virando-se, Win sorriu para Erik.

— Oi.

Win estendeu o braço como se para apertar a mão do outro. Em vez disso, arrancou-lhe rapidamente a pistola. Simples assim. Num segundo, Erik Biel estava segurando uma arma. No outro, não.

Myron entrou na rua onde o veículo de Van Dyne desaparecera ao dobrar uma curva. Win olhou para a pistola, franziu o cenho, tirou a munição.

A perseguição começara. Mas não duraria muito.

CAPÍTULO 51

Não era Drew Van Dyne ao volante.

E, sim, Jake Wolf.

Jake guiava velozmente. Fez algumas curvas rápidas, porém não percorreu mais que uns dois quilómetros. Ganhara uma boa dianteira. Chegando ao velho Shopping Roosevelt, estacionou nos fundos. Atravessou os campos de futebol escuros, caminhando na direção do Colégio Livingston. Supunha que Myron Bolitar o estivesse seguindo. Mas também supunha que conquistara alguma vantagem inicial.

Ele ouviu os barulhos da festa. Depois de mais alguns passos, avistou o brilho das luzes, o ar da noite inundando-lhe os pulmões. Jake tentou olhar as árvores, as casas, os carros junto às entradas. Amava essa cidade. Amava sua vida nessa cidade.

Chegando mais perto, escutou as risadas. Pensou no que estava fazendo ali. Engoliu em seco e andou até uma fileira de pinheiros, na propriedade vizinha. Achou uma brecha entre as árvores e olhou para a tenda.

Jake Wolf localizou o filho imediatamente.

Sempre fora assim com Randy. Você nunca deixava de notá-lo. Ele se sobressaía, não importando as circunstâncias. Jake se lembrava de quando fora ao primeiro treino de futebol do filho, ainda na primeira série. Deveria haver umas trezentas, quatrocentas crianças, todas lá, espalhadas pelos campos, todas correndo e pulando como moléculas no calor. Jake chegara tarde, porém não levara mais que uns poucos segundos para localizar aquele menino radiante no meio de ondas de crianças tão parecidas umas com as outras. Era como se a luz de um holofote o cercasse, iluminando cada um de seus passos.

Jake Wolf apenas observou. O filho conversava com uma turma de amigos. Todos estavam rindo de algo que Randy dissera. Jake sentiu os olhos marejarem. Havia muita culpa a ser distribuída. Esforçou-se para lembrar quando tudo começara. Com o dr. Crowley, talvez. Maldito professor de história que se auto-intitulava doutor. Que tipo de bosta pretensioso era esse cara?

Crowley, um sujeito pequeno, insignificante, de cabelos mal cortados e ombros caídos. Odiava atletas. Podia-se farejar a inveja a quilómetros de distância. Crowley olhava para alguém como Randy, alguém tão bonito e atlético e especial, e enxergava apenas seus próprios fracassos adolescentes.

Fora assim que começara.

Randy havia feito uma dissertação maravilhosa sobre a Ofensiva do Tet para a aula de história de Crowley. Crowley lhe dera um sete. Um maldito sete. Um

amigo de Randy, chamado Joel Fisher, tirara dez. Jake lera as duas redações. A de Randy era melhor. E não fora apenas Jake Wolf quem pensara assim. Ele fizera um teste com várias pessoas. Pedira-lhes que as lessem sem dizer qual dissertação era a de seu filho e qual era a de Joel.

"Qual é melhor?", perguntara-lhes.

E quase todos concordaram. A dissertação de Randy — que recebera sete — era superior.

Poderia ter parecido algo pequeno, mas não. Aquela dissertação valia três quartos da média final. Dr. Crowley dera sete e meio a Randy. O que tirara Randy da lista dos melhores alunos naquele semestre. Porém, mais do que isso, mais do que qualquer outra coisa, tirara-o da lista dos dez por cento que compunham a nata dos estudantes. Dartmouth fora clara. Com os resultados de Randy nos testes de avaliação, ele precisava estar incluído nos dez por cento. Se aquele sete e meio tivesse sido um oito, Randy teria sido aceito.

Essa era a diferença.

Jake e Lorraine haviam ido conversar com o dr. Crowley. Explicaram a situação. Crowley permanecera irredutível. Fora desprezível, deleitando-se em exercer o poder, e Jake tivera de lançar mão de toda a sua força de vontade para não jogar o homenzinho pela janela.

Porém Jake não desistiria assim tão facilmente. Contratara um detetive particular para investigar o passado do sujeito. Entretanto, a vida de Crowley sempre havia sido tão patética, uma nulidade tão grande, tão pouco notável, especialmente se comparada àquele facho de luz que era seu filho... não houvera nada que pudesse ter usado contra o homenzinho.

Portanto, se Jake Wolf tivesse jogado de acordo com as regras, a coisa teria acabado ali. O que negaria a seu filho a chance de obter uma educação de primeira linha — devido ao capricho de um nada feito Crowley.

Não. De jeito nenhum.

E assim começara.

Jake engoliu em seco, o olhar fixo. Seu filho era o centro da festa, o sol com dúzias de planetas ao redor. Ele tinha um copo na mão. Randy possuía um desembaraço tão natural. Tamanho aprumo em tudo o que fazia. Imerso nas sombras, Jake Wolf se perguntou se haveria um jeito de salvar tudo aquilo. Não, achava que não. Era como tentar segurar água nas mãos. Esforçara-se para se mostrar confiante diante de Lorraine. Imaginara que talvez conseguisse largar o corpo na casa de Drew Van Dyne. Lorraine limparia a mancha de sangue. Ainda poderia dar certo.

Mas Myron Bolitar aparecera. Jake o avistara da garagem. Percebera que estava preso numa armadilha. Alimentara, então, a esperança de ganhar uma boa

dianteira, despistá-los, e largar o corpo em qualquer lugar. Porém, quando dobrara a primeira curva e vira Lorraine no banco de trás, não tivera dúvida de que tudo estava acabado.

Contrataria um bom advogado. O melhor. Conhecia um sujeito, Lenny Marcus. Grande advogado de defesa. Chamaria Marcus, e veriam o que poderia ser feito. Todavia, no fundo do coração, Jake Wolf sabia que estava acabado. Pelo menos para ele.

Era por essa razão que estava ali agora. Nas sombras. Observando seu belo e perfeito filho. Randy fora a única coisa que fizera certo. Seu menino. Seu precioso menino. Desde o primeiro instante em que pusera os olhos no bebé, no hospital, ficara hipnotizado. Jake Wolf comparecera a todos os treinos. A todos os jogos. Não fora apenas para mostrar apoio — diversas vezes, durante os treinos, postara-se atrás de uma árvore, quase escondido, como agora. Simplesmente gostava de olhar para o filho. Era tudo. Gostava de se perder nesse simples êxtase. E às vezes, enquanto o observava, não podia acreditar quão afortunado era. Como alguém feito Jake Wolf, também um nada quando se pensava a respeito, podia ter participado da criação de algo tão miraculoso. O mundo era cruel, terrível, e você tinha de fazer tudo ao seu alcance para conseguir uma vantagem. Mas então, de vez em quando, olhava para Randy e percebia que existia algo além desse mundo cão, que devia haver alguma coisa melhor num outro plano, um ser superior, porque ali, diante dele, existiam perfeição e beleza.

— Oi, Jake.

Ele se virou ao som da voz.

— Oi, Jacques.

Jacques Harlow, pai de um dos melhores amigos de Randy, e anfitrião. Jacques se aproximou, e os dois observaram a festa, observaram seus filhos, mergulhados numa contemplação muda.

— Inacreditável como o tempo passa depressa, não? — Harlow comentou, após alguns minutos.

Jake apenas meneou a cabeça, temeroso de falar, seus olhos nunca abandonando o filho.

— Que tal entrar para tomar um drinque?

— Não posso. Passei apenas para entregar uma coisa ao Randy. De qualquer maneira, obrigado.

— Disponha. — Harlow lhe deu um tapinha nas costas antes de voltar para a varanda.

Passaram-se mais uns cinco minutos. Jake desfrutou de cada segundo. Então, escutou sons de passos. Virou-se e viu Myron Bolitar. Myron tinha uma arma na

mão. Jake Wolf sorriu e tornou a se virar para o filho.

— O que você está fazendo aqui, Jake?

— O que lhe parece?

Jake Wolf não queria se mover, porém sabia haver chegado a hora. Embriagou-se de mais um olhar para o filho. Era isso. Aquela seria a última vez que veria o filho assim. Queria dizer algo a seu filho, oferecer-lhe algumas palavras de sabedoria, mas Jake Wolf não era bom com palavras.

Portanto, virou-se e levantou as mãos.

— No porta-malas — Jake Wolf falou. — O corpo está no porta-malas.

CAPÍTULO 52

Win estava alguns passos atrás de Myron. Só para garantir. Porém percebeu imediatamente que Jake Wolf não tentaria nada. Estava se rendendo, pelo menos por ora. Poderia surgir algo, alguma coisa depois. Win já lidara com homens feito Jake Wolf. Eles realmente nunca acreditam que esteja acabado. Buscam uma saída, um alçapão, um buraco por onde escapar, uma manobra legal, qualquer coisa.

Alguns minutos antes, tinham localizado o carro de Van Dyne no estacionamento do Shopping Roosevelt. Myron e Win correram na frente, deixando Lorraine Wolf e Erik Biel no carro. Erik ainda tinha consigo algumas algemas de plástico, compradas na mesma loja onde adquirira munição. Assim, haviam prendido as mãos de Lorraine atrás das costas e rezado para que Erik não perdesse a cabeça.

Não muito tempo depois de Myron e Win desaparecerem na escuridão, Erik saíra do veículo. Caminhara para o carro de Van Dyne. Abrira a porta da frente. Não sabia exatamente o que estava fazendo. Só sabia que precisava fazer algo. Sentara-se ao volante. Havia palhetas de guitarra no chão. Lembrou-se da coleção da filha, de quanto ela adorava aquilo, de como fechava os olhos ao dedilhar as cordas. Lembrou-se da primeira guitarra de Aimee, uma coisinha vagabunda que comprara numa loja de brinquedos por dez dólares.

Aimee tinha apenas quatro anos. Ela martelara o instrumento, numa maravilhosa versão de uma canção natalina. Mais tipo Bruce Springsteen do que alguma coisa que se esperaria de uma criança do jardim-de-infância. Ele e Claire tinham aplaudido quando a filha terminara.

— A Aimee agita! — Claire gritara. Todos os três sorriam. Estavam tão felizes.

Pelo pára-brisa, Erik olhou para seu carro, para Lorraine Wolf. Os olhos de ambos se encontraram. Conhecia Lorraine havia dois anos, desde que seus filhos tinham começado a namorar. Gostava de Lorraine. E, verdade fosse dita, até quase chegara a fantasiar com ela. Não que tivesse cogitado tomar alguma atitude. Não, nada disso. Jamais. Apenas uma fantasia inofensiva envolvendo uma mulher atraente. Coisa normal.

Erik deu uma olhada no banco traseiro. Uma partitura, manuscrita. Ele gelou. Estendeu a mão devagar. Reconheceu a letra de Aimee. Apanhou a folha de papel, segurando-a como se fosse uma delicada porcelana.

Aimee tinha escrito aquilo.

Com um aperto na garganta, roçou as palavras, as notas, com a ponta dos

dedos. Sua filha havia segurado aquele pedaço de papel. Havia franzido o cenho, como sempre fazia, vasculhado dentro de sua experiência de vida e produzido isso. Algo simples, mas que, de repente, significava muito para ele. Sua raiva sumira. Esse sentimento voltaria, sabia bem disso. Porém, naquele momento, seu coração estava apenas pesado. Não havia raiva. Somente dor.

Foi então que Erik decidiu abrir o porta-malas.

Fitou Lorraine Wolf. Novamente, uma sombra toldou o rosto dela. Erik abriu a porta do veículo e saiu para dentro da noite. Aproximou-se do porta-malas e começou a abri-lo. Escutou um ruído vindo do campo. Virou-se, deparou com Myron correndo na sua direção.

— Erik, espere...

Erik abriu Oporta-malas.

O oleado preto. Foi isso o que enxergou primeiro. Alguma coisa enrolada num oleado preto. Seus joelhos vergaram, porém aguentou firme. Ergueu a mão para Myron, como se o mandasse não se aproximar. Tentou rasgar o plástico. O material não cedia. Puxou e tornou a puxar. Nada. Erik estava em pânico agora. O peito, apertado. A respiração, entrecortada.

Tirou o chaveiro do bolso e enfiou a ponta de uma chave no plástico grosso. Fez um buraco. Havia sangue. Abriu um buraco maior. Meteu as mãos lá dentro. Elas ficaram úmidas e pegajosas.

Desesperadamente, Erik começou a destroçar o oleado, como se o que estivesse aprisionado ali dentro precisasse de ar.

Viu a face inanimada e deu um passo para trás.

Myron estava ao seu lado agora.

— Oh, meu Deus — Erik murmurou, desabando. — Oh, obrigado...

Não era sua filha no porta-malas. Era Drew Van Dyne.

CAPÍTULO 53

— Atirei nele em legítima defesa — Lorraine Wolf falou.

Myron já podia ouvir as sirenes. Ele continuava parado perto do porta-malas, com Etik Biel e Lorraine Wolf. Chamara a polícia momentos atrás. Não tardariam a chegar. A alguns metros dali, as silhuetas distantes de Win e Jake Wolf. Myron havia corrido na frente.

Win se encarregara de guardar o suspeito.

— O Drew Van Dyne estava na casa — ela continuou. — Apontou uma arma para o Jake. Estava gritando um monte de besteira sobre a Aimee...

— Que tipo de besteira?

— Ele dizia que o Jake não se importava com ela. Que achava que ela era só uma vagabunda. Que ela estava grávida. O Van Dyne estava totalmente descontrolado.

— E o que você fez?

— Nós temos armas em casa. O Jake gosta de caçar. Peguei um rifle. Apontei para ele. Mandei-o largar a arma. Ele se recusava. Dava pra ver que ele não largaria mesmo a arma. Então...

— Não! — A intervenção partiu de Jake Wolf. Ele já estava perto agora. — Eu atirei no Van Dyne!

Todos o olharam. As sirenes da polícia soando mais altas.

— Atirei em legítima defesa — Jake insistiu. — Ele me ameaçou com uma arma.

— Então, por que você meteu o corpo no porta-malas? — Myron perguntou.

— Tinha receio de que ninguém acreditaria nisso. Eu estava levando-o para a própria casa, para deixá-lo lá. Depois percebi que seria uma atitude idiota.

— Quando você percebeu isso? Quando nos viu?

— Quero um advogado. Lorraine, não fale mais nada. Erik Biel deu um passo à frente.

— Nada disso me importa. A minha filha. Onde a minha filha está!

Ninguém se mexeu. Ninguém falou nada. A noite permaneceu em silêncio, exceto pelos gritos das sirenes.

Lance Banner foi o primeiro policial a sair do carro, porém dúzias de outras viaturas chegaram ao estacionamento do Shopping Roosevelt, as luzes piscando. O rosto de todos ia do vermelho ao azul, num efeito que provocava vertigens.

— Aimee? — Erik perguntou suavemente. — Onde ela está? Myron tentou manter a calma, tentou se concentrar. Aproximou-se de Win. A expressão deste, como sempre, inalterada.

— E, então, como ficamos? — Win perguntou.

— Não foi o Davis — Myron respondeu. — Já o eliminamos como suspeito. Não parece que tenha sido o Van Dyne. Ele apontou uma arma para o Jake Wolf porque o julgava culpado. E os Wolf afirmam, de um jeito convincente, que também não foram eles.

— Algum outro suspeito?

— Ninguém em quem eu consiga pensar agora.

— Então, precisamos voltar a investigar essas pessoas.

— O Erik acha que ela está morta. Win assentiu.

— Por isso é que precisamos investigar essas pessoas novamente.

— Você acredita que um deles matou a Aimee e se livrou do corpo?

Win não se deu ao trabalho de responder.

— Meu Deus. — Myron olhou para Erik. — Será que estamos analisando essa situação pelo ângulo errado desde o início?

— Não consigo imaginar como.

O celular de Myron tocou. O número de quem ligava estava bloqueado.

— Alô?

— Investigadora Loren Muse falando. Está lembrado de mim?

— Claro.

— Acabei de receber um telefonema anónimo. Alguém afirma ter visto Aimee Biel ontem.

— Onde?

— Na avenida Livingston. Aimee estava no banco do passageiro de um Toyota Corolla. O motorista se encaixa bastante na descrição de Drew Van Dyne.

— Tem certeza? — Myron perguntou.

— Foi o que a mulher disse.

— Ele está morto, Muse.

— Quem?

— Drew Van Dyne.

Erik se aproximou de Myron.

E foi quando aconteceu.

O celular de Erik tocou.

Ao olhar para o visor, Erik quase gritou.

— Ai, meu Deus...

Erik levou o aparelho ao ouvido apressadamente, os olhos cheios de lágrimas, as mãos tremendo tanto que apertou a tecla errada para receber a chamada. Tentou novamente, a voz aguda devido ao pânico.

— Alô?

Myron se inclinou para escutar. Houve um momento de estática. E, então, uma voz, uma voz chorosa, uma voz familiar, falou:

— Pai?

O coração de Myron parou de bater.

O rosto de Erik desmoronou, mas sua voz soou firme, toda paternal.

— Onde você está, querida? Você está bem?

— Eu não... Acho que estou bem. Pai?

— Tudo bem, querida. Estou aqui. Apenas me diga onde você está.

E ela disse.

CAPÍTULO 54

Myron dirigia. Erik ia no banco do passageiro.

O percurso não foi longo.

Aimee dissera estar atrás do Little Park, perto do colégio — o mesmo parque aonde Claire costumava levá-la para brincar quando ela tinha apenas três anos. Erik não a deixou desligar o telefone.

— Está tudo bem — ele continuava dizendo. — Papai está a caminho.

Myron fez uma conversão proibida para encurtar o trajeto e ganhar tempo. Passou por cima de duas calçadas. E não se importou. Erik, tampouco. Velocidade era essencial. O estacionamento estava vazio. As luzes dos faróis varavam a noite. Então, após a última curva, as luzes pousaram numa figura solitária.

Myron pisou no freio.

— Oh, meu Deus... Oh, meu bom Deus... — Erik murmurava sem parar.

Ele já estava fora do carro. Myron também. Os dois se puseram a correr. Mas, em algum ponto no meio do caminho, Myron deixou Erik ganhar a dianteira. Era assim que deveria ser. Erik arrebatou a filha nos braços. Segurou-lhe o rosto cuidadosamente nas mãos, como se temendo que fosse apenas um sonho, uma espiral de fumaça, e que ela pudesse sumir outra vez.

Myron parou e assistiu à cena. Então, pegou o celular e ligou para Claire.

— Myron? O que é que está acontecendo, pelo amor de Deus!

— Ela está bem.

— O quê?

— Ela está segura. Vamos levá-la para casa, para você.

No carro, Aimee parecia grogue.

— O que aconteceu? — Myron perguntou.

— Acho... —Aimee começou, os olhos arregalados, as pupilas dilatadas — ... acho que eles me drogaram.

— Quem?

— Não sei.

— Você não sabe quem a sequestrou? A menina fez que não com a cabeça.

Erik estava no banco de trás, junto com a filha. Ele a abraçava, acariciava-lhe os cabelos, repetindo, sem parar, que tudo estava o.k. agora, que tudo estava bem.

— Talvez devêssemos levá-la ao médico.

— Não — Erik retrucou. — Ela precisa ir pra casa primeiro.

— Aimee, o que aconteceu?

— Ela esteve num inferno, Myron. Dê um tempo para que ela recupere o fôlego.

— Tudo bem, pai.

— Por que você estava em Nova York?

— Eu ia encontrar uma pessoa.

— Quem?

— Era sobre... — Sua voz fraquejou. — É difícil falar disso.

— Nós sabemos sobre o Drew Van Dyne — Myron falou. — Sabemos que você está grávida.

A garota fechou os olhos.

— Aimee, o que aconteceu?

— Eu ia me livrar dele.

— Do bebê? Ela assentiu.

— Fui até a esquina da Rua 52 com a Sexta Avenida. Foi o que me mandaram fazer. Eles iam me ajudar. Eles apareceram num carro preto. Mandaram que eu sacasse dinheiro num caixa eletrônico.

— Quem?

— Nunca os vi. As janelas tinham vidros escuros. Eles estavam sempre disfarçados.

— Disfarçados?

— Sim.

— Eles. Havia mais de um?

— Não sei. Sei que escutei a voz de uma mulher. Disso tenho certeza.

— Por que você simplesmente não foi até o St. Barnabas? Aimee hesitou.

— Estou tão cansada.

— Aimee?

— Eu não sei — ela retrucou. — Alguém do St. Barnabas ligou. Uma mulher. Se eu fosse lá, os meus pais descobririam. Alguma coisa sobre leis de proteção. Eu só... Eu já tinha feito tanta coisa errada... Eu só queria... Mas aí eu já não tinha mais tanta certeza... Saquei o dinheiro. Eu ia entrar no carro. Mas, no último minuto, fiquei apavorada. Foi quando liguei pra você, Myron. Eu queria conversar com alguém. E seria com você. Mas depois achei que seria melhor conversar com outra pessoa.

— Harry Davis? Aimee assentiu.

— Eu conheço uma outra garota... ela engravidou do namorado... e ela disse que o sr. D a ajudou muito, de verdade.

— Basta — Erik disse.

Estavam quase chegando à casa dos Biel. Myron não queria encerrar a conversa. Não ainda.

— O que aconteceu depois?

— O resto está meio confuso.

— Confuso?

— Sei que entrei num carro.

— De quem?

— O mesmo que tinha estado esperando por mim em Nova York, acho. Fiquei me sentindo tão ridícula quando o sr. D me mandou embora... Então, achei que talvez devesse ir mesmo com eles. Acabar com aquela coisa toda. Mas...

— Mas o quê?

— É tudo muito confuso. Myron franziu o cenho.

— Não entendo.

— Não sei. Eu estava drogada quase o tempo todo. Eu me lembro apenas de ficar acordada uns poucos minutos e logo voltar a dormir. Sei lá quem eram eles... Só sei que fiquei numa cabana de madeira. É só o que eu lembro. A cabana tinha uma lareira de pedras brancas e marrons. E, de repente, eu estava no campo, atrás do playground. Liguei pra você, pai. Nem sei... Quanto tempo fiquei longe de casa?

Aimee começou a chorar. Erik tomou-a nos braços.

— Está tudo bem, querida. Seja lá o que tenha acontecido, já acabou agora. Você está em segurança.

Claire estava no gramado. Ela correu para o carro. Aimee conseguiu sair do veículo, embora mal se sustentasse de pé. Claire deixou escapar um grito feral e agarrou a filha.

Eles se abraçaram, choraram, beijaram-se, os três. Myron sentiu-se um intruso. Eles se puseram a caminhar na direção da porta. Myron esperou. Claire se virou. Encontrou o olhar do amigo. Correu de volta para ele.

Beijou-o.

— Obrigada.

— A polícia ainda vai precisar conversar com ela.

— Você cumpriu a sua promessa. Ele não falou nada.

— Você a trouxe pra casa.

Então, Claire correu de volta para a filha.

Myron continuou lá parado, observando-os entrar. Queria celebrar. Aimee estava em casa. Ilesa.

Entretanto, não se sentia no espírito da coisa.

Tornou a dirigir até o cemitério que se debruçava sobre o pátio da escola. O portão estava aberto. Andou até a sepultura de Brenda e sentou-se ao lado. A noite avançava. Podia ouvir os ruídos do tráfego na rodovia.Refletiu sobre o que acabara de acontecer. Pensou no que Aimee contara. Pensou em Aimee agora em

casa, em segurança, com a família, enquanto Brenda jazia sob sete palmos.

Myron continuou ali até outro carro chegar. Quase sorriu ao avistar Win. Win manteve-se a distância durante alguns segundos. Então, aproximou-se, leu a lápide.

— É bom ganhar uma, não? — Win perguntou.

— Não tenho tanta certeza assim.

— Por que não?

— Ainda não sei o que aconteceu.

— Ela está viva. Está em casa.

— Não sei se isso basta. Win apontou para a lápide.

— Se você pudesse voltar no tempo, precisaria saber de tudo o que aconteceu? Ou bastaria saber que ela estava viva e em casa?

Myron fechou os olhos, tentando imaginar essa felicidade.

— Bastaria saber que estava viva e em casa. Win sorriu.

— Então, é isso aí. Tem mais alguma coisa?

Myron se levantou. Não sabia a resposta. Sabia apenas que havia passado tempo suficiente com os fantasmas, com os mortos.

CAPÍTULO 55

A polícia tomou o depoimento de Myron. Fizeram-lhe perguntas. Não lhe disseram nada. Myron dormiu em sua casa em Livingston naquela noite. Win lhe fez companhia. Win raramente pernoitava ali. Ambos acordaram cedo. Assistiram ao Sports Desk na TV e comeram cereal frio.

Tudo parecia normal e certo e ótimo.

— Estive pensando no seu relacionamento com a sra. Wilder — Win comentou.

— Não pense.

— Não, não, acho que lhe devo um pedido de desculpas. É possível que eu a tenha avaliado mal. A aparência dela de fato vai impressionando gradativamente. Creio que, talvez, as nádegas sejam de uma qualidade muito superior da que julguei a princípio.

— Win?

— O quê?

— Não me importo muito com o que você pensa.

— Sim, meu amigo, você se importa.

Às oito da manhã, Myron se dirigiu à casa dos Biel. Imaginou que já estariam acordados. Bateu de leve à porta. Claire atendeu, usando um robe. Seus cabelos estavam desgrenhados.

— A Aimee ainda está dormindo — falou, saindo e fechando a porta atrás de si. — Seja lá o que foi que tenham dado para ela, a substância realmente a derrubou.

— Talvez você devesse levá-la ao hospital.

— Nosso amigo David Gold... Você o conhece? Ele é médico. Passou por aqui ontem à noite e a examinou. Disse que ela vai ficar bem assim que o efeito das drogas passar.

— Quais drogas eles deram para ela? Claire encolheu os ombros.

— Vai saber... — Alguns instantes de silêncio. Claire inspirou profundamente, os olhos fixos na rua. — Myron?

— Sim.

— Quero que você deixe a polícia cuidar disso daqui em diante. Ele não respondeu.

— Não quero que você faça perguntas à Aimee sobre o que aconteceu.

Havia algo de inflexível no tom da voz dela. Myron esperou-a continuar.

— O Erik e eu, nós apenas queremos pôr um ponto-final. Contratamos um advogado ontem à noite.

— Por quê?

— Somos os pais. Sabemos como proteger a nossa filha.

A óbvia implicação: você, não. Claire não precisara mencionar novamente aquela primeira noite, quando Myron deixara Aimee e fora embora.

— Sei como você é, Myron.

— Como eu sou?

— Você quer respostas.

— Você, não?

— Quero que a minha filha esteja feliz e saudável. Isso é mais importante do que respostas.

— Você não quer que os culpados por isso paguem?

— Provavelmente o culpado era o Drew Van Dyne. E ele está morto. Portanto, qual seria o sentido? Só queremos que a Aimee seja capaz de deixar tudo para trás. Ela vai para a universidade daqui a poucos meses.

— Todo mundo fica falando sobre a faculdade como se fosse o grande ponto de partida — Myron afirmou. — Como se os primeiros dezoito anos de sua vida não contassem.

— De certo modo, não contam.

— Isso é besteira, Claire. E o bebé? Claire retornou para junto da porta.

— Com o devido respeito, e não importa o que você pense sobre as nossas decisões, isso não é problema seu.

Myron assentiu. Ela o pegara.

— A sua parte nessa história está encerrada. — Outra vez o tom inflexível. — Obrigada por tudo o que você fez. Preciso voltar para a minha filha agora.

E, então, Claire entrou em casa e fechou a porta.

CAPÍTULO 56

Uma semana depois, Myron estava no restaurante Baumgarts na companhia do detetive Lance Banner e da investigadora Loren Muse. Myron pedira frango Kung Pao. Banner, peixe à chinesa. Muse comia um queijo-quente.

— Queijo-quente num restaurante chinês? — Myron comentou.

Loren Muse deu de ombros, enquanto mordia o sanduíche.

Banner usava pauzinhos.

—Jake Wolf está alegando legítima defesa — ele falou. — Afirma que o Drew Van Dyne lhe apontou uma arma e fez ameaças malucas.

— Que tipo de ameaças?

— Van Dyne insistia que o Wolf tinha prejudicado Aimee Biel. Alguma coisa assim. Os dois foram um pouco vagos sobre os detalhes.

— Os dois?

— O Jake e a principal testemunha dele. A esposa, Lorraine.

— Naquela noite — Myron observou —, a Lorraine nos contou que foi ela quem deu o tiro.

— Na minha opinião, foi isso mesmo. Fizemos teste para resíduo de pólvora nas mãos do Wolf. Nada.

— E vocês verificaram as mãos dela?

— Ela se recusou — Banner explicou. — O Jake proibiu que Lorraine fizesse o teste.

— Então ele está assumindo a culpa para proteger a esposa? Banner olhou para Loren Muse. Esta assentiu lentamente.

— O que é? — Myron indagou.

— Chegaremos lá.

— Onde?

— Ouça, Myron, creio que você tenha razão — Banner falou. — O Jake está assumindo a culpa para proteger toda a família. Por outro lado, ele alega legítima defesa. E existem provas para sustentar a alegação. Van Dyne tinha antecedentes criminais. E também portava uma arma, registrada no nome dele. Por outro lado, o Jake está disposto a ir para a prisão por algum tempo em troca de ter a esposa e o filho poupados.

— O filho?

— Ele quer uma garantia de que o filho irá para Dartmouth. De que o Randy seja inocentado de todas as alegações subsequentes, incluindo qualquer coisa relacionada ao tiroteio, ao escândalo da fraude e à sua possível ligação com Van Dyne e drogas.

As coisas faziam sentido, refletiu Myron. Jake Wolf era um imbecil. Porém vira o modo como olhara para o filho naquela festa.

— Ele ainda está tentando salvar o futuro do Randy.

— Sim.

— E vai conseguir?

— Não sei — Banner respondeu. —A jurisdição do promotor público não se estende sobre Dartmouth. Se eles quiserem cancelar a matrícula do Randy, poderão fazê-lo e provavelmente o farão.

— O que o Jake está fazendo — Myron comentou — é quase admirável.

— Se não distorcido. Myron fitou Loren Muse.

— Você está muito calada.

— Porque acho que o Banner chegou à conclusão errada. Banner franziu o cenho.

— Não, creio que não.

Loren colocou o sanduíche no prato, limpou os farelos das mãos.

— Para começar, você vai mandar a pessoa errada para a cadeia. O teste de resíduo de pólvora mostra que Jake Wolf não atirou em Drew Van Dyne.

— Ele afirma ter usado luvas. Agora foi Muse quem franziu o cenho.

— É um detalhe importante — Myron disse.

— Puxa, Myron, obrigada.

— Ei, estou do seu lado, investigadora. Lorraine Wolf confessou que atirou em Drew Van Dyne. Não deveria ser ela a enfrentar julgamento?

Loren Muse o encarou.

— Eu nunca disse que acredito que Lorraine Wolf fosse a culpada.

— Como é que é?

— Às vezes a resposta mais óbvia é a certa. Myron meneou a cabeça.

— Não estou entendendo.

— Volte um pouco no tempo — Loren Muse sugeriu.

— Quanto?

— Até Edna Skylar andando pelas ruas de Nova York.

— Certo.

— Talvez tenhamos analisado a coisa corretamente desde o início. Desde o momento em que a doutora nos telefonou.

— Ainda não estou entendendo.

— Edna Skylar confirmou o que já sabíamos: que Katie Rochester fugira de casa. E, no princípio, foi o que pensamos sobre Aimee Biel também, correto?

— E daí?

Loren Muse nada disse.

— Espere um momento. Você está dizendo que Aimee Biel também fugiu de

casa?

— Existem muitas perguntas sem respostas.

— Então, faça as perguntas.

— A quem?

— Como assim, a quem? Faça as perguntas à Aimee Biel.

— Nós tentamos. — Loren Muse sorriu. — O advogado da Aimee não nos permite conversar com ela.

Myron se recostou na cadeira.

— Você não acha isso estranho?

— Os pais querem que a filha deixe esse acontecimento para trás.

— Por quê?

— Porque foi uma experiência traumática para a Aimee — Myron respondeu.

Loren Muse apenas o encarou. Lance Banner fez o mesmo.

— A história que ela contou — Loren observou —, sobre ter sido drogada e mantida numa cabana de madeira.

— Qual o problema?

— Existem buracos no relato.

Um arrepio frio começou na base do pescoço de Myron e desceu pela espinha.

— Que buracos?

— Em primeiro lugar, temos a fonte anónima que nos telefonou. A pessoa disse ter visto a Aimee andando de carro por aí na companhia de Drew Van Dyne. Se a menina tivesse sido sequestrada, como se explicaria esse fato?

— A testemunha se enganou.

— Certo. Ela simplesmente apontou o carro e descreveu Van Dyne minuciosamente. Mas, puxa, provavelmente está errada.

— Fontes anónimas não são confiáveis — Myron tentou.

— O.k. Então, vamos para o buraco número dois. A história do aborto tarde da noite. Checamos no St. Barnabas. Ninguém falou nada sobre a necessidade de notificar os pais. E mais, a informação não é verdadeira. As leis podem mudar a esse respeito, mas, de qualquer maneira, no caso da Aimee...

— Ela tem dezoito anos — Myron a interrompeu. Dezoito anos. Adulta aos olhos da lei. Novamente a questão da idade.

— Exatamente. E tem mais ainda. Myron esperou.

— Buraco três: encontramos digitais da Aimee na casa de Drew Van Dyne.

— Eles tiveram um caso. Claro que as digitais estariam ali. Podem ser antigas.

— Achamos digitais numa lata de refrigerante. Sobre o balcão da cozinha.

Myron não falou nada, embora sentisse algo desmoronar em seu interior.

— Todos os seus suspeitos... Harry Davis, Jake Wolf, Drew Van Dyne... Checamos todos detalhadamente. Nenhum deles poderiam ter praticado um

sequestro. — Loren Muse estendeu as mãos. — Portanto, é como aquele velho axioma ao contrário. Quando eliminadas todas as outras possibilidades, temos de voltar para sua primeira e mais óbvia solução.

— Você acha que a Aimee fugiu de casa.

Loren Muse deu de ombros, mudou de posição na cadeira.

— Vejamos. Uma jovem confusa. Grávida de um professor. O pai está tendo um caso. Ela foi pega num escândalo de fraude. Deveria ter se sentido presa numa armadilha, não?

Myron surpreendeu-se quase concordando.

— Não existe nenhuma prova material, absolutamente nenhuma, de que a Aimee tenha sido sequestrada. Pense nisso. De qualquer modo, por que alguém sequestraria a garota? Qual seria o motivo num caso como esse? Um dos motivos comuns é, por exemplo, agressão sexual. Sabemos que não aconteceu. O médico dela nos garantiu. Não houve lesões físicas ou sexuais. Por quais outros motivos as pessoas são sequestradas? Para pagamento de resgate. Bem, sabemos que isso também não ocorreu.

Myron permaneceu imóvel. Eram quase exatamente as mesmas palavras de Erik. Se o intuito era manter Aimee calada, você não a sequestraria. Você a mataria. Mas ela estava viva. Por conseguinte...

Loren Muse continuou encurralando-o.

— Você tem um motivo para o sequestro, Myron?

— Não. Mas e o saque no caixa eletrônico? Como você o explica?

— Você se refere às duas meninas sacando dinheiro no mesmo caixa eletrônico?

— Sim.

— Não sei. Talvez, no final das contas, tenha sido coincidência.

— Ah, vamos, Muse.

— O.k., certo, então vamos analisar ao contrário. Como o saque no caixa eletrônico se encaixa no cenário do sequestro? Wolf saberia disso? Davis, Van Dyne?

Myron entendeu o argumento da investigadora.

— Mas existem outras coisas também — ele ponderou. — Como a ligação de um telefone público no metro. Ou o fato de a Aimee ter falado com os amigos on-line.

— Tudo isso é coerente em se tratando de alguém que fugiu de casa — Loren afirmou. — Se ela foi sequestrada, como diz, por que os sequestradores arriscariam uma ligação de um telefone público? Por que a colocariam on-line?

Myron meneou a cabeça. Sabia que as observações de Muse faziam sentido. E que apenas estava se recusando a aceitá-las.

— Então, é assim que termina? Não foi o Davis. Não foi o Wolf, ou o Van Dyne, ou quem quer que seja. A Aimee Biel simplesmente fugiu?

Loren Muse e Lance Banner trocaram outro olhar. Lance Banner falou:

— Sim, essa é a teoria sobre a qual estamos trabalhando. E lembre: não há nenhuma lei contra o que a Aimee fez. No fim dessa história, muita gente saiu ferida e houve até morte. Mas fugir de casa não é contra a lei.

Loren Muse estava muito quieta novamente. Myron não gostou.

— O que é? — Ele a pressionou.

— Nada. O que Banner disse... As evidências todas apontam nessa direção. O que poderia até explicar por que os pais da Aimee não nos querem conversando com ela. Eles não querem que tudo aquilo volte. O caso com o professor, a gravidez. E, goste-se ou não, a menina participou da fraude dos históricos escolares. Por isso, decide-se manter tudo abafado. Fazê-la parecer mais uma vítima do que uma fugitiva. É a jogada certa.

— Mas?

A investigadora fitou Banner. Este suspirou e meneou a cabeça. Loren Muse começou a remexer no garfo.

— Mas Jake e Lorraine Wolf quiseram assumir a culpa pelo tiro em Drew Van Dyne.

— Edaí?

— Você não acha esquisito?

— Não. Acabamos de explicar o porquê. A Lorraine o matou. O Jake quer assumir a culpa para protegê-la.

— E o fato de os dois estarem limpando o local do crime e levando o corpo para outro lugar?

— Seria a reação natural — Myron comentou.

— Mesmo se você matou em legítima defesa?

— Nesse caso, sim. Eles estavam tentando se proteger. Se o Van Dyne fosse encontrado morto na casa deles, ainda que o tivessem assassinado em legítima defesa, tudo aquilo sobre o Randy viria à tona. As drogas, a fraude, tudo.

Ela concordou.

— É a teoria. É no que Lance acredita. E, provavelmente, foi o que aconteceu.

Myron se esforçou para não soar impaciente.

— Porém?

— Porém talvez não tenha sido assim que as coisas aconteceram. Talvez Jake e Lorraine tenham chegado em casa e encontrado o corpo lá.

Myron prendeu a respiração. Existe alguma coisa dentro da gente que pode ser dobrada, esticada. Entretanto, de vez em quando, a gente sente que está sendo puxada demais e que, se insistirem, haverá uma ruptura interna. E você se partirá

em dois. A gente sabe disso.

Myron conhecera Aimee a vida inteira. E, nesse momento, se estivesse certo sobre o ponto aonde Loren Muse pretendia chegar, ele estava à beira de uma ruptura.

— Do que é que você está falando?

—Talvez os Wolf tenham chegado em casa e encontrado o corpo. E talvez tenham presumido que o Randy fosse o autor do crime. Van Dyne era o fornecedor de drogas do Randy. Ele também havia roubado a namorada do Randy. Por isso, talvez a Mamãe e o Papai viram o corpo e concluíram que o Randy tinha matado Van Dyne. Talvez os Wolf tenham se apavorado e metido o corpo no carro.

— O quê? Você acha que o Randy matou Drew Van Dyne?

— Não. Eu disse que foi isso que eles pensaram. O Randy tem um álibi.

— Então, aonde você quer chegar?

— Se Aimee Biel não foi sequestrada — Muse continuou —, se ela fugiu de casa e ficou com Drew Van Dyne, talvez tenha estado com ele na casa dos Wolf. E talvez a Aimee, a nossa menininha assustada, quisesse mesmo deixar tudo para trás. Talvez ela estivesse pronta para a universidade, pronta para seguir em frente e cortar todas as amarras, mas esse sujeito, esse Drew Van Dyne, não a quisesse deixar partir...

Myron fechou os olhos. Aquela coisinha em seu interior — estava sendo esticada com força. Ele estancou o processo. Meneou a cabeça.

— Você está enganada.

— Provavelmente.

— Conheço essa menina desde que nasceu.

— Eu sei, Myron. Ela é uma garota jovem e doce, certo? Garotas jovens e doces não podem ser assassinas, podem?

Ele pensou em Aimee Biel, na maneira como ela rira dele no porão, em como escalara os degraus do escorregador aos três anos de idade. Lembrou-se de Aimee assoprando as velinhas na festa de aniversário. Lembrou-se de vê-la, no oitavo ano, representando um papel numa peça escolar. Lembrou-se disso tudo e sentiu a raiva crescer.

— Você está enganada — tornou a afirmar.

Ele aguardou no passeio, no outro lado da rua.

Erik saiu primeiro. O rosto tenso, rígido. Aimee e Claire o seguiram. Myron continuou lá, parado, observando-os. Aimee o viu primeiro. Sorriu-lhe e acenou. Myron estudou aquele sorriso. Parecia-lhe o mesmo. O mesmo de quando brincando no playground aos três anos de idade. O mesmo de umas poucas semanas atrás, no porão.

Não havia nada diferente.

Exceto pelo fato de que o sorriso lhe provocou um calafrio.

Ele fitou Erik e, então, Claire. Seus olhos eram duros, protetores, mas havia alguma coisa a mais, alguma coisa além da exaustão e da capitulação, alguma coisa primitiva e instintiva. Erik e Claire caminhavam ao lado da filha. Porém não a tocavam. Foi nisso que Myron reparou. Os dois não estavam tocando na filha.

— Oi, Myron! — Aimee gritou.

— Oi.

Aimee atravessou a rua correndo. Os pais não se moveram. Tampouco Myron. Aimee atirou os braços ao redor de seu pescoço, quase o derrubando. Myron tentou retribuir o abraço, mas não se sentia capaz. Aimee o apertou com mais força.

— Obrigada — ela sussurrou.

Ele não falou nada. O abraço dela parecia o mesmo. Afetuoso e forte. Nem um pouco diferente.

Entretanto, ele queria pôr um fim ao contato.

Myron sentiu o coração se despedaçar. Que Deus o perdoasse, porém queria apenas que ela o soltasse, que se afastasse. Queria que essa menina, a quem amara por tanto tempo, sumisse dali. Gentilmente, segurando-a pelos ombros, empurrou-a para longe de si.

Claire se aproximou, dizendo para Myron:

— Agora estamos com pressa. Nos vemos em breve.

Ele assentiu. As duas mulheres se distanciaram. Erik as esperava perto do carro. Myron as observou. Claire perto da filha, mas ainda sem a tocar. Aimee entrou no carro. Erik e Claire trocaram um olhar. Eles nada falaram. Aimee estava no banco traseiro. Os pais, sentados na frente. Algo natural, Myron supôs. Entretanto, parecia-lhe que estavam tentando manter distância de Aimee, como se cheios de dúvidas — ou, talvez, sabendo da verdade sobre essa estranha que agora morava com eles. Claire olhou para Myron.

Eles sabem, Myron pensou.

Myron assistiu ao carro partir. Enquanto o veículo desaparecia no fim da rua, deu-se conta de algo.

Ele não havia cumprido sua promessa.

Ele não trouxera a filhinha de Erik e Claire para casa.

A filhinha deles se fora.

CAPÍTULO 57

Quatro Dias Depois Jéssica Culver realmente se casou com Norman Stone na Tavern on the Green.

Myron se encontrava em seu escritório ao ler a notícia no jornal. Esperanza e Win também estavam lá. Win, de pé diante de um espelho em tamanho natural ensaiando uma tacada de golfe. Win fazia muito isso. Esperanza observava Myron cuidadosamente.

— Está tudo bem com você? — Ela perguntou.

— Sim.

— Você sabe que a Jessica estar se amarrando é a melhor coisa que poderia lhe acontecer, não sabe?

— Sim. — Myron largou o jornal. — Cheguei a uma conclusão que gostaria de partilhar com vocês dois.

Win interrompeu a tacada no meio do caminho.

— Meu braço não está reto o suficiente.

Esperanza mandou-o ficar quieto com um aceno de mão.

— E qual é? k

— Sempre tentei fugir do que agora eu vejo como os meus instintos naturais — Myron falou. — Vocês sabem. Bancar o herói. Vocês dois me alertaram a respeito. E eu ouvi vocês. Mas compreendi uma coisa. Devo fazer isso. Terei minhas derrotas, claro, mas terei mais vitórias. Não vou mais fugir disso. Não quero acabar me tornando um cínico. Quero ajudar pessoas. E é o que vou fazer.

Win se virou para fitá-lo.

— Terminou?

— Sim.

Win olhou para Esperanza.

— Deveríamos aplaudi-lo?

— Acho que sim.

Esperanza se levantou e bateu palmas freneticamente. Win pousou o taco e ofereceu um aplauso polido. Myron fez uma reverência, dizendo:

— Muito obrigado, muitíssimo obrigado, vocês são uma plateia incrível. Não se esqueçam de dar a gorjeta para a garçonete antes de sair e, ei, experimentem a carne de vitela.

Big Cyndi meteu a cabeça pelo vão da porta. Ela havia carregado no blush nesta manhã e parecia um semáforo.

— Linha dois, sr. Bolitar. — Big Cyndi bateu as pestanas. Imaginem dois escorpiões presos pelas costas. Então, acrescentou: — É o seu novo docinho.

Myron pegou o telefone.

— Oi!

— A que horas você vem? — Ali Wilder perguntou.

— Por volta das sete.

— Que tal pizza e um DVD com as crianças? Myron sorriu.

— Parece ótimo.

Ele desligou, ainda sorrindo. Esperanza e Win trocaram um olhar.

— Que foi? — Myron indagou.

— Você fica tão pateta quando está apaixonado... — Esperanza comentou.

Myron consultou o relógio.

— Está na hora.

— Boa sorte — Esperanza falou. Myron se virou para Win.

— Você quer vir comigo?

— Não, meu amigo. Essa é toda sua.

Myron se levantou. Beijou Esperanza no rosto. Abraçou Win. Win se surpreendeu com o gesto, mas o aceitou. Myron dirigiu de volta para Nova Jersey. Era um dia glorioso. O sol brilhava como se tivesse sido criado naquele instante. Myron mexia no botão no rádio, sempre sintonizando suas canções favoritas.

Era um dia desse tipo.

Desta vez, não se deu ao trabalho de parar na sepultura de Brenda. Julgou que ela entenderia. Ações falavam mais alto.

Deixou o carro no estacionamento do Centro Médico St. Barnabas. Rumou para o quarto de Joan Rochester. Ela estava sentada quando entrou, pronta para ir embora.

— Como a senhora está?

— Bem — Joan Rochester respondeu.

— Lamento pelo que lhe aconteceu.

— Não se incomode com isso.

— A senhora está indo pra casa?

— Sim.

— E não vai dar queixa?

— Isso mesmo.

Myron imaginara que seria assim.

— A sua filha não pode fugir pra sempre.

— Eu sei.

— O que a senhora pretende fazer?

— A Katie voltou pra casa ontem à noite.

Que final feliz, Myron pensou. Ele fechou os olhos. Não fora o que gostaria

de ter ouvido.

— Ela e o Rufus brigaram, e a Katie voltou pra casa. Dominick a perdoou. Tudo vai ficar bem.

Os dois se entreolharam. Não ficaria bem. Ele sabia disso. Ela sabia disso.

— Quero ajudar a senhora.

— Você não pode.

E talvez Joan Rochester tivesse razão.

Você ajuda aqueles que pode. Fora isso o que Win lhe dissera. E você sempre, sempre, cumpre uma promessa. Era por esse motivo que fora ao St. Barnabas. Para cumprir sua promessa.

Encontrou-se com a dra. Edna Skylar no corredor da enfermaria de pacientes com câncer. Esperara vê-la no consultório, mas assim estava bom.

Edna Skylar lhe sorriu. Usava pouquíssima maquiagem. O jaleco estava amassado. Nada de estetoscópio dependurado no pescoço desta vez.

— Olá, Myron.

— Oi, dra. Skylar.

— Me chame de Edna.

— O.k.

— Eu estava de saída. — Ela apontou para o elevador. — O que o traz aqui?

— Pra falar a verdade, você.

Edna Skylar tirou a caneta colocada atrás da orelha, fez uma anotação num prontuário, pôs a caneta de volta atrás da orelha.

— É mesmo?

— Você me ensinou algo na última vez em que estive aqui — Myron falou.

— E o que foi?

— Conversamos sobre pacientes virtuosos, lembra-se? Conversamos sobre os puros versus os maculados. Você foi muito honesta comigo. Sobre como preferiria trabalhar com pessoas que parecessem mais merecedoras.

— Muita conversa fiada, sim. Mas, no final do dia, eu sempre faço um juramento. Trato aqueles de quem não gosto também.

— Ah, eu sei. Mas, veja, você me fez pensar. Porque concordo com você. Eu queria ajudar a Aimee Biel porque pensava que ela fosse... não sei.

— Inocente? — Skylar sugeriu.

— Suponho que sim.

— Mas você descobriu que ela não é.

— Mais do que isso. O que descobri é que você estava enganada.

— Sobre?

— Não podemos prejulgar as pessoas assim. Ficamos cínicos. Presumimos o pior. E, quando fazemos isso, começamos a enxergar apenas as sombras. Você

sabe que Aimee Biel voltou?

— Sim, ouvi dizer.

— Todo mundo acha que ela fugiu de casa.

— Sim, também ouvi dizer.

— Desse modo, ninguém escutou a história dela. Ninguém, realmente, prestou atenção. Assim que essa suposição surgiu, Aimee Biel deixou de ser inocente. Você percebe? Mesmo os pais dela. Eles tinham os melhores interesses da filha em mente. Queriam tanto protegê-la que mesmo eles não conseguiam enxergar a verdade.

— E a verdade é?

— Inocente até prova em contrário. Isso não serve somente para os tribunais.

Edna Skylar consultou o relógio ostensivamente.

— Não tenho certeza se entendo aonde você quer chegar.

— Acreditei naquela menina durante toda a vida dela. Eu estaria errado? Teria sido uma mentira? Mas, no final das contas, é como os pais dela disseram: é tarefa deles protegê-la, não minha. Portanto, fui capaz de olhar para a coisa de uma maneira mais imparcial.

Estava disposto a correr o risco de descobrir a verdade. Por isso, esperei. Quando, finalmente, consegui ficar a sós com a Aimee, pedi a ela que me contasse toda a história. Porque havia muitos buracos na outra versão... aquela em que Aimee tinha fugido e, talvez, matado o amante. A questão do saque no caixa eletrônico, por exemplo. A ligação de um telefone público. Coisas assim. Eu não queria simplesmente deixar tudo isso de lado e ajudá-la a seguir com a própria vida. Então, conversei com a Aimee. Lembrei-me do quanto a amava e me importava com ela. E fiz algo realmente estranho.

— O quê?

— Presumi que a Aimee estivesse dizendo a verdade. Se estava, então eu sabia de duas coisas. O sequestrador era mulher. E o sequestrador sabia que a Katie Rochester tinha usado o caixa eletrônico na Rua 52. As únicas pessoas que preenchiam esses requisitos?

Katie Rochester. Bem, ela não foi. Loren Muse. De jeito nenhum. E você.

— Eu? — Edna Skylar começou a piscar. — Você está falando sério.

— Você se lembra de quando lhe telefonei e pedi para você verificar a ficha médica da Aimee? Para checar se ela estava grávida?

Novamente Edna Skylar olhou as horas.

— Eu realmente não tenho tempo pra isso.

— Eu falei que não se tratava de apenas um inocente, mas de dois.

— Edaí?

— Antes de ligar pra você, pedi o mesmo favor ao seu marido. Ele trabalha

naquele departamento. Pensei que seria mais fácil. Mas ele se recusou.

— O Stanley é do tipo que segue estritamente as regras.

— Eu sei. Mas ele falou algo interessante. Contou que, com as novas leis de proteção de informação sobre os pacientes, o computador registra data e hora cada vez que um médico consulta o prontuário do doente. Aparecem o nome do médico responsável pelo acesso e a hora.

— Certo.

— Então, consultei a ficha da Aimee. Adivinha quem acessou o arquivo?

O sorriso da médica começou a fraquejar.

— Você, dra. Skylar, consultou aquele arquivo duas semanas antes de eu lhe pedir. Por que faria isso?

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Eu não fiz isso.

— O computador está errado?

—As vezes o Stanley esquece a senha dele. Provavelmente usou a minha.

— Entendo. Ele esquece a própria senha, mas se lembra da sua. — Myron inclinou a cabeça de leve e deu um passo à frente. — Você acha que ele sustentará isso sob juramento?

Edna Skylar não respondeu.

— Sabe quando você foi realmente esperta? — Ele prosseguiu. —Ao me contar sobre o seu filho. Aquele problemático desde o dia em que nasceu e que fugiu de casa pra correr atrás do sucesso. Você falou que ele ainda era problemático, está lembrada?

Um som abafado, dolorido, escapou dos lábios dela. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Mas você não mencionou o nome do seu filho. Não havia motivo pra isso, claro. E não há nenhum motivo por que alguém deveria saber. Mesmo agora. Não era parte da investigação. Não sei o nome da mãe do Jake Wolf. Ou da do Harry Davis. Mas, assim que constatei que você tinha acessado a ficha da Aimee, pesquisei um pouco. O seu primeiro marido, dra. Skylar, chamava-se Andrew Van Dyne, correto? O nome do seu filho era Drew Van Dyne.

Ela fechou os olhos e inspirou profundamente, várias vezes. Ao tornar a abri-los, encolheu os ombros, tentando, sem sucesso, mostrar indiferença.

— E daí?

— Esquisito, não acha? Quando lhe perguntei sobre a Aimee Biel, você nunca mencionou que o seu filho a conhecia.

— Eu lhe disse que o meu filho e eu éramos distantes. Eu não sabia nada sobre ele e a Aimee Biel.

Myron sorriu.

— Você tem todas as respostas, não é, Edna?

— Estou apenas falando a verdade.

— Não, não está. Mas foi uma outra coincidência que me chamou a atenção. Tantas malditas coincidências, você não acha? Era o que eu não conseguia deixar de pensar desde o início. Duas garotas grávidas no mesmo colégio? O.k., nada demais. Mas todo o resto...

Ambas fugindo de casa, ambas sacando dinheiro no mesmo caixa eletrônico... Novamente, vamos presumir que a Aimee estivesse falando a verdade. Vamos presumir que alguém, uma mulher, realmente tivesse mandado a Aimee esperar naquela esquina. Digamos que essa mulher misteriosa realmente tivesse instruído a Aimee a sacar dinheiro naquele caixa eletrônico. Por quê? Por que alguém faria isso?

— Eu não sei.

— Claro que sabe, Edna. Porque não eram coincidências. Nenhuma delas. Você arranjou tudo. As duas meninas retirando dinheiro no mesmo caixa eletrônico? Apenas um motivo pra isso. O sequestrador... você, Edna... queria ligar o desaparecimento da Aimee ao da Katie Rochester.

— E por que eu faria uma coisa dessas?

— Porque a polícia estava certa de que a Katie Rochester havia fugido de casa. Em parte porque você a viu na rua. Mas a Aimee Biel era diferente. Ela não tem um pai violento e ligado à máfia, por exemplo. O sumiço da Aimee provocaria comoção. A melhor maneira, a única maneira de evitar que a coisa pegasse fogo era fazer parecer com que a Aimee tivesse fugido de casa também.

Por um momento os dois apenas permaneceram lá, parados. Então, Edna Skylar se virou para a direita, com a intenção de seguir adiante. Myron bloqueou seu caminho. A médica o encarou.

— Você está gravando isso, Myron? Ele levantou os braços.

— Pode me revistar.

— Não há necessidade. Isso tudo é um absurdo mesmo.

— Voltemos para aquele dia na rua. Você e o Stanley estão andando pelas ruas de Manhattan. O destino dá uma ajudazinha aqui. Você vê a Katie Rochester, exatamente como contou à polícia. Você conclui que a garota não está desaparecida ou numa encrenca séria.

Apenas fugiu de casa. Katie pede a você, veementemente, pra não contar a ninguém. E você a atende. Por três semanas, não fala nada. Retoma a sua rotina. — Myron observou-lhe o rosto. — Está me acompanhando até aqui?

— Estou.

— Então, por que a mudança? Por quê, depois de três semanas, você, repentinamente, liga para o seu velho amigo Ed Steinberg?

Edna cruzou os braços.

— Por que você não me diz?

— Porque a sua situação mudou, não a de Katie.

— Como?

— Você comentou sobre o seu filho ser problemático desde o dia em que nasceu. Que você havia desistido dele.

— De fato.

— Talvez tenha sido assim, não sei. Mas você manteve contato com o Drew. Esporádico, pelo menos. Sabia que ele tinha se apaixonado pela Aimee. Ele contou isso a você. E provavelmente contou que ela estava grávida.

— Você pode provar isso?

— Não. Essa parte é pura especulação. O resto, não. Você checou o prontuário da Aimee no computador. Isso nós sabemos. Constatou que sim, a garota estava grávida. Mais ainda: descobriu que ela pretendia fazer um aborto. Drew não sabia desse detalhe. Ele pensava que estavam apaixonados e iam se casar. Mas a Aimee queria pôr um fim na relação. Drew Van Dyne não tinha sido nada, só um erro adolescente. A Aimee estava a caminho da faculdade agora.

— Parece-me um motivo para o Drew sequestrá-la — Edna Skylar comentou.

— Parece, não? Se a coisa parasse por aí. Mas, novamente, o número de coincidências continuou me espantando. Outra vez o saque no caixa eletrônico. Quem sabia a respeito? Você telefonou para o seu velho amigo Ed Steinberg e extraiu mais informações sobre o caso. Ele contou o que sabia. Por que não? Nada era confidencial. Aliás, nem sequer havia um caso. Quando o Steinberg mencionou o caixa eletrônico, você concluiu que aquela seria a prova concludente. Todo mundo presumiria que a Aimee também tinha fugido de casa. E foi exatamente o que aconteceu. Então, você telefonou para a Aimee, dizendo que era do hospital. O que não deixava de ser verdade. Explicou que ela teria de fazer o aborto em segredo. Marcou o encontro em Nova York. A Aimee a está esperando na esquina. Você passa de carro. Manda-a sacar dinheiro no caixa eletrônico. A sua prova concludente. A Aimee obedece às instruções. E, então, ela se apavora. Quer pensar melhor. Lá está você, esperando para agarrá-la, a seringa pronta. E, de repente, ela sai correndo. Ela me telefona. Eu chego lá. Levo a Aimee até Ridgewood. Você me segue. Foi o seu carro que eu vi naquela noite, entrando na rua sem saída. Quando a Aimee é despachada pelo Harry Davis, você está lá, esperando. A Aimee não se recorda de muito mais depois disso. Ela afirma que foi drogada. O que faz sentido. Propofol causaria muitos desses sintomas. Você conhece bem essa droga, não, Edna?

— Naturalmente que sim. Sou médica. É um anestésico.

— E você tem usado Propofol no tratamento dos seus clientes? Alguma

hesitação.

— Sim.

— É isso que provocará a sua queda.

— É mesmo? Como?

— Tenho outras provas, mas são principalmente circunstanciais. Aqueles prontuários, por exemplo. Não mostram apenas que você examinou a ficha médica da Aimee muito antes do que afirmou. Mostram que não voltou a vistoriá-la quando eu telefonei. Por que faria isso? Já sabia que ela estava grávida. Também tenho registros telefónicos. O seu filho ligou para você, você ligou para o seu filho.

— E daí?

— Certo. Posso até provar que você telefonou para o colégio e falou com o seu filho logo depois que saí daqui na primeira vez. Harry Davis se perguntava como o Drew sabia que alguma coisa estava acontecendo antes mesmo de confrontá-lo. Pois foi assim: você ligou e o avisou. E, sem dúvida, você se lembra do telefonema que fez para a Claire de um telefone público, perto da Rua 23... Em primeiro lugar, um exagero. Foi gentil da sua parte... tentar confortar um pouco os pais. Mas veja: por que a Aimee ligaria de lá, no local exato onde a Katie Rochester havia sido reconhecida? A Aimee não sabia desse detalhe. Apenas você sabia. E nós já checamos os seus registros de pedágio automático. Você foi a Manhattan. Pegou o túnel Lincoln vinte minutos antes de esse telefonema ser feito.

— Dificilmente uma prova irrefutável — Edna afirmou.

— É, dificilmente. Mas aqui está onde você vai se estrepar. O Propofol. Você pode prescrevê-lo, claro, mas também é obrigada a fazer os pedidos. A polícia, a meu pedido, já verificou isso no seu consultório. Você realmente comprou uma grande quantidade de Propofol, mas ninguém pode explicar onde o anestésico foi parar. A Aimee se submeteu a um exame de sangue. A droga ainda estava na corrente sanguínea dela.

Edna Skylar inspirou fundo e soltou o ar devagar.

— Você tem um motivo para esse pretenso sequestro, Myron?

— Realmente vamos fazer esse joguinho? Ela deu de ombros.

— Temos feito até agora.

— Certo, o.k. O motivo. Esse era o problema para todos. Por que alguém sequestraria a Aimee? Todos nós pensamos que alguém queria mantê-la de boca fechada. O seu filho poderia perder o emprego. O filho do Jake Wolf poderia perder tudo. O Harry Davis, bem, ele tinha uma enormidade a perder também. Mas raptá-la não resolveria nada. Também não havia um pedido de resgate, nenhuma agressão sexual, nada parecido. Então, continuei perguntando a mim

mesmo. Por que alguém sequestraria uma jovem?

— E?

— Você falou sobre inocentes.

— Certo. — Havia resignação em seu sorriso. Edna Skylar sabia o que vinha pela frente, Myron pensou, embora não cedesse um milímetro.

— Quem seria mais inocente do que o seu neto por nascer? Talvez ela houvesse assentido. Difícil afirmar.

— Continue.

— Você mesmo disse isso quando conversamos sobre escolher pacientes. Sobre priorizar. Sobre salvar os inocentes. Os seus motivos eram quase puros, Edna. Você estava tentando salvar o seu próprio neto.

Edna Skylar se virou e olhou o corredor. Ao tornar a encarar Myron, o seu sorriso triste desaparecera, o rosto estranhamente vazio.

— A Aimee já estava com quase três meses de gravidez — ela começou. Sua voz mudara. O tom soava gentil e, também, remoto. — Se eu conseguisse segurar aquela menina por mais um ou dois meses, teria sido tarde demais para abortar. Se eu pudesse adiar a decisão da Aimee um pouquinho mais, salvaria o meu neto. É tão errado assim?

Myron nada disse.

— E tem razão. Eu quis que o desaparecimento de Aimee se assemelhasse ao de Katie Rochester. Naturalmente, parte do cenário já estava pronto. As duas frequentaram o mesmo colégio, as duas estavam grávidas. Por isso, acrescentei o saque no caixa eletrônico. Fiz todo o possível para dar a impressão de que a Aimee tinha fugido. Mas não pelas razões que você apresentou. Não porque ela era uma menina encantadora, com uma família encantadora. Aliás, muito pelo contrário.

Myron assentiu, enxergando tudo com clareza agora.

— Se a polícia começou a investigar, talvez descubram o caso da Aimee com o seu filho.

— Sim.

— Nenhum dos suspeitos possui uma cabana de madeira. Mas você, sim, Edna. Até com a lareira marrom e branca que a Aimee descreveu.

— Você tem andado ocupado.

— Sim, bastante.

— Eu tinha tudo muito bem planejado. Pretendia tratá-la bem. Monitoraria o bebé. Fiz aquele telefonema para os pais na esperança de dar algun conforto. E continuaria agindo assim. Dando pistas de que a Aimee tinha fugido de casa e estava bem.

— Por exemplo, fazendo com que ela entrasse na internet?

— Sim.

— Como você conseguiu a senha da Aimee e o apelido dela?

— Ela mesma me passou, no meio da confusão causada pela droga.

— Você se disfarçava quando estava com ela?

— Sim. Mantinha o meu rosto coberto.

— E o nome do namorado da Erin? Mark Cooper. Como você conseguiu isso?

Edna tornou a dar de ombros.

— Ela me passou isso também.

— Informação errada. Mark Cooper tinha o apelido de Encrenca. Essa foi uma outra coisa que me incomodou.

— Inteligente da parte dela. Bem, eu teria segurado a Aimee só por uns meses. Enviaria sinais de que ela tinha fugido de casa. Depois a deixaria ir embora. Ela contaria a mesma história sobre ter sido sequestrada.

— E ninguém acreditaria nela.

— Ela teria o bebé, Myron. Era só com o que eu me preocupava. O plano teria funcionado. Assim que o saque no caixa eletrônico foi confirmado, a polícia se convenceu de que a Aimee tinha fugido de casa. Portanto, a investigação não prosseguiu. Os pais, bem... pais são pais. As preocupações deles foram descartadas, assim como as dos Rochester. — Edna fitou-o nos olhos. — Só uma coisa me atrapalhou.

Myron estendeu as mãos.

— A modéstia me impede de dizer.

— Então, eu digo. Você, Myron. Você me atrapalhou.

— Você não vai me chamar de intrometido, vai? Como no Scooby-Doo!

— Você acha isso engraçado?

— Não, Edna. Não acho nada engraçado.

— Eu nunca imaginei ferir ninguém. Sim, teria sido uma inconveniência para a Aimee. Poderia até ser traumático para ela, embora eu seja muito boa na administração de substâncias químicas. Eu poderia tê-la mantido confortável, e o bebé, seguro. Os pais, claro, sofreriam. Imaginei que, se pudesse convencê-los de que a filha tinha fugido de casa, seria mais fácil para eles. Mas analise os prós e os contras. Mesmo se todos eles tivessem de sofrer um pouco... Você não vê? Eu estava salvando uma vida. Era como lhe disse. Falhei com o Drew. Não cuidei dele. Não o protegi.

— E você não ia cometer os mesmos erros com o seu neto — Myron observou.

— Isso mesmo.

Havia pacientes e visitantes, médicos e enfermeiras, todo tipo de gente para cima e para baixo. Havia ruídos de campainha. Alguém passou por ambos

carregando um enorme buque de flores. Myron e Edna não viram nada.

— Você falou isso para mim ao telefone — Edna prosseguiu —, quando me pediu para olhar o prontuário da Aimee. Proteja o inocente. Era tudo o que eu estava tentando fazer. Mas, quando ela sumiu, você se culpou. Sentiu-se na obrigação de encontrá-la. Começou a escarafunchar.

— E, quando cheguei perto demais, você teve de conter os estragos.

— Sim.

— Então, libertou a Aimee.

— Não tive escolha. Tudo desandou. Assim que você se envolveu, pessoas começaram a morrer.

— Você não está me culpando, está?

— Não. E também não estou me culpando — Edna devolveu, cabeça erguida. — Nunca matei ninguém. Nunca pedi ao Harry Davis que trocasse históricos escolares. Nunca pedi ao Jake Wolf que subornasse alguém. Nunca pedi ao Randy Wolf que vendesse drogas. Nunca falei para o meu filho dormir com uma aluna. E não disse à Aimee Biel para engravidar de um filho dele.

Myron nada falou.

— Você quer mais? — A voz dela soou cortante. — Não mandei o Drew apontar uma arma para o Jake Wolf. Muito pelo contrário. Tentei manter o meu filho calmo, mas eu não podia contar a verdade. Talvez deveria ter feito isso, mas o Drew sempre foi um desmiolado. Então, apenas falei para ele que não se preocupasse. Disse-lhe que a Aimee ficaria bem. Mas ele não me ouviu. Achou que o Jake Wolf tinha feito alguma coisa com a menina. Decidiu partir para o confronto. Eu apostaria que a esposa está falando a verdade.

A sra. Wolf atirou no Drew para se defender. Foi assim que o meu filho acabou morto. Mas eu não participei de nada disso.

Myron esperou. Os lábios de Edna tremiam, todavia ela lutou para se controlar. Não desabaria. Não demonstraria fraqueza, nem mesmo agora, quando tudo estava sendo revelado, quando suas ações não apenas haviam falhado na obtenção do resultado desejado como também tinham colocado um fim na vida de seu filho.

— Tudo o que eu queria era salvar a vida do meu neto. De que outro modo poderia fazer isso?

Myron permaneceu em silêncio.

— E então?

— Eu não sei.

— Por favor — Edna Skylar agarrou-lhe o braço como se a uma tábua de salvação. — O que ela vai fazer em relação ao bebé?

— Também não sei.

— Você nunca será capaz de provar nada disso.

— O trabalho compete à polícia. Eu só queria cumprir a minha promessa.

— Que promessa?

Myron olhou para o fim do corredor e falou em voz alta:

— Está tudo bem agora.

Quando Aimee Biel surgiu, Edna Skylar levou a mão à boca, atónita. Erik estava ali também, ao lado de Aimee. E Claire. Ambos tinham um braço passado ao redor dos ombros da filha.

Myron se afastou, sorrindo. Passos leves. Lá fora, o sol continuaria brilhando. Sabia que sim. O rádio tocaria suas músicas favoritas. Gravara toda a conversa — sim, mentira sobre isso — e entregaria a gravação a Muse e Banner. Talvez eles tivessem provas suficientes para instaurar um processo. Talvez, não.

Cada um faz o que pode.

Erik inclinou a cabeça para Myron ao vê-lo passar. Claire lhe estendeu a mão, lágrimas de gratidão escorrendo-lhe pelo rosto. Myron tocou-a de leve, porém seguiu adiante. Os olhos de ambos se encontraram. Ele a enxergou novamente como uma adolescente, no colégio, na sala de estudos. Nada disso tinha mais importância.

Havia feito uma promessa a Claire. Prometera trazer-lhe sua menininha de volta.

E agora, enfim, cumprira o prometido.

FIM

Table of Contents

A Promessa
- Sinopse:
- CAPÍTULO 1
- CAPÍTULO 2
- CAPÍTULO 3
- CAPÍTULO 4
- CAPÍTULO 5
- CAPÍTULO 6
- CAPÍTULO 7
- CAPÍTULO 8
- CAPÍTULO 9
- CAPÍTULO 10
- CAPÍTULO 11
- CAPÍTULO 12
- CAPÍTULO 13
- CAPÍTULO 14
- CAPÍTULO 15
- CAPÍTULO 16
- CAPÍTULO 17
- CAPÍTULO 18
- CAPÍTULO 19
- CAPÍTULO 20
- CAPÍTULO 21
- CAPÍTULO 22
- CAPÍTULO 23
- CAPÍTULO 24
- CAPÍTULO 25
- CAPÍTULO 26
- CAPÍTULO 27
- CAPÍTULO 28
- CAPÍTULO 29
- CAPÍTULO 30
- CAPÍTULO 31
- CAPÍTULO 32
- CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42
CAPÍTULO 43
CAPÍTULO 44
CAPÍTULO 45
CAPÍTULO 46
CAPÍTULO 47
CAPÍTULO 48
CAPÍTULO 49
CAPÍTULO 50
CAPÍTULO 51
CAPÍTULO 52
CAPÍTULO 53
CAPÍTULO 54
CAPÍTULO 55
CAPÍTULO 56
CAPÍTULO 57